



JAVIER MORO

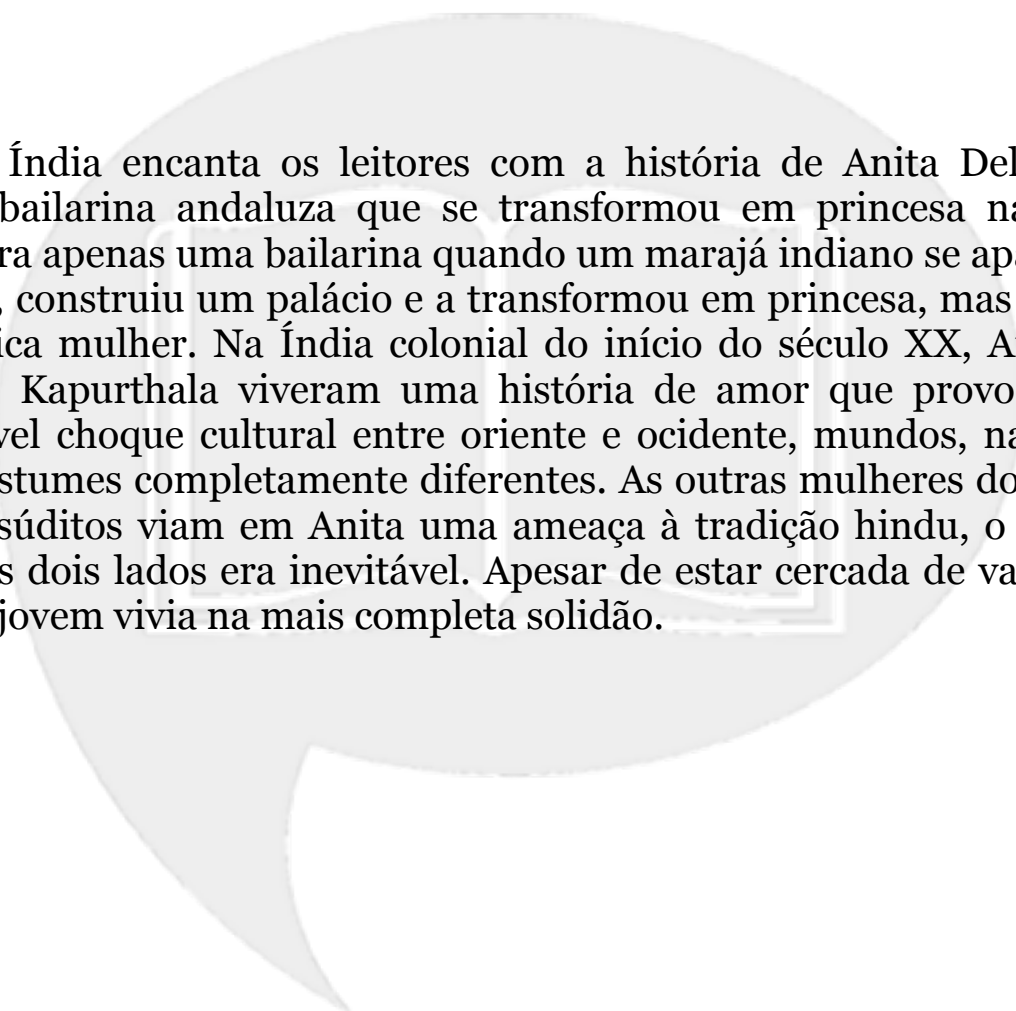
Paixão Índia

A VERDADEIRA HISTÓRIA
DA PRINCESA DE
KAPURTHALA

 Planeta







Paixão Índia encanta os leitores com a história de Anita Delgado, a jovem bailarina andaluza que se transformou em princesa na Índia. Anita era apenas uma bailarina quando um marajá indiano se apaixonou por ela, construiu um palácio e a transformou em princesa, mas não em sua única mulher. Na Índia colonial do início do século XX, Anita e o rajá de Kapurthala viveram uma história de amor que provocou um inevitável choque cultural entre oriente e ocidente, mundos, na época, com costumes completamente diferentes. As outras mulheres do marajá e seus súditos viam em Anita uma ameaça à tradição hindu, o conflito entre os dois lados era inevitável. Apesar de estar cercada de vassalos e luxo, a jovem vivia na mais completa solidão.

A providência criou os marajás para oferecer um espetáculo ao mundo

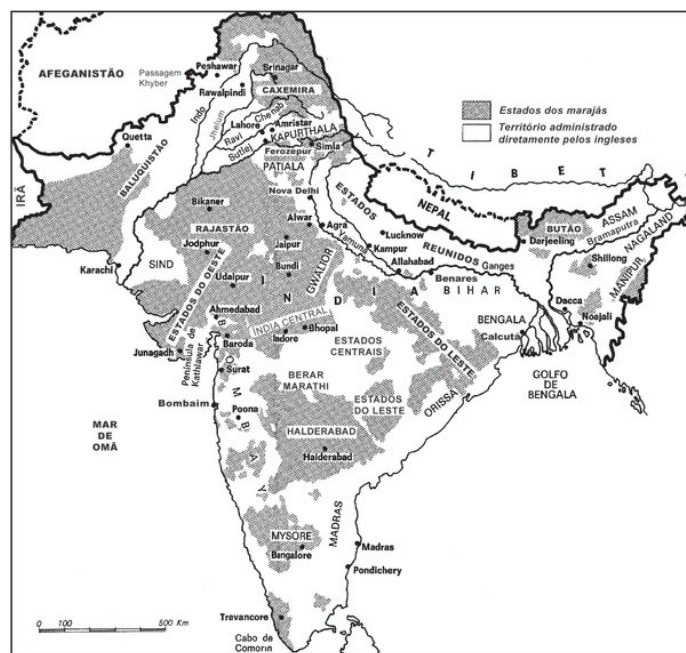
RUDYARD KIPLING

As crianças de ambos os sexos devem ser levadas para caçar uma vez por semana, sem falta, e quando forem maiores devem, obrigatoriamente, passar pelo menos duas semanas por ano caçando o tigre.

Notas sobre a educação de um governante
(Marajá de Gwalior, General Policy Durbar, 1925)

Tudo vale, porque a paixão nos espera.

Kamasutra 2.3.2



O império britânico da Índia no começo do século XX.

PRIMEIRA PARTE

A VIDA É UM CONTO DE FADAS

28 de novembro de 1907. Reina a calma sobre o oceano. O mar da Arábia está liso como uma enorme mancha de óleo que se estende até o horizonte de trevas. Ao singrar as águas costeiras da Índia, o *S.S. Aurore*, um navio de oito mil toneladas da companhia francesa Messageries Maritimes, deixa em sua passagem suaves ondulações que agitam a superfície do mar. De suas duas altas chaminés brancas com uma faixa azul surgem colunas de uma fumaça que se desvanece no céu estrelado da noite do trópico. A hélice gira com um som regular. O barco saíra de Marselha quatro semanas antes com passageiros compostos em sua maioria por funcionários coloniais ingleses e franceses, missionários, famílias de colonos e militares com destino a Pondicherry e Saigon, a escala final. Se em Marselha queixavam-se do frio de final de outubro, agora o fazem desse calor úmido que obriga todos os passageiros a dormir no convés. O ar é cada vez mais denso, como se a lua tivesse o poder de aquecê-lo. A deliciosa temperatura das primeiras escalas – Tunísia e Alexandria – não é mais que uma distante recordação. Alguns passageiros de primeira classe passaram a tarde atirando nos albatrozes e nas gaivotas. É seu jeito de apurar a pontaria, de treinar para as grandes caçadas que os esperam.

Recostadas nas cadeiras *charlottes* do convés superior, duas mulheres se distraem observando os peixes voadores que formam cintilações sobre o mar escuro; alguns se chocam contra o casco do navio, outros aterrissam de mau jeito sobre o piso de teca e um grumete os recolhe e os coloca em um balde, que depois entorna pela borda. A mais jovem é uma espanhola que acaba de completar dezessete anos. Chama-se Ana Delgado Briones. Elegantemente trajada com um vestido de seda verde do estilista Paquin, usa o cabelo castanho enrolado e preso em um laço que ressalta a finura de seu pescoço e brincos de pérolas. Seu rosto é ovalado, de feições bem proporcionais e grandes olhos pretos de olhar lânguido. A outra – *Madame* Dijon, de uns quarenta anos – é sua dama de companhia. Tem o rosto alongado e ar de gralha. Pareceria uma professora particular, não fosse por sua roupa: saia branca até os tornozelos, blusa de musselina preta e um chapéu de palha de aba larga.

– Esta noite, durante o jantar na mesa do capitão, sshhh... – diz *Mme.* Dijon com ar de cumplicidade, colocando um dedo sobre os lábios em sinal de silêncio. – *D'accord*, Anita?

A espanhola assente com a cabeça. Foram convidadas a jantar na mesa do capitão porque... É a última noite! A jovem nem acredita. A viagem parecia interminável. Os primeiros dias queria morrer de tão enjoada e suplicava a sua dama de companhia que a autorizasse a desembarcar na escala seguinte. “O mar agitado não dura...”, respondia *Mme.* Dijon para tranquilizá-la. Lola, sua criada malaguenha, uma garota

pequena, morena e esperta, que viaja em um camarote de terceira classe, lotada de peregrinos muçulmanos que regressam de Meca, também quis morrer: “Isto é pior que uma carroça!”, clamava entre engulhos, quando subia para atender “sua senhora” cada vez que esta a chamava. Os enjoos de Lola haviam acabado quando o mar se acalmou, mas Anita continuou com náuseas e vertigens durante toda a viagem. Está ansiosa para pisar terra firme; o mar não é com ela. Além do mais, sonha com seu novo país há mais de um ano. Como será a Índia, pergunta-se sempre que um passageiro comenta que não se parece a nada que um europeu possa conhecer, nem sequer imaginar.

Durante a travessia, Ana Delgado foi o alvo de todos os olhares e de todos os comentários, tanto por ser atraente quanto pelo mistério que a cerca. As magníficas joias que gosta de exibir revelam uma jovem rica; porém seu temperamento divertido e sua maneira de falar, em um francês defeituoso e com sotaque andaluz, evocam uma origem incerta. Tudo nela é desconcertante, o que, somado a sua deslumbrante beleza e a seu fogo, atrai os homens como as abelhas o mel. Um passageiro inglês, que sucumbiu a seus encantos, acaba de dar-lhe um broche, um camafeu com duas rosas esmaltadas e um espelhinho. Outros não são tão educados. Um oficial do exército colonial francês chamou-a de “tanajura” ao cruzar com ela nas escadas. Anita recebeu a cantada com um sorriso maroto, ao mesmo tempo que lhe mostrou o anel de platina e brilhantes que usa no anular da mão direita. Suficiente para calar a boca do francês e dos outros curiosos, que não conseguem descobrir quem será essa passageira tão singular.

Ao ouvir o sino que anuncia o jantar, as duas mulheres descem ao restaurante, um amplo salão de reluzentes paredes de teca com um palquinho onde seis músicos vestidos de fraque tocam árias de Mendelssohn. As mesas redondas, cobertas de toalhas bordadas e com o mais fino serviço de mesa de Limoges, estão iluminadas por candelabros de cristal da Boêmia que tinem quando o navio balança. O capitão convidou-as a sua mesa para o jantar de despedida. Os outros comensais são três membros do corpo diplomático francês que se dirigem a Pondicherry.

– Criou-se muito mistério em torno de sua pessoa durante a travessia – comenta um dos franceses. – Até hoje não sabemos o motivo de sua viagem à Índia e a curiosidade está nos matando.

– Já lhe disse uma vez, *monsieur*. Vamos à casa de alguns amigos ingleses que moram em Délhi.

Anita e *Mme*. Dijon concordaram com essa mentirinha. Estão decididas a guardar o segredo até o final. Mas ninguém acredita nelas, nem os diplomatas franceses, nem

a tripulação, nem os demais passageiros. Uma jovem tão atraente, tão cheia de joias, e ainda por cima espanhola, é algo inaudito na Índia de 1907.

– Amanhã, em Bombaim, o calor será muito mais sufocante – adverte *Mme. Dijon*, mudando de assunto.

– É um clima penoso ao qual é difícil se acostumar. A Índia não convém a todo o mundo – comenta um dos franceses, olhando para Anita de soslaio.

– Eu morei lá antes de enviuvar... – acrescenta *Mme. Dijon*.

– Ah, sim? Onde?

A duras penas, a mulher consegue desviar a atenção de seu interlocutor.

É difícil guardar um segredo! Anita não gosta de mentir, mas percebe que não pode dizer a verdade. Embora arda de desejo de contar tudo sobre sua vida, sabe que tem de se calar. São ordens do rajá. Talvez por isso não tenha desfrutado a travessia, porque o silêncio obrigatório isolou-a dos outros. E mesmo que pudesse falar... Como dizer a verdade? Como contar que vai para a Índia para casar-se com um rei? Como dizer que lá, no distante estado de Kapurthala, está sendo esperada como uma soberana? Aos dezessete anos será a rainha de um país que nem sequer conhece... Não, isso não pode ser contado assim, para o primeiro que perguntar. O rajá tem razão: a história é tão inverossímil que é melhor calar. É tão incrível que nem ela mesma consegue acreditar. Às vezes pensa que está vivendo um sonho. Em três anos, sua vida mudou tanto que parece uma ficção. Passou de brincar com bonecas a casar-se no civil com um rajá indiano no cartório do bairro de St. Germain em Paris. Olhar para seus dedos finos e cheios de joias ajuda-a a acreditar. E lembra-lhe aquele dia, há um mês, em uma Paris mais chuvosa e melancólica que nunca. Meu Deus, que cerimônia mais fria e mais triste! Não foi o casamento de uma princesa, certamente, mas mera burocracia. Vestidos com roupas de domingo, seus pais, sua irmã Victoria, o rajá, seu ajudante de câmara e ela entraram nos escritórios da *Mairie* de St. Germain e saíram casados, minutos após terem assinado uns cadernos enormes. Casados sem pompa, nem música, nem arroz, nem amigos, nem baile. Um casamento assim não é um casamento. Acabaram na *brasserie* Lipp comendo chucrute regado com vinho da Alsácia e champanhe, como em um dia de festa qualquer. Ela, que sempre sonhou em se casar de branco, na igreja, com as amigas da escola e do bairro de Málaga cantando a Salve Maria! Isso sim teria sido um casamento como Deus manda. Alegre, não como aquele trâmite fúnebre de Paris. Fica com o coração apertado quando pensa em seu pai, o pobre dom Ángel Delgado de los Cobos, tão digno com seu grosso bigode cinza e seu ar de fidalgo espanhol, mas imensamente triste ao despedir-se de sua filha na saída do Chez Lipp, com o rosto encharcado pela chuva, ou talvez pelas lágrimas, depois de entregar seu olhinho

direito a “um rei mouro”, como chamavam o rajá no começo, antes de conhecê-lo. Sim, deixou que sua filha fosse para um destino extraordinário. Mas fez isso obrigado. Primeiro, por sua própria mulher, que, embora no começo tenha sido categoricamente contra os desejos do rajá, foi mudando de opinião diante da opulência dos presentes que sua filha recebia. Também viu-se pressionado pelos vizinhos, amigos e principalmente pelos amigos do Novo Café de Levante, entre os quais se encontrava o próprio Valle-Inclán, Ricardo Baroja, Leandro Oroz etc., todos os que conspiraram para fazer de Anita uma princesa oriental. “Não se pode desperdiçar uma oportunidade dessas”, disse muito seriamente Valle-Inclán a dona Candelária Briones, mãe de Anita, quando lhe comentou a intenção do rajá de levar sua filha. “E a honra, como fica a honra?”, replicou dona Candelária. “Isso é fácil”, disse o célebre escritor. “Exija o casamento!”

– Ele que venha com todos os papéis na mão, para casar-se como manda a lei, como fazem as pessoas decentes! – acrescentou Oroz.

No fim, essa foi a única condição imposta pelo casal Delgado. O casamento salvava a honra. Era a única coisa que permitia preservar a dignidade da família, embora dom Ángel tivesse preferido não se separar nunca de sua filha tão jovem.

O rajá cumpriu a condição naquele dia cinza em Paris. Concordou em casar-se no civil para que os pais de sua amada ficassem tranquilos. Mas para ele também não tinha sido um casamento de verdade. O que tinha preparado em seu país, para onde Anita se dirigia de navio e depois de trem, seria como um das *Mil e uma noites*. Nem nos sonhos mais deslumbrantes que a garota pudesse ter conseguiria imaginar. Havia dito isso a ela naquele dia para consolá-la da tristeza provocada pela separação definitiva de seus pais.

O pobre dom Ángel não apenas perdia Anita. Dentro em breve perderia sua outra filha, Victoria, que havia conhecido em Paris um milionário americano de quem se havia apaixonado perdidamente. Duas filhas transformadas, da noite para o dia, em duas ausências. E tudo por causa de um rei do Oriente. O homem havia ficado com o coração partido, e Anita sabe disso. Pensa nele todas as noites antes de dormir. Também pensa em sua mãe e em sua irmã, mas com menos dor. Elas são mais fortes e, além do mais, sua mãe conseguiu o que queria: não ter que se preocupar nunca mais com dinheiro. “Obrigado, Alteza.” E reza por todos à Virgem da Vitória, “sua” virgem, a santa padroeira de Málaga, enquanto o navio iluminado se aproxima da costa do país dos milhões de deuses.

Ao amanhecer, o *S.S. Aurore* chega à altura da costa e vira rumo ao porto de Bombaim. Anita e *Mme. Dijon* estão apoiadas na amurada do convés superior. A cidade aparece no horizonte como uma suave mancha escura que emerge da neblina. Algumas embarcações de pesca, pequenos veleiros de vela triangular e um mastro singram as águas da baía. São pescadores *koli*, os habitantes originais de Bombaim, os primeiros que viram desembarcar, há três séculos, alguns portugueses que batizaram o lugar como *Bom Bahia*, a boa baía, o que deu origem ao nome atual. Os *koli* acharam que aqueles homens altos, de pele avermelhada e brilhante que vinham de Goa tinham alguma coisa de animais mitológicos, como se houvessem fugido de algum episódio do *Mahabharata*, a grande saga épica do hinduísmo. Vinham precedidos de uma aura de terror, porque a conquista portuguesa de Goa havia sido uma história de morte e destruição, de templos hindus e mesquitas arrasados, de casamentos forçados de mulheres aprisionadas, e tudo em nome de um novo deus que, supostamente, era magnânimo e compassivo. A maneira como os portugueses inauguraram a colonização europeia da Índia não havia sido exatamente uma história de amor entre o Oriente e o Ocidente.

– Mas os *koli* de Bombaim tiveram sorte – *Mme. Dijon* conhecia bem a história da cidade. Seu marido fora professor de francês em St. Xavier's School, a glória das instituições educacionais britânicas na cidade. Os portugueses não sabiam o que fazer com o lodaçal insalubre que era Bombaim, de modo que o rei de Portugal o ofereceu como dote a Carlos II da Inglaterra, quando este se casou com Catarina de Bragança.

– Quer dizer que esta cidade é um presente de casamento? – pergunta Anita, emocionada e nervosa pela perspectiva da chegada e sempre atenta às explicações de sua dama de companhia.

Na margem distante veem homens agachados vertendo cântaros de água sobre a cabeça no ritual matutino do banho, uma invenção indiana que primeiro os ingleses e depois os outros europeus demorariam mais de cem anos para adotar. Búfalos de pele preta e brilhante passeiam entre as choças de adobe com teto de folhas de palmeira. Na desembocadura de um riacho, mulheres com o torso nu lavam o cabelo enquanto as crianças mergulham nas águas escuras. Um bosque de mastros, gruas e chaminés anuncia a proximidade do porto: goletas árabes, juncos chineses, cargueiros de bandeira americana, fragatas do exército inglês, pesqueiros... A primeira visão que os passageiros têm da cidade é a da orla marítima, com suas palmeiras, seus escuros edifícios e, já entrando no porto, a imponente silhueta do hotel Taj Mahal, coroado

por cinco cúpulas. A neblina lembraria a Inglaterra se não fosse pelo ar pegajoso e pelos corvos que voam ao redor dos telhados e das chaminés do navio, e cujos grasnados se misturam com o ulular da sirene. Vestida para a ocasião, Anita está muito bonita, embora sua beleza não esteja em um detalhe isolado. Veste uma saia de algodão branco, longa até o chão, e uma blusa de seda bordada que ressalta a esbelteza de seu porte. Com olhos brilhantes de impaciência, seca nervosamente as têmporas e as bochechas com um lenço, enquanto com a outra mão se protege do sol que desponta por trás da cidade. O *Aurore* está finalizando a manobra de atracque. “Ele virá me receber?”, pergunta-se.

– Diga-me se o está vendo, porque estou com o coração na boca! – roga a *Mme.* Dijon.

Embaixo, no dique, *Mme.* Dijon observa centenas de cules, estivadores com a pele brilhante de suor, vestidos com um pano ao redor da cintura, que entram no navio como filas de formigas e saem carregados de pacotes, malas e baús. Oficiais ingleses, impecáveis em seu uniforme cáqui, supervisionam o desembarque. Os passageiros de primeira classe são acompanhados até o edifício da aduana por agentes da companhia marítima; os de segunda e terceira classes vão por sua conta. Reina grande bulício e animação. Caixas e baús amontoam-se no cais. Uma grua com uma polia gigante, mastros de carga e cabos que alguns estivadores puxam com enorme esforço permitem descarregar o carregamento mais precioso do navio: dois cavalos árabes, presente do sultão de Áden para algum marajá. Com os olhos esbugalhados de terror, os puros-sangues escoiceiam o ar como se fossem insetos gigantes. Uma dezena de elefantes transporta caixas, móveis, carros e peças industriais que saem do ventre do navio. Cheira a umidade, fumaça, ferro e mar. Por cima do grasnado dos corvos mesclam-se os gritos, os cumprimentos e os assobios dos guardas. Os passageiros que desembarcam, em sua maioria ingleses, são recebidos por seus familiares bem-vestidos e chiques. Os mais importantes, que têm algum cargo oficial, recebem as boas-vindas com guirlandas de cravos-da-índia cor de laranja, que lhes são colocadas ao redor do pescoço. No edifício da aduana e enquanto *Mme.* Dijon e Lola contam os cinquenta baús que compõem a bagagem da espanhola, Anita consegue ver uma ou outra indiana vestida com o sári. Mas não o vê. Aquele que a fizera vir e que lhe prometera todo o amor do mundo.

– É a senhora, *Mrs.* Delgado?

A voz que ouve a suas costas causa-lhe um sobressalto. Volta-se: “É ele!”, pensa no fulgor de um instante. O turbante vermelho-carmesim, a barba elegantemente enrolada e o esplêndido uniforme azul com cinto azul e prata a confundiram. Logo percebe o erro e fica séria, enquanto o homem lhe coloca uma guirlanda de flores.

– Lembra-se de mim? Sou Inder Singh, enviado de Sua Alteza o rajá de Kapurthala – diz, juntando as mãos à altura do peito e inclinando-se em sinal de respeito.

Como não se lembraria! Anita precisaria de várias vidas para conseguir esquecer aquele homem tão alto e de aspecto tão impressionante que um dia bateu à porta do exíguo apartamento da rua do Arco de Santa Maria, em Madri, onde morava com sua família. Era tão corpulento que não passava pela porta. Um autêntico sique, orgulho de sua raça. Não houve meio de fazê-lo sentar-se durante a visita e era tão grande que ocupava todo o espaço da cozinha/sala de visitas. Viera expressamente de Paris para entregar a Anita, pessoalmente, uma carta do rajá. Uma carta de amor. A carta que havia mudado sua vida.

– Capitão Singh! – exclama Anita, contente como se reencontrasse um velho amigo.

– Sua Alteza não pôde vir recebê-la e pede desculpas por isso, mas tudo está pronto para que vocês prossigam viagem até Kapurthala – diz Inder Singh em um francês misturado com inglês e híndi, o que faz com que o conjunto seja mal e mal compreensível.

– Fica muito longe daqui?

Inder Singh nega com a cabeça, em um gesto muito típico de seus compatriotas, que confunde os estrangeiros porque nem sempre equivale a uma negação.

– A uns dois mil quilômetros.

Anita fica estupefata. O indiano prossegue:

– A Índia é muito grande, *memsahib*. Mas não se preocupe com nada. O trem para Jharkhand sairá depois de amanhã às seis. De Jharkhand a Kapurthala serão só duas horas de carro. Há uma suíte no hotel Taj Mahal, aqui ao lado, reservada para a senhora...

O hotel é de estilo vitoriano, projetado por um arquiteto francês que acabou se suicidando porque o resultado não lhe agradara. Mas é, mesmo assim, grandioso.

Com varandas e corredores enormes para que o ar sempre circule, uma escadaria iluminada pela tênue luz dos vitrais, tetos góticos, madeiras nobres nas paredes, quatro resplandcentes “elevadores elétricos”, uma orquestra permanente e lojas repletas de sedas multicoloridas, o hotel é um mundo à parte dentro da cidade, o único lugar público aberto aos europeus e indianos de todas as castas. Os outros hotéis de luxo são só para “brancos”.

A primeira coisa que Anita faz ao entrar na suíte imperial é abrir as janelas para deixar que a brisa quente do mar da Arábia traga os odores e os ruídos da orla marítima. Lá

embaixo está o *Aurore*. O calor é de chumbo.

Embora o que deseje na verdade é jogar-se na cama e chorar, não quer dar um *show* na frente de suas acompanhantes. Dirão que é uma pirralha, como pretende que o rajá em pessoa se desloque dois mil quilômetros para recebê-la?, e, claro, elas têm razão, pensa, mas mesmo assim sente-se decepcionada. Então, o melhor será sair à rua e descobrir seu novo país.

“Vamos ver se de quebra essa tontura que me faz tropeçar como uma bêbada passa!” Há semanas sonha com esse momento: “Vamos, quero ver e explorar tudo...”, diz a *Mme*. Dijon. Depois, dirige-se a sua criada: “Lola, é melhor que você fique aqui, senão vai ficar com ânsia de vômito por causa dos cheiros, como em Alexandria”.

Na rua há cheiro de fruta podre, barro e o incenso dos altares. As vacas passeiam à vontade sem que ninguém pareça se espantar, exceto Anita, que não entende por que não as usam para puxar os *rickshaws*, uns carrinhos de duas rodas que transportam passageiros, em vez de permitir que homens esqueléticos, que parecem mais mortos que vivos, o façam. “Nós as comeríamos de boa vontade”, comenta o motorista do coche de cavalos, um muçulmano chamado Firoz, que usa cavanhaque e uma *kurta* tão suja que é impossível adivinhar sua cor original. “... Mas, para os hindus, a vida de uma vaca vale mais que a de um homem, então... ninguém tem coragem de comê-las!” O carro cruza com reluzentes bondes de dois andares; acabam de ser postos em circulação e percorrem as ruas do centro entre grandes gramados e edifícios senhoriais, todos do mesmo estilo vitoriano, quase gótico. “Esses bondes são melhores que os de Liverpool”, garante Firoz, orgulhoso de sua cidade. Chegando ao Crawford Market, Anita fica maravilhada diante da profusão de mercadorias: é um autêntico bazar oriental. “Os ingleses e os parses vêm comprar aqui”, explica o muçulmano. “São os que têm mais dinheiro.” Vende-se de tudo, de cachorros a tabaco turco ou frutas desconhecidas para elas que os vendedores, do alto de pirâmides de verduras, lhes dão para provar. Os baixos-relevos que decoram a estrutura metálica e a fonte do interior são obra de um artista chamado Lockwood Kipling, cujo filho Rudyard acaba de ganhar o prêmio Nobel de Literatura, há apenas dois meses.

Anita dedica-se a explorar todos os bazares que se seguem ao Crawford Market, repletos de lojas e barracas que vendem cereais e açúcar de Bengala, doces de Caxemira, tabaco de Patna ou queijos do Nepal; no bazar dos tecidos quer tocar todas as variedades de sedas da Índia; no mercado dos ladrões seus olhos vão atrás das joias e dos objetos mais curiosos. Em dois quilômetros quadrados há uma dúzia de grandes bazares, mais de cem templos e santuários e mais mercadoria à venda do que Anita e *Mme. Dijon* jamais viram em toda sua vida.

Fora do centro colonial, com edifícios opulentos e longas avenidas, há um labirinto de ruelas, um formigueiro de gente, uma mistura de raças e de religiões, uma explosão de vida e um caos como só as grandes metrópoles da Ásia podem gerar. Anita e *Mme. Dijon* precisam parar de vez em quando para secar o suor e tomar fôlego. “Que cidade mais barulhenta, cheia de todo tipo de indianos vestidos, ou meio vestidos, de jeito estranho ou quase descalços!”, escreveria Anita em seu diário.¹ Parece-lhe que todos falam línguas diferentes ao mesmo tempo. Em um pequeno porto de pescadores, os *koli* fornecem a pesca da manhã. A gritaria, o cheiro e o

ambiente lembram a Anita a mercearia do bairro malaguenho onde passou a infância, um bairro pobre chamado Perchel, por causa das perchas onde secavam o peixe. E as crianças de pernas finas como palitos e olhos pretos de *khol* parecem as crianças pobres de Andaluzia, que também correm nuas pelas favelas. Mas aqui são mais pobres. Há crianças tão doentes que parecem anciãos e outras com a barriga inchada de vermes; também há mendigos com horrendas mutilações, que o hábil Firoz se encarrega de afastar. “Aqui os pobres são mesmo pobres”, diz Anita, afastando o olhar de um leproso coberto de chagas que se aproxima estendendo uma vasilha. Não consegue reprimir uma careta retorcida de nojo quando percebe que, em vez de cabelo, como achava, o mendigo tem a cabeça coberta de moscas.

Muito rica, muito pobre: o contraste de Bombaim aturde a malaguenha, mas, mesmo assim, deseja ver tudo, como se em seu primeiro dia quisesse abarcar e entender a complexidade de seu novo país. Firoz leva-as até o outro lado da baía e o carro adentra por uma rua que serpenteia por uma colina. Os cavalos resfolegam ao subir. Lá em cima há cinco torres, de onde se pode divisar toda a cidade. A vista é esplêndida, embora o lugar pareça estar fora deste mundo. O silêncio se vê constantemente interrompido pelo voo dos abutres e o grasnado de milhares de corvos. São as Torres do Silêncio, onde os parses celebram seus ritos funerários. Seguidora de Zaratustra, um sacerdote do leste da Pérsia que compôs hinos que recriavam seus diálogos com Deus, a religião parse é uma das mais antigas da humanidade. Quando foram expulsos da Pérsia pelos muçulmanos, os parses foram parar na Índia. Os ingleses cederam-lhes uma colina em Bombaim para dispor seus mortos. Eles não os enterram nem os queimam, colocam-nos nus sobre pedras de mármore nessas cinco torres. Os abutres e os corvos lançam-se sobre os cadáveres e os devoram em segundos, de modo que a morte volta à vida. Os únicos que têm direito de manipular os cadáveres são os “condutores dos mortos”. Vestidos com um simples pano ao redor da cintura e providos de um pau, lançam ao mar os ossos e os restos que não foram devorados. É um lugar que atrai os estrangeiros por sua vista espetacular e talvez também por uma espécie de curiosidade mórbida. Mas Anita não aguenta o espetáculo. O ar carregado de odores, o calor, a terra e a visão das aves de rapina e de alguns homens que parecem já estar no outro mundo fazem com que se sintam mal. “Por favor, tire-me daqui!”, roga a *Mme.* Dijon.

Ao voltar margeando a baía, as piras funerárias que iluminam o crepúsculo impressionam Anita quase tanto quanto as Torres do Silêncio. Não está acostumada a essa presença tão próxima da morte. Para a jovem malaguenha, o dia teve muitas emoções fortes. Ébria de cores, odores e sons, sente-se desfalecer. O que viu não é

uma cidade nem sequer um país, mas um mundo. Um mundo muito estranho e muito misterioso para uma andaluza que mal abandonou a adolescência. Um mundo que lhe dá medo. De repente, sente vontade de soluçar, de esvaziar todas as lágrimas de seu corpo, mas se contém. Tem muita honra, é valente e faz um esforço para dominar seus sentimentos. “Como a Espanha fica longe!”, suspira para seus botões.

Mais tarde, ao descer ao Sea Lounge, o restaurante do hotel, belíssima em seu vestido de noite, como exige a etiqueta, e talvez por causa do calor que os ventiladores não conseguem dissipar, ou talvez devido à melodia familiar que a orquestra toca e que tanto lhe lembra sua vida anterior, Anita Delgado cambaleia. Dessa vez, o esforço que faz para se controlar não é suficiente. Dá alguns passos vacilantes e acaba desmoronando sobre o macio tapete persa, causando uma pequena comoção entre suas damas de companhia, os outros comensais e os garçons, que se amontoam ao redor da jovem de beleza marmórea sem saber muito bem o que fazer para devolver-lhe a consciência.

¹ As frases de seu diário foram extraídas do livro de Elisa Vázquez de Gey, *Anita Delgado* (Planeta, 1997).

O doutor Willoughby passa lentamente os dedos por suas longas costeletas grisalhas e por seu bigode de pontas engomadas. Instalado em Bombaim desde sua aposentadoria do exército, é o médico dos clientes do hotel. Geralmente, suas visitas relacionam-se com disenterias, cólicas e diarreias descomunais de que os brancos recém-chegados são vítimas com uma facilidade espantosa. E às vezes com algum suicídio, ou com ferimentos decorrentes de surras de algum amante bêbado e ciumento. Raras vezes atende no hotel uma mulher com o diagnóstico de Ana Delgado Briones.

– Não é o calor, nem os nervos, nem o suposto cansaço da travessia que a esgotaram, senhorita...

Anita olha para ele da cama, onde, já recuperada, jaz vestida com um robe de cetim e com o penteado desfeito. Lola e *Mme.* Dijon estão em pé junto a ela.

– A senhora está grávida – diz o dr. Willoughby.

Anita abre os olhos, entre alucinada e incrédula. As outras duas trocam olhares de surpresa e contemplam Anita, titubeando entre fazer cara de reprovação ou de compaixão.

– Não sabia? – pergunta-lhe o médico, que a observa, cético.

– Não. Juro por meus mortos, não sabia.

– Mas a senhora não notou os atrasos que teve? Anita dá de ombros.

– Sim, mas atribuí-los ao estresse da viagem. Além do mais, não é tanto atraso assim, só dois... O senhor tem certeza do que está me dizendo, doutor?

O médico guarda o estetoscópio e as luvas em sua maleta.

– Espero poder confirmar amanhã com o resultado dos exames – diz-lhe antes de deixar a suíte.

* * *

Agora Anita entende as constantes náuseas no navio, as tonturas inexplicáveis que não a abandonavam nem nas águas mais tranquilas. Não quisera perceber sua gravidez. É provável que no fundo de seu coração soubesse, mas preferira ignorar. Já tinha preocupação bastante com o que a esperava – a viagem, o casamento na Índia, uma nova vida... – para acrescentar mais lenha à fogueira. Agora não pensa naquela noite em Paris, quando pela primeira vez fez amor com o rajá. Não se lembra da vergonha nem dos temores que sentiu enquanto ele a despia lentamente, não se lembra das carícias experientes, dos beijos excitantes, das palavras sussurradas no ouvido, da dor e do prazer do amor. Agora só sente que traiu a pessoa que mais ama, seu pai. Se dom

Ángel soubesse que sua filha já estava grávida antes do casamento em Paris, ele, que tanto se empenhara para preservar a honra dos Delgado...!

“Se não tem casamento, não tem Anita”, seu pai afirmara categoricamente ao capitão Inder Singh no curso de outra visita relâmpago ao pequeno apartamento da rua Arco de Santa Maria, para que o homem transmitisse clara e simplesmente a mensagem ao rajá. Dissera isso para satisfazer sua mulher, dona Candelária, mas no fundo tinha certeza de que aquela história de amor não era nada além do capricho de um déspota oriental e que nunca chegaria a bom termo. Quem, em sua sã consciência, teria pensado que aquilo acabaria como acabou? Dom Ángel Delgado de los Cobos, que fazia jus a seu sobrenome por sua extrema magreza, não acreditava nem em milagres nem na Gata Borralheira. Calvo, de cara enxuta e com grossos óculos de armação preta, toda sua vida lutara contra um inimigo invisível que parecia sempre ganhar: a pobreza. Herdara de seus antepassados muitas dívidas e um café chamado A Castanha, na praça do Século de Málaga. Durante certo tempo ganhou dinheiro com a sala do fundo, que era um pequeno cassino onde os fregueses jogavam os duros² nas cartas. Isso permitia aos Delgado chegar ao fim do mês sem luxos nem grandes privações. O negócio dava o suficiente para mandar Anita a uma escola de declamação para corrigir um pequeno defeito de pronúncia. Dom Ángel trabalhava muito, queria fazer do café um negócio um pouco mais rentável, só para dar a suas filhas uma melhor educação. A que recebiam no colégio das Escravas, onde as freirinhas eram mais propensas a ensinar a bordar do que a ler ou escrever, deixava muito a desejar. Nenhuma de suas filhas lia com desenvoltura e mal sabiam escrever. Definitivamente, levavam uma vida precária, mas digna, até que a má sorte chegou à Andaluzia.

Primeiro foram quatro secas consecutivas que arruinaram a agricultura malaguenha. Depois, em 1904, uma praga de pulgões destruiu os vinhedos. A isso seguiu-se uma cruel epidemia de gripe e, para piorar, uma enorme inundação assolou campos e lares. Declarada zona de calamidade, o jovem rei Alfonso XIII viu-se obrigado a fazer uma visita a Málaga como gesto de solidariedade. Por sua graça, Anita foi escolhida, entre as meninas do colégio, para entregar-lhe um ramo de flores, em sua chegada ao porto, vestida com roupas de domingo e com as tranças impecáveis. Foi seu primeiro encontro com um rei, e quem diria, então, que seu destino se veria intimamente ligado ao desse monarca simpático e com fama de festeiro que alguns dias mais tarde lhe enviaria um presente, um precioso leque de madrepérola que Anita conservaria como uma relíquia pelo resto de sua vida.

Se a visita do rei levou um pobre consolo aos sofridos habitantes de Málaga, não os tirou da ruína. Alguns dias depois, a companhia de gás cortava o fornecimento

público devido aos atrasos que a prefeitura acumulava. Os bondes elétricos, que acabavam de substituir os de tração animal, deixaram de prestar serviço público devido aos cortes de eletricidade. Os prefeitos começaram a suceder-se com uma rapidez só comparável à substituição dos governantes da nação. Fiel reflexo do estado da cidade e do país, a situação econômica dos Delgado deteriorou-se até tornar-se insustentável. O “cassino” do fundo do café estava deserto. Ninguém tinha dinheiro para jogar, e menos ainda para consumir. De modo que dom Ángel Delgado teve que vender o café A Castanha por catorze mil reais e emigrar para Madri com sua mulher e suas filhas.

* * *

Deitada na cama do hotel de Bombaim, absorta no lento movimento das pás do ventilador pendurado no teto, Anita relembra os primeiros dias em Madri, o frio no pequeno apartamento da rua do Arco de Santa Maria, perto da Porta do Sol, o dó de ver seu pai procurando trabalho sem parar e sem conseguir, as aulas de dança espanhola que uma amiga da vizinha lhes conseguira gratuitamente na academia do professor Ángel Pericet, na rua do Espírito Santo, e que eram sua única atividade. Ensaíavam diariamente sapateado e castanholas e o faziam escondidas de seu pai, porque sabiam que o bom homem veria com maus olhos que suas filhas se metessem no mundo da dança e do espetáculo. Ele continuava sonhando em ganhar, um dia, o suficiente para pagar-lhes estudos sérios. Mas o caminho para a pobreza parecia inelutável, como uma maldição divina da qual era impossível escapar.

“Minhas filhas jamais subirão a um palco!”, gritara ao saber que alguns indivíduos que trabalhavam para o Central Kursaal, um novo café-concerto prestes a inaugurar, haviam visitado a academia de dança e proposto às meninas um contrato para trabalhar como figurantes. Dom Ángel soltou toda a fúria do fidalgo espanhol. Porém dois dias depois, e seguindo os sábios e práticos conselhos de sua mulher, Candelária, que teve que lhe lembrar que os catorze mil reais estavam prestes a virar fumaça, acabou assinando, contrariado, o contrato de seus rebentos “para uma única função por noite, e antes da meia-noite!”. Com os trinta reais diários do contrato, Anita e Victoria passaram a sustentar a família. Ninguém teria imaginado, então, que o fariam durante toda a vida.

Como reagiria agora dom Ángel com a notícia de sua gravidez? Agora, que está casada, provavelmente não diria nada. Mas se chegasse a saber que sua gravidez havia sido fruto de uma relação pré-conjugal..., preferia não imaginar. A ideia de fazer seu pai sofrer parecia-lhe terrível. O homem era muito estrito com seus princípios e era

preciso respeitá-lo. Porém teria gostado de contar a sua mãe. Dona Candelária, uma mulher gorda, tagarela e esperta, com os pés no chão, teria se descabelado, mas só para manter as aparências. Depois a teria apoiado. Dona Candelária sabia ser magnânima. Era uma mulher prática e resignada, cansada de lutar contra a miséria.

² Moeda espanhola de cinco pesetas. (N. T.)

A Lua que se desenha sobre o estrelado céu do trópico ilumina com sua branca palidez, através das fendas das persianas, os quadros, os móveis, as cortinas e os lençóis da suíte imperial. Anita não consegue conciliar o sono. A sua cabeça vêm as recordações, perguntas de difícil resposta e imagens das ruas de Bombaim, como a da mãe de um recém-nascido exasperada porque de seu peito murcho e enrugado como um figo seco não saía nada. Se o médico confirmar e seus cálculos forem exatos, Anita dará à luz em seis meses. Nunca havia pensado em parto, mas, agora que se aproxima, e consciente de que vai acontecer na Índia, longe de seus entes queridos, de sua mãe e principalmente de sua irmã, sente-se presa do pânico. Seu coração dispara e demora a se acalmar, e assim várias vezes, como as ondas do mar durante a travessia. É quase uma menina ainda. E embora tenha certeza dos sentimentos do rajá, no fundo de seu coração acalenta sempre uma dúvida. E se ele me usou? E se me abandonar? E se no fundo já não me ama? E se nunca mais me deixar sair da Índia? E se...? E se...? Da única coisa que tem certeza de verdade é do amor incondicional de seu pai, porém, ela o traiu. Por isso não consegue dormir.

A noite amplifica os medos. Teme que sua vida, que há um ano parece um sonho, se transforme subitamente em um pesadelo. Poderá acostumar-se a viver neste lugar? Se Bombaim lhe parece tão distante e exótica, como será Kapurthala, que nem sequer aparece no mapa? “Está realmente acontecendo tudo isso comigo?”, pergunta-se enquanto seca o suor e as lágrimas com a ponta do lençol. Parece-lhe tão tênue a fronteira entre o sonho e a realidade que sente uma espécie de vertigem. E como não, se tudo isso parece um conto de fadas? Como pode aferrar-se à realidade se a realidade desliza sob seus pés e foge, e o sonho se torna realidade?

Madri era uma festa quando a viu pela primeira vez. A cidade estava havia vários meses efervescendo com os preparativos do casamento de Alfonso XIII

– seu rei, o do leque de madrepérola – com a princesa inglesa Vitória Eugênia de Battemberg, nascida no castelo de Balmoral e convertida ao catolicismo no palácio de Miramar, às margens do rio Urumea. Não se falava de outra coisa além das “núpcias reais”, talvez porque para os sofridos madrilenhos era também um modo de esquecer os apertos da vida cotidiana. O programa dos festejos anteriores ao enlace incluía a representação da ópera *Lúcia de Lammermoor* no teatro Real, verbenas e bailes populares, desfiles militares, concurso de corais, batalha de flores no Retiro, excursão real a Aranjuez e até a inauguração, em Quatro Caminhos, do bairro proletário “Maria Victoria”. O professor Bretón, da *verbena de la Paloma*,

compusera uma marcha nupcial especialmente para a ocasião. A Maison Modèle, uma loja da rua Carretas, oferecia o que havia de mais elegante em chapéus, ternos e corpetes “trazidos de Paris, para as senhoras da Corte e províncias que se deslocarem para o casamento”.

Também de Paris chegava, em 28 de maio de 1906, o “Trem dos príncipes”, no qual viajava grande parte da realeza europeia: Frederico Henrique, príncipe da Rússia; Luís, príncipe herdeiro de Mônaco; Eugênio, príncipe da Suécia; Luís Filipe, herdeiro de Portugal; Tomás e Isabel, duques de Gênova..., e, representando o rei da Inglaterra, Jorge e Maria, os príncipes de Gales. A crônica de *La Época* terminava com um entusiasmo transbordante: “Abram alas à Europa! É a Europa que vai à Espanha, é a Europa que vai ao casamento de dom Alfonso XIII. A Espanha não desapareceu do mundo! Espanha vive!”.

A chegada do trem foi todo um acontecimento. Madri tinha vontade de sonhar. A família Delgado inteira reuniu-se à multidão para ver com os próprios olhos a comitiva, que fazia o trajeto da estação do Norte ao Palácio Real, onde os ilustres convidados apresentariam seus respeitos ao rei. A cidade nunca tinha visto tamanha afluência de celebridades. O povo saía à rua para contagiar-se um pouco com a opulência daqueles aristocratas que desfilavam em suntuosas carruagens. Anita e sua irmã, Victoria, conseguiram colocar-se entre o povo para contemplar o espetáculo “na primeira fila”. E que espetáculo! Em um Hispano Suíça conversível, apareceu o alto e ilustre Alberto da Bélgica, com seu impressionante séquito, seguido de Francisco Fernando, arquiduque da Áustria, vestido com um esplêndido uniforme militar, em pé sobre uma carruagem, também cercado por seus duques e condes, e assim até a comitiva mais importante, a dos príncipes de Gales, que acompanhavam a noiva, a quem os madrilenhos chamavam afetuosamente de “a inglesinha”.

“Veja, Victoria, veja!” O que de repente os olhos de Anita viam desafiava a imaginação. Em pé, em uma enorme carruagem branca, um príncipe, que parecia saído de um conto das *mil e uma noites*, dirigia seu augusto olhar para a direita e esquerda, observando a cidade e suas pessoas e cumprimentando gentilmente com um gesto de cabeça ou com a mão. Usando um turbante de musselina branca preso por um broche de esmeraldas e um penacho de plumas, vestindo um uniforme azul com faixa prateada, a barba cuidadosamente enrolada em uma redinha e com o peito coberto de condecorações e por um colar de treze fileiras de pérolas, Sua Alteza o rajá Jagatjit Singh de Kapurthala encarnava perfeitamente a ideia que se tinha de um monarca oriental. Amigo pessoal dos príncipes de Gales e de dom Alfonso de Bourbon, a quem havia conhecido em Biarritz, o rajá representava em Madri “a joia da Coroa”, esse país imenso conhecido como Índia, tutelado e administrado pelos

britânicos. Anita e sua irmã, Victoria, estupefatas, ficaram com a boca aberta diante de tal aparição, perguntando para seus botões se seria um rei mouro ou cubano.

Naquela noite, como em todas as noites, as irmãs Delgado tinham que cumprir seu contrato de figurantes. Atravessavam a Porta do Sol para dirigir-se ao Central Kursaal, um lugar onde de dia se jogava bola e que à noite seus donos transformavam em café-concerto. Transformavam o muro do fundo em um palco, alinhavam algumas poltronas na metade da quadra e na outra metade improvisavam uma sala de café, com cadeiras e mesas; ofereciam um espetáculo de *variétés*, a última moda importada de Paris. Em Madri, os críticos teatrais queixavam-se de que muitos teatros sérios haviam passado para o lado “inimigo”, o gênero frívolo. Até o da Zarzuela estava em decadência. Talvez o sucesso das *variétés* se devesse ao fato de as pessoas quererem esquecer a penúria.

Anita e Victoria formavam uma dupla conhecida como as Camélias, que atuava entre os números para tornar mais curta a espera pela mudança de cenário. No programa daquela noite estavam, nada mais nada menos, que a Fornarina, Pastora Império, a Bela Chelito, o Homem Pássaro e Mimi Fritz. Às dez em ponto, as Camélias entravam no palco vestidas com uma saia curta armada, cor de fogo, e com meias combinando. Assim que ouviam o violão começavam com as sevilhanas, e depois dançavam umas seguidilhas e alguns boleros. Não eram as melhores bailarinas da Espanha, mas sua graça andaluza compensava a falta de técnica. Isso bastava para brilharem como figurantes no Kursaal, que naquela noite exibia o cartaz de “lotado”. Um público do mais variado ocupava todas as mesas: muitos estrangeiros vinculados às casas reais convidadas para o casamento, políticos, jornalistas e correspondentes, e os fiéis boêmios de sempre: o pintor Romero de Torres, Valle-Inclán com suas barbas fluviais, um jornalista conhecido como o Cavaleiro Audaz, o escritor Ricardo Baroja, sobrinho de dom Pío, um jovem catalão de boa família chamado Mateo Morral, que dizia ser cronista e que acabava de juntar-se aos outros, embora raras vezes abrisse a boca. “Um homem obscuro e silencioso”, como o descreveria Baroja. E, principalmente, Anselmo Miguel Nieto, um jovem pintor oriundo de Valladolid, alto e magro, com penetrantes olhos pretos que fora fazer sucesso em Madri. Anselmo não perdia uma única noite do Kursaal porque estava apaixonado por Anita. Com a desculpa de fazer seu retrato, travara amizade com ela e conhecera seus pais. Ela, que não tinha certeza de seus próprios sentimentos, simplesmente se deixava gostar.

Aquela noite os clientes só falavam na descoberta – ocorrida pela manhã, na casca de uma árvore do Retiro – de uma inscrição feita a navalha que perturbava Madri inteira, principalmente porque aparecia depois de uma série de ameaças de morte

recebidas em diversos ministérios e até no Palácio Real: “Alfonso XIII será executado no dia de seu casamento. Um irredento”, rezava a inscrição. A imaginação dos clientes ficara profundamente impressionada. “Que homem terrível e em que momento de diabólica solidão teria gravado aquilo?”, perguntavam-se meio a sério, meio de brincadeira. “Teria sorrido de modo sardônico como os homens maus de Sherlock Holmes”, personagem muito em voga então?, “Usaria barba preta?”. “Seus olhos brilhariam?”

– Os reis têm que fugir e se casar em um país desconhecido, em uma ilha deserta, se possível! – clamava dom Ramón del Valle-Inclán.

Os clientes sentavam-se sempre no mesmo lugar, atrás da primeira fila, em um corredor que passava ao longo do local. Lá podiam conversar depois de cada atuação com Pastora Império ou com a Fornarina, a graciosa costureira que havia ascendido a cantora cantando *Dom Nicanor* ou *Frufru*. Não o faziam com as irmãs Camélia porque seus pais apareciam pontualmente no final da dança para levá-las para casa, “para que a essas horas”, dizia dom Ángel, “não as confundam com o que não são”. Mas a beleza, a juventude e a graça andaluza das irmãs tornaram-nas muito populares entre os assíduos frequentadores do Kursaal. Ricardo Baroja descrevia Anita assim: “Alta, morena muito clara, de cabelo muito preto, olhos enormes, adormecidos. Suas feições, ainda não decididas, prometiam, ao florescer de sua juventude, atingir o clássico modelo de uma Vênus grega”.

Isso é o que devia estar pensando um estrangeiro alto e distinto que, cercado por um grupo de pessoas, tomara assento em uma mesa colada ao palco. O homem não conseguia afastar o olhar de Anita e parecia encantado pela música. O som da guitarra lembrava-lhe o do *sarangi*, um instrumento muito popular em seu país, e o das castanholas o da *tabla*. Mas a música era diferente de tudo o que já escutara em sua vida.

Anita não o reconheceu imediatamente, tão concentrada estava acompanhando os passos da dança. Além disso, o homem vestia terno escuro de flanela e camisa branca com gola engomada. Mas seu olhar insistente fez com que a garota reparasse nele. “Deus, o rei mouro!”, disse de repente para si mesma Anita, que, ao reconhecê-lo, quase tropeçou de susto. Lá estava o rajá, sorrindo, cativado por aquela beleza que devia lhe recordar as mulheres de sua terra. “É um formoso tipo indiano”, escreveria o Cavaleiro Audaz, que assistia à cena. “Seu corpo, altíssimo, é esbelto, vigoroso e robusto. Sua tez acobreada contrasta com a brancura de seus frescos e limpos dentes. Sempre sorri com doçura. Seus pretos, grandes e brilhantes olhos têm um olhar ardente e dominador.”

Terminada a atuação, dom Ángel e dona Candelária, que esperavam que suas filhas terminassem de se trocar atrás da cortina que servia de camarim, viram aproximar-se um homem baixinho e muito solícito falando nervosamente:

– Boa noite, sou o intérprete do rajá, que está sentado nessa mesa; trabalho no hotel Paris, aqui ao lado, onde Sua Alteza está hospedado... Vocês aceitariam vir tomar uma taça de champanhe em sua mesa? O rajá ficou muito impressionado com a atuação de suas filhas e deseja homenageá-los...

Dom Ángel olhou-o surpreso, enquanto sua mulher fazia-se de indignada.

– Diga a Sua Alteza que estamos muito agradecidos – respondeu educadamente dom Ángel –, mas é tarde, é quase meia-noite. As meninas são muito jovens, o senhor entende, não é?

Diante do olhar furibundo da mulher o intérprete optou por não insistir e regressou à mesa do príncipe. “Quem esse mouro pensa que minhas filhas são? Umas quaisquer?”, clamava indignada dona Candelária enquanto puxava as meninas para a saída do local.

Enquanto esteve em Madri, o rajá foi todas as noites ver Anita dançar. Devia ser o único cliente que pagava para ver as figurantes, e não as famosas cantoras anunciadas no cartaz. Uma noite, antes da atuação das meninas e da temida presença de dona Candelária, o intérprete se aproximou do camarim.

– Senhorita, tenho isto para lhe dar, por parte de Sua Alteza...

O homem entregou-lhe um envelope recheado. Anita abriu-o: estava cheio de dinheiro. Levantou o olhar para o emissário do príncipe.

– São cinco mil pesetas – continuou o homem. – Sua Alteza quer que vá a sua mesa, somente para conversar...

O olhar de Anita refletia a humilhação que acabava de sofrer. O intérprete fez-lhe um sinal para que não erguesse a voz. Mas já era tarde.

– Diga ao mouro que eu posso ser uma mulher pobre, mas sou honrada! Quem ele pensa que é? Como pode achar que eu posso me entregar por dinheiro, por muito que seja? Diga-lhe que é um porco! Que nem se aproxime de mim, e o senhor nem torne a me dirigir a palavra!

Depois da função, Anita desatou a chorar “como uma tonta” e foram os clientes habituais que a consolaram. Sua mãe também estava presente e explicava assim a Ricardo Baroja o que havia acontecido:

– É que esse rei quer minha filha. Mas não, por Deus, que ele é maometano!

– Maometano?

– Sim. Desses que têm “rarém”. Vai levá-la e não a veremos mais...

Na manhã seguinte, soou a campainha no modesto apartamento dos Delgado. Anita abriu, porque sua mãe havia descido até o mercado com sua irmã. Só viu flores. O buquê era tão grande que ocultava o pobre entregador que o levava. “Ai, meu Deus!

Onde ponho tudo isso?” As flores vinham com uma carta do rajá. Anita leu-a devagar, porque tinha dificuldade para ler e, além do mais, porque tinha dormido tão pouco pelo chique que estava com os olhos inchados. O príncipe se desculpava: “Não foi minha intenção feri-la, e muito menos insinuar algo que nem sequer teria imaginado. Rogo-lhe que aceite estas flores como demonstração de meu profundo respeito por sua pessoa...”. Anita sentou-se à mesa da exígua sala de jantar e suspirou. Depois voltou seu olhar para as flores. Eram camélias.

Nesta noite de calor e insônia, Anita lembra aquela outra em que também não pregara os olhos. Sentira-se ultrajada, insultada no mais profundo de seu ser por um indivíduo que mal conhecia. Fora sua primeira experiência como mulher na selva dos homens. Ela mesma se surpreendera com a intensidade de sua reação. Agora, com a distância, parece-lhe uma criancice. Deveria ter dado risada.

Nesta noite ronda-a um resto daquela sensação que a deixara sem dormir. Embora lute para evitá-lo, custa-lhe não se deixar levar pela sensação de ter sido fisgada. Ela tinha sua vida traçada, seu trabalho modesto, seus flertes com Anselmo Miguel Nieto, que até se havia declarado, sua irmã, a quem adorava, seus pais, suas amigas... Todo um universo que esta noite lhe parece quentinho, acolhedor e íntimo. Por que teve que aparecer um deslumbrante rei mouro em sua vida corriqueira e feliz e projetá-la a um mundo de luxo e exotismo que nem conhece nem sabe desfrutar?

É suficientemente lúcida para saber que não deveria pensar assim, mas no fundo de seu coração tem dó de si mesma. Fora fraca quando deveria ter sido forte. Caíra em seus braços – em seu leito – antes da hora. Não pôde resistir. Sim, a culpa é sua, uma mulher de sua idade já sabe o que faz. Ou pelo menos deveria saber. Mas ele tinha que ter esperado um pouquinho mais...

O grasnar dos corvos rasga o ar carregado de uma bruma quente. Os eflúvios do mar sobem até a suíte. Há um cheiro indefinível, uma mistura da fumaça dos fogareiros da rua onde os pobres preparam a comida, da umidade e de uma vegetação diferente. O cheiro da Índia.

De repente, parece-lhe que, se pudesse fugir, embarcar em um navio e voltar para a Europa, fá-lo-ia sem vacilar. Dar marcha a ré, rebobinar a fita dos dois últimos anos de sua vida, tornar a encontrar-se em seu mundo, no calor dos seus, voltar a sentir o frio de Madri, o cheiro da mata que desce da serra na primavera, o ruído crocante dos churros recém-feitos, voltar a rir com as fofocas da turma, voltar a posar para Anselmo... Deus, onde está tudo isso agora? Até hoje parecia-lhe que a qualquer momento poderia desfazer a confusão, que em um instante poderia deter o tempo, escolher, dizer sim, dizer não, viver sua vida mais ou menos conforme sua vontade. Mas no calor desta noite de angústia percebe que será impossível desfazer os passos andados. Sente-se encurralada pelo destino, longe de tudo, sozinha. Quase tem dificuldade para respirar. Percebe que, se amanhã o dr. Willoughby confirmar sua gravidez, não haverá volta. Sua vida não é mais uma brincadeira. Agora é sério.

Um príncipe indiano querer levar Anita consigo era um fato tão insólito que atiçou a curiosidade de muitos. As Camélias tornaram-se famosas por isso, embora elas tivessem preferido que fosse por seu talento. Entre os boêmios e intelectuais a intriga e a fofoca eram enormes. O rajá conseguirá levar nossa Anita? Essa era a pergunta que estava nos lábios dos clientes. Principalmente quando olhavam para o palco e viam a mãe de Anita envolvida em grandes conversações com o indiano e seu intérprete. As notícias que se filtravam dessas conversações falavam do desejo do rajá de levar Anita para uma temporada em Paris, para educá-la na arte de ser a esposa de um rei, e depois casar-se com ela. Um verdadeiro conto de fadas, bom demais para ser verdade. Anita, por sua vez, sentia-se honrada pela atenção que havia despertado naquela personalidade. Mas não podia levar a sério. “(...) porque você é muito pouca coisa para fazer de mim sua queridinha”, cantava, coquete, avisando o intérprete para não traduzir a letra.

Anita era muito jovem para pensar seriamente no amor. Fizera apenas uma ou outra tentativa com Anselmo Nieto, que tinha 23 anos e vivia como um boêmio em Madri. Anita desfrutava sua companhia, e, embora ele estivesse cada dia mais apaixonado, sem imaginar a concorrência que tinha arranjado, sua relação não passava de uma amizade amorosa.

Quanto mais Anita rejeitava o rajá, mais ele se empenhava em conquistá-la. Estava louco por ela. Bastava observá-lo sentado em sua cadeira, absorto pelo espetáculo das dançarinas. O contraste do aspecto de Anita, que quando estava quieta tinha um ar muito doce e sereno, com seu ar bravio e seu falar licencioso e vulgar fizera-o perder a cabeça. No fim da dança, por vezes mandava seu intérprete convidá-la. Algumas vezes Anita aceitava e aparecia acompanhada de dona Candelária. Os clientes podiam ver de longe os gestos de negação que a mãe fazia com a cabeça. O rajá se calava, sem deixar de olhar para a jovem. Uma noite, na plateia, convidou-as para jantar depois da função. Ela não aceitou, claro.

– E para almoçar? A senhora aceitaria almoçar com Sua Alteza? – inquiriu o intérprete.

Anita consultou sua mãe e sua irmã, Victoria, com o olhar. De repente, dona Candelária assentiu com a cabeça e o rajá deve ter sentido que a balança começava a inclinar-se a seu favor.

– Sim..., se for para almoçar, sim... desde que minha mãe e minha irmã possam ir comigo... – disse Anita.

O almoço aconteceu no restaurante do hotel Paris, e o rajá mostrou-se muito

gentil. Anita nunca estivera em um restaurante de tanta “categoria”, como dizia, e gostou da experiência, mais pela decoração rococó e pelo atendimento que pela comida, porque o que ela gostava mesmo era do presunto, da tortilha de batata e do frango assado. Todo o resto lhe parecia insípido. A conversação girou em torno do iminente casamento do rei da Espanha. Anita olhava para “seu rei” com curiosidade, tentando imaginar-se sozinha com aquele homem tão próximo e, porém, tão distante. Era tranquilo, pausado e altivo sem ser distante. Era um perfeito cavalheiro de tez escura e modos impecáveis. Falava seis idiomas, conhecia o mundo inteiro, equiparava-se aos grandes da Terra. “Por que esse homem foi se apaixonar por mim?”, perguntava-se Anita, suficientemente lúcida para no fundo não acreditar. O intérprete interrompeu suas divagações:

– Sua Alteza disse que, se vocês quiserem ver o desfile de casamento, podem vir aqui amanhã. Ele não estará porque assistirá à cerimônia na igreja dos Jerônimos. Dos balcões de seus aposentos vocês verão tudo perfeitamente.

Havia chegado a hora do café, e depois de Anita e sua irmã se despedirem para ir à aula de dança, o rajá convidou o intérprete e dona Candelária para um pequeno reservado, para conversar em particular. Dona Candelária quase engasgou ao ouvir falar do “dote generoso” que o rajá estava decidido a lhes entregar em troca da mão de Anita. Um dote que poderia garantir dias tranquilos para a família Delgado *ad vitam aeternam*.

– Alteza, mas eu não posso casar minha filha para que acabe em um “rarém”, entende? Não posso fazer isso nem por todo o ouro do mundo...

– Ela não viverá em um harém, posso lhe garantir. Tenho quatro esposas e quatro filhos já grandes. Casei-me porque é o costume de meu país, um costume ao qual não posso renunciar. Não posso repudiar nenhuma de minhas quatro mulheres porque meu dever é não permitir que lhes falte nada enquanto viverem. Essa é a tradição, e como soberano de meu povo devo respeitá-la. Mas, na realidade, vivo só, e se quero me casar com sua filha é para compartilhar minha vida com ela. Viverá em seu próprio palácio, comigo, à maneira ocidental. Poderá voltar à Europa quantas vezes desejar. Peço-lhe que me entenda e peço-lhe, também, que explique isso tudo a Anita. Se ela aceitar a situação, farei todo o possível para fazê-la feliz.

Dona Candelária saiu do hotel Paris um pouco transtornada. As certezas dos dias anteriores se haviam diluído diante desse rajá que falava como um homem de bem e que parecia sincero. Agora, debatia-se em um mar de dúvidas, de modo que passou pelo Café de Levante: “Todo esse dinheiro que esse rei mouro oferece pela minha Anita não deixa de ser uma tentação”, dizia a Valle-Inclán, “mas e a honra?”, repetia. Os Delgado viviam obcecados pela honra, porque era só isso o que lhes restava. “O

que Anita tem que fazer é se casar na Europa, antes de ir para a Índia”, insistiu Valle-Inclán, que havia dedicado tempo e esforços para investigar o rajá. Os resultados de suas pesquisas revelaram que se tratava de um homem riquíssimo, que reinava com direito de vida e morte sobre seus súditos em um estado do norte da Índia, e que tinha a reputação de ser justo, compassivo, culto, amante do progresso e “ocidentalizado”. “É uma oportunidade que Anita não pode perder”, insistia o célebre escritor.

No dia seguinte, 31 de maio, as ruas de Madri amanheceram em festa: rojões, fogos de artifício, sinos, risos, gritos... Fazia um sol esplêndido e uma temperatura deliciosa. Das janelas pendiam tapeçarias e enfeites de flores com escudos e vivas aos reis. Indo para o hotel acompanhada por seus pais, Anita sentia como se todos os madrilenhos se conhecessem pessoalmente, tão intenso era o sentimento comum por participar de uma mesma celebração. O rajá não só lhes cedera seus aposentos para contemplar o desfile depois da cerimônia religiosa, mas também garantira que tivessem doces, bolos e café com leite à vontade. O “rei mouro” era decididamente uma pessoa delicada, comentava dona Candelária com um bolinho na boca.

Anita contemplava o desfile do balcão do hotel: cavalos enfeitados, soldados com vistosos uniformes, carruagens adornadas... A multidão parecia estremecer. As cabeças erguiam-se para ver melhor.

– Estão chegando! Estão chegando!

Ao som da *Marcha Real*, a carruagem com os recém-casados aproximava-se da esquina do hotel Paris com a Porta do Sol. O soar dos sinos misturava-se aos aplausos e aos vivas. Mulheres com mantilhas brancas soltavam vivas dos balcões. Por trás das janelas da carruagem, os reis acenavam e mostravam um sorriso feliz. Já eram marido e mulher. Uma princesa estrangeira acabava de transformar-se, por amor, em rainha da Espanha. “Poderia eu ser princesa em um trono estrangeiro?”, perguntou-se de repente Anita. Foi a primeira vez que essa ideia lhe passou pela cabeça, e repreendeu-se por isso. Mas gostava do fervor da multidão, aquele desfile entre um povo que proclamava sua fé e seu amor por uma princesa que mal conhecia. “Que gostoso sentir-se elogiada e querida por tanta gente!”, pensava a garota, que deixava seus sonhos a rédea solta, sem poder contê-los. Quando o cortejo adentrou a rua Maior, Anita entrou na suíte, os olhos cansados de tanto sol. Dentro, tudo era tranquilidade e reinava a opulência. O brilho do verniz dos móveis refletia sua imagem como um espelho. Os tapetes eram macios, o bar exibia todo tipo de bebidas, o quarto de banho, com prateleiras repletas de frasquinhos de colônia e de loções, era o mais confortável que havia visto em sua vida. Tudo naqueles aposentos de hotel a seduzia. Era seu primeiro contato com o luxo.

Foi um contato de curta duração. Um estrondo terrível fez tremer os vidros. “Ai, meu Deus!”, gritou dona Candelária. Quando Anita saiu de novo ao balcão, viu gente correndo em todas as direções. Uma multidão voltava da rua Maior, empurrando-se, apavorada. Onde havia alguns segundos reinavam o regozijo e o ambiente festivo, só havia pânico e terror. Alguém de repente gritou:

– Jogaram uma bomba nos reis!

Acontecera na altura do número 88 da rua Maior, quase chegando ao Palácio Real. Alguém havia saído ao balcão justamente quando por baixo passava a carruagem de concha em cujo interior viajavam os esposos e havia lançado um buquê de flores. O buquê escondia uma bomba. Todos os vidros dos edifícios próximos estouraram. No chão, entre cavalos feridos que escoiceavam nervosamente, salpicando tudo de sangue, havia 23 mortos, a maioria militares do regimento de Wadras, que cobria a rua Maior, e seis civis, entre eles a marquesa de Tolosa. Entre a centena de feridos, vinte guardas reais e cocheiros ficaram cegos para sempre. Um cabo elétrico, quase invisível, salvara a vida dos reis. Ao cair, o buquê se havia enroscado no fio, desviando sua trajetória. Os jornais do dia seguinte descreveriam a heroica atuação do monarca, que não perdeu a compostura, ajudando sua mulher, lívida e com a roupa ensanguentada, a mudar de carruagem.

Alguns dias depois, os mesmos jornais publicaram uma foto do autor do atentado. Suicidara-se depois de matar um policial que tentava prendê-lo nos arredores de Madri. Valle-Inclán e Baroja logo identificaram o cadáver de Mateo Morral, o catalão taciturno que havia pouco se juntara a seu grupo. Na véspera estiveram todos juntos na lanchonete de Candeias, onde Morral tivera uma discussão com o pintor Leandro Oroz: “Ora, ora! Esses anarquistas! Assim que arranjam cinco duros deixam de ser”, dissera Oroz. Furibundo, o homem que quase nunca falava respondera: “Pois saiba o senhor que eu tenho mais de cinco duros e sou anarquista”. Saiu na imprensa que era filho de um empresário têxtil que lhe havia proibido a entrada na fábrica familiar porque incitava os trabalhadores a reivindicar coisas contra os interesses de seu próprio pai. Estavam tão impressionados com o acontecimento que Valle-Inclán e Baroja foram ver o corpo de Mateo Morral na cripta do Hospital do Bom Sucesso. Não os deixaram entrar, mas Ricardo, o irmão de dom Pío, conseguiu e fez uma água-forte do anarquista. À noite, no Kursaal, mostrou o desenho a Anita. “Meu Deus!”, disse ela, abrindo muito os olhos com expressão de espanto. Lembrava-se dele perfeitamente, sentado em um canto e olhando o espetáculo com um ar ensimesmado. Esse cliente, que parecia amigo de seus amigos, transformara um dia de alegria em uma carnificina, um poço de dor e tristeza. As celebrações do casamento foram suspensas. Seu príncipe oriental foi embora naquela mesma noite.

O sonho parecia ter acabado. O atentado devolveu os madrilinhos à realidade de suas vidas cotidianas.

“Morning tea!” Às seis da manhã, um camareiro abre a porta da suíte e coloca em uma mesinha uma bandeja com xícaras e um bule. Anita a confunde com o café da manhã, mas uma sonolenta *Mme. Dijon* lhe explica que se trata de um costume britânico muito arraigado na Índia. Primeiro o chá da manhã; o farto café da manhã depois, no restaurante.

O chá! A primeira vez que Anita provaria lhe parecera uma bebida horrorosa e quase a cuspira: “Tem gosto de cinza!”, exclamara. Foi em Paris, no apartamento do rajá, durante sua aprendizagem das coisas do mundo. Agora sabe apreciá-lo, com um pouquinho de leite e um torrãozinho de açúcar, como uma senhorita de bom berço. O chá a tranquiliza, reconforta e ajuda-a a organizar seus pensamentos. Como pôde duvidar tanto dos sentimentos do príncipe durante sua noite de insônia? – pergunta-se agora. Como se atreveu a pensar que se aproveitara dela, se lhe oferecera tantas demonstrações de amor? Sua mera presença neste hotel que parece um palácio não é prova suficiente de amor? Anita contempla o sol despontando no horizonte sobre o mar da Arábia. A suave luz alaranjada banha os barcos da baía, as velas das embarcações dos *koli* e os edifícios que margeiam a orla marítima. Uma leve brisa acompanha os primeiros raios de sol que inundam a suíte imperial. Como tudo parece diferente de dia! É como se os monstros da noite se esfumassem com a chegada do amanhecer. Nada é tão negro e o calor é menos denso e menos sufocante. Os pesadelos dissipam-se como as sombras na parede. O medo também perde intensidade, como se a luz tivesse o poder de neutralizá-lo. “Vou ser mãe... e rainha!”, diz a si mesma agora Anita, embalada pelo vaivém que a leva do desespero à euforia. É exaustivo sentir-se acabada em dado momento e cheia de esperança um pouco depois. Ela, que pensou que nunca tornaria a ter notícias de seu príncipe oriental depois do atentado terrorista, encontra-se agora em seu país, em seu mundo e em suas mãos. E com um filho seu nas entranhas, como vem confirmar alegre e contente o Dr. Willoughby no meio da manhã. Os resultados dos testes são conclusivos. Já não resta dúvida alguma: o bebê nascerá em abril.

– *Mrs. Delgado*, faça uma boa viagem a Kapurthala. Cuide-se, o balanço do trem não é a melhor coisa em seu estado. Procure descansar muito quando chegar.

* * *

Quando o rajá e os demais membros das comitivas estrangeiras saíram de Madri depois do atentado, Anita pensou que a história havia acabado. Mas Sua Alteza Jagatjit Singh de Kapurthala já não podia viver sem a dançarina do Kursaal. Não

podia viver, nem dormir, nem existir sem ela. Qualquer tentativa racional de explicar seus sentimentos estatelava-se contra o fogo de sua paixão. O mistério insondável do amor tornara realidade o impossível: um príncipe indiano, francófilo e afrancesado, riquíssimo e de boa aparência, havia se apaixonado por uma espanhola sem casta nem berço, dezoito anos mais nova que ele e que mal sabia ler e escrever. As poucas palavras que trocaram fora por meio de um intérprete. Nem sequer podiam se entender entre eles, mas o amor não entende de idiomas. Mais ainda, talvez o fato de não se entenderem tenha aumentado a paixão do príncipe, acrescentando mistério e exacerbando o desejo.

O caso é que, poucos dias depois de sua partida, voltou a soar a campainha no exíguo apartamento dos Delgado. Ao abrir a porta, Anita viu o capitão Inder Singh, vestido de uniforme azul e prata e usando um turbante amarelo. Estava radiante. Mais parecia um príncipe que o emissário do rajá, e seu formidável aspecto contrastava com o roupão da garota e seu ar descabelado e com a diminuta cozinha do apartamento. O capitão trazia uma carta, na qual o rajá fazia uma séria proposta de casamento especificando o dote que estava disposto a oferecer: cem mil francos. Uma fortuna. Caso aceitasse, o capitão Singh a conduziria a Paris para arranjar o casamento. “Rejeitei mais uma vez suas pretensões, porque aquilo parecia a venda de minha pessoa”, contaria depois Anita. Mas o certo é que, depois daquele dia, sua vida não voltou a ser como antes. A astronômica quantia proposta pelo “rei mouro”, sua insistência e as cartas de amor que o carteiro levava com uma regularidade espantosa estimularam ainda mais os amigos. “Está apaixonadíssimo”, comentava Romero de Torres. “E, para Anita, é a oportunidade de sua vida. Seria uma pena desperdiçá-la... O ambiente do café concerto acabará estragando-a.” No Novo Café de Levante e na mesa do Kursaal urdiu-se a conspiração para facilitar a união. O único que não concordava era Anselmo Nieto, mas pouco podia fazer diante do entusiasmo dos outros. O que ele, um pintor iniciante sem fortuna nem sobrenomes, podia oferecer à bela Anita? Seu amor incondicional, ou seja, bem pouca coisa na balança contra o que o rajá podia lhe oferecer.

O grupo acreditava na sinceridade do príncipe indiano. Valle-Inclán permitia-se sonhar em voz alta: “Casamos uma espanhola com um rajá indiano, e eles vão para a Índia; lá, a pedido de Anita, o rajá arma a revolta contra os ingleses, liberta a Índia e nós nos vingamos da Inglaterra, que nos roubou Gibraltar”. E concluía ironicamente: “Para nós, casar Anita é questão de patriotismo”.

Dom Ángel, o pai, era o osso mais duro de roer. Enfrentava de maneira contundente o espectro da opulência do príncipe e não via como ganhar a batalha, principalmente porque sua mulher e todos os que o cercavam já haviam tomado partido. Dona Candelária alegava que era como todas as mães, que seu único desejo era casar bem suas filhas. E que melhor casamento do que esse? Certo, a menina era

muito nova, e o pretendente “muito estrangeiro” e dezoito anos mais velho, mas tinha boa fama. Era melhor partido que o pintorzinho que vira e mexe rondava sua filha como uma mosca.

– Você prefere que sua filha acabe com esse pé-rapado? O pessoal do café tem razão, o ambiente teatral vai acabar *estragando ela...*

– Não é tão pé-rapado como parece... Seus pais têm uma confeitaria em Valladolid.

– Uma confeitaria! – soltou dona Candelária com desdém, levantando os ombros, como se tivesse ouvido a coisa mais idiota do mundo.

Para fazer valer seu ponto de vista, dona Candelária fez uso, de seu arsenal de argumentos, do mais contundente. Seu marido por acaso entendia o que significava aquele dote?, chegou a perguntar-se. Lembrou-lhe que significava sair da pobreza para sempre. Significava ter apartamento próprio com empregados. E até uma carruagem. Comer carne todos os dias, ir ao teatro, viajar para Málaga, jantar em restaurantes, ir a um cassino, consultar os melhores médicos em caso de necessidade... que Deus nos livre! Significava viver com folga, como correspondia a um Delgado de los Cobos, “Quirós de terceiro sobrenome, não se esqueça”, lembrava-lhe dona Candelária. Era um sobrenome de família velha e de ranço ancestral que o pobre dom Ángel mencionava cada vez que se sentia humilhado pelo destino. “Depois de Deus, a casa de Quirós”, gostava de dizer, aludindo ao escudo de armas de seu terceiro sobrenome, do qual se sentia muito orgulhoso.

Pouco podia fazer o bom dom Ángel diante do avanço de alguns acontecimentos que o atropelavam. No Kursaal, transformado em centro de operações e escritório diplomático, os amigos procuraram dissuadi-lo dos temores que o obcecavam. Explicaram, a ele e a sua mulher, que tudo o que Anita tinha que fazer era manter sua religião, não converter-se nunca e casar-se na Europa, embora fosse só no civil. Desse modo teria sua independência garantida e sempre poderia voltar se a convivência com o rajá se tornasse difícil, o que nenhum deles acreditava que pudesse acontecer.

Dona Candelária encarregou-se de convencer Anita a responder ao rajá com uma carta séria. Uma carta na qual se mostraria disposta a viajar para Paris, sempre acompanhada por sua família. Não falava nem de casamento nem de compromisso porque Anita não estava mentalmente preparada para isso, mas deixava a porta aberta às aspirações do rajá. O problema é que Anita mal sabia escrever e dona Candelária era uma analfabeta funcional, como a maior parte das mulheres espanholas de sua época. “Meu *quirido* Rei...”, começava a carta, “fico *felis* que o *sinhô* esteja bem com a *saudi* que eu desejo para mim... Eu *tô* bem graças a Deus... O *sinhô* sabe....” Anita entregou a carta ao pintor Leandro Oroz, que correu ao Café de Levante para

mostrá-la aos amigos escritores. “Esta carta não pode ser enviada assim. Vai estragar tudo...”, disse Valle-Inclán muito sério, acrescentando depois: “Vamos escrever uma nota benfeita, para deixar as coisas claras para o rajá.” Pôs mãos à obra e depois o pintor Leandro Oroz, que era meio francês, traduziu-a, assinando sem se preocupar com a falsificação: “Anita Delgado, a Camélia”. A carta, que agora parecia um fragmento escolhido de uma antologia de poemas de amor, tinha também um lado prático que não deixava pontos sem nó. Anita agradecia profundamente o dote e aceitava ser sua mulher e a rainha de seu povo, desde que ele admitisse certas exigências de sua parte: contrair casamento na Europa na presença de seus pais, antes da cerimônia religiosa no distante e fabuloso país; viajar para Paris acompanhada de sua família; até o casamento civil, morar em uma casa que não seja a residência do rajá e poder contar com a companhia de uma criada espanhola. Deste modo, a honra ficava a salvo. “Se aceitar tudo isso, é porque a ama de verdade”, sentenciaram. Valle-Inclán quis acrescentar uma condição: pedia uma condecoração do rajá para ele e os cinco amigos, “porque, afinal de contas, seremos os artífices de sua felicidade e do povo kapurthalense”. Mas os demais se opuseram, “senão a carta vai parecer gozação”.

A carta era séria e sem dúvida inflamou ainda mais a paixão do rajá. A profusão de detalhes, somados à prosa de Valle-Inclán, davam-lhe tanta credibilidade que se Anita soubesse teria ficado louca da vida. Mas, em um autêntico conluio, decidiram enviá-la sem lê-la antes para a garota. Cada um dos cinco que estavam naquele momento no café colocou uma moeda sobre a mesa para pagar o selo dos Correios. Assim, estava selado o destino de Anita Delgado.

Bombaim, 30 de novembro de 1907. Chega a hora de seguir viagem. À tarde, na preparação da saída dos trens noturnos, uma impressionante confusão de carruagens, bondes, táxis, *rickshaws*, bicicletas e cavalos amontoando-se nos arredores da impressionante estação de Churchgate, que parece uma catedral gótica por causa de seus telhados pontudos. Avançam de qualquer maneira, passo a passo, entre uma desordem e um estrépito aterrorizantes. Precedida por três carroças carregadas com toda a bagagem, uma luxuosa carruagem com a insígnia do hotel abre caminho. Anita, *Mme.* Dijon e Lola, vestidas de longo, com sombrinhas imaculadas para se protegerem do sol e guiadas por Inder Singh, descem e adentram o edifício da estação. Formam um contraste surpreendente com a multidão que as cerca. Aturdidas com o espetáculo, detêm-se um instante, sem se atreverem a dar um passo. Encontram-se prisioneiras entre um mar de gente que vai e vem em todas as direções, de cules que carregam pacotes e malas sobre a cabeça, de vendedores de mangas, sandálias, pentes, tesouras, bolsas, xales, saris... Os engraxates oferecem seus serviços, assim como os limpadores de orelhas, sapateiros, escrivões, astrólogos e vendedores de água, que vendem separadamente a muçulmanos e hindus: "*Híndi pani! Musulmam pani!*". Um asceta itinerante, um dos chamados *sadhus*, quase nu e com a pele coberta de cinza, aproxima-se de Lola chacoalhando sua caneca. Pede uma moeda para verter umas gotas de água sagrada do Ganges na boca da andaluza. "Ai, que nojo!", diz ela, afastando-o com um gesto brusco. A malaguenha não está de bom humor; ao contrário, tem uma expressão aterradora, como quem caminha sobre um campo minado.

Há tanta gente que Anita pensa que Bombaim inteira vai viajar. As duras penas conseguem avançar para seu trem, evitando pisar nos mendigos que dormem encolhidos e enrolados em um pedaço de tecido, ou nas famílias que acampam na estação entre suas esteiras e seus fogareiros, às vezes durante vários dias, à espera de um trem ou de um trabalho até ganhar dinheiro suficiente para pagar a passagem.

Os vagões estão lotados. As pessoas agarram-se às janelas e às portas em uma tentativa desesperada de não ficar em terra. Levam até galinhas e cabras no colo. Os homens sobem nos tetos e brigam por um lugar onde se sentar, formando verdadeiros cachos humanos. A gritaria é ensurdecadora, mas não há animosidade, só barulho e alegria.

Os brancos viajam em vagões de classe superior que dispõem das mesmas comodidades que os grandes expressos europeus; em seu interior mal se ouve o burburinho de fora e as persianas permitem isolar-se do mundo.

Depois vêm os vagões dos rajás, o cúmulo do luxo, reservados exclusivamente a

seus proprietários. O vagão especial de Kapurthala, pintado de azul e com o escudo do reino no centro, espera em uma plataforma para recolher seus ilustres passageiros. O vagão está inteiramente à disposição das três mulheres, com camas amplas e confortáveis, banheiros com ducha e um salãozinho que também serve de sala de jantar. As paredes são de mogno; os lustres, de bronze; o aparelho de jantar, de porcelana inglesa, e o conjunto é forrado de veludo azul e prata. Está atrelado a um vagão-cozinha, onde viajam os empregados, e a outro carro para a bagagem, no qual viaja Inder Singh. O costume das casas reais é pôr tantos carros quantos passageiros. Assim que entra, Anita fica pasma: seu vagão está totalmente enfeitado com camélias brancas trazidas de Caxemira. Mas logo se vê com quatro criados que se jogam no chão, tocam-lhe os pés com uma mão e depois levam-na à testa. Anita, que não está acostumada a um cumprimento tão servil, não sabe como reagir. Abaixa-se e tenta pegá-los pelo braço para levantá-los, mas eles a olham com olhos de incompreensão e não permitem. “Você terá que se acostumar, Ana...”, diz *Mme. Dijon*. “É o cumprimento reservado às pessoas importantes.”

– Claro, claro... – responde Anita desorientada, como se tivesse esquecido sua categoria.

O rajá não deixou nada ao acaso. O jantar é à base de cozinha francesa e não faltam garrafas de água Évian para saciar a sede e lutar contra o pó que entra pelas frestas e invade tudo. Assim que sai de Bombaim, o trem atravessa uma paisagem de grandes campos de terra seca com matagais e poucas árvores, choças de barro, camponeses que cumprimentam os viajantes e crianças empurrando a golpe de varetas búfalos, que levantam nuvens de pó ocre... O Sol é como um disco de fogo que tinge os campos de ouro antes de desaparecer. Os indianos chamam-no de Surya e o veneram como a um Deus. “Quando o trem partiu, minha única preocupação era pensar que faltavam quarenta e oito horas para chegar a Kapurthala. Estava ansiosa para ver o príncipe. O detalhe das camélias me havia tocado o coração...”, escreveria Anita em seu diário. A iminência da chegada, as náuseas quase constantes, os gritos nas estações onde o trem para à noite, e o balanço, umas vezes suave e outras violento, conspiram para roubar-lhe o sono.

Que diferente essa viagem da que havia feito um ano antes, também de trem! Aquele comboio atravessava outro lugar ermo, em Castela, em sua viagem de Madri a Paris depois que o rajá aceitara todas as condições da famosa carta. O capitão Inder Singh havia regressado a Madri com um talão de cheques “gordo como um dicionário” para assumir os gastos da viagem, que, mais que uma viagem, era a mudança da família toda para Paris.

“Tinha a impressão de estar indo para o matadouro”, confessaria Anita a sua irmã,

Victoria. O que havia começado como uma brincadeira tornara-se realidade com tanta rapidez que a própria Anita se sentia atropelada pelos acontecimentos. Todos tinham brincado com fogo, mas agora só ela sentia a queimadura. Os outros, ou tinham se divertido, como seus amigos, ou saíram ganhando, como sua família. E ela? Como acabaria?, perguntava-se enquanto o trem avançava sob um sol esbranquiçado de inverno por uma paisagem de cumes nevados e vales escuros atravessados por faixas de bruma. Continuava não conseguindo se imaginar nos braços daquele rei indiano que a havia comprado, por mais que seus pais se esforçassem em disfarçar as aparências. Sim, isso mesmo, comprado.

– Não se preocupe, se você não gostar de alguma coisa, voltamos e pronto – dizia-lhe sua mãe ao vê-la tão angustiada.

O fato de a família inteira acompanhá-la na viagem era certamente um consolo. A sensação de estar protegida dos imprevistos que uma aventura como essa pudesse trazer amenizava a tarefa. Mas, em algum momento, ela – e só ela – teria que se ver cara a cara com o rajá. Como deveria comportar-se com ele? Estenderia a mão, faria uma reverência ou lhe daria um beijo quando tornasse a vê-lo? E ele a pegaria pelo braço como se fossem namorados de toda a vida? Por mais que tentasse imaginar-se com o rajá, não havia o que fazer, não conseguia. “Na França o tempo ficou chuvoso e com neblina”, escreveria em seu diário. “O país parecia um belo jardim, pois não havia um lugar sem cultivar. Mas era noite e continuava chovendo. Eu sentia grande tristeza...” Talvez por despeito por sentir-se “vendida”, ou por vontade de aferrar-se a algo seguro, concordara, na véspera, em posar para Anselmo Nieto, o único entre seus amigos que se opusera ao jogo com o rajá. Passara a tarde com ele, em seu pequeno estúdio da praça Maior. Embora pela enésima vez rejeitasse seus avanços, naquela tarde aceitou posar nua para ele. Talvez o tenha feito para garantir o amor do pintor diante do fracasso do que se lhe avizinhava, como um naufrago se aferra a um salva-vidas. Ou talvez por rebeldia diante do destino que a arrastava ao desconhecido. “Fique, eu suplico. Não participe dessa farsa...”, rogou ele ao deixá-la à noite na portaria de sua casa. Ela lhe respondeu dando-lhe um beijo furtivo, apertando os lábios contra sua boca. Era a primeira vez que fazia algo assim e sentiu um calafrio na espinha. Antes de entrar em casa, voltou-se para olhá-lo uma última vez. Com a jaqueta de veludo puído, a barba rala e o ar de cão abandonado, Anselmo Nieto dava dó. “Não posso voltar atrás”, disse-lhe ela. “Faço isso também por eles”, confessou, referindo-se a sua família. A sorte estava lançada.

O frio a acorda. Não sabe em que trem viaja, nem em que país está. Tudo se confunde em sua mente, cansada de tantas viagens. Senta-se na cama e se agasalha com o robe. Por todas as frestas do vagão, por onde ontem entrava pó, esta manhã

entra ar frio. Estão muito mais ao norte, cruzando as planícies do vale do Ganges, varridas por brisas procedentes do distante Himalaia. Dá uma olhada pela janelinha e a paisagem mudou completamente: agora há campos verdes com flores amarelas das plantações de mostarda e camponeses magros como juncos que detêm seus búfalos para ver o comboio passar. Isso não é a França, tão cinza no inverno; é a luminosa Índia. Mas sente um frio parecido. Que pena não ter alguns jornais para colocar debaixo da roupa, colados à pele, como na viagem a Paris! É um remédio infalível contra o frio, um dos mil truques de sua mãe. As viagens de trem lhe parecem intermináveis, principalmente quando se trata de ir ao encontro de seu inalcançável rei indiano. Estará me esperando na estação desta vez ou fará como sempre?

Nem anteontem estava no porto de Bombaim, nem no ano passado estava na estação do Quai d'Orsay, quando chegou a Paris com seus pais. Em seu lugar o rajá mandou um chofer ao volante de um De Dion Bouton, um precioso automóvel no qual a família inteira se acomodou, e outro carro para a bagagem. Seguiram a margem esquerda do Sena, depois cruzaram a ponte de Alexandre III e atravessaram a praça da Concórdia... Apesar da garoa, pareceu-lhe um passeio belíssimo e Anita teria continuado satisfeita a descobrir a cidade inteira, como o faria uma família comum de turistas endinheirados. Mas não eram turistas, eram estrangeiros cumprindo uma missão incerta e perturbadora. Sob a aparência de família unida, nunca estiveram tão perto da separação, e se nesse dia estavam todos um pouco melancólicos, era talvez porque a pressentiam.

À primeira vista, Paris lhes pareceu muito maior que Madri. Mais ampla, mais rica e mais luxuosa, embora mais triste também. As pessoas caminhavam muito agitadas, depressa e olhando para o chão. A proporção de pedestres bem-vestidos e de automóveis era muito maior que em Madri. O chofer parou na *rue* de Rivoli, na altura do hotel St. James & Albany, em um dos bairros mais aristocráticos da cidade, não muito longe da *place* Vendôme e de suas famosas joalherias, como Chaumet ou Cartier, das quais o rajá era cliente assíduo. No *hall* de entrada do hotel, pareciam uma família de imigrantes em busca de trabalho, em vez de convidados de tão ilustre personagem. Entraram no elevador olhando-se assustados porque era a primeira vez que experimentavam essa invenção. A destreza com que o ascensorista, vestido de uniforme branco, manipulava os comandos de bronze tranquilizou-os, mas cada vez que o elevador dava um pulinho ao mudar de andar, as meninas soltavam um grito contido e os pais se agarravam timidamente às paredes, como se isso pudesse salvá-los no caso de um improvável acidente. Suspiraram de alívio ao chegar ao terceiro andar e sentir terra firme sob os pés. O rajá lhes havia reservado um apartamento muito luminoso que dava para o jardim das Tulherias. Uma chaminé de mármore rosa reinava no salão, decorado com móveis Luís XV. No centro, sobre uma mesa, esperava-os uma farta merenda. Não faltava o mínimo detalhe, tudo evocava um

conto de fadas. Dona Candelária olhava com deleite, como se quisesse impregnar-se para sempre desse ambiente confortável e opulento, enquanto ouvia correr a água quente do banho que as meninas estavam preparando. Ao despir-se e retirar os jornais, as meninas descobriram que o cartaz de Madri ficara impresso na pele das costas. Não podiam lê-lo porque as letras estavam ao contrário, mas adivinharam que dizia “esta noite não haverá espetáculo no Cervantes”, o que as fez rir abertamente.

O rajá não apareceu até o dia seguinte. Fez isso por deferência, para deixar a família descansar e para não pressioná-los. Mas não havia meios de Anita entender seu comportamento. “Se está tão apaixonado por mim, por que não vem agora?”, perguntava-se, roendo as unhas. Sua irmã irritava-a, dizendo a toda hora: “O príncipe chegou!”. Anita ficava vermelha, sentia palpitações e corria para o banheiro para se arrumar, enquanto Victoria rompia em sonora gargalhada.

“O príncipe chegou!”, voltou a dizer Victoria ao meio-dia, apontando para a porta.

– Chega dessa brincadeira, que não tem graça...

Ainda não terminara a frase quando Anita se viu frente a frente com o rajá. Dessa vez era verdade: lá estava ele, vestido como um perfeito cavalheiro, com a correntinha do relógio de mão pendendo do bolso da calça, imponente. Tirou o turbante como se fosse um chapéu e depositou-o em uma cadeira.

– Espero que todos tenham descansado, Anita. Estou muito contente por vê-la – disse em um castelhano perfeito, o que deixou a garota estupefata. Tentava balbuciar alguma coisa, mas nem um único som saiu de sua garganta.

“Como conseguiu aprender espanhol tão rápido?”, perguntava-se ela, mexendo no cabelo porque não tivera tempo de arrumar as tranças.

– Não faz mal que não fale – acrescentou ele ao notar a apreensão da jovem. Então, tirou um dicionário do bolso de seu paletó e começou a procurar palavras. Na realidade, não sabia falar castelhano, só tinha aprendido algumas frases para dar as boas-vindas a Anita e a sua família.

O primeiro almoço no salãozinho do apartamento do hotel St. James & Albany ficou para sempre gravado na memória de Anita e do rajá. Diferentemente de Madri, em Paris o príncipe se encontrava em seu terreno e fazia o papel de mestre de cerimônias. Os outros escutavam. Por meio de um intérprete, disse-lhes que um cabeleireiro iria todos os dias para pentear Anita, que um costureiro passaria à tarde para tirar medidas para fazer-lhe vestidos “de mulherzinha, e não de colegial”. Queria que Anita aprendesse francês, inglês, equitação, tênis, piano, desenho e bilhar. Dom Ángel sorria olhando para sua filha, como se dissesse que, finalmente, receberia a educação que ele não lhe pudera dar. Dona Candelária aprovava com a cabeça. Achava tudo certo: o programa da “menina”, a prataria, os jarros de cristal trabalhado, o garçom com luvas brancas que lhe oferecia pratos que nunca havia

provado, como o linguado ao creme de ervas e a salada de cenouras que suas filhas olhavam horrorizadas... Tudo parecia de seu agrado, até o sabor da água morna de uma vasilha de prata para lavar as mãos que esvaziou de um gole ao terminar a refeição. Depois, pegou a rodela de limão e fincou-lhe os dentes, fazendo uma careta de tão azedo. Ao vê-la agir assim, as “meninas” pensaram que era “o que se devia fazer” e imitaram a mãe. Levaram a vasilha aos lábios e sorveram a água com sabor de limão, estranhando os costumes esquisitos daquele país. Na sequência, dom Ángel efetuou a mesma operação. O rajá teve que fazer um grande esforço para disfarçar seu estupor, enquanto os garçons pareciam estátuas de pedra. Em pé, nos cantos do pequeno salão, só se atreviam a cruzar olhares de consternação.

Esse incidente deve ter influenciado a decisão do rajá de separar Anita de seus pais quanto antes possível. No encontro seguinte, o príncipe chegou acompanhado:

– Anita, apresento-lhe *Madame* Louise Dijon, que será sua dama de companhia a partir de hoje.

Madame Dijon olhou-a com certa estranheza, surpresa com as tranças e com o vestido escuro e um tanto puído; em suma, com o ar de menina pobretona, que em Paris, fora de seu ambiente, se havia acentuado em Anita. A francesa esperava encontrar uma mulher mais formada, com um pouco mais tempo de mundo, como corresponderia a um príncipe, e não uma adolescente provinciana. Mas vivera na Índia e sabia quão caprichosos e mulherengos podiam ser os príncipes orientais.

– Você vai ver como aprende francês rápido, Anita – disse-lhe gentilmente, enquanto cumprimentava o resto da família.

O rajá continuou dizendo que, mesmo sentindo muito, Anita teria que ir morar em um apartamento com *Mme.* Dijon, pois era a única maneira de aprender o idioma e as regras do protocolo. Anita não sabia o significado dessa palavra; pensou que era alguma coisa da Índia e não lhe deu importância. Só pensava na separação de seus pais e não gostava da ideia. O rajá deve ter notado, porque acrescentou:

– Espere.

O intérprete continuou falando:

– Seus pais irão para outro apartamento próximo ao seu e a senhorita poderá vê-los uma hora por dia.

Fez-se um silêncio incômodo, que no final dona Candelária interrompeu:

– Parece-me muito bem pensado. Anita, essa é a única maneira de aprender o idioma. E você precisa disso urgentemente, se não... como vai se comunicar com Sua Alteza?

Anita voltou-se para seu pai, como se buscasse seu apoio desesperadamente, para não ficar sozinha. Dom Ángel olhou-a com olhos mansos e tristes, querendo

balbuciar alguma coisa, mas no final, justamente quando ia abrir a boca, sua mulher adiantou-se:

– A decisão é sua – disse dona Candelária olhando fixamente para sua filha. – É sua vida. Mas é o que Sua Alteza quer, e todos sabíamos que chegaria o momento de nos separarmos.

A sorte estava lançada. A perspectiva de ver-se sozinha, acompanhada por *Mme.* Dijon, uma pessoa com quem também não poderia se comunicar, provocou-lhe uma sensação de angústia. Os vestidos que o costureiro levou não bastaram para devolver-lhe o sorriso. Não estava nem para roupas nem para penteados. Sentia a mordida do destino, e doía.

No percurso pelo subcontinente rumo ao encontro que tem com sua vida, o trem que transporta Anita deixa para trás Bombaim, uma das províncias que compõem a Índia britânica, e adentra a Índia dos principados independentes: Indore, Bhopal, Orchha, Gwalior... Nomes carregados de história que a ela ainda não dizem nada. Fazem parte dos 562 Estados independentes que ocupam um terço da superfície total da Índia (entre os quais também está Kapurthala). Os outros dois terços do país estão subdivididos em catorze províncias – como Calcutá, Madras ou Bombaim –, e cada província, por sua vez, está subdividida em distritos. Essa Índia é diretamente administrada pelos britânicos: é o que chamam de British Raj. A outra é uma espécie de confederação onde os príncipes indianos dispõem de toda a autonomia necessária para governar e administrar seus Estados, mas sempre tutelados pelos ingleses, que constituem a autoridade suprema. A Coroa britânica assume as relações exteriores e a defesa de cada estado e administra muito eficazmente esse gigantesco quebra-cabeça. A princípio, não se intromete nos assuntos internos dos principados, exceto para atuar como mediador quando há tensões ou para destituir algum rajá que se exceder ou tiver questionada sua lealdade ao vice-rei.

Os principados são tão díspares quanto quem os governa. De um lado está Hyderabad, no sul, um Estado soberano que ocupa uma área tão grande quanto metade da Espanha. Do outro, minúsculos reinos no oeste de apenas um quilômetro quadrado. Na península de Kathiawar há 282 principados que, juntos, correspondem à superfície da Irlanda. Kapurthala faz parte dos cinco principados do Punjab e tem apenas 600 quilômetros quadrados. Os ingleses conseguiram unificar o subcontinente graças a uma hábil política de alianças e ao prodígio de uma invenção moderna, o trem. O chefe de cada estação importante costuma ser um empregado inglês que, uniformizado como em seu país, apitando ordena aos comboios circular ou parar.

Mas cada principado continua sendo governado, como sempre foi, por soberanos locais que exercem um poder absoluto dentro de suas fronteiras e que se referem a si próprios de maneiras diferentes, segundo sua própria tradição. O nome muda, como também mudam as bandeiras e os uniformes dos policiais e militares que Anita vislumbra pela janela do trem. No sultanato de Bhopal, importante entroncamento ferroviário onde o comboio para durante várias horas, mulheres governam, as famosas begumes, cobertas da cabeça aos pés pela *burqa*. “Parecem fantasmas!”, diz Anita ao ver uma foto oficial pendurada na parede da estação. No Estado de Hyderabad, um dos maiores da Índia e também muçulmano, o soberano é chamado

de *nizam*. Em outros estados muçulmanos é chamado de *mir*, *kham* ou *mahatar*. E os hindus costumam chamá-los de rajá, uma palavra de origem sânscrita que significa ao mesmo tempo “o que governa” e “o que tem que agradar”. Em certos lugares utiliza-se o termo *rao*, como em Jodhpur, ou *rana*, como em Udaipur, o que faz a jovem espanhola morrer de rir: “Um rana!³ Prefiro ser a mulher de um rajá!”. Os especialmente venerados, antigamente, recebiam do povo o prefixo *maha*, que em sânscrito significa “grande”. Assim, um marajá (*maharaja*) é, literalmente, um grande rajá. Hoje, a distinção de *maha* só é concedida pela autoridade suprema, o vice-rei inglês, como recompensa por serviços prestados à Coroa ou pela lealdade e importância de alguns soberanos. Os ingleses não admitem que os rajás se denominem reis, como no passado. No Império britânico só cabe um rei: o da Inglaterra.

Isso não os impede de reivindicar a glória de sua linhagem, como o *maharana* de Udaipur, que se julga descendente do Sol, ou o marajá de Jodhpur, que também acredita descender do Sol. Outros mais recentes, como os Holkar de Indore ou os Gaekwads de Baroda, começaram sendo ministros ou generais e, graças a sua astúcia e ao poder político que souberam acumular, acabaram sendo soberanos. Todos pertencem ao seleto clube de aristocratas indianos no qual Anita está prestes a entrar. Muitos deles são amigos pessoais do rajá de Kapurthala. Alguns são cultos, outros encantadores e sedutores, outros cruéis ou ascéticos, outros muito grosseiros, outros um pouco loucos, e quase todos excêntricos. O povo os adora, porque vê em seus príncipes a encarnação da divindade. Desde sempre as crianças da Índia crescem escutando as fabulosas aventuras de seus reis heroicos envolvidos em terríveis lutas contra déspotas cruéis. São histórias que falam de sofisticadas intrigas palacianas, de traições e conspirações, histórias que descrevem as fugas noturnas de princesas apaixonadas, as noites eróticas das concubinas preferidas, os sacrifícios das rainhas desesperadas... Histórias que falam de riquezas incomensuráveis, de palácios luxuosíssimos e de gigantescas quadras de cavalos, camelos e elefantes. Histórias nas quais a fronteira entre a realidade e o mito é tão difusa que se torna difícil saber onde acaba uma e começa o outro.

E também há histórias de amor, como a simbolizada por um monumento que Anita pode contemplar ao longe, do trem, que em sua rota rumo ao norte rodeia a cidade de Agra, a antiga capital do Império mogol. Com minaretes que se elevam ao céu e uma abóbada de mármore branco onde os raios de sol se refletem, o Taj Mahal evoca a grandeza do amor e a insignificância da vida. Mausoléu concebido por um imperador mogol chamado Shah Jehan para honrar a memória da mulher por quem um dia se apaixonara, o Taj Mahal exala uma serena magnificência, uma sensação de

beleza imortal que não deixa ninguém indiferente. “Um imperador se apaixonou por uma garota e a transformou em imperatriz... Lembra alguma coisa?”, pergunta-lhe *Mme. Dijon*, divertida. Anita sorri, pensando no rajá que a espera dentro de poucas horas.

– Continue, continue com a história...

– Diz a lenda que, certa manhã, no mercado do palácio, assim que a viu, seus olhos cravaram-se nela. Era muito bonita, como uma imagem saída de uma miniatura persa. Estava sentada atrás de sua barraca, cercada de sedas e contas de colares quando o príncipe se aproximou. Perguntou-lhe quanto custava um pedaço de cristal entalhado que brilhava entre um monte de pedraria. “Isso?... Você não tem dinheiro para pagar! É um diamante”, disse ela. Conta a lenda que Shah Jehan entregou-lhe então dez mil rupias, que era uma quantidade exorbitante, deixando a garota boquiaberta. Talvez fosse seu desembaraço ou sua beleza: algo nela o cativara. Cortejou-a durante meses e no fim conseguiu casar-se com ela. Deu-lhe o nome de Mumtaz Mahal, “A escolhida do palácio”...

– E...? – Anita aguarda impaciente o resto da história.

– O que mais você quer saber? Tornou-se imperatriz e sua conselheira. Conquistou o coração do povo porque sempre intercedia pelos mais pobres. Os poetas diziam que a Lua se escondia de vergonha diante da presença da imperatriz. Ele comentava todos os assuntos de Estado com ela, e quando os documentos oficiais estavam finalmente redigidos, mandava-os ao harém para que ela pusesse o selo real.

– Ao harém? – pergunta Anita intrigada. – Como podia ter outras mulheres se estava tão apaixonado por ela?

– Os imperadores podem ter todas as mulheres que quiserem, mas sempre há uma que lhes rouba o coração.

– Ah! – suspira a malaguenha, como se essa explicação servisse de exorcismo a seus temores.

– Depois de dezenove anos de casados, ela morreu de parto, ao dar à luz seu décimo quarto filho. Tinha trinta e quatro anos. Dizem que durante dois anos o imperador guardou luto rigoroso, sem ostentar joias nem trajes suntuosos, sem participar de festas nem banquetes e sem sequer ouvir música. Para ele, a vida deixou de ter sentido. Cedeu o comando das campanhas militares a seus filhos e dedicou-se de corpo e alma a construir esse mausoléu em memória de sua mulher. Chama-se Taj Mahal, uma abreviação do nome da imperatriz. Dizem que ela, em seu leito de morte, teria sussurrado a ideia de erigir um monumento “à felicidade compartilhada”. Agora continuam juntos em uma cripta sob a cúpula branca.

Não deixava de ser um paradoxo o fato de o monumento considerado no mundo inteiro símbolo supremo do amor entre um homem e uma mulher ter sido

concebido e executado por um homem cuja religião autorizava compartilhar o amor com várias mulheres. Mas, como Anita já sabia, o amor não conhece fronteiras, nem tabus, nem raças, nem religiões.

O imperador Shah Jehan encontrou um pobre consolo em sua outra grande paixão, a arquitetura. Estava obcecado por construir, como se, tendo vislumbrado, com a morte de sua mulher, a fugacidade da vida, adivinhasse também a fragilidade de seu império. Para combatê-la, dedicou-se a erguer monumentos capazes de sobreviver às tempestades da História.

Sua ânsia de eternidade traduziu-se em palácios, mesquitas, jardins e mausoléus que enchiam de glória e beleza as cidades do norte da Índia. Transformara em uma avenida belíssima margeada de árvores, ao longo de seiscentos quilômetros, a estrada que liga Agra a Délhi e depois a Lahore, no norte. A via férrea segue essa antiga estrada, maltratada pelos vaivéns da História. Não está tão cuidada nem tem tantas árvores como nos tempos do Império mogol. Mas é a grande artéria comercial da Índia, The Grand Trunk Road, a mesma que Kipling mostrou ao mundo em seu romance *Kim*. Na entrada dos povoados formam-se longas caravanas de carros de bois cheios de frutas, hortaliças e de todos os produtos da região. Para Anita, a paisagem parece quase familiar. É o Punjab, uma das regiões mais belas e férteis do país, uma paisagem de campos dourados de trigo e cevada, de prados floridos cercados por álamos, um mar ondulante de cereais, milho e cana-de-açúcar, atravessado por rios de águas prateadas e povoado por camponeses de turbante que empunham seus arados puxados por bois descarnados. O “celeiro da Índia” é tão verde que Anita lembra certas partes da França. O clima é agradável nessa época do ano e é até fresco à noite.

– Estamos chegando – diz *Mme. Dijon*, interrompendo o devaneio da garota. – Vamos maquiá-la e penteá-la como uma verdadeira princesa.

Anita tem um sobressalto. A iminência da chegada provoca-lhe uma mistura de desassossego e excitação. As perguntas voltam em tropel: “Ele virá me receber desta vez? Como vou lhe dizer: “Alteza, tenho um filho seu no ventre”? Quando lhe conto? Como vai reagir? E se não gostar da ideia?”.

– *Madame*, como se diz em francês “estou grávida”? *Je suis embarrassée...*?

– Não, assim não. Você tem que dizer: *J'attends un enfant, Altesse*. Estou esperando um filho.

– Estou esperando um filho... Certo – repete Anita olhando a paisagem e acariciando o ventre, como se quisesse confirmar para si mesma que é verdade.

Lola, sua criada, aparece com uma caixa de madeira laqueada que contém pentes de madrepérola, escovas de prata e todo o necessário para um penteado espetacular,

enquanto *Mme.* Dijon tira do armário do compartimento as roupas de Paris.

* * *

A primeira vez que viu esses vestidos, no apartamento do St. James & Albany, Anita olhava-os como se fossem uniformes de trabalho. Estava tão angustiada e desconcertada pela ideia de separar-se de seus pais que tinha dificuldade de reparar nas soberbas criações de Worth e de Paquin que o rajá ia tirando de delicados envoltórios de papel de seda, como um mágico tira pombas de sua cartola. Dona Candelária olhava com os olhos muito abertos, enquanto Victoria, eufórica diante do desfile de alta costura, instigava sua irmã: “Não seja boba... Quem me dera!”.

Quando Anita entrou em seu quarto para provar os vestidos, percebeu que tinha lágrimas nos olhos. Ficou sentada um longo tempo na beira da cama, esperando que o choro acalmasse. Precisava ficar sozinha, mesmo que por alguns minutos. Sozinha para afugentar o medo do desconhecido que a torturava agora mais do que nunca. Quando se acalmou, provou o primeiro vestido, um longo de mangas justas, com gola alta sustentada por barbatanas e corpete muito justo, e pôs-se na frente do espelho. Pela primeira vez viu-se como uma mulher, não como uma adolescente. Pensou que assim se apresentaria pelo resto de sua vida, “como uma dama”. Ao girar para ver-se melhor, foi percebendo que a roupa lhe caía muito bem: as mangas, os ombros, a saia... o corte era perfeito. Começou a achar-se bonita, e gostou disso. Além do mais, a textura do tecido fazia com que se sentisse envolvida por uma luva de veludo. Mas, como os pés se enroscavam naquele voo de saias, andava com dificuldade. “Não tinha outro remédio senão sair para o salão”, escreveria Anita em seu diário, “mas segurava o vestido recolhido com as duas mãos com medo de cair.”

– Você está deslumbrante... – disse-lhe o rajá com um amplo sorriso de satisfação, enquanto ela se sentava na primeira cadeira que conseguiu para não tropeçar.

O príncipe a contemplava como um escultor observa a estátua que está modelando. Ver a todos tão admirados animou Anita, que começou a brincar com a confusão de saias e saíotes. O cabeleireiro recém-chegado teve que ouvir pacientemente as instruções do rajá, que tinha seu próprio critério, um gosto muito definido e veleidades de artista. Afinal de contas, Anita seria sua criação. “O cabeleireiro colocou muito creme, uma cascata de cachos sobre a cabeça e milhares de grampos. Aquilo pesava, e minhas duas tranças já não se viam mais.” O resultado deixou sua família e o rajá deslumbrados. O bom dom Ángel exibía um sorriso angelical, dona Candelária olhava para sua filha como se a visse pela primeira vez e Victoria revirava os olhos com uma inveja saudável. Aquela garota já não se parecia

mais com a figurante do Kursaal, já não era uma dançarina de café-concerto; parecia uma princesa.

Na realidade, ainda era uma menina. Quando naquele dia o rajá se despediu dela, entregou-lhe uma bolsinha de malha: “Para você”, disse. Ao abri-la, Anita descobriu que estava cheia de luíses⁴ de ouro. Nunca vira tanto dinheiro junto. Levantou o olhar para seu protetor. Dessa vez sentia-se verdadeiramente agradecida. Esse presente nada tinha a ver com aquelas cinco mil pesetas que o intérprete do hotel Paris fora um dia oferecer-lhe e que tão mal lhe haviam caído. Seu “rei mouro” era definitivamente um cavalheiro. O tratamento que dispensava a sua família e a delicadeza que mostrava com ela faziam-no merecedor de todo tipo de elogio. Quanto caminho percorrido!

– O que você vai fazer com o dinheiro? – perguntou sua irmã quando o rajá foi para seu apartamento no hotel Meurice, a duas quadras de lá.

– Vou comprar uma boneca – respondeu Anita sem pensar duas vezes.

³ “Rana”, em espanhol, significa “rã”. (N. T.)

⁴ Antiga moeda francesa de ouro, no valor de vinte francos. (N. T.)

Aquele homem que tanto a impressionava e intimidava tornou-se uma espécie de anjo da guarda para ela e para sua família. Seus primeiros temores resultaram infundados. Não precisaram andar de mãos dadas como namorados de toda a vida. Não houve nenhuma cena constrangedora, nenhuma manipulação, nenhum avanço sexual, nem uma única nota fora de tom que tivesse semeado alguma dúvida quanto ao comportamento do rajá. Ao contrário, o tratamento que lhes dispensou foi a todo momento especial. Só demonstrava cortesia, generosidade e elegância. Além disso, instalou a família em um apartamento de luxo a duas quadras do St. James & Albany e arranhou-lhes uma empregada espanhola para que cozinhasse os pratos de sua terra. Para os Delgado era “o príncipe”, o homem que lhes dera uma posição e uma segurança invejáveis na vida e cuja reputação era preciso proteger até a morte. Desde os convites para o teatro, para que toda a família pudesse desfrutar as melhores revistas parisienses, até as maravilhosas joias com que presenteava Anita, todos os gestos do rajá levavam à convicção de que estava profundamente apaixonado pela garota. Porém era uma situação difícil de racionalizar. Apaixonara-se por uma espanhola, quando era fascinado por tudo o que fosse francês. Apaixonara-se por uma mulher sem *pedigree*, quando era um homem obcecado pela linhagem, como todo rajá, e pelas castas, como todo indiano. Apaixonara-se por uma mulher que era quase uma menina e a quem seria complicado encaixar em sua vida sem causar atritos e tensões. Estava tão apaixonado que não poupava meios de demonstrar seus sentimentos. De suas viagens pelo mundo, acompanhava muito atentamente, por meio de *Mme. Dijon*, os progressos de Anita. E sempre a surpreendia com sua atenção aos detalhes, como toques de magia que se somavam à atmosfera de conto de fadas: o cacho de uva moscatel pela manhã para o café da manhã, por exemplo; a garrafinha de azeite de oliva para temperar as saladas; a maravilhosa boneca que lhe deu de presente, de surpresa; o casaco de pele e as botas que no primeiro dia de neve chegaram da melhor peleteria de Paris... Para não falar de presentes mais suntuosos. Antes de deixar a França, deu-lhe dois estojos de veludo azul. Em um havia duas pulseiras de ouro e esmeraldas; no outro, um anel de platina e brilhantes.

– Não o tire do dedo; assim todos saberão que você está comprometida e que vai se casar.

Depois, deu-lhe um beijo na testa. Essa foi sua despedida.

– Não lhe faltará nada, Anita. Aprenda muito, e rápido, para que possa vir logo juntar-se a mim.

“Não conseguia dizer nada, pela emoção”, recordaria ela em seu diário. “Acho que já gostava dele um pouco e lamentava que fosse embora.”

O rajá escrevia-lhe e mandava telegramas. Um dia, um pouco antes de partir, recebeu flores e chocolates enviados de Londres com uma nota escrita em castelhano: “Estude e não fique triste”. Tanta consideração atiçava a vontade de Anita, que redobrava seus esforços para dominar um idioma com que pudesse se comunicar com seu príncipe. Dedicou-se com afínco a aprender inglês e francês. Não perdia nenhuma aula de tênis nem de equitação, nem de piano ou desenho, nem de bilhar, um jogo muito em moda na sociedade da época. Também assistia a aulas de protocolo – já lhe haviam explicado de que se tratava – na casa da viúva de um antigo diplomata francês. Essas aulas incluíam “comportamento, atitude e boas maneiras”. Anita fazia confusão com as infinitas regras: na França era malvisto cortar a alface com a faca, era preciso dobrá-la com o garfo, o que exigia um exercício de contorcionismo de pulso quase impossível de realizar com dignidade. Também na França era falta de educação comer com uma mão debaixo da mesa, enquanto na Inglaterra isso era o correto. Comer com os dedos era o mais terrível de tudo, exceto na Índia, onde se apreciava que os estrangeiros mexessem na comida com as mãos, segundo a máxima que dizia: “aonde você for, faça o que vir”. Que confusão! Dizer “bom apetite” antes de cada refeição era considerado uma vulgaridade em todo lugar, assim como agradecer ao criado ou garçom depois de servir-se da bandeja. E nada de perguntar pelo banheiro ao notar a pressão premente de algum gás interno, mas pelo *toilette* ou quarto de banho. Anita aprendeu a descascar a fruta e o caranguejo com garfo e faca, a fazer reverência conforme a categoria da personalidade a quem tivesse que cumprimentar, aprendeu quais palavras usar para parabenizar alguém ou para dar os pêsames, como combinar as cores ao vestir-se, como evitar o excesso de maquiagem, como redigir convites... Definitivamente, toda uma linguagem de gestos e frases indispensáveis para fazer parte do *Almanaque de Gotha* mundial. No dia em que soube da função das vasilhas com a rodelinha de limão para lavar as mãos, teve um ataque de riso tão grande que teve que ir ao *toilette* para secar as lágrimas. Mas não quis explicar a razão de sua hilaridade à viúva do embaixador, porque sentia um pouco de vergonha.

Pouco a pouco foi deixando de sentir falta da presença constante de sua família, a quem via uma vez por semana, ao mesmo tempo que estreitava seus laços de amizade com *Mme. Dijon*. A francesa mostrava-se sempre carinhosa e complacente, sem por isso deixar de ser rigorosa no cumprimento de sua missão. Sabia tratá-la como uma menina ou como uma mulher, conforme as circunstâncias. Da mesma maneira passava uma tarde no apartamento cortando e bordando roupas com Anita ou acompanhava-a ao alto da Torre Eiffel, passeava com ela a cavalo pelo Bois de Boulogne ou esperava pacientemente que terminasse sua aula de tênis. Desfrutava o fato de a estar iniciando na vida parisiense, com seus salões de chá, seus grandes

mercados, suas salas de cinema, seus teatros e suas exposições. Anita, com os olhos muito abertos, nutria-se do ambiente da grande cidade. Reparava em tudo, desde o modo como as mulheres se movimentavam com desembaraço com seus vestidos – aprendeu a recolher as saias para descer escadas “deixando aparecer as anáguas de tafetá” – até o cheiro de manteiga das doçarias; o costume francês de comer o cordeiro quase cru ou a lendária antipatia de alguns parisienses. Mostrou-se uma aluna agradecida e fácil de levar que aprendia rápido e a quem não era necessário repetir duas vezes a mesma coisa. Era perseverante, de atitude aberta e humilde diante do que desconhecia e de uma curiosidade sem limites. Era o que *Mme. Dijon* contava ao rajá, que a distância sentia a satisfação do trabalho benfeito.

No dia de seu aniversário, a dama de companhia surpreendeu Anita com um bolo com cem velas que encomendara. Todas estavam acesas.

– Mas eu só tenho dezessete anos! – exclamou.

– É para que viva cem anos, e que sejam todos muito felizes – respondeu *Mme. Dijon*. Anita, comovida, abraçou-a calorosamente.

Depois, na sala do apartamento, encontrou um estojo de artigos de toalete de prata para viajar, um presente que a encheu de emoção porque evocava a grande viagem que tinha pela frente. Também encontrou, junto às entradas para o balé clássico do teatro da Ópera, seu espetáculo favorito, belos binóculos de madrepérola que havia pedido para poder ver de perto os bailarinos. A paixão pela dança que tinha dentro de si encontrara em Paris um terreno propício para se desenvolver. Todas as semanas assistia a um espetáculo.

Assim foram passando os meses, entre aulas, passeios de carro e noites no teatro. Uma vida organizada, que Anita soube aproveitar para educar-se e tornar-se mulher do mundo. Acabou falando bem francês e escrevendo melhor que o castelhano, mas não havia maneira de perder o forte sotaque espanhol. Ela ficava nervosa, embora *Mme. Dijon* a tranquilizasse dizendo que lhe dava um toque exótico muito atraente. Seus pais também se defendiam em francês, principalmente sua irmã Victoria. Tinha um namorado americano “muito bonito e muito rico”. Conhecera-o em uma recepção na embaixada britânica para a qual o rajá, antes de ir embora, convidara as irmãs. Chamava-se George Winans e pertencia a uma conhecida família de Baltimore. Falava pelos cotovelos e era o protótipo do sedutor. Dizia ter inventado um automóvel de propulsão elétrica que pretendia patentear para produzi-lo em uma das fábricas que seu pai tinha na Suíça. Anita não tinha gostado nem um pouco daquele pretendente tão grosseiro; achou que era um fanfarrão. Mas não se atrevia a dizer nada a sua irmã, para não desiludi-la.

Os Delgado estavam cansados de viver em Paris, onde praticamente não conheciam ninguém. Apesar do luxo que os cercava, ardiam de desejo de voltar para Madri para usufruir seu novo *status*. Para eles, o futuro não podia ser mais promissor. Sonhavam acordados com seus projetos de se mudar para um apartamento grande, contratar empregados ou até, talvez, comprar um automóvel... A honra era a única coisa que os mantinha na França. Para desfrutar um regresso triunfal a Madri, sabiam que antes tinham que casar a menina, embora fosse em um frio procedimento de algum cartório parisiense. Aquele trâmite os liberaria, abrindo-lhes as portas da boa vida, da opulência e da segurança. Mas isso exigia a presença do rajá.

E o príncipe demorava demais da conta para aparecer. Várias vezes anunciara sua chegada, e várias vezes cancelara a viagem no último momento, sempre por razões alheias a sua vontade. Tão longa se tornou a espera que Anita começou a acalentar dúvidas: “Será que ainda me ama, ou já passou e por isso não vem mais? E se vier e já não gostar mais de mim?”. De qualquer maneira, uma espera de seis meses, quando se tem dezessete anos, parece eterna.

Um dia, quando voltava ao hotel, de sua aula de protocolo, julgou reconhecer uma silhueta familiar dando grandes passadas de um lado para o outro em frente aos pórticos da *rue* de Rivoli, como se esperasse alguém. Já no *hall*, Anita percebeu: “Mas é Anselmo!”. Ele não a havia reconhecido por causa de suas roupas e de seu penteado de grande senhora. Mas ela sim. Era o mesmo de sempre, com seu ar de boêmio e seu rosto de castelhano seco, que o fazia parecer um toureiro.

– Vim pintar em Paris – disse. – Terminei o curso da Academia de San Fernando e me lancei... Esta é a capital do mundo para a arte...

– Você é corajoso, parabéns.

Naquela noite jantaram todos juntos no apartamento dos pais. Anselmo levava notícias frescas da Espanha, embora nada de significativo tivesse acontecido desde que partiram. O ambiente político continuava exaltado; enquanto isso, o rei Alfonso XIII e sua “inglesinha” batizavam naquela mesma semana seu rebento na Costa Azul francesa, “como se não estivessem nem aí para o que acontece na Espanha”, protestava Anselmo. No mais, a Cibele continuava no mesmo lugar, a turma, agora maior, reunia-se na lanchonete de Candelas e a barba de dom Ramón estava cada vez mais longa.

Dona Candelária não viu graça na visita desse “pé-rapado” que estava apaixonado por sua filha e que podia atrapalhar todos os seus faraônicos projetos, e, quando ele foi embora, advertiu Anita de que não o deveria tornar a ver. O conselho serviu para que ela fizesse exatamente o contrário. No dia seguinte marcaram de se encontrar na

entrada da galeria de Ambroise Vollard, o *marchand* que havia descoberto os impressionistas. Entre paisagens provençais, nus e cenas de almoços à beira de rios tranquilos, Anselmo perguntou-lhe se era feliz. Sem hesitar, Anita respondeu:

– Sim, embora a situação seja um pouco estranha. Estou aprendendo muitas coisas, tudo é novo para mim, mas não sei muito bem como tudo isso vai acabar. O rajá está há muito tempo ausente, e às vezes tenho dúvidas...

– Mas ele a ama, ou não?

– Acho que me ama... Se não, por que estaríamos aqui?

– E você, o ama? Anita ficou pensativa.

– Sim – disse depois de uma longa pausa.

– Você não parece muito convicta.

– É que tudo é tão irreal... Às vezes sonho que acordo e estou na cama de meu frio quarto de Madri, levando a vida de antes... E quando acordo de verdade e me vejo no quarto do hotel, diante do café da manhã que me trazem em bandeja de prata..., aí não sei se estou dormindo ou acordada!

Riram a valer. Anita prosseguiu:

– Às vezes me pergunto se ele existe de verdade... Quase não nos conhecemos, mas o que sei é que me trata como uma rainha, e isso faz com que sinta algo por ele... chame isso como quiser.

– Anita, em que confusão você se meteu! Eu vinha lhe propor uma aventura muito mais apaixonante...

– Ah, é? – disse ingenuamente. – Conte.

– Aluguei um quarto em Montmartre, perto de onde meu amigo Pablo Ruiz, de Málaga, mora; acho que você gostaria muito de conhecê-lo. O quarto tem algumas goteiras e fica no sexto andar, sem elevador, não vou enganá-la. Mas a vista dos telhados de Paris é muito mais romântica que a que você pode ter do seu quarto de hotel... Continuo?

– Claro que sim... – disse, sorrindo.

– Proponho que você venha morar comigo.

– Sem nada além do amor, certo?

– Mais ou menos... – disse, devorando-a com o olhar.

Anita olhou-o com ternura e mostrou-lhe sua mão, onde refulgiam os brilhantes do anel de compromisso que o rajá lhe dera de presente. Anselmo mudou de tom e começou a falar sério:

– Eu lhe ofereço amor de verdade, Anita. E felicidade, que não tem nada a ver com o dinheiro do seu rei mouro...

– Não o chame assim! – interrompeu ela.

Anselmo surpreendeu-se com a virulência de sua reação. Parecia entender que o jogo estava perdido.

– Senti muito sua falta.

– Eu também... no começo. Mas eu mudei, Anselmo. Já não sou a mesma de antes.

– Claro... – disse, resignado, escondendo suas mãos para que ela não visse que tremiam de emoção.

Acabaram passando a tarde no estúdio de Pablo Ruiz, que assinava os quadros com o sobrenome de sua mãe, uma tal Picasso. Os tetos eram altíssimos, com claraboias que deixavam passar uma luz plúmbea. Anita divertiu-se com o ambiente espanhol de gente de sua idade, sem a presença de seus pais. Riu muito com as piadas de Pablo, malaguenho divertido e mulherengo que não parou de cantá-la. As paredes estavam forradas com seus quadros, que Anita não gostou porque pintava rostos e corpos “desencaixados”, e por isso não lhe previu um futuro muito brilhante. Era o princípio do cubismo. E sentiu-se totalmente à vontade naquele ambiente de artistas boêmios, porque era parecido ao que havia conhecido em Madri. Esse era seu mundo. Mas, apesar de Anselmo tentar mostrar isso a ela, e por mais que ela intuísse isso, não tinha outro remédio além de aferrar-se ao sutil conto de fadas no qual desempenhava o papel de Gata Borracheira. De qualquer maneira, era um alívio pensar que, se o conto estourasse como uma bolha de sabão, ainda lhe restaria o mundo de seus velhos amigos artistas para refugiar-se.

* * *

A aula de equitação era seu momento favorito do dia. Uma carruagem com o escudo de Kapurthala pegava-a pontualmente e, depois de percorrer os Campos Elíseos, pegava uma das estradas que adentram o Bois de Boulogne, onde ficava o clube hípico mais seletos da cidade. Naquele dia Anita estava sozinha, sem *Mme. Dijon*, que ficara no apartamento do hotel alegando uma *crise de foie*, uma crise de fígado, por ter comido muito. Anita achava muito engraçada a expressão, porque na Espanha nunca tinha ouvido ninguém se queixar do fígado. Os espanhóis tinham dor de barriga ou de estômago, e esse negócio de fígado deixavam para os médicos.

O Bois de Boulogne estava naquele dia mais bonito que de costume, ou pelo menos assim lhe pareceu. Uma luz de fim de verão infiltrava-se por entre o arvoredo, tingindo a folhagem de toda uma gama de verdes. Chovera na noite anterior e sentia-se o cheiro da umidade da terra. O piso estava macio, e pensou que era um dia perfeito para dar um passeio depois da aula, em vez de ficar dando voltas no picadeiro. Lunares era o nome de sua égua, um exemplar hispano-árabe, com ancas brancas com manchinhas cinza e uma longa cauda da mesma cor. Pertencia à quadra que o rajá mantinha sempre em Paris. Era uma égua dócil e fácil de montar, capaz de

responder prontamente se o cavaleiro exigisse. Era, sem dúvida, a melhor amiga de Anita depois de *Mme. Dijon*.

O professor permitiu que ela desse uma volta, desde que seguisse o caminho que margeava alguns tanques e pequenos lagos e que subia e descia pelos pequenos morros do parque. Já havia saído sozinha em outras ocasiões e sempre voltava encantada. Era como gozar intensamente de um instante de pura liberdade, em comunhão com a égua e com a exuberante natureza do bosque.

Naquela manhã atreveu-se a ensaiar o trote e o galope curto. Divertia-se com a mudança de uma cadência a outra, que Lunares executava com precisão e suavidade. Gostava de sentir que controlava a égua e que havia perdido completamente o medo. Isso e a força do vento no rosto proporcionavam-lhe uma sensação inebriante.

Mas, em certo momento, notou que Lunares estava ficando excitada e teve que puxar muito as rédeas para que não saísse a galope. Mesmo assim, custava-lhe mantê-la sob controle. “O que será que ela viu?”, perguntava-se Anita. “Por que está descontrolada?” Logo viu a explicação: outro cavaleiro a seguia. Ouvia o trote de um cavalo cada vez mais próximo, enquanto se jogava para atrás com todas as suas forças para frear sua égua. Mas seus esforços não davam resultado e ocorreu o que sempre tanto temera: Lunares deixou de obedecer a suas instruções e desembestou, saindo a galope pelo campo, exatamente por onde o professor a havia proibido de passar. Anita sentiu o pânico, mas aferrou-se a sua sela e conseguiu manter o equilíbrio. Lembrou-se do que tinha que fazer nesses casos: puxar suavemente uma rédea para um lado para que o cavalo galopasse em círculo aberto no começo e depois cada vez mais fechado, até conseguir detê-lo. Mas não teve tempo de fazê-lo: o cavaleiro que a seguia a estava alcançando. Sentia o animal arfando cada vez mais próximo. Anita amaldiçoou-o com todo seu repertório de insultos andaluzes enquanto o cavaleiro a ultrapassava e pegava as rédeas de Lunares, diminuindo a louca corrida, até que ambos os cavalos se encontraram trotando e depois andando suavemente.

– Você tem que ser mais firme com Lunares – disse uma voz conhecida.

– É você quem manda, não ela.

Era o rajá. Chegara a Paris na noite anterior depois de assistir em Nice ao batismo do filho de Alfonso XIII com a “inglesinha”. Ligara para *Mme. Dijon* para arranjar o encontro com Anita no Bois de Boulogne. A dama de companhia não estava doente; era cúmplice de seu patrão, que quisera surpreender sua amada de um jeito romântico.

Anita estava pálida. O susto e a emoção do reencontro deixaram-na desconcertada.

– Não era minha intenção assustá-la, mas esses animais são muito competitivos. Não esqueça que Lunares foi campeã quando corria, por isso não gosta que a ultrapassem. De resto, você monta muito bem, com bom estilo.

– Obrigada.

O rajá sorriu ao contemplar Anita, que recuperara o fôlego. Estava muito bonita com o cabelo desgrenhado, as bochechas vermelhas e as têmporas brilhantes de pérolas de suor.

– *Mme.* Dijon também me disse que você aprendeu muito bem francês. Estou orgulhoso de você, Anita – acrescentou com seu tom sempre um pouco paternal.

– *Merci, Altesse.* Quis ficar à altura da confiança que deposi...

Ensaíara a frase mil vezes, porque mil vezes imaginara a cena do reencontro. Mas já lhe soava oca. Assim, mudou de tom:

– Estou muito contente por tornar a vos ver, Alteza. Cheguei a pensar que vos havíeis apaixonado por outra mais bonita e graciosa que eu, e que não voltaríeis mais...

– Não deixei de pensar em você nem um momento, Anita – disse o rajá, rindo.

– Nem eu em vós, Alteza.

Aquele dia foi o primeiro que passaram juntos e sozinhos, *tête-à-tête*, como dizem os franceses. À noite jantaram no Chez Maxim's, que também oferecia o melhor *french can can* de toda a Paris. Anita estava resplandecente. Pentearam-na com arte e os brincos de esmeraldas que o rajá lhe dera de presente davam um toque de luz à pálida beleza de seu rosto. Certamente, não era a mesma dos meses anteriores. Seus gestos, sua maneira de servir-se, de olhar, de levar o garfo à boca ou de cortar a carne pouco tinham a ver com seus bruscos movimentos de antes. As aulas da viúva do embaixador haviam surtido efeito. Ao falar, tinha ainda mais graça que antes, porque misturava palavras espanholas com um francês pouco ortodoxo. O rajá parecia muito orgulhoso de “sua obra”. Conseguira mudar a menina: de fato, vestida e maquiada como naquela noite, não parecia uma menina. Era uma esplêndida jovem mulher. Mas o que mais o comovia era que pela primeira vez notava que ela se interessava por sua pessoa. Fazia-lhe perguntas sobre Kapurthala, sobre suas viagens recentes, sobre sua saúde e sobre seus gostos. Estava desinibida e, talvez sem perceber, falava com ele como uma mulher fala com seu homem. O rajá disfarçava a duras penas seu júbilo.

Quando acabou o espetáculo saíram do restaurante e dispensaram o chofer. Voltaram caminhando pela praça da Concórdia, desta vez segurando-se “como namorados da vida toda”, mas já não importava, porque agora Anita queria isso. Fazia uma temperatura deliciosa e naquele momento Paris era a cidade mais romântica do mundo. Ela abriu seu coração, liberando a torrente de sentimentos e emoções que reprimira durante meses, como as águas de uma represa quando se abrem as comportas. De modo que não se atreveu a romper o prazer do primeiro e único dia de intimidade que tiveram. Subiram à suíte do hotel Meurice e, no calor

da lareira de mármore do dormitório, ele começou as primeiras carícias; fez isso com tanto cuidado que a ela pareceu natural a sugestão de que desabotoasse o vestido. Enquanto o fazia, ele foi até o *closet*; quando voltou, vestia um robe branco como a neve que deixou cair no chão antes de deslizar para a cama. Ela seguiu-o como uma gazela assustada. Ele pegou sua mão, crispada de medo, mordiscou-lhe os dedos e depois acariciou-lhe a curva do pescoço, os pelos dos braços..., assim, até que, desprevenida, notou que lhe tocava os seios. Anita sentiu um calafrio de prazer por todo o corpo e alegrou-se por estar quase no escuro, para que ele não percebesse o rubor de suas bochechas. Depois entregou-se, sem medo, mas com dor, deixando no lençol, como vestígio daquela noite de amor, um cravo vermelho de sangue.

O relógio da estação de Jalandar vai dar dez horas da manhã quando aparece o trem entre nuvens de vapor, anunciado pelos estridentes apitos que o maquinista gasta generosamente. A estação, enfeitada com bandeirinhas azuis e brancas, é pequena como corresponde a um acantonamento do exército britânico. Jalandar é um povoado, embora desde a construção da estrada de ferro venha crescendo. O rajá não quis que o trem passasse pela cidade de Kapurthala, um pouco mais a oeste, porque se veria obrigado a ir à estação cada vez que algum alto dignitário britânico ou indiano passasse por lá; isto é, quase todos os dias, porque o Punjab é uma zona de passagem rumo à Ásia Central. Achou que isso seria um incômodo que perturbaria sua plácida existência de monarca. Assim, usou suas influências na capital para que a estrada de ferro passasse por Jalandar.

Assim que o comboio para, um oficial com o uniforme do exército de Kapurthala entra no vagão e, depois de apresentar seus respeitos às distintas passageiras, pede-lhes alguns minutos de paciência. O trem está um pouco adiantado, mas faltam alguns detalhes. “É para mim?”, pergunta Anita ao ver quatro indianos desenrolando um tapete vermelho entre duas fileiras de palmeiras, formando um corredor.

– *Yes, memsahib...* – responde o oficial. – *Welcome to Punjab.*

Assim que desce os degraus do vagão, colocam-lhe ao redor do pescoço guirlandas de flores brancas – nardos. Anita fecha os olhos. A fragrância traz-lhe à memória o perfume de Tuberose que o rajá lhe havia trazido de Londres. “Kapurthala tem esse cheiro no inverno”, dissera-lhe. “Se você gostar, agradar-me-ia se o usasse.” Durante o resto de sua vida Anita identificaria o cheiro de nardo com seus primeiros anos na Índia. Com essa fragrância flutuando no ambiente, é como se já estivesse na frente de seu príncipe; mas não, ele não está em lugar algum. Cada dois passos um indiano com turbante, uma mulher ou uma menina colocam-lhe um colar de flores e depois unem as mãos em uma saudação: “*Namaste!*”. São só sorrisos, olhares quentes cheios de curiosidade. E música. Uma orquestra, disfarçada no balcão da estação, toca o hino de Kapurthala, enquanto um corpo de soldados da guarda do rajá escolta-a de ambos os lados até a sala de espera. Anita volta a cabeça buscando uma silhueta familiar, mas não vê ninguém. Está cercada de rostos desconhecidos, de gente que não para de colocar guirlandas em seu pescoço, guirlandas que se amontoam e vão crescendo até que quase lhe encobrem a visão. Uma chuva de pétalas de flores recebe-a ao entrar na sala de espera, onde se encontra diante de altos funcionários de Sua Alteza e membros do governo local. O que dizer? O que fazer? Há um momento de desconcerto, porque ninguém se mexe no tumultuado *hall*, até que uma mulher se

aproxima de Anita para ajudá-la a livrar-se do peso das guirlandas. Aliviada, a espanhola volta a olhar e então o vê, atrás da porta, olhando-a com seu eterno sorriso. O rajá estivera espiando suas reações e riu muito com a apoteótica chegada da espanhola.

– *Altesse!*

Anita tem vontade de jogar-se em seus braços, mas se contém. Não ouvira *Mme.* Dijon dizer cem vezes que a educação consiste em dominar os sentimentos e controlar as paixões – e, aproveitando, fazer o menor barulho possível? Ele parece encontrar-se na mesma situação, porque não afasta o olhar de sua amada. Devora-a com os olhos e, se pudesse, a abraçaria. Mas a Índia tornou-se puritana, e não é de bom tom mostrar os sentimentos em público. No começo do século XX, uma rigorosa mentalidade vitoriana rege os costumes. Longe estão os primeiros tempos da entrada europeia, quando a atmosfera libertina da Índia scandalizava os religiosos e atraía os interesseiros. Tudo era permitido então: que um branco fizesse a circuncisão para casar-se com “uma moura”, que uma europeia se juntasse com um nativo, que se convertessem ao hinduísmo, ao siquismo ou ao cristianismo, que um inglês tivesse filhos com uma *bibi* (uma nativa), que as europeias fumassem narguilé ou vestissem *kurta*... Longe está a época do marquês de Wellesley, que, pouco depois de chegar a Calcutá, depois de ter sido nomeado governador-geral em 1797, mandou uma carta a sua mulher, uma francesa chamada Hyacinthe, pedindo-lhe permissão para ter uma amante: “Rogo-lhe que entenda que o clima desta terra despertou tanto meus apetites que não posso viver sem sexo...”, dizia-lhe na carta. Na volta do correio, a muito elegante Hyacinthe respondera: “Copule se se sentir absolutamente obrigado a isso, mas faça-o com toda a honra, a prudência e a ternura que demonstrou comigo”.

Eram outros tempos. Agora, a moral imposta pelos colonizadores vê com maus olhos os assuntos de amor e sexo, principalmente quando são entre homens e mulheres de raças e religiões diferentes, ou de classes diferentes. Por isso nenhum oficial inglês foi receber Anita, a *spanish dancer*, como já a definem os informes oficiais de cuja existência nem ela nem o rajá suspeitam. Nem sequer um militar do destacamento apareceu, nenhum dos oficiais residentes em Kapurthala. É uma evidente falta de gentileza para com o rajá, que ignora que a notícia de seu iminente casamento representou um terremoto no Indian Political Service, o corpo diplomático do vice-rei, cujos agentes representam o Império britânico nos principados indianos. Para as altas esferas do poder colonial, o casamento é um escândalo.

– Como foi a viagem?... – pergunta-lhe, enquanto cumprimentam os oficiais do exército e os altos funcionários que esperam em fila que o novo casal passe.

– Tinha tanta vontade de chegar... Escrevi um diário, como me mandastes, e, quando o lerdes, perceberéis quão longo me pareceu, porque...

Anita está prestes a soltar a única coisa que realmente lhe importa dizer nesse momento, mas não é o lugar apropriado. Tem que assumir seu papel, sorrir e inclinar levemente a cabeça diante dos ministros do rajá e das autoridades que a observam com curiosidade. É seu primeiro ato oficial. Pela intensidade dos olhares, percebe que sua presença deve ter causado uma pequena revolução na sociedade local. Com certeza devem estar se perguntando como será a esposa europeia do príncipe. Desde que Kapurthala existe, é a primeira vez que um rajá se dispõe a fazer algo parecido.

Na saída da estação espera-os um precioso automóvel, um Rolls-Royce Silver Ghost azul-marinho, conversível, um modelo de 1907, o carro-chefe da indústria automobilística britânica e considerado “o melhor carro do mundo”. O príncipe senta-se ao volante. Ele gosta de dirigir pessoalmente essa recente aquisição de sua escuderia, que conta com outros quatro Rolls-Royce. O motor de seis cilindros arranca com um suave ronronar. O casal abandona a estação deixando a multidão para trás. O Rolls-Royce pega a estrada, que não é mais que um caminho empoeirado onde com frequência é preciso ultrapassar elefantes, carros de bois ou algum camelo. Em poucos minutos passam pela frente de um grupo de policiais que se colocam em posição de sentido à passagem do carro azul com o escudo real.

– Esta é a fronteira... já estamos em Kapurthala.

A estrada está guardada por policiais postados a intervalos regulares, vestidos com o uniforme azul e prata do estado. Nas retas, Anita segura seu chapéu de palha florido com uma mão para que o vento não o leve. “Às vezes o carro alcançava a vertiginosa velocidade de sessenta quilômetros por hora”, escreveria em seu diário.

– Já há uma data para o casamento, *Altesse*? – pergunta Anita, gritando para que sua voz se possa ouvir acima do vento.

– Não me chame de Alteza. *Appelle-moi “chéri”*...

– É verdade, faz tanto tempo que não vos vejo que me havia esquecido...

– Ainda faltam alguns preparativos... Espero que possamos celebrá-lo em janeiro... Os astrólogos nos dirão o dia exato. Tem que ser um dia propício. Você sabe, é o costume daqui...

Anita morre de vontade de contar já, mas prefere esperar. Por enquanto, o percurso de carro absorve seus cinco sentidos ao revelar-lhe a beleza de seu novo país. As aldeias, idênticas umas às outras, parecem saídas de um conto. Na entrada sempre há um riacho onde as mulheres lavam a roupa e os homens asseiam os animais. As casas são de barro com quintazinhos onde pululam ao sol cães, cabras, búfalos e vacas. As crianças, descalças e com os olhos pintados de *khol*, ficam paralisadas ao ver o imponente veículo, mas logo reagem e começam a persegui-lo. Nos campos,

grandes búfalos arrastam em lenta rotação pesadas pedras que trituram o trigo e o milho. As mulheres amassam o esterco e a palha em forma de bolo, que deixam secar sobre os muros das casas de adobe. As aldeias cheiram à fumaça desses bolos, que, quando secos, servem de combustível nos fogões.

A estrada torna-se de repente mais larga. As grandes árvores que a margeiam foram plantadas por iniciativa do rajá, que quis imitar as estradas francesas. É sua maneira de levar um pouco do ar europeu para seu cantinho no Punjab. Ao fundo aparece uma aglomeração de casas, entre as quais se pode distinguir o edifício vermelho do Tribunal de Justiça, a cúpula branca da Gurdwara (o templo sique) e o telhado de ardósia de um imenso palácio francês. É a cidade de Kapurthala, capital do estado.

– Este é o palácio que você fez para mim? – diz Anita, mostrando um edifício que lembra o palácio das Tulherias.

– Não a conhecia quando comecei a construí-lo. Na verdade, nunca imaginei que esse palácio seria estreado por uma mulher tão bonita, mas agora vejo que sim, tem que ser para você.

– Vamos nos casar lá, *mon chéri*?

– Não está terminado. Tive que interromper as obras há dois anos porque houve uma grande fome e o povo precisava de minha ajuda, mas agora tenho pressa de vê-lo acabado.

A cidade é pequena, com belos edifícios que mostram o gosto do rajá pela arquitetura, pois muitos são obra sua. Conta com cinquenta mil habitantes, em sua maioria siques. Há uma grande comunidade muçulmana e outra hindu, e minorias budistas e cristãs. É a Índia em miniatura, com a mesma mistura de raças e religiões que convive desde tempos imemoriais. De fato, um ramo da família do rajá é cristã, convertida em meados do século XIX por missionários ingleses. Uma prima do rajá, chamada Amrit Kaur, é descendente dessa parte da família.

– Quero que você a conheça... Tenho certeza de que vão se dar bem.

O rajá prefere não parar o automóvel na cidade porque não quer que ninguém veja a noiva antes da cerimônia, como mandam os cânones do siquismo. Passam rapidamente diante da escola, a segunda do Punjab depois da de Lahore. Agora também admite meninas, uma novidade na Índia, uma iniciativa que ao rajá custou muitas brigas com os setores muçulmanos mais fundamentalistas para levá-la adiante. Em frente estão as cavaliças com soberbos exemplares de raça árabe e também quadras com largos portais onde vivem os elefantes reais. O rajá evita entrar pela rua do bazar, cheia de tendas e lojas que vendem comida, tecidos, especiarias e joias, em plena ebulição a essa hora do dia. Ao fundo da rua encontra-se o palácio onde agora reside, um antigo edifício de estilo hindu de quatro andares com baixos-relevos e murais na fachada.

– Lá moram meus dois filhos menores, quando estão na cidade... E eu também durante esses dias...

Anita não pergunta se suas mães também residem lá. Um calafrio de inquietude percorre-lhe a espinha ao pensar em tudo o que ignora da vida de seu marido. É um mal-estar indefinível, uma sensação estranha, como se seu conto de fadas escondesse uma amarga realidade que cedo ou tarde explodirá em suas mãos. Por isso prefere não perguntar. Agora, o importante é aproveitar o momento. Sabe que não terá que morar nesse antigo palácio, como uma “moura em um harém”. O rajá lhe prometera e nada a faz duvidar de que cumprirá seu compromisso.

Seu palacete encontra-se nos arredores do povoado, em uma paisagem idílica. Ao descer do carro, os guardas apresentam suas armas como saudação oficial. Juntos, Anita e o rajá fazem sua entrada na *Villa Buona Vista*, que ele construiu como pavilhão de caça e que parece saída de um postal da Riviera italiana.

– O que se caça por aqui, *chéri*?

– Cervos, gamos, javalis e alguma pantera, quando se tem sorte. Não precisa se assustar – acrescenta ao ver a expressão de Anita. – A vila é vigiada dia e noite por guardas armados.

A *Villa Buona Vista* encontra-se às margens de um braço do rio Sutlej, que flui entre juncos, bambus, álamos e salgueiros cujos lânguidos ramos acariciam a superfície prateada da água. Como seu nome indica, o palacete foi inspirado nas grandes vilas tradicionais da Riviera italiana e é mais um capricho do rajá, obcecado pela Europa. A fachada é ocre com molduras brancas e as persianas foram importadas diretamente de Gênova. Há grandes janelões que abrem para um jardim maravilhoso, com fonte renascentista italiana e árvores centenárias – álamos, choupos, *neems*, mangueiras, fícus... –, cuja frondosidade esconde as duas quadras de tênis e o embarcadouro. Um roseiral parecido com uma selva de rosas brancas, canteiros de nardos e lírios, arbustos minuciosamente recortados e um gramado com ilhas de palmeiras pelas quais passeiam gansos, famílias de patos, faisões e garças de longas patas amarelas acabam de configurar esse pedaço do paraíso.

– Depois do casamento, moraremos aqui até que finalizem as obras do novo palácio...

O interior é decorado como uma casa europeia. Anita dá um pulo de alegria ao ver no vestíbulo de entrada uma escultura de bronze: “Emocionei-me muito ao ver um busto meu, para o qual eu havia enviado minhas medidas e que Sua Alteza mandara um escultor em Londres fazer no ano anterior”.

– Quero mostrar-lhe a casa para ver se tudo é de seu agrado...

Um piano reina em um dos salões junto a várias poltronas e confortáveis sofás de couro. Tapeçarias francesas de gobelino e quadros clássicos decoram as brancas paredes. A sala de jantar, ao estilo de Napoleão, tem uma grande mesa de mogno e

cristaleiras cheias de louça de Limoges e cristais da Boêmia, de imagens de Sèvres e de uma coleção de ovos de Fabergé. Envolvida em um dossel de seda que desce do teto, a cama de bronze de Anita, em seu quarto do primeiro andar, parece irreal, como saída de um sonho. O rajá não deixou faltar nem um único detalhe: as fotografias que Anita foi tirando em Paris estão emolduradas em magníficos porta-retratos de prata e marfim. Sua penteadeira está abastecida de todo tipo de perfumes e cosméticos, incluindo o Tuberoze inglês e toda a linha Bouquet Imperial da perfumaria francesa Roger & Gallet, outra preferida do rajá. A sala de banho é de mármore, com torneiras de prata e água corrente. Sobre seu criado-mudo, uma caixa de seus chocolates belgas preferidos e uma garrafa de Évian. Todos os meses, o rajá manda trazer da França um trem inteiro de garrafas de água.

– Ficarà à vontade?

Anita não responde. Observa tudo como se estivesse em um castelo encantado. Aproxima-se e abraça-o.

– Quero que você descanse muito para que esteja em plena forma no dia do casamento – prossegue o rajá. – No total, serão vários dias de celebrações...

– Tem razão, *mon chéri*. Preciso descansar muito... Sabeis por quê?

– A viagem foi eterna... Como eu sei!

– Não é pela viagem, é que espero um filho vosso, Alteza.

O rajá sorri e seu rosto parece iluminar-se. Pega Anita no colo, abre o dossel e deita-a suavemente na cama.

– Mas isso tem que ser comemorado!

– *Mon chéri*, agora não... – balbucia Anita. – *Mme*. Dijon e Lola estarão prestes a chegar.

Mas o rajá não a escuta. Levanta-se e indica a um criado que feche a porta. E depois volta para abraçá-la e cobri-la de beijos, sussurrando palavras de amor que despertam nela sensações mal conhecidas. Saltam os grampos, as anáguas deslizam e caem no chão, as pedras preciosas dos anéis do rajá parecem luzes sobre o criado-mudo.

Anita Delgado desfruta plenamente seu conto de fadas. O desejo é maior que o daquela noite em Paris, quando se entregou pela primeira vez. Hoje o faz sem medo, sem dor, com a alegria que lhe proporciona a formidável aventura que está vivendo.

Grávida de cinco meses, a suave curvatura de seu ventre mal se nota, mas, por via das dúvidas, diz à criada indiana que aperte bem forte o sári ao enrolá-lo. É a primeira vez que o experimenta, e é o sári do casamento. Quatro homens acabam de trazê-lo dentro de uma caixa. Anita ficou perplexa:

– Este é meu vestido de noiva? – pergunta a *Mme.* Dijon, visivelmente decepcionada. Não se parece nada com os vestidos brancos e vaporosos das noivas espanholas. De fato, nem sequer é um vestido: são dois cortes de tecido. – Como visto isso?

– Não se preocupe. Virá uma criada da mãe de Sua Alteza para ajudá-la a vestir-se.

Anita não imagina como se pode usar aquilo. A peça de tecido mede seis metros de comprimento por um e meio de largura. Apalpa-a com os dedos e observa-a detidamente. É um corte de seda de Benares, vermelho amapola, com enormes rosas bordadas em ouro e prata, e nas bordas uma faixa de prata que em um dos lados tem meio metro de largura. É uma peça belíssima, mais fácil de imaginar na parede de um museu do que sobre seu corpo.

A criada da mãe de Sua Alteza é uma mulher idosa, uma *aya*, como as chamam na Índia. Vestida de branco e com o rosto muito enrugado, é uma especialista em arrumar as senhoras. Envolve Anita pouco a pouco com duas voltas e, na terceira, com seus dedos nodosos, faz muitas pregas, que vai colocando na frente, em forma de leque, para que possa andar sem dificuldade. Com o tecido restante dá outra volta sobre as costas e, passando-a debaixo do braço, cruza-a pela frente, cobrindo-lhe a cabeça como um véu, de modo que pode se movimentar sem que caia. Anita olha-se no espelho. O sári realça sua elegância e disfarça a incipente barriga. Gosta de ver-se assim, vestida de princesa oriental.

O astrólogo fixou a data do casamento para 28 de janeiro de 1908. Os siques, como os hindus, casam-se nos meses de inverno, considerados propícios. Parece que no dia estabelecido a feliz conjunção de Júpiter com o Sol augura uma boa sorte duradoura para os esposos e a ventura de ter pelo menos três filhos. Há vários dias não param de chegar presentes à casa, desde estátuas de cristal entalhado, miniaturas de arte mogol, uma pele de tigre dissecada e relógios de parede, até potes de mel ou sacos de lentilha vermelha, obséquios de camponeses que veneram Sua Alteza. Mas o presente que mais entusiasma Anita é uma gazela com grandes cílios de mocinha, presente do marajá de Patiala, um estado vizinho a Kapurthala.

Os primeiros dias em *Villa Buona Vista* dedica-os a dormir e a adaptar-se a sua nova vida. Não obstante, acorda com frequência devido a pesadelos, nos quais se vê despedaçada por uma pantera ou lutando armada apenas com agulhas de tricô contra

um escorpião do tamanho de uma caixa de biscoitos. As histórias de caçadas impressionaram-na muito, mas, além disso, Anita vem com a mesma bagagem de fantasias que inflama a imaginação dos europeus: na Índia curam as doenças com poções mágicas elaboradas à base de pó de unicórnio? Existem plantas de folhas tão grandes que podem esconder uma família inteira? Os diamantes são do tamanho de ovos de codorna? O que Anita descobre é uma realidade mais atraente que essas lendas pobres: o fausto e o refinamento da corte de Kapurthala – com seus espetaculares palácios com jardins onde sempre se ouve a água correr entre os arrulhos das pombas e onde flutuam aromas de nardo e cravo –, a obsequiosidade dos punjabis, os passeios com *Mme. Dijon* na extravagante carruagem guiada por um cocheiro e com dois criados disfarçados de lacaios franceses, como os de Versalhes; um deles leva uma sombrinha para protegê-la do sol e o outro um espanador grande para afugentar as moscas... Como se não bastasse, vão escoltadas por dois lanceiros a cavalo, com o uniforme prata e azul de Kapurthala. Anita acha tudo muito divertido, e não é para menos. Seu único pesar é não poder compartilhar esse perpétuo assombro nem com sua família nem com seu marido. O rajá despedira-se dela até o dia do casamento, porque se acredita que traz má sorte o noivo visitar a noiva antes da celebração.

Anita vive cercada por uma nuvem de criados. Para onde vira a cabeça há um criado, ou escondido em um canto, ou aguardando uma ordem, ou simplesmente esperando o tempo passar. Andam descalços, deslizam pelo piso de mármore e ela não os ouve andar. “Movem-se como fantasmas”, diz Lola. Uma enorme quantidade de alpargatas, chinelos e sapatilhas coloridas forra a entrada dos aposentos onde vivem e cozinham. Os criados não deixam que Anita faça nada, nem sequer que pegue sua tesoura quando cai no chão. Várias vezes ao dia levam-lhe água em um recipiente de prata com borda de filigrana para não transbordar. Enquanto um o segura, e outro verte água de uma jarra sobre suas mãos, uma criada aproxima um pratinho com um sabonete, outra estende-lhe uma toalha e a última arregança suas mangas para que não se molhem. Anita nunca teve as mãos tão limpas. Na hora do banho, uma *aya* verte água sobre seu corpo, água que outros criados aqueceram primeiro em brasas ardentes, e outra criada esfrega-lhe a pele. Lola está desorientada; já não sabe qual é seu papel. Sente falta da intimidade que tinha com sua senhora, embora, por ora, e enquanto Anita continuar usando roupa europeia, seja ela quem a ajuda a vestir-se.

Na véspera do casamento acontece um incidente que muito revela da vida na Índia. Ao voltar de um passeio pela beira do rio, Lola sobe ao quarto enquanto Anita fica embaixo, atendendo a dois alfaiates que foram trabalhar na varanda, sentados no

chão com as pernas cruzadas. Têm espetadas nos turbantes agulhas com fios de diversas cores, que pegam conforme vão precisando. De repente, um grito terrível, a voz de Lola rompe a quietude da vila. O grito foi horrível, como se estivesse sendo degolada. Anita precipita-se escadas acima, perguntando-se se Lola não teria cruzado com alguma serpente ou sido vítima de uma agressão. Quando chega a seu quarto, encontra-a paralisada em um canto, apontando com o dedo para a cama, onde jaz um passarinho morto olhando para o teto. Há plumas por todos os lados e restos dos excrementos do pássaro mancham a colcha, os móveis e os tapetes. Provavelmente, entrou no quarto e não encontrou a saída. Exausto e desesperado, acabou sem vida sobre a cama.

– Filha, mas que exagero!

– Ah, senhora, é que me dá muita aflição!

Anita ordena ao mordomo que limpe o quarto, mas ele se desculpa: “Mim não poder tocar animal morto”, balbucia em um inglês muito básico.

– Como? – diz Anita, surpresa.

O mordomo sai e chama o *sweeper*, o que varre, o que “muda o pó de lugar”, como diz Anita. O homem, ao ver o pássaro na cama, nega com a cabeça: “*Sorry, memsahib*, mim estar proibido tocar animais mortos”. Chama, por sua vez, o encarregado da limpeza dos vasos sanitários, mas este também não quer assumir o traslado do cadáver do pássaro. Cada criado vai procurando outro que pertença a uma casta mais baixa. Mas na vila todos se negam.

– O que fazemos, então? Será que eu vou ter que dormir com esse pássaro na minha cama? – Anita repreende o mordomo.

– Senhora, é preciso ir ao bazar procurar um *dom*, um homem de uma casta muito baixa...

– Pois vá, então...

– Senhora, eu não posso me dirigir a um *dom*...

– Então mande alguém!

– Desculpe, senhora, será preciso pagar o *dom* para fazer esse serviço.

É de enlouquecer. Depois de uma tarde inteira de discussões, Anita dá umas moedas a outro criado, que regressa ao anoitecer com um *dom*, um indiano pertencente à casta dos que lidam com os mortos durante as cremações.

Fino e ossudo como um junco e com a pele “ultranegra”, como diz Anita, cumpre sua missão como um verdadeiro profissional. Coloca o animal em um saco e vai embora.

A grande quantidade de criados é reflexo da variedade de castas a que os indianos vivem limitados, protegidos por seu grupo, mas também submetidos a regras que

nunca transgridem. E são regras que chegam ao extremo, como Anita irá descobrindo. Por exemplo, os Purada Vannam formam uma casta cujos membros não estão autorizados a sair durante o dia porque não são considerados suficientemente “puros” para serem vistos por brâmanes, de castas superiores. São condenados a viver na escuridão da noite. Ou as mulheres de Travancore, no sul, que são proibidas de cobrir os seios diante de membros de castas superiores.

Nesse mundo, Anita tem que se acostumar a lidar com um enxame de criados, a aprender que quem serve à mesa não é o mesmo que lhe traz o chá pela manhã; que o cozinheiro cozinha, mas não lava a louça; que há dois encarregados de varrer o chão e que não fazem outra coisa além disso; que o encarregado de alimentar os cavalos não é o mesmo que o que os prepara para montar; que uma criada se encarrega de recolher a roupa suja para que um *dhobi*, um lavadeiro, a carregue em seu burrinho e a lave no tanque mais próximo etc. Tem que aprender o que tiveram que aprender as esposas dos oficiais, dos militares e dos comerciantes ingleses: não se deve pedir a um criado que faça algo que se considere abaixo de sua casta ou que seja contrário a sua religião. É uma regra de ouro que, sempre que for rigorosamente cumprida, garante paz e uma convivência agradável com os serviçais.

A constante chegada de gente que vem para finalizar os preparativos do casamento cria um ambiente de grande exaltação em *Villa Buona Vista*. Um verdadeiro exército de jardineiros dedica-se a plantar orquídeas e canteiros de crisântemos e a podar todos e cada um dos arbustos. No fundo do jardim outra equipe ergue a *shamiana*, enorme tenda de seda multicolorida que foi testemunha das cerimônias nupciais de todos os antepassados do rajá desde o século XVII. Por sua antiguidade e pelo refinamento de seus motivos, só é usada nessas grandes ocasiões. Numa certa manhã aparecem dois carros de bois repletos de tapetes para forrar o chão da tenda, assim como o caminho que a une à entrada da mansão, a cujos lados colocam tochas. Nos cantos vão sendo amontoados pratos com o escudo da Casa de Kapurthala, caixotes cheios de talheres entalhados, soberbos candelabros de prata, recipientes de cobre etc. É como se houvessem esvaziado a gruta de Ali Babá na vila do rajá.

Diante da importância dos preparativos, o humor de Anita oscila entre a euforia e a melancolia. Justamente na véspera, e talvez diante da iminência da celebração, teve uma crise de saudade. Não consegue parar de pensar em seus pais e em sua irmã. O que se avizinha é seu verdadeiro casamento – o acontecimento mais importante de sua vida – e é muito triste para ela que nenhum membro de sua família ou nenhum amigo esteja presente. De que vale viver todas essas experiências maravilhosas se não pode compartilhá-las com ninguém? Parece-lhe como comer comida sem sal: por

melhor que seja o prato, sempre tem pouco sabor. A lentidão do correio – as cartas demoram de quatro a seis semanas para chegar – aumenta ainda mais a sensação de isolamento. E Lola não serve para compartilhar nada. A malaguenha queixa-se de tudo porque tudo lhe dá medo. Tem medo de ficar em casa, mas também de sair; de passear pelo jardim porque diz que há serpentes e aranhas – embora ainda não tenha visto nenhuma; tem medo das *ayas* vestidas de branco, e incomoda-a o sabor do *curry* e o cheiro de incenso; definitivamente, tudo lhe parece muito estranho e não entende nada. Ainda bem que *Mme. Dijon* ressalta sempre o outro lado das coisas. O desprendimento e a tranquilidade que sua dama de companhia mostra é a melhor terapia contra a inquietude e a angústia. Mas nessa noite nem sequer *Mme. Dijon* consegue consolá-la. Anita soluça, morta de tristeza, até que adormece, enquanto Lola, deitada em sua cama no mesmo quarto e contagiada pelo ânimo de sua senhora, também se desmancha em um mar de lágrimas, e o barulho que faz ao assoar o nariz é a única coisa que perturba o silêncio da *Villa Buona Vista*.

28 de janeiro. Às três da manhã, as *ayas* da mãe de Sua Alteza vêm acordá-la. Anita, com os olhos ainda fechados, entra na banheira, que não está cheia de água quente, mas de leite de burra morno, como o das antigas princesas mogóis. Depois de um bom tempo de molho, as *ayas* pedem-lhe que se deite sobre uns tecidos colocados no chão. É o momento da massagem. As mãos hábeis e cuidadosas das mulheres untam-na com óleo de gergelim de cima a baixo, animadas por um ritmo tão discreto quanto inflexível. Como se fossem ondas, saem do lado, cruzam as costas e sobem para os ombros. Enquanto isso, entoam um cântico que conta os amores de Rama e de sua deusa Sita. Estendem-lhe os braços, que massageiam delicadamente, um após o outro, e depois fazem pressão sobre sua mão para fazer o sangue circular da palma para os dedos. O ventre, as pernas, os calcanhares, a sola dos pés, a cabeça, a nuca, o rosto, as abas das narinas e as costas são acariciados sucessivamente, vivificados pelos dedos suaves e dançantes das *ayas*. É parte de sua iniciação à Índia do *Kama Sutra* e ao Oriente das *Mil e uma noites*; de modo que a princesa espanhola emerge de sua letargia de tristeza para enfrentar com coragem o dia mais importante de sua curta existência.

Conforme contaria Anita em seu diário, demoram mais de duas horas para penteá-la, maquiá-la e vesti-la. Fazem-no com um corpete de cetim cor de amapola completamente bordado em ouro com botões de pérolas, que lhe colocam sobre o corpete de seda branca que as indianas usam no lugar do sutiã. Depois enrolam-na em seda branca muito fina e depois no precioso tecido do sári. Sapatilhas vermelhas bordadas com fios de ouro e pulseiras e colares de pérolas completam o traje de

noiva. Anita teme que, ao mover-se, toda essa armação desmorone, mas as *ayas* estendem-lhe a mão para que se coloque na frente do espelho, e então percebe que o sári é confortável e fácil de usar. As *ayas* sorriem, orgulhosas como fadas por terem conseguido a transformação da *memsahib* em uma princesa indiana.

“Quando me vi refletida no espelho, achei que era um sonho, pois tinha a aparência de uma imagem pintada.”

– Parece uma virgem! – diz-lhe sua criada.

Lola continua com o humor nostálgico. Na realidade, o casamento de sua patroa parece afetá-la ainda mais que à própria interessada. Brotam-lhe as lágrimas.

– Se dona Candelária a visse... que a senhora seja muito feliz e que o Senhor do Grande Poder a proteja de todo mal!

Anita também está com a sensibilidade à flor da pele. Só espera que não tenha que se arrepender de nada, mas o choro de sua criada perturba-a e a leva a questionar o que está fazendo. Sente dentro de si um vulcão de emoções díspares e contraditórias que brigam entre si. Para apaziguar sua alma e lutar contra a vontade de desatar a chorar, tranca-se em seu quarto e põe-se a rezar de joelhos à Virgem de sua devoção, a Virgem da Vitória, santa padroeira de Málaga.

São cinco da madrugada quando batem à porta. Acabou-se o tempo. Anita persigna-se, sai do quarto e as *ayas* guiam-na escadas abaixo. Em seu andar há algo que lembra as éguas recolhidas ao serem levadas de novo à praça de touros. Mas desta vez a praça é um salão esplendidamente iluminado e cheio de gente, indianos em sua maior parte, vestidos de gala. Até os criados usam magníficos uniformes. Embaixo, o rajá, que chegou em uma carruagem dourada puxada por quatro cavalos brancos, espera-a.

– Você parece uma deusa – diz, cobrindo-lhe o rosto com o véu do sári e acrescentando: – Não devo ver seu rosto antes do fim da cerimônia.

“Era a primeira vez que o via com um traje sique e armado. Usava uma túnica de veludo azul-safira bordada em prata, uma calça *jodhpur* e uma camisa branca sem gola abotoada com belos prendedores de safira. O turbante era salmão, a cor reservada à família real, com um enorme broche de esmeraldas e brilhantes. De seu cinto pendia uma magnífica espada curvada de sique com punho de prata e pedras preciosas.”

Ele também não pode ver a noiva, e colocam-lhe alguns colares formados por pérolas diminutas na testa, que formam uma pequena cortina de franja. Esse ritual, antiga herança do islamismo, tem sua explicação no costume popular de os noivos casarem-se sem se conhecer nem se terem visto antes, pois o casamento é sempre decidido e organizado pelas famílias. Tradicionalmente, no islamismo, o primeiro encontro cara a cara ocorre no final, já casados. Pode ser um momento de pura magia

ou exatamente o contrário: uma surpresa pouco agradável. Mas este não é o caso dos príncipes de Kapurthala, que seguem de mãos dadas rumo à *shamiana*⁵ sob os sabres cruzados da guarda do palácio e ao som da marcha nupcial de Mendelsshon executada pela orquestra do Estado. No interior da tenda estão, de um lado, os aristocratas indianos e os ministros, ostentando trajes muito vistosos. Do outro, a exígua colônia britânica de Kapurthala; isto é, o governador inglês (o representante da Coroa no Punjab, talvez o único com mais poder que o próprio rajá), exibindo um peito cheio de condecorações; o médico e o engenheiro civil, em companhia de suas enfeitadas esposas, que olham para a Anita com um misto de desdém e compaixão. *Mme.* Dijon, com um elegante vestido verde e um chapéu combinando, levanta-se para aproximar-se e beijar Anita:

– *Quel beau destin le vôtre...* (“Que belo destino o seu”) – diz-lhe, exibindo um franco sorriso.

Suas palavras tocam o coração de Anita. Seus olhos ficam úmidos, mas não quer secá-los com medo de estragar a maquiagem.

Dois anciãos siques, com turbantes cor de malva e longas barbas brancas, como personagens míticos saídos de um conto oriental, acompanham o casal para que se sentem sobre luxuosas almofadas bordadas, bem atrás de uma enorme balança. Anita acha que são sacerdotes, mas no siquismo não há clérigos. São fiéis que têm sob custódia um livro de grossa capa de pergaminho, o *Granth Sahib*, a Bíblia dos siques, uma compilação dos ensinamentos dos grandes gurus – os grandes mestres – dessa religião nascida no Punjab para lutar contra as castas e os anacronismos do hinduísmo e do islamismo. O livro é o centro de todas as atividades religiosas dos siques: diante dele batizam seus filhos, diante dele casam-se e, quando morrem, os familiares do falecido leem em voz alta capítulos inteiros.

Aceitai este livro como vosso mestre Reconhecei a humanidade como uma só

Não há distinções entre os homens.

Saem todos do mesmo barro Homens e mulheres iguais

Sem mulheres ninguém existiria

Exceto o Senhor eterno, o único que não depende delas...

O diário de Anita refletiria suas impressões: “Como eu não entendia absolutamente nada e tinha o rosto protegido pelo véu que me cobria, dediquei-me a olhar tudo atentamente para contar ao pessoal da Espanha”.

Os primeiros raios de sol tingem de rosa o interior da *shamiana*. Quando as orações terminam, um dos anciãos siques aproxima-se para indicar aos noivos que podem dar sequência ao ritual mais importante do ponto de vista religioso. Os esposos põem-se em pé e, segurando as pontas de um xale, dão quatro voltas ao

redor do livro sagrado. Depois o ancião convida os esposos a conhecer-se “oficialmente”. Lentamente, cada um deles afasta o véu do outro com sua mão livre. O rosto alegre do rajá aparece diante dos olhos amendoados de Anita, que sente as batidas de seu coração. Então ouve-se a música e os convidados rompem em aplausos. Entre cânticos e congratulações, os esposos aproximam-se de novo do livro sagrado. Os anciãos siques abrem o livro quatro vezes seguidas. A primeira letra de cada página vai configurando o novo nome da esposa, uma tradição puramente sique segundo a qual todas as mulheres casadas se chamam *Kaur* – “princesa” – , e a esse nome acrescenta-se o resultante da consulta ao livro. Para Anita saem as letras que formam a palavra *Prem*: “amor”.

– Prem Kaur, esse será seu novo nome. “Princesa de amor...” Muito bom! Anita parece satisfeita com seu novo nome, que já circula de boca em boca pelo exterior da tenda, como uma exalação, pelas aldeias vizinhas, pelos caminhos, pelos campos e até pela cidade. O mais extravagante dos ritos é o último. É um rito de origem hindu adotado pelos imperadores mogóis da Índia e finalmente por quase todos os príncipes do subcontinente. O rajá senta-se sobre uma almofada em uma bandeja da balança. Na outra, um sique coloca lingotes de ouro até equilibrar o peso. Esse ouro servirá para comprar comida e distribuí-la aos pobres; é a maneira que o monarca tem de fazer com que todos os seus súditos participem de sua alegria. Fazem o mesmo com Anita, que pensa: “Poucos vão poder se alimentar com minha comida, porque peso só cinquenta e dois quilos”.

* * *

Nessa tarde, quando Anita, no alto de seu elefante ricamente enfeitado, entra na cidade para encontrar-se com seus súditos, não pode deixar de lembrar o dia em que, em Madri, viu a rainha Vitória Eugênia desfilar depois de ter se casado com Alfonso XIII. Anita vislumbrou, então, o próprio futuro, como um brilho fugaz que logo afastou de sua mente. Porém, como nos sonhos mais extraordinários, aquela visão se materializou. A garota, que ainda não completou dezoito anos, contempla o espetáculo com olhos muito abertos e com uma grande tranquilidade, da qual não desfrutara nos últimos dias. Pessoas a quem nunca viu inclinam-se para saudá-la, riem de entusiasmo por ela, rezam por ela. As flores, os perfumes, a música, os rostos emocionados que se voltam para ela... Como isso tudo é impressionante!

O cortejo de elefantes adentra a cidade e é recebido por treze disparos de canhão, o número de salvas que corresponde ao rajá de Kapurthala por sua lealdade à Coroa britânica. Os ingleses encontraram uma maneira original de determinar o procedimento: pelo número de salvas atribuído aos príncipes. Quanto mais

importante for o principado e o rajá, maior será o número de salvas. Ao *nizam* de Hyderabad correspondem 21 tiros de canhão. Ao rei imperador da Inglaterra, 101. Ao Nabab de Bhopal, nove.

A recepção acontece ao anoitecer dessa intensa e exaustiva jornada no antigo palácio do rajá, onde reside sua mãe adotiva, no centro da cidade. A miríade de convidados saboreia os pratos mais requintados da gastronomia do Punjab, como perdizes com coentro, cubos de frango com gengibre ou pedaços de queijo branco com espinafre. Outros bufês oferecem comida europeia e todo tipo de bebidas alcoólicas. Depois de cumprimentar os convidados, o rajá pede a Anita que o acompanhe ao piso superior. É a primeira vez que Anita entra em uma *zenana*,⁶ como chamam as partes das casas e palácios reservados às mulheres. Anita está no temido “rarém”, como o chamava dona Candelária. O rajá abraça com muita emoção a mulher mais velha, sua mãe adotiva. Ela o criou, pois sua mãe natural morreu quando ele era um bebê de meses. Anita reconhece entre as damas da corte as *ayas* que a arrumaram e vestiram.

– Elas lhe ensinarão tudo o que precisa saber para se tornar uma boa princesa indiana – diz-lhe o rajá.

Outras mulheres logo cercam a espanhola, todas muito bonitas ou com o aspecto de quem o foi no passado. Fazem uma roda e olham-na com muita curiosidade, fazendo comentários sobre o sári e as joias. O rajá faz as apresentações:

– Anita, esta é Rani Kanari, que foi comigo várias vezes à Europa.

Ambas tentam trocar algumas palavras, mas o inglês de Rani Kanari é ainda mais rudimentar que o de Anita. Outras duas esposas do rajá cumprimentam-na timidamente. São indianas do vale do Kangra, de uma linhagem que remonta aos *rajput*,⁷ hindus de pura cepa. Não falam uma palavra nem de inglês nem de francês.

– Anita, apresento-lhe Harbans Kaur, a marani número um, esse é seu título. É minha primeira esposa.

A garota inclina a cabeça respeitosamente diante de uma mulher de meia-idade, elegante, que não lhe concede o menor sorriso. Anita sente um calafrio percorrer-lhe a espinha. Não precisa saber o idioma local para saber que se encontra diante de uma inimiga. Quando o rajá dá meia-volta para atender outros convidados, Harbans Kaur fica contemplando as joias de Anita e, com ar desafiador, permite-se tocar o colar de pérolas, o broche de rubis e os brincos de brilhantes. Depois puxa uma correntinha de ouro, que mal se vê sobre o corpete. É a correntinha que segura a cruz que a espanhola leva sempre no pescoço. A marani ri e deixa-a ali plantada, voltando-se para as damas de companhia e demais esposas, que continuam envolvidas em seus comentários e fofocas sobre a “nova”.

Ao ficar sozinha e sentir o vazio a seu redor, Anita, ferida pelo desdém da

primeira esposa, assusta-se. Embora *Mme. Dijon* sempre lhe tenha falado das “mulheres do rajá”, a jovem espanhola não tinha percebido o que isso significava até ter estado cara a cara com elas. De repente pensa que cada uma dessas mulheres viveu um dia igual, que são as esposas de seu marido e que ela é a quinta. Presa de um ataque de choro, abandona a sala procurando um lugar onde esconder-se para secar as lágrimas que, ao borrar a maquiagem, desfiguram seu rosto. *Mme. Dijon*, que foi testemunha do ocorrido, sai atrás dela por um longo corredor iluminado por velas colocadas em pequenos nichos nas paredes, pega-a pelo braço e consegue levá-la para um balcão cujas persianas lhes permitem ver o que acontece lá fora sem serem vistas. O corpo de Anita treme como um junco pelas convulsões de seus soluços. Ouvem-se ao longe os ruídos da festa.

– Não deixe que ofusquem a felicidade deste dia, Anita. Você tem que entender que para elas este casamento é uma afronta, porque você é estrangeira e porque é muito jovem e bonita. Cada uma delas tem o dobro de sua idade. Têm inveja e medo de você...

– Medo?

– Claro. Porque acham que você roubou o coração do rajá, o que é verdade...

As palavras da francesa conseguem acalmar Anita, que pouco a pouco recobra a compostura.

– Nesta parte do mundo – prossegue *Mme. Dijon* –, ter várias esposas é normal. A tradição manda que os homens cuidem delas para sempre, e é o que o rajá faz... Achei que você já soubesse.

Anita nega com a cabeça. *Mme. Dijon* continua.

– O importante não é o número de esposas, mas ser aquela que conta de verdade... Lembra a história do imperador que ergueu o Taj Mahal?

Anita assente, enquanto assoa o nariz com um lenço.

– Tinha muito mais esposas que o rajá, mas só amou uma delas. E eu garanto que ele só ama você.

– Não quero acabar num lugar como este...

Mme. Dijon sorri.

– Não diga bobagens, você nunca acabará em uma *zenana*... com esse caráter que você tem! Você viverá como agora, à moda europeia. Ele prometeu, e é um homem de palavra. Ouça bem, Anita: enquanto você souber se fazer amar, será a verdadeira marani de Kapurthala, por mais que as outras esposas não gostem disso.

O rosto de Anita se ilumina com um tênue e melancólico sorriso, como se tomasse consciência de que o conto de fadas terminara. Agora é hora de enfrentar a vida de verdade.

Graças à habilidade de sua dama de companhia, o pequeno drama que Anita vive passa despercebido para a maioria dos convidados, inclusive o correspondente da

Civil and Military Gazette, o jornal de Lahore, que em sua edição de 29 de janeiro de 1908 publicaria a seguinte matéria para a posteridade:

“A jovem noiva é do mais perfeito e refinado tipo de beleza e exibia maravilhosamente um sári vermelho carmim bordado de ouro. As joias que usava eram extraordinárias por seu esplendor. A cena do casamento muito pitoresca, devido à magnificência dos trajes dos convidados. Os festejos foram celebrados com grande *éclat*”.

⁵ *Shamiana*: tenda, geralmente de tecido bordado, que se usa em celebrações na Índia.

⁶ A palavra é de origem persa. *Zen* significa “mulher”, e *zenana* pode ser traduzido como “paraíso das damas”.

⁷ A palavra *rajput* significa “filho de príncipe”.

SEGUNDA PARTE

O SENHOR DO MUNDO

A pompa e a ostentação acompanham a vida do rajá desde o momento de seu nascimento. Os habitantes de Kapurthala lembram nitidamente como, às duas da madrugada de 26 de novembro de 1872, foram acordados por salvas de canhão que anunciavam a esperada notícia da chegada ao mundo do príncipe herdeiro. Começaram, assim, quarenta dias de festividades que custaram ao tesouro um milhão de rupias e às quais assistiram o governador do Punjab e os marajás de Caxemira, Patiala, Gwalior e demais estados vizinhos. As autoridades distribuíram esmolas entre os pobres e declararam anistia para 28 prisioneiros. O regozijo com que o povo celebrou sua chegada ao mundo foi proporcional à longa espera e à situação de incerteza criada pelo soberano do momento, o rajá Karak, que sofria ataques transitórios de loucura. Os médicos o haviam obrigado a passar longas temporadas em um manicômio perto de Dharamsala, pequena cidade aos pés do Himalaia. Todos os que pensavam que era incapaz de procriar ficaram surpresos com o anúncio do nascimento do pequeno.

A surpresa foi especialmente desagradável para um ramo da família que pretendia o trono e que imediatamente questionou a veracidade da notícia. Segundo eles, o bebê não era filho de seu pai, o rajá Karak, mas de um aristocrata de Kapurthala chamado Lala Harichand, que teria cedido o próprio filho à marani em troca de sua nomeação como ministro das Finanças do Estado. Os britânicos teriam urdido o complô para evitar que os membros do citado ramo familiar assumissem o poder. Opunham-se categoricamente a isso por uma simples razão: aquele ramo da família havia se convertido ao cristianismo alguns anos antes graças aos bons ofícios de alguns missionários presbiterianos ingleses. O fato de cristãos – embora fossem da família real – subirem ao trono poderia trazer perigosas consequências ao sempre complicado quebra-cabeça étnico e religioso de um Estado indiano.

Verdade ou não, o caso é que os familiares denunciaram o assunto às mais altas instâncias do poder colonial, chegando até o escritório do vice-rei, que encomendou um relatório do médico oficial de Kapurthala. O dr. Warburton fez uma pequena investigação interrogando a parteira e as enfermeiras que haviam atendido a marani. Também falou diretamente com esta última por meio de uma intérprete feminina, pois era terminantemente proibido aos homens entrar na *zenana*. Em seu relatório, concluía que a marani era a verdadeira mãe do recém-nascido, aplainando o caminho para o reconhecimento oficial do herdeiro. O ramo ofendido da família reagiu acusando o médico de corrupto, dizendo que havia sido comprado, e não diminuiu seu empenho de denunciar o caso. Tornaram-se tão impertinentes que foram expulsos de Kapurthala e obrigados a viver em Jalandar. A título de compensação, o

governo colonial permitiu-lhes utilizar o título de rajá e distribuiu condecorações, nomeando os recalcitrantes membros da família Cavaleiros da Estrela da Índia e do Império Britânico. O assunto foi encerrado com a explicação oficial de que se tratava apenas da confusão habitual que costuma acontecer nas famílias reais na hora da sucessão. Mas a divisão familiar acabaria tendo consequências interessantes. Cinco dias depois do nascimento, as mulheres da casa celebraram a tradicional cerimônia para proteger o menino do mau-olhado. Durante uma noite inteira entoaram cânticos religiosos enquanto os soldados do regimento faziam soar grandes tambores às portas do palácio. No décimo dia, hordas de serviçais puseram-se a limpar as paredes e os pisos do palácio e os familiares verteram enormes cântaros de leite nos degraus da entrada, celebrando, assim, o momento em que a mãe deixava de ser “impura”. No décimo segundo dia, em outra cerimônia também inspirada no hinduísmo, o astrólogo oficial do Estado fez sua aparição. Leu o horóscopo do menino fazendo vários comentários sobre sua carta astral, na qual escrevera quatro nomes. Em vez do pai, que estava internado no manicômio, foi a tia do menino que escolheu um dos nomes e depois sussurrou-o no ouvido do bebê: Jagatjit – “Senhor do Mundo” –, assim se chamaria. No final da cerimônia, o astrólogo leu o nome completo do herdeiro ao trono de Kapurthala: Farzand-i-Dilband Rasik-al-Iqtidad-i-Daulat, Raja-i-Rajagan Jagatjit Singh Bahadur. Para os ingleses: rajá Jagatjit Singh.

O pequeno foi criado na *zenana*, cercado de *ayas*, criadas e babás em um ambiente de conforto e luxo inimagináveis para qualquer criança europeia. Sendo o único filho homem e, portanto, o herdeiro, desde sua mais tenra infância acostumou-a a ser o centro das atenções e a ser tratado com as honras devidas a sua categoria. Havia sempre alguém a seu redor para evitar que ficasse doente ou para atender qualquer uma de suas necessidades. Bastava-lhe mostrar um pé, e um criado o calçava. Levantava um dedo, e outro corria para penteá-lo. Nunca erguia a voz, porque não era necessário. Um olhar bastava para transmitir um desejo, que imediatamente era interpretado como uma ordem. Até os criados mais velhos prostravam-se diante do menino, tocando-lhe os pés em sinal de veneração. Sua saúde era acompanhada com a maior atenção. Uma *aya* recolhia diariamente o urinol do pequeno e observava suas deposições com olhar atento. Se encontrava algo estranho, tratava-o imediatamente com ervas medicinais, e, se fosse mais grave, chamava o médico oficial. Diariamente, durante toda sua infância, banhavam-no, lavavam seu cabelo e depois secavam-no deitando-o em um cesto feito de cordas trançadas, sob o qual havia um fogareiro onde ardiam brasas e incenso, deixando-lhe o cabelo perfumado. Depois tinha que se submeter a uma massagem completa com creme de amêndoas moídas toda semana. Então, teve as primeiras tentativas de corrupção: tentava, sem sucesso, comprar as

ayas para pularem a massagem que tanto o aborrecia. Passou toda sua infância acompanhado, sempre e a todo momento, por criados, e depois por tutores e professores, até o ponto de não ter ficado sozinho um único instante. Talvez por isso tenha viajado tanto quando cresceu, para poder encontrar a si mesmo nos caminhos do mundo.

Não conheceu seu pai, que vivia trancado no manicômio. A única coisa que lembra dele é sua morte, porque foi seguida de dias de luto, durante os quais carpideiras profissionais invadiram com seus prantos as salas do palácio. Jagatjit tinha cinco anos e deveria herdar um reino. Herdava os treze tiros de canhão de honra que os ingleses haviam atribuído a Kapurthala, o título de Alteza e o quinto posto em ordem de precedência entre os soberanos do Punjab. Mas, principalmente, herdava uma fortuna colossal, que não guardava proporção ao tamanho de Kapurthala – 600 quilômetros quadrados, poucos, comparados com os 6 mil do vizinho Estado de Patiala. Aquela fortuna devia-se a seu avô, o rajá Randhir Singh, que tivera a acertada intuição de se colocar do lado dos ingleses quando estourou o motim de 1857. Foi uma revolução, durante a qual os soldados hindus e muçulmanos que compunham os regimentos do exército da Índia amotinaram-se contra seus superiores, os oficiais britânicos da Companhia das Índias Orientais. Embora as razões da rebelião tivessem que ver com o medo de serem convertidos ao cristianismo e com a atitude cada vez mais autoritária da todo-poderosa companhia, o pretexto imediato do motim baseava-se no rumor de que os novos cartuchos de fuzil vinham untados com gordura animal. Isso era uma afronta tanto para os hindus – que pensavam que se tratava de gordura de vaca – como para os muçulmanos – que temiam que fosse gordura de porco. As atrocidades que ambos os bandos cometeram durante os meses que durou o motim determinaram um antes e um depois na história da colonização britânica da Índia. Considerado pelos indianos como sua primeira guerra pela independência, o motim favoreceu o surgimento do nacionalismo indiano e abriu uma brecha que culminaria, noventa anos depois, na independência. Para os ingleses, que levaram vários meses para controlar a rebelião, representou o fim da supremacia da Companhia das Índias Orientais, que desde o século XVII manipulava os assuntos indianos como um negócio privado. A rainha Vitória assumiu as rédeas do governo da imensa colônia e, na proclamação que fez em 1858, quis garantir a lealdade dos príncipes. Os ingleses – apenas 130 mil em um país de 300 milhões – precisavam dos príncipes para administrar um território tão imenso, desde que pudessem controlá-los e satisfazê-los de alguma maneira. “Garantiremos a autoridade e o futuro dos príncipes nativos como governantes de seus Estados”, dizia a proclamação. “Respeitaremos seus direitos, sua dignidade e sua honra como se fossem os nossos.”

Foi um momento histórico, no qual os reis da Índia deixaram de ser reis e se tornaram príncipes. Protegidos pelos britânicos, que lhes garantiam as fronteiras, os ganhos e os privilégios, os soberanos viveram, a partir de então, com segurança e tranquilidade, não como seus antepassados. Já não tinham que responder perante seu povo, mas perante o poder supremo da Coroa britânica, que os cumulou de honras, títulos e tiros de canhão a fim de que cada um se situasse no que se considerava a ordem correta de precedência. Muito habilmente, os ingleses foram colocando-os como satélites, cada um em sua órbita particular.

A estabilidade que a *Pax Britannica* lhes proporcionou tornou-os moles e corruptos. Acabaram apoiando-se cada vez mais nos ingleses, certos de que estes eram indispensáveis para a própria sobrevivência, quando na realidade os príncipes é que haviam sido indispensáveis para a sobrevivência dos britânicos na Índia. Dessa maneira, os rajás foram se afastando pouco a pouco do povo, esquecendo os preceitos de simplicidade e humildade inerentes da sociedade hindu e começando a viver de ostentação, competindo entre si e imitando os colonizadores. Eles também queriam ser ingleses, mas era-lhes difícil consegui-lo, porque vinham de uma sociedade feudal.

Por ter-se aliado aos britânicos durante o motim, Randhir Singh de Kapurthala foi recompensado com enormes extensões de terras confiscadas do rajá de Oudh, que optara pelo lado dos rebeldes. Assim, a desgraça de um fez a prosperidade e felicidade do outro. Aquelas terras proporcionavam a Kapurthala uma enorme renda anual de dois milhões e quatrocentas mil rupias, que iam parar diretamente nos bolsos do rajá. Aos cinco anos de idade, Jagatjit Singh já era milionário.

O rajá cresceu com um pé na profunda Índia de seus gloriosos antepassados e outro na Europa. Um pé em um mundo feudal e outro no século XX. Uns davam-lhe aulas de física e química e outros ensinavam-lhe o *Kama Sutra*, um texto sânscrito do século IV escrito por um sábio que concebera um código sexual para guiar os homens na arte do amor. Durante sua minoridade, o Estado foi administrado por uma sucessão de brilhantes funcionários britânicos, alguns dos quais chegaram a ser governadores-gerais, como foi o caso de *Sir James Lyall*. Esses superintendentes eram assistidos em sua tarefa por homens de confiança que formavam o conselho de funcionários do Estado, e, juntos, foram introduzindo reformas e aperfeiçoando a administração de maneira que, quando completasse dezoito anos e assumisse o poder, o jovem rajá encontrasse a casa em ordem. Por exemplo, reduziram o número de ministérios, fundindo o de Finanças e Arrecadação de Impostos em um só, e suprimiram o ministério de Assuntos Gerais, que compreendia a administração das quadras, dos elefantes e do zoológico.

A educação que recebeu de tutores cuidadosamente selecionados foi liberal. Ao mesmo tempo, aprendia boas maneiras, as exigências do protocolo e os valores da democracia ocidental, mas sem a obrigação de ter que aplicá-los, porque ele reinaria com direito de vida e morte sobre as trezentas mil almas de Kapurthala. A influência de seus tutores despertou nele grande curiosidade pela Inglaterra, por sua história, seus valores, suas instituições e seus costumes. A Inglaterra era o poder supremo e a seus olhos representava a fonte da civilização moderna. Os melhores automóveis, os barcos mais velozes, os edifícios mais sólidos, o maior império, a medicina mais avançada... A Inglaterra era tudo isso.

Como funciona um motor de explosão? O que é o mar? Que diferença há entre um calótipo, uma litografia e uma fotografia? Foram seus tutores que saciaram sua curiosidade infantil e lhe abriram os olhos para o mundo, porque, em seu entorno familiar, ninguém tinha o menor conhecimento da vida além das fronteiras da Índia. Os contatos que, por sua posição, mantinha desde tenra idade com aristocratas britânicos familiarizaram-no com a elite dessa sociedade que tanto admirava e que o acolhia em seu seio como se fosse da família. Por isso, aplicou-se ao estudo do inglês com especial afincamento. Logo dominou-o com desprendimento e com uma pronúncia impecável, tão *british* que era estranho pensar que nunca estivera na Inglaterra. Sua fascinação por esse país foi se ampliando para toda a Europa, berço das grandes inovações tecnológicas de final do século XIX. Máquinas que substituíam o trabalho do homem, aparelhos para falar a distância, reprodutores de imagens em movimento, máquinas voadoras... a lista de invenções capazes de seduzir a

imaginação de um menino era interminável. E tudo era feito na Europa. Então começou a aprender francês, e também em pouco tempo conseguiu falar e ler bem. Compartilhava com muitos de seus compatriotas grande facilidade para os idiomas. É raro um indiano que não saiba duas ou mais línguas, no mínimo para se fazer entender em um país com catorze idiomas oficiais e mais de quinhentos dialetos.

Aos dez anos, o rajá falava seis idiomas. Além do inglês e do francês, sua língua materna era o punjabi, parente do hindustâni, que também dominava, assim como o sânscrito, que estudava com um velho mestre hindu, e o urdu (persa antigo), que era o idioma oficial da corte. Esse velho costume herdado do império mogol, que perdurava um século depois de seu desaparecimento, mostrava a profunda marca que os mogóis haviam deixado na Índia.

Jagatjit Singh encarnou a drástica mudança que se produzira nos monarcas indianos devido à proclamação da rainha Vitória. Em muito poucos anos, os rajás foram obrigados a dar um salto de séculos. E Jagatjit demonstrou ser um verdadeiro acrobata, capaz de saltar de um mundo a outro com toda a naturalidade. Foi o primeiro a vestir-se de europeu na história da linhagem de sua família, a jogar críquete e tênis, comer pratos ocidentais e praticar um esporte tão inglês quanto o *pig-sticking*, a caça ao javali com lança. Mas ia ao conselho de ministros montado em elefante, ostentando um diadema de brilhantes, um colar de treze fileiras de pérolas e um penacho preso no turbante. Herdava um reino com todos os sinais externos da monarquia, com todas as cerimônias e rituais da coroação, mas que, na realidade, era uma imagem do passado e no qual faltava a substância que dava sentido à monarquia. Convenceram-no de que servir o povo era a missão mais importante de sua vida, mas no fundo sabia, como todos os outros soberanos, que tinha o lugar garantido pelos ingleses e que era vitalício no poder. Por isso, o que realmente importava para desfrutar uma vida confortável e prazerosa era dar-se bem com o poder. O bom relacionamento com os britânicos antepunha-se, assim, ao conceito de servir o povo. Era um sistema viciado em sua própria base, mas que naquela época parecia tão sólido quanto eterno. O vento da história logo se encarregaria de pôr as coisas em seu lugar.

A súbita adaptação do rajá não se daria sem transtornos nem problemas. Não é fácil conciliar culturas tão díspares quanto a inglesa e a sique, não é fácil ser um rei indiano e um cavaleiro britânico ao mesmo tempo, antigo e moderno, democrata e déspota, príncipe oriental e súdito europeu. Ainda mais quando a ausência da figura paterna, unida à fraqueza de sua mãe, uma mulher tradicional que pertencia a outra época, deixou-o sem a segurança necessária para enfrentar um mundo em mutação, para

resolver o conflito de ser rei sem sê-lo de verdade. Talvez por essa razão, Jagatjit Singh começou a somatizar seus problemas psicológicos e deu para comer. No começo ninguém se alarmou; pelo contrário, o redondo herdeiro era decididamente um rapaz muito bonito. Mas, depois, quando aos dez anos cruzou a fronteira dos cem quilos, começou a espalhar o pânico. O dr. Warburton, médico oficial de Kapurthala, impôs-lhe uma dieta severa, que não deu resultado. O menino continuava engordando e dormia muito. Dessa época veio seu costume de pedir ajuda para amarrar ou desamarrar o *choridar* (pijama), calça de estilo indiano muito larga presa com um cordão de seda ao redor da cintura. Depois, quando recuperou a forma física, continuou com o costume e estendeu-o ao turbante. Inder Singh, capitão de sua escolta, seria o encarregado, durante anos, de atender esse peculiar capricho de seu chefe.

– Criado como filho único, alimentado desde pequeno primeiro pelas babás e depois pelas *ayas*, o rapaz adquiriu alguns hábitos alimentares nefastos – sentenciou o dr. Warburton ao informar James Lyall, o tutor do pequeno Jagatjit, muito preocupado pelo rumo que tomava a engorda progressiva do príncipe. – Por enquanto, a única coisa que podemos fazer é experimentar outra dieta – sugeriu o médico.

– E se não funcionar? Qual é o prognóstico se continuar engordando?

O dr. Warburton olhou-o por cima de seus óculos. Acabava de ler em uma revista médica um artigo e temia que pudesse se aplicar ao caso de Jagatjit.

– Esperemos que não padeça de uma espécie de obesidade mórbida infantil, uma doença rara. Os pacientes dormem em pé, continuam engordando, até que aparecem graves dificuldades respiratórias...

Houve um silêncio, interrompido por Lyall:

– E...?

– Muitos falecem antes de chegar a adultos.

Lyall ficou estupefato. Depois de todo o escândalo propiciado pelo outro ramo da família, ficar sem herdeiro direto e sem possibilidade de ter outro representaria um problema muito espinhoso para o Departamento Político do Punjab.

– Veremos como evolui – continuou o dr. Warburton. – Tomara que seja apenas a expressão de problemas psicológicos que se manifestam na obsessão pela comida!

Jagatjit ficou em 130 quilos. Era demais para um menino de onze anos, mas pelo menos seu peso se estabilizara, o que aliviou, embora só momentaneamente, seus tutores e o médico. Nessa idade, os membros da corte decidiram procurar para ele uma primeira mulher. O rapaz nada tinha a dizer, porque não havia possibilidade de escolha. Assim ditava a tradição. Além disso, podia considerar-se afortunado, porque, sendo sique, o número de mulheres com as quais poderia se casar não era limitado, diferente dos muçulmanos, que não tinham direito a mais de quatro. Somente

quando atingisse a maioridade e assumisse as rédeas do governo teria maior liberdade para escolher suas esposas, embora o acesso direto a mulheres de outras famílias de alta linhagem fosse sempre muito difícil, porque as famílias as comprometiam desde muito meninas.

Um grande grupo de cortesãos viajou para o vale do Kangra, a cerca de duzentos quilômetros de Kapurthala, em busca de uma garota de alta casta de origem *rajput*. Queriam uma união capaz de estreitar vínculos com as grandes famílias do Rajastão, a pátria dos *rajput*, de onde os antepassados do rajá eram originários, e com alguém pertencente a uma casta muito alta para elevar o *pedigree* da linhagem de Kapurthala. Originalmente, a família de Jagatjit pertencera à casta dos *kalal*, que antigamente eram os encarregados da elaboração das bebidas alcoólicas para as casas reais. Uma casta medíocre. Jassa Singh, brilhante antepassado, ajudado pelos siques, que então faziam parte de uma religião nova, soube reunir um exército, levantar armas e unificar Kapurthala. Mas o estigma dos *kalal* continuava pesando em alguns membros da corte, muito criteriosos com tudo o que se relacionasse com a genealogia. Pois já não dizia um provérbio punjabi: “Corvo, *kalal* e cão, não confie neles mesmo que estejam dormindo”? Por isso era tão importante melhorar o sangue.

Em cada povoado, a chegada da comitiva encarregada de procurar uma noiva era anunciada com um rufar de tambores. As garotas casadouras eram examinadas com tanta meticulosidade que até houve queixas pelo extremo zelo que os cortesãos demonstravam para avaliar os atributos físicos das candidatas. Eles chegavam com a arrogância que lhes gerava o fato de representarem um príncipe, por mais gordo que fosse. Sabiam que o maior desejo de milhares de famílias era unir uma de suas filhas com um rajá. Por isso era preciso certificar-se de que os papéis das garotas não eram falsificados, que as informações fossem todas verdadeiras e que nenhum membro da comitiva aceitasse subornos para incluir uma jovem pouco adequada entre as candidatas.

Por fim, decidiram escolher uma bela garota da mesma idade que o rajá, chamada Harbans Kaur. Tinha grandes olhos pretos e a pele dourada como o trigo. Era hindu e pertencia à nata das altas castas brâmanes. Negociaram com os pais os termos do dote, que se tornaria efetivo no momento da união, fixado para 16 de abril de 1886, quando os noivos atingissem a meritória idade de catorze anos.

O casamento foi efetuado seguindo rigorosamente a tradição sique. O rajá não viu o rosto de sua amada até esse dia e o fez através de um espelhinho colocado entre ambos: “Fiquei olhando para seus olhos pretos, os mais bonitos que eu já vira. Depois sorri, e ela me devolveu o sorriso”, deixou escrito em seu diário. O que não

ficou registrado em nenhum diário foi a reação de Harbans Kaur ao descobrir o rosto inchado de seu imberbe marido, sua papada tripla, seus olhos tristes e sua barriga descomunal. Nenhum diário contaria detalhadamente qual deve ter sido sua primeira impressão, e depois sua primeira noite de amor, ela submissa e assustada, ele inexperiente e perigosamente obeso. O que se soube é que não consumaram o ato.

À preocupação que a corte e a família tinham pela saúde do rajá – que, afora sua obesidade, não mostrava sinais de narcolepsia nem de insuficiência respiratória – acrescentava-se agora uma profunda inquietude por sua vida sexual e pelo porvir da dinastia.

O 24 de novembro de 1890 não foi um aniversário qualquer. Jagatjit Singh completava dezoito anos, o que significava que atingia a maioridade. Sua fama de agradável e bonachão combinava com a aparência física de homem gordo devido a seus mais de cem quilos de peso. Eram necessários dois criados para empurrar o carrinho de finas e grandes rodas que usava todos os dias para o passeio matinal. A engenhoca fora uma ideia de J. S. Elmore, engenheiro chefe de Kapurthala, que montara as rodas de um velocípede em um chassi, acrescentando uma pequena roda suplementar, um assento e uma sombrinha para proteger a real cabeça dos raios solares. Sentado assim e empurrado pelos criados, o rajá circulava pela cidade e parava para falar com uns e outros porque, à sua maneira, era bastante cordial. Outros dias saía a cavalo. Seus tutores lhe haviam instilado o amor pela equitação, mas cansava-se rapidamente e temia perder o equilíbrio. Sentia-se melhor sentado no dorso de um elefante.

Passaram-se quatro anos desde o casamento e o jovem casal não tinha descendência. Mas, diante da expectativa suscitada pela investidura, a surda inquietação que pairava nos ambientes vizinhos ao palácio ficou relegada a segundo plano. Quase na mesma data em que nascia Anita Delgado, o homem que a pretenderia com tanto afã dezoito anos depois subia ao poder. Os preparativos duraram duas semanas. Trezentos convidados ingleses e indianos participaram dos três dias de festejos, que incluíam cerimônias, banquetes, passeios no rio e caçadas. A *Civil and Military Gazette*, jornal publicado em Lahore e cujo orgulho era contar com Rudyard Kipling como colaborador, em sua edição de 28 de novembro de 1890 informava sobre o “caos durante a inauguração da nova pista de patinação do marajá de Patiala, pela quantidade de quedas”; sobre a advertência do governo local aos jovens delegados de polícia do Punjab para que não usassem chinelos no trabalho, mas os sapatos regulamentares; sobre a multa de dez rupias imposta a um soldado inglês bêbado por lançar insultos contra um cortejo fúnebre muçulmano etc. Mas a primeira página e o grosso da edição eram dedicados à cerimônia de investidura:

“A cena no Durbar^{*} Hall foi tão pitoresca e tão cheia de vida que permanecerá para sempre na memória dos espectadores. O Hall é uma esplêndida obra de arquitetura, com um enorme pátio interno coberto e iluminado por luz elétrica. Do lado de fora, vários regimentos de tropas do Estado, um formado por distintos soldados em uniforme azul com enormes turbantes e túnicas vermelhas; outro de cavalaria para cujos soldados e cavalos é impossível encontrar elogios suficientes, e uma longa fila de maravilhosos elefantes com as caras pintadas de filigranas e

pequenas torres ricamente forradas e mobiliadas, perfeitamente imóveis, a não ser pelo lento balanço de suas trompas. O pátio do Durbar Hall estava cheio de gente que ostentava toda uma gama de uniformes vistosos; enquanto isso, na galeria superior, os olhos brilhantes dos visitantes europeus contemplavam a cena que se desenrolava embaixo.”

Em seu discurso de investidura, *Sir James Lyall*, antigo tutor do rajá e agora governador-geral do Punjab, repassou a história das excelentes relações entre a família real de Kapurthala e a Coroa desde os tempos do avô Randhir Singh, elogiando a dedicação dos tutores e do dr. Warburton no cuidado do menino príncipe, cumprimentando o rajá por suas conquistas educacionais, especialmente no referente ao inglês e às línguas orientais, “devidas a vosso esforço e a vossa capacidade mental” – precisou –, e agradecendo a ajuda dos membros do governo, que permitira, durante a minoridade, “um bom progresso em todos os departamentos administrativos sem ruptura com a tradição do antigo governo sique”. Acabou reconhecendo a honorabilidade, a prudência e o bom caráter do rajá, desejando-lhe que fosse sempre um soberano justo e atencioso para com seus súditos “e um proprietário de terras liberal nas grandes extensões de Oudh de onde arrecadais tão maravilhosa renda”. Concluiu com a citação de um poeta, que duzentos anos antes escrevera para um rei da Inglaterra algumas palavras que naquela manhã ensolarada, na boca de *Sir James Lyall*, pareciam curiosamente premonitórias:

*O cetro e a coroa acabam sendo derrubados
E tudo se torna igual na terra
Só a memória dos justos
Deixa uma doce fragrância no mundo e floresce no pó.*

Uma salva de palmas saudou o discurso. Então *Sir James* fez um sinal ao rajá para que o acompanhasse. Ambos deram alguns passos em direção a enormes poltronas de madeira lavrada pintadas de ouro – as poltronas do trono – onde pousaram seus augustos traseiros. A investidura ficava, assim, formalmente realizada. A seguir, o rajá levantou-se e pronunciou seu primeiro grande discurso público “em um inglês perfeito, com admirável dignidade e grande segurança em si mesmo”, como descreveu o correspondente da *Gazette*.

Agradeceu a seus tutores, prometeu continuar com a mesma equipe de administradores locais, mencionou os bons serviços do dr. Warburton quanto ao cuidado de sua saúde e comprometeu-se a seguir os conselhos do governador-geral. “Rezarei para que minhas ações mereçam a aprovação de Sua Majestade a Rainha Imperatriz e a satisfação de meu próprio povo.” A ordem em que os havia mencionado não dava margem a dúvidas quanto a suas prioridades.

“A cerimônia acabou e os convidados regressaram a seus acampamentos”, relatava

a *Gazette*. “As corridas de cavalos ocuparam o resto da tarde e ao entardecer foi servido um banquete, aberto com um brinde à saúde da Rainha Imperatriz.”

* * *

Quando o fragor das festividades apagou-se e a calma regressou ao pequeno Estado de Kapurthala, o rumor de que o rajá era incapaz de procriar voltou a circular com mais insídia que antes. Ninguém duvidava de que gostasse de mulheres. Várias criadas haviam contado como, desde pequeno, propunha tocá-las; quando não deixavam, tentara comprá-las. O eco das festas que fazia com os marajás de Dholpur e Patiala havia chegado até Délhi, e mais de uma vez suas correrias com as jovens das tribos das montanhas lhe haviam valido uma séria reprimenda. Também era notória sua paixão pelas *nautch girls*, bailarinas profissionais que vinham de Lahore, considerada a capital do vício e da diversão. Contratadas para distrair os soberanos, estavam também a sua disposição para todo tipo de favores sexuais. Não eram prostitutas no sentido estrito, mais equivalentes às gueixas. *Experts* na arte de satisfazer o homem, de falar com ele, de fazer com que se sinta bem e de distraí-lo, eram encarregadas de iniciar os rapazes na arte do sexo, assim como no uso de anticoncepcionais. Havia vários métodos: desde o *coitus interruptus*, que chamavam de “pulo para trás”, até supositórios de caldo de aleli e mel ou folhas de chorão em lá. Outras técnicas consistiam em beber uma infusão de hortelã durante o coito, ou esfregar o pênis com o sumo de uma cebola ou até com alcatrão. Essas bailarinas cortesãs também lhes ensinavam as regras de etiqueta da corte e a falar urdu, o idioma dos reis. As velhas famílias, como a de Kapurthala, recompensavam-nas com pedaços de terra e cedendo-lhes quartos em algum palácio para que pudessem aperfeiçoar sua “arte”.

Harbans Kaur, a esposa oficial, não tinha voz nem voto nesses assuntos. Como as outras mulheres, sabia que era o costume e aceitava-o com naturalidade, como também aceitaria os múltiplos casamentos, por menos vontade que tivesse de compartilhar seu marido com outra ou outras. Eram hábitos tão enraizados que não se questionavam e faziam parte daquela ancestral maneira de viver. A primeira esposa sempre desfrutaria o privilégio de ter sido a primeira, e por isso receberia respeito especial. Ela seria encarregada de manter um relacionamento de “irmã” com as novas, compartilhando conselhos e segredos a fim de proporcionar mais prazer ao marido.

No caso de Jagatjit, foi sua própria família que mandou chamar as mais experientes *nautch girls*, verdadeiras beldades que sabiam adotar as sofisticadas posturas que séculos de arte hindu haviam imortalizado nos baixos-relevos dos templos. Posturas inspiradas no *Kamasutra*, que continuava sendo a base da educação

sexual e de amor dos indianos de bom berço. As regras de Kama – Amor – eram uma espécie de manual técnico escrito em um estilo preciso, sem obscenidade, descrevendo procedimentos guerreiros e estratégias políticos necessários para conquistar uma mulher. Os amantes eram classificados segundo o físico, o temperamento e principalmente segundo as dimensões do sexo, medido em polegadas. As proporções dos corpos dos homens e mulheres representados nas esculturas dos templos correspondiam aos caracteres sexuais descritos no *Kamasutra*. Por exemplo, a “mulher-gazela”, de seios firmes, ancas largas, nádegas redondas e *yoni* pequeno (não mais de seis polegadas) é muito compatível no amor com o “homem-lebre”, sensível “às cócegas nas coxas, nas mãos, sob a sola dos pés e no púbis”. O “homem-semental”, que gosta de mulheres robustas e comida farta, entende-se muito bem com a “mulher-égua”, de coxas fartas e fortes, cujo sexo cheira a gergelim e cuja “casa de Kama tem uma profundidade de nove dedos”. Os adolescentes das famílias aristocráticas aprendiam posturas como a da “abertura do bambu”, a do “cravo”, a “posição de lótus”, “a garra do tigre” ou a do “salto da lebre” mesmo antes da álgebra ou da matemática. Uma das mais populares, descrita minuciosamente no *Kamasutra*, tinha um nome místico: “O dever de um devoto”. Tratava-se de penetrar a mulher como um touro cobre uma vaca: em pé, por trás, puxando suas tranças para cima com uma mão; ela prestava-se graciosamente a isso, inclinada para a frente e segurando os tornozelos com ambas as mãos. Até os gemidos eram classificados segundo o grau de prazer obtido: o da pomba, do cuco, do papagaio, do pardal, do pato ou da codorna. “(...) Por último, de sua garganta sairão sons inarticulados à medida que for atingindo novos níveis de prazer”, concluía o capítulo do *Kamasutra* dedicado aos “gemidos do amor”.

A família confiava que as bailarinas poderiam fazer com que o rajá “funcionasse”. Mas o resultado era sempre o mesmo: o rajá gostava muito do sexo, mas tinha dificuldade para copular por causa de sua barriga, que comprimia e aprisionava o pênis, embora estivesse em ereção.

Foi quando uma cortesã de meia-idade chamada Munna Jan interveio, uma mulher que ainda trazia as marcas de sua lendária beleza. Várias vezes havia sido convocada para encontrar uma solução. “Se o obstáculo principal é a barriga do príncipe”, sugeriu, “consultemos o guardião dos elefantes.” O guardião era um homem magro e ossudo que usava um turbante vermelho e uma jaqueta militar puída e sem botões. Declarou que os paquidermes não se reproduziam em cativeiro, e não porque fossem tímidos, mas porque precisavam de uma postura e um ângulo especiais que não conseguiam nem no zoológico nem nas quadras. Ocorrera-lhe um truque para solucionar esse problema. Construíra um pequeno montículo de terra e pedra no bosque atrás do novo palácio. Lá, as elefantas deitavam-se e o declive facilitava muito o “trabalho” do macho. O resultado fora espetacular. Os bramidos

que rasgavam as tranquilas noites de Kapurthala eram boa prova disso, assim como o crescente número de crias que nasciam.

A declaração do guardião devolveu a esperança à corte. Como aplicar sua ideia ao caso do rajá? A resposta não tardou em chegar. O engenheiro J. S. Elmore, que era um inglês criativo, apressou-se a desenhar e construir uma cama inclinada, feita de metal e madeira e provida de um colchão elástico, inspirada na ideia do guardião. Durante a semana que levou para fabricá-la, consultou várias vezes Munna Jan sobre as peculiaridades da invenção e pediu-lhe que suas garotas a testassem com o rajá. A esplêndida cortesã mandou suas mais belas colegas e o sorriso de satisfação de quem esperava em um dos salões do palácio que o “teste” terminasse dizia tudo. Que sucesso! O rajá conseguira copular... E várias vezes!

Nove meses depois daquele glorioso dia na história de Kapurthala, Harbans Kaur dava à luz seu primeiro rebento, um menino a quem chamaram de Paramjit Singh. O rei Eduardo VII mandou um telegrama de felicitação, que encheu o jovem príncipe de alegria. Para agradecer pelos serviços prestados, o rajá decidiu recompensar Munna Jan com pulseiras para os tornozelos de ouro maciço e uma pensão vitalícia de mil rupias por mês.

* *Durbar* é uma palavra de origem persa que etimologicamente significa “reunião da corte”. O termo, muito empregado na Índia, é utilizado para designar qualquer reunião importante.

Em 1893, Jagatjit Singh fez sua primeira viagem à Europa para assistir ao casamento do duque de York, o futuro rei Jorge V, de quem acabaria se tornando amigo. Sua intenção era seguir depois até Chicago, onde acontecia a grande Exposição Universal pelo quarto centenário do descobrimento da América por Colombo. No total, seriam oito meses de viagem. Seu primeiro contato com o mundo exterior.

La acompanhado por um grande séquito, que incluía seu corpulento ministro das Finanças, que exibía uma espessa barba preta recolhida em uma redinha, seu médico, o doutor Sadiq Ali, vestido de terno europeu escuro e turbante claro; o chefe da escolta, um gigante com ar de mestre graças a sua barba e bigode cinza, e um europeu, o tenente-coronel Massy, homem de uns cinquenta anos com uma incipiente barriga e cuja reluzente cartola, brilhante como o verniz, contrastava com a profusão de turbantes. Na foto de grupo que fizeram em Paris, o rajá aparece sentado e com o cetro na mão, exibindo um casaco de seda de cor clara, calças europeias, uma longa gravata e um turbante salmão. A paternidade e o exercício da soberania, ou talvez o simples fato de tornar-se adulto, faziam-no emagrecer. Continuava grande, mas não tão obeso como antes. A surpresa nessa foto era a presença de uma pessoa sentada em uma cadeira junto ao rajá: uma mulher jovem, de traços finos e pequenos olhos pretos, usando um vestido de cetim de mangas longas de estilo e corte europeus. Era sua segunda esposa, Rani Kanari, uma mulher alegre e refinada por quem estava profundamente apaixonado. Também oriunda do vale do Kangra, como a primeira, procedia do mesmo tipo de família: era uma *rajput* de ascendência, mas sem fortuna. Casta em troca de dinheiro: a aristocracia dos brâmanes – os sacerdotes hindus – unia suas filhas com homens de linhagem duvidosa, desde que fossem riquíssimos.

Não obstante, no caso de Kanari também houve amor. O rajá em pessoa fora conhecê-la e se havia encantado com ela; era diferente das outras. Kanari não era o protótipo da indiana submissa, como Harbans Kaur, sua primeira esposa. Tinha personalidade e senso de humor, embora não falasse nada de inglês nem nunca tivesse saído do vale do Kangra. Um primeiro encontro bastou para que o rajá lhe propusesse casamento. Em seu diário de viagem, Jagatjit Singh fazia alusão ao tipo de esposa que procurava e que pensou talvez ter encontrado em Rani Kanari então e dezoito anos depois em Anita Delgado: “Na atualidade, um indiano educado sente necessidade de ter uma mulher inteligente em seu lar, capaz, por suas qualidades e suas conquistas pessoais, de ser uma companheira digna de compartilhar suas alegrias e suas dores”. A maioria das mulheres indianas estava acostumada a viver na *zenana* e

quase não participava da vida social de seus esposos. De fato, muitos indianos viam com maus olhos a liberdade com que as inglesas iam ao clube ou frequentavam a sociedade. Suas mulheres ficavam em casa. Mas o rajá era um indiano culto, muito influenciado pela educação liberal e anglófila que recebera. As indianas podiam satisfazê-lo sexualmente ou podiam ser as mães de seus filhos, mas não era fácil encontrar uma que pudesse compartilhar todos os aspectos de sua vida. Nunca fora fácil, talvez exceto para o imperador Shah Jehan, que, depois de conhecer Mumtaz Mahal, permaneceu junto dela durante toda a vida. Agora, no começo do século XX, o sonho do rajá, compartilhado por vários colegas seus, continuava sendo o de encontrar uma mulher capaz de ser esposa e amiga ao mesmo tempo, e capaz de transitar em ambos os mundos – Oriente e Ocidente – com a mesma facilidade que ele. Como sabia que o que procurava era mais difícil de encontrar que agulha em palheiro, tinha certeza de que teria que “formar” essa esposa, desde que ela tivesse as qualidades básicas indispensáveis para isso: um mínimo de curiosidade e, principalmente, vontade de abrir-se para um mundo desconhecido. Era o que esperava conseguir com Rani Kanari, e por esse motivo insistira tanto em levá-la na viagem; além disso, teria alguém com quem se divertir e compartilhar os bons momentos.

Mas chocara-se com uma oposição taxativa das autoridades britânicas. Alegando questões protocolares, não o autorizaram a viajar com nenhuma de suas *ranis*, nem mesmo com Sua Primeira Alteza Harbans Kaur – esse era seu título oficial. Então começou a pensar na maneira de contornar o problema. Devia agir com sigilo, porque no ano anterior já acontecera outro conflito que lhe custara uma severa reprimenda dos ingleses. Seu “comportamento inadequado” durante umas férias em Simla – a pequena cidade situada aos pés do Himalaia que os britânicos transformaram em sua capital de verão porque lá fugiam do calor infernal da planície – provocara uma abundante correspondência entre o coronel Henderson, da guarnição de Lahore, e *Sir* James Lyall, seu ex-tutor e atual governador do Punjab. Recriminaram-no por ter-se deixado levar por seu amigo, o rajá de Dholpur, um mulherengo empedernido que os ingleses consideravam um crápula consumado por fazer uso da prática ancestral de conseguir moças das montanhas comprando-as das empobrecidas famílias das tribos. Acusavam os rajás de Dholpur, Patiala e Kapurthala de usar como intermediário um oficial indiano. “O pretexto que têm preparado”, dizia uma carta do coronel Henderson datada em Lahore de 4 de março de 1892, “é dizer que procuram criadas para a *zenana*, e será muito difícil provar o contrário, embora saibamos que o objetivo é arranjar concubinas. Essas moças, quando entram no harém de algum chefe, trabalham de criadas para suas esposas,

embora estejam à disposição para propósitos de concubinato, e nem as esposas nem as moças fazem objeção alguma. Não sabemos exatamente quão longe o rajá de Kapurthala foi nesses procedimentos.” Mais adiante, a carta acusava o rajá de Dholpur de ser o instigador e principal culpado pela prática e esperava que o castigo exemplar imposto ao intermediário – dois anos de prisão – servisse de lição aos jovens príncipes. “Consideramos esses procedimentos altamente imorais, contrários a nossas leis, e esperamos acabar com eles muito em breve”, continuava a carta, que, porém, acabava admitindo implicitamente que se tratava de um costume tão enraizado que seria quase impossível erradicar. “Quero mencionar a *Sir James Lyall* que existe uma tribo próspera, que não é pobre, nas montanhas que são ocupadas pelos povos dos arredores de Kumaon, cujas filhas não apenas nunca se casam, mas também é praticamente impossível que consigam fazê-lo. Todas seguem o costume de descer às planícies para ser mantidas como concubinas por homens ricos ou para ganhar a vida como prostitutas. E não o fazem por necessidade de dinheiro, mas porque é o costume.” Não era fácil impor a ética e os valores britânicos em uma sociedade arcaica como a da Índia de então, onde, entre certos grupos, a prática de entregar as filhas para a prostituição não era reprovável, mas de certo modo sagrada. Por outro lado, os reis da Índia sempre tiveram concubinas, pois tratava-se de um costume tão antigo quanto a própria monarquia e de que poucos soberanos estavam dispostos a prescindir. Havia uma origem religiosa nisso. Uma antiga crença hindu atribuía às cortesãs poderes mágicos, que permitiam aos reis lutar contra os espíritos maléficos. Antigamente, o marajá de Mysore, homem piedoso e poderoso, colocava as duas prostitutas mais conhecidas e principalmente mais depravadas da cidade à frente do desfile durante a festa de Dassora. Supunha-se que, graças ao grande número de experiências sexuais, teriam podido acumular os poderes mágicos que os homens perdem durante a realização do coito. Desde tempos imemoriais, existia a crença de que as cortesãs destacavam e protegiam os reis. Os monarcas europeus devem ter pensado a mesma coisa, porque eles também cercavam-se de belidades cultas e inteligentes, a quem cobriam de títulos e honras. E faziam-no apesar da oposição da Igreja.

Na Índia, as concubinas acabavam morando no palácio, classificadas segundo sua categoria: A1, A2, B3 etc., sendo a mais baixa a das simples moças das aldeias. Uma delas, geralmente de origem humilde, tinha a única e exclusiva missão de controlar a qualidade do sêmen real, porque disso dependia a “boa qualidade” dos filhos, e, conseqüentemente, a “boa qualidade” do governo que acabariam assumindo, de modo que controlar o sêmen era questão de Estado.

Na Índia sempre se pensou que a abstinência provoca um acúmulo excessivo de esperma e que este pode talhar, exatamente como o leite ou a manteiga. Por isso, essa concubina mantinha-se informada do número de relações sexuais do monarca e, se

fossem muito espaçadas, apresentava-se diante do príncipe para recolher, mediante hábeis manipulações, seu sêmen em um paninho de algodão, que depois queimava no jardim do palácio na presença de um funcionário que ostentava o pomposo título de Guardião dos Dejetos Reais.

Embora não fosse fácil reconhecer as concubinas pelo modo de vestir, porque todas andavam muito elegantes, isso era feito pelas joias que usavam, cuja quantidade e qualidade indicavam o lugar que ocupavam na *zenana*. Também eram reconhecidas na hora das refeições, pois as esposas principais comiam em pratos de ouro, enquanto as concubinas o faziam em vasilhas de bronze. Geralmente, as mulheres estavam felizes no harém, porque assim fugiam de uma vida de miséria no campo; além disso, tinham a segurança de que, mesmo deixando de fazer parte da lista de favoritas, nunca lhes faltaria nada, nem a elas nem a seus filhos. Para controlar a demografia do harém, o rajá via-se obrigado a submetê-las a uma ligadura de trompas a partir do segundo filho.

Compradas ou não das tribos das montanhas, o certo é que ao rajá de Kapurthala nunca faltaram concubinas. Seus ministros, que eram homens sofisticados, viam-se às vezes na obrigação de abandonar suas tarefas de Estado para procurar mulheres. “Estive em Caxemira e trouxe duas moças para Sua Alteza”, dizia um deles em uma carta. “O problema é que você nunca se livra da suspeita do rajá de que também as tenha desfrutado.”

Os atritos que o rajá mantinha com as autoridades inglesas eram consequência do paternalismo que regulava as relações da Coroa com os príncipes. Mas o contrato original, o da famosa proclamação da rainha Vitória, estipulava que ninguém podia se intrometer nem na *zenana*, o harém de cada príncipe, nem nos assuntos internos dos Estados. Essas eram zonas sagradas. Mas, às vezes, os príncipes tinham caprichos que os ingleses não podiam permitir. O rajá de Kapurthala se havia aborrecido muito porque o haviam proibido de contratar um secretário particular alemão chamado Rudolph Kohler. “Não é desejável que os rajás empreguem estrangeiros europeus”, o Departamento Político havia respondido, “porque podem nos prejudicar. Por exemplo, podem passar informações importantes aos russos, que querem pôr um pé no subcontinente. O governo da Índia não vê com bons olhos a contratação de estrangeiros nos Estados nativos. Só podemos confiar, como classe, nos ingleses, e infelizmente não em todos.” O rajá achou que as autoridades passavam dos limites e insistiu em contratar o alemão. O dr. Warburton, consultado pelo secretário do governo do Punjab, redigiu um relatório negativo sobre a contratação de Kohler, alegando uma poderosa razão: o alemão falava muito mal inglês e, conseqüentemente, seria um péssimo secretário. Jagatjit aborreceu-se muito e deixou

de falar com ele durante algum tempo, como um menino a quem negam um capricho. Escreveu ao secretário do governo alegando que, se o rajá de Dholpur pôde contratar um francês, por que ele não podia contratar um alemão? Os ingleses cortaram o assunto de maneira contundente. Um dia apareceu a polícia com uma ordem de expulsão do alemão. Levaram Rudolph Kohler, que nunca mais voltou a pisar em Kapurthala. A rapidez da ação da polícia devia-se a um aviso do dr. Warburton, que dizia que “o rajá está sob a influência do alemão, que conseguiu tirar-lhe dinheiro e participa de comportamentos escandalosos”. Provavelmente, o médico referia-se às famosas orgias às quais eram convidados pelo rajá de Patiala. A carta de Warburton acabava dizendo que “o rajá está furioso pela proibição de contratar Rudolph Kohler e não atende a razões nem a deveres profissionais”. O rajá se zangara.

Dessa experiência Jagatjit aprendeu que de nada valia enfrentar a autoridade. Disposto por todos os meios a levar Rani Kanari na viagem – vai saber se o esperma pode talhar –, optou por não continuar insistindo e pôs em marcha um plano secreto enquanto ultimava os preparativos da viagem. “Centenas de meus súditos ocupavam ambos os lados da estrada desejando-me uma boa viagem, expressando tristeza por minha ausência temporária”, escreveu o rajá em seu diário no dia de sua partida. Ao atravessar Agra, em 8 de março de 1893, perguntou-se se na Europa veria um monumento tão maravilhoso quanto o Taj Mahal. Muito depois, deixaria escrito que, entre tudo o que havia visto no mundo, o Taj, único e incomparável, era “a Joia da terra”.

Em Bombaim, depois de passar a manhã na entrega de prêmios da escola superior feminina Alexandra, onde as filhas da influente comunidade parse eram educadas, embarcou no vapor *Thames*, que zarpou ao entardecer: “Meu pessoal não se cansava de percorrer o barco, admirando a limpeza e a perfeita ordem, observando as manobras – novas para eles – da complicada maquinaria e perguntando-se como um barco tão grande podia encontrar sua rota em alto mar sem ter terra à vista para guiar os marujos...” Seus acompanhantes – o médico, o tenente-coronel Massy, o ministro etc. – tiveram uma grande surpresa quando, na hora do aperitivo, no salão privado do camarote/suíte do rajá, foram recebidos por uma mulher vestindo um sári esplendoroso. Era Rani Kanari. Logo a identificaram como um dos três criados siques vestidos com camisas *achkam* e calças bombachas, de turbantes, que haviam embarcado como parte da comitiva da viagem. O rajá enganara a todos. Disfarçada de criado sique, Rani Kanari se havia infiltrado. Como naquele tempo não existiam os passaportes individuais, o truque funcionara. A única pessoa que poderia denunciar o subterfúgio era o tenente-coronel Massy, mas o rajá sabia que ele não o

faria. Massy, que fora um de seus tutores, apreciava-o e considerava-se seu amigo. De qualquer modo, nunca o teria denunciado, porque achara graça no fato. Via-o como mais uma travessura de um príncipe de 21 anos, um tanto caprichoso, mas no fundo um bom rapaz.

Fizeram escala no Egito; depois, Inglaterra, França e, finalmente, Estados Unidos. O rajá assistiu ao casamento londrino do duque de York sem sua esposa, que permaneceu na suíte do hotel Savoy – sua segunda casa, como o chamaria – afogando o tédio com *gin-fizz*, bebida de que começou a gostar nessa época. Um dia depois puderam contemplar, do balcão da suíte, uma manifestação na rua em favor da independência da Irlanda que ao rajá lembrou a “agitação artificial que recentemente começou na Índia sob a batuta do Partido do Congresso”, como deixou escrito em seu diário. “Essas manifestações lembram-me uma garrafa de refrigerante, que, embora ao abrir-se tenha força, logo perde o gás e se torna insípida.” Enganava-se, mas então estava tão seguro de sua posição que confundia seus desejos com a realidade.

Na Inglaterra, Rani Kanari andava sempre disfarçada de criado, mas depois, uma vez cruzado o canal da Mancha, relaxaram e ela assumiu mais frequentemente seu papel de esposa, vestindo-se, então, como a mais elegante das europeias.

A França foi a revelação da viagem. O jovem rajá ia bem predisposto, porque havia lido muito sobre o país das Luzes, do Rei Sol e de Napoleão, um personagem que sempre o fascinara. Além disso, era um grande amante da arquitetura, como todos os monarcas da Índia, para quem a construção de palácios, edifícios e monumentos era uma maneira de se tornarem imortais. Apesar de chegar bem informado, a realidade deslumbrou-o mais do que poderia prever. Paris seduziu-o imediatamente: a beleza de seus monumentos, a amplitude de suas avenidas, o desenho de seus parques, as joalherias da *place Vendôme*, os salões de chá, os teatros de variedades... O luxo, o bom gosto e o refinamento do estilo francês pareceram-lhe algo superior ao que havia conhecido até então. A seu lado Londres lhe parecia cinza, industrial, chata e feia. A seus olhos, a França resplandecia. E Versalhes era a estrela mais refulgente. Quis voltar lá dia após dia, fizesse sol ou mau tempo, para admirar as perspectivas e o traçado dos jardins de um paisagista genial chamado Le Nôtre; para percorrer a galeria dos espelhos, símbolo do poder do monarca absoluto, com pés-direitos de doze metros de altura e espelhos de tamanho excepcional; para deixar-se intimidar pelos 120 metros da galeria das batalhas, que mostra cenas dos conflitos armados que configuraram a história da França; para contemplar algumas das três mil telas da galeria histórica, o maior museu de História do mundo; para ver a marchetaria dos apartamentos do rei, os brocados, tecidos e bordados com fios de ouro; a Ópera; as quadras; as fontes e as estátuas, as lareiras de mármore e os baixos-relevos, as imagens, o pão de ouro e os pisos de madeira e mármore. Se a França o cativara, Versalhes foi uma paixão fulminante. Tinha tudo o que poderia deslumbrar um príncipe oriental: grandiosidade, beleza, pompa e história.

Jagatjit decidiu, então, erguer seu novo palácio de Kapurthala inspirado nessa arquitetura. Seria sua homenagem particular a um país e a uma cultura que agora admirava mais que a britânica. Além disso, seria uma maneira elegante e sutil de irritar os ingleses, tão cheios de sua superioridade racial e cultural, e de fazer algo que nenhum outro príncipe jamais havia feito.

Posto que falava francês com fluência, sentia-se muito à vontade para entrar em contato com os arquitetos mais conhecidos. Alexandre Marcel, que estava à frente de um conhecido estúdio responsável pelo hotel Crillon e pela Escola Militar, entre outros muitos prestigiosos projetos, e que se sentia muito atraído pelo Oriente, entusiasmou-se com a ideia de fazer uma minirréplica de Versalhes misturado com o palácio das Tulherias nas planícies do Punjab. Principalmente depois de o rajá dizer que disporia de um orçamento ilimitado para incluir as últimas novidades técnicas,

como aquecimento central, água corrente fria e quente nos 108 quartos com banheiro que previa construir, elevadores elétricos, tetos de ardósia que teria que importar da Normandia e um longo *et cetera*.⁸ Embora fosse impossível ultrapassar o tamanho e a grandiosidade do palácio do vizinho Estado de Patiala, pelo menos Kapurthala competiria com ele em beleza e originalidade.

O caso é que, em Paris, aquele rajá alto e gordo que sempre andava maravilhosamente vestido e que tinha fabulosos projetos começou a suscitar grande curiosidade. Sua paixão pelas compras – adquiria na Cartier os relógios de dez em dez – e as encomendas ao joalheiro Boucheron não passaram despercebidas. Como também não passavam despercebidos seus turbantes de seda turquesa ou salmão que evocavam o esplendor do Oriente em um momento em que a Ásia estava na moda. A França inteira vivia com verdadeiro fervor os descobrimentos dos templos de Angkor em sua colônia do Camboja. Os orientistas eram as estrelas da pintura. As explorações na Indochina acendiam a imaginação popular. Em um tempo em que a Ásia ocupava um lugar de honra na fantasia dos franceses, de repente aparecia em Paris aquele indivíduo de aspecto formidavelmente exótico, capaz de falar em um francês muito elaborado não só de sua vida, de seu país e do sonho faraônico de construir um Versalhes na Índia, mas também dos méritos de Napoleão ou das vantagens e inconvenientes de dirigir um Dion Bouton ou um Rolls-Royce. O rajá, com sua facilidade para as relações sociais, sua amabilidade, sua cultura, sua riqueza e sua boa educação, fez grande sucesso.

Sua história de amor com a França duraria a vida toda. Foi um amor muito mais fiel e duradouro do que o que jamais teria por uma mulher. Na França sentia-se completamente livre, sem as obrigações e as coações do Raj britânico. Na França ninguém conhecia realmente as limitações de seu poder, nem os atritos e humilhações que suportava dos ingleses quando não atendiam a todos os seus caprichos. Na França era tratado como um soberano de verdade, e isso adulava sua vaidade, enquanto, na Inglaterra, por mais rico que fosse, era um rei de mentirinha. Mais um entre a miríade de príncipes indianos. O fato de falar bem francês diferenciava-o de todos os outros príncipes e lhe abria as portas de um país e de uma cultura que o receberiam de braços abertos. Uma expressão começou a tornar-se popular na Europa e refletia bem a lenda que se ia tecendo ao redor do personagem: “Você é mais rico que o rajá de Kapurthala”. Entre os príncipes da Índia, estava muito longe de ser o mais rico. Mas soube cercar-se de uma auréola que dava a entender que era e que o tornaria popular.⁹ Um de seus grandes méritos, graças a seu

domínio do idioma, foi o de colocar o nome de Kapurthala no mapa. Mas seu maior sucesso consistiria em, ao cabo dois anos e graças a suas inúmeras viagens, tornar-se a imagem da Índia na Europa. Nada mau para o príncipe de um pequeno Estado que merecia apenas uma salva de treze tiros de canhão!

O fato de às vezes ter viajado com sua mulher disfarçada despertaria ainda mais a simpatia das famílias aristocráticas francesas, que os recebiam em suas mansões e castelos e se divertiam muito com a curiosa ocorrência de um príncipe que utilizava tais argúcias. Depois de uma viagem pelos castelos do vale do Loire, voltaram a Paris, onde passavam o tempo ocupados com o chá nos cafés do Bois de Boulogne; com visitas pelas manhãs às joalherias da *rue de la Paix*; com as compras nos grandes mercados do Bon Marché; acabando com o estoque da fábrica de perfumes Pinaud (“saí de lá mais pobre, mas rico pela aquisição de grande variedade de perfumes”, deixou escrito em seu diário); com os encontros com Charles Worth, o demiurgo da moda parisiense, inventor do *prêt-à-porter* e o primeiro estilista que incluiria sua etiqueta nas roupas; com o concerto no palácio do Trocadero ou jantar com a princesa de Chimay em D’Armonville, o restaurante mais luxuoso da capital. Também visitava os museus e galerias de arte. No museu de cera, um de seus acompanhantes, o médico Sadiq Ali, sentou-se para descansar em um banco durante alguns minutos. Quando mudou de postura, um grupo de visitantes começou a gritar: haviam-no confundido com uma estátua.

Mas nem tudo era frivolidade em suas visitas. O rajá também reservaria várias tardes para ir à Biblioteca Nacional, onde se extasiaria diante de seus mais de três milhões de volumes e onde examinaria pacientemente a coleção de obras em sânscrito. Também visitou o Instituto Pasteur e teve a sorte de conhecer seu fundador: “É um ancião meio paralítico que anda com a ajuda de uma bengala. Teve a gentileza de explicar-me seu sistema enquanto me mostrava seus laboratórios, inteiramente financiados por donativos. Examinamos perigosos germes sob potentes microscópios. Ao despedir-me, prometi que receberia uma substanciosa doação de minha parte, além do que já recebe do governo da Índia. Quero que Kapurthala se una ao progresso científico europeu”.

A etapa seguinte da viagem foi a travessia para Nova York, que realizaram em seis dias a bordo do *Paris*, onde entrou em contato com passageiros norte-americanos “que nunca se cansam de explicar sua superioridade sobre as ancilosadas monarquias europeias”. Em Nova York, a comitiva de Kapurthala despertou tal curiosidade que foi seguida em todos os seus movimentos pela imprensa local. “Dizem de mim que tenho 55 esposas e que o propósito de minha visita é acrescentar uma norte-americana à lista. Também supõem que fumo charutos monstruosamente grossos e que bebo champanhe o dia todo. Rimos muito com esses detalhes, escritos sem malícia e sem intenção de ofender.”

Chicago investira grande quantidade de dinheiro na Exposição Universal, a mais formidável das realizadas até então. Era a primeira vez que os Estados Unidos surpreendiam o mundo com tamanho destaque, o que já anunciava seu futuro poderio. Nos seis meses em que esteve aberta, seria visitada por 27 milhões de pessoas, o que representava a metade da população total do país. O lugar parecia um reino encantado: soberbos edifícios brancos erguidos entre lagoas e parques abrigavam tudo o que o mundo oferecia nas artes e nas ciências. Havia até uma máquina voadora e um barco submergível que impressionaram muito os indianos. Recebidos com todas as honras, fizeram o percurso da visita em duas barcas, uma com o rajá, o coronel Massy e o ministro das Finanças, e a outra com os outros, incluindo Rani Kanari, disfarçada. Acabaram sendo aclamados por uma multidão de mais de cinquenta mil pessoas que se haviam reunido para a ocasião. “Visitou-nos um monarca oriental”, informava ironicamente o *Chicago Daily Tribune* de 16 de agosto de 1893, “suas túnicas e seu turbante brilham com imenso esplendor. Estava acompanhado do que com certeza são seus escravos e guerreiros, que com uma mão cumprimentavam com plumas de pavão enquanto com a outra acariciavam suas espadas de prata. Do balcão do edifício da Administração, o coronel Massy, representante da supremacia inglesa, ergueu uma taça de vinho branco e, em nome do monarca indiano, brindou à saúde de nossa multidão, que não sabe o que é um rei. Foi uma visita pitoresca, cheia de cor e ruído, de um rei das *mil e uma noites* ao florão da civilização ocidental.”

8 Alexandre Marcel passaria à história da arquitetura francesa pelo parque oriental de Maulévrier, que desenhou na cidade de Anjou, considerado um excelente exemplo de jardim japonês.

9 Anos depois, o desenhista belga Hergé inspirou-se nele para um de seus personagens da famosa série *Tintin*.

Quando o rajá e seu grupo voltaram à Índia, foram recebidos pelo secretário militar do governador de Bombaim representando o vice-rei, mas Rani Kanari continuava disfarçada de criado e permaneceu incógnita. A viagem não a havia mudado tanto quanto a seu marido, que já pensava na próxima escapada, porque voltava fascinado por tudo o que havia descoberto na Europa e nos Estados Unidos. Para Kanari não havia sido uma viagem tão emocionante; em primeiro lugar, por ver-se obrigada a dissimular sua presença constantemente, o que no começo viveu como um jogo, mas depois como algo muito chato. E, em segundo lugar, porque o fato de não falar nem inglês nem francês e de ter que viver escondida tanto tempo impediu-a de fazer amigos, tecer suas próprias relações ou usufruir o ambiente. Manteve-se dentro do círculo fechado dos acompanhantes indianos, onde se sentia deslocada por ser a única mulher. Na realidade, nunca se sentira tão sozinha quanto durante as longas tardes passadas nas suítes do hotel, esperando que o rajá voltasse com histórias maravilhosas de um mundo que ela não compreendia, nem poderia compreender nunca. Era suficientemente lúcida para perceber que não estava à altura das aspirações de seu marido e que nunca poderia compartilhá-las. Essa frustração provocava-lhe crises de tristeza, e para combatê-las empregaria uma arma recém-descoberta: primeiro, o *gin-fizz*, e, depois, o *dry martini*, que passariam a ser suas bebidas favoritas durante o resto da vida. Pouco a pouco, sem perceber, a princesa resgatada do vale do Kangra por um rei sique ia entrando no túnel sem fim do alcoolismo.

O rajá quis derramar seu entusiasmo pelo Ocidente em seu Estado; assim que voltou, pôs-se em contato com as autoridades para construir uma central telefônica, um sistema de esgoto na cidade, instalar iluminação elétrica nas ruas e estabelecer a educação feminina nas escolas. O Departamento Político recebeu com agrado a boa disposição do rajá, mas recordou-lhe que pouco poderia ser feito se continuasse com aquele ritmo de gastos e se continuasse se ausentando tanto de Kapurthala. Lembraram que havia anos passava os quatro meses de verão nas montanhas e que acabava de fazer uma viagem de quase um ano ao estrangeiro. Mas o rajá não ouviu as admoestações: ele não mudou nada, nem seu estilo de vida nem seus projetos. Retardou o financiamento do telefone até 1901 e iniciou as obras de esgoto e iluminação só nas cercanias de seus palácios. A iluminação das ruas esperaria até que estivesse terminada a construção de seu novo palácio, que agora era seu principal projeto. Em particular, queixava-se que o Departamento Político não valorizava suas contribuições para o desenvolvimento de Kapurthala e se imiscuía muito em sua vida

pessoal. Ao fim e ao cabo, pagara de seu bolso a primeira central elétrica, que funcionava com carvão em determinadas horas, para dar a sua cidade a honra de ser a primeira do Punjab a ter eletricidade. Não só gostava de ir à Europa, mas também esforçava-se para levar o Velho Continente a Kapurthala.

Mas o rajá, que tinha emagrecido e exibía uma bela aparência, não estava disposto a apodrecer em seu pequeno mundo. Sabia que contava com a valiosa colaboração de seus ministros e que sua presença não era necessária no dia a dia dos assuntos de Estado. Estava na flor da juventude e queria recuperar tudo o que sua gordura lhe havia roubado. Continuou viajando pela Índia, e em um mesmo ano tomou outras duas esposas, também de origem *rajput*. Para não falar das novas concubinas. À medida que seu harém aumentava, também aumentava o número de filhos. Uma após outra, suas mulheres foram ficando grávidas, sendo a última Rani Kanari, que em 1896 deu à luz um menino chamado Charamjit, o caçula da família, que acabariam chamando de Karan. No começo do século, o rajá, a quem tanto custara engendrar seu primeiro filho, era o orgulhoso pai de quatro rebentos “oficiais”, a quem ensinou rapidamente francês e inglês pensando em mandá-los a estudar na Europa, para assim ter a desculpa de ir visitá-los todos os anos. Os filhos das concubinas recebiam também boa educação, mas não eram reconhecidos oficialmente.

Sua vontade de viajar era insaciável. Um informe oficial calculava que passara fora do Estado um quinto do tempo transcorrido desde sua investidura como rajá. Autorizaram-no a realizar uma viagem em maio de 1900 com a condição de não tornar a viajar para o estrangeiro durante um período de cinco anos. “É muito extravagante”, dizia o relatório, “e em 1899-1900 gastou um quarto da arrecadação do Estado em si mesmo e em suas visitas à Europa. *Lord* Lansdowne repreendera-o severamente por sua falta de interesse pelos assuntos de Estado, suas frequentes ausências, sua extravagância e sua suposta imoralidade. Como sinal de descontentamento, *Lord* Lansdowne decidiu não visitar Kapurthala este ano.” Mais adiante, o relatório concluía desculpando-o um pouco: “É um príncipe que pode melhorar consideravelmente, tem bom caráter e deixa-se influenciar por aqueles a quem considera seus amigos. A educação que dá a seus filhos indica certo nível de refinamento, e sua principal ambição é, aparentemente, ser tratado como um cavalheiro britânico e poder misturar-se livremente com o melhor da sociedade”.¹⁰ Tão internacional queria ser que em 1901 cometeu um sacrilégio que causou grande escândalo, dessa vez em sua comunidade, entre os siques: barbeou-se. Era muito mais prático e assim parecia menos “bárbaro” na Europa. Já não precisaria enrolá-la em uma redinha como seus correligionários, nem passar horas penteando-a e arrumando-a. Faria como qualquer europeu: faria a barba todas as manhãs. Os siques

interpretaram isso como uma renúncia a sua religião e a sua identidade. O rajá tornara-se “branco”. Uma das cinco obrigações da religião sique consistia em nunca cortar o cabelo, pois isso era considerado um sinal de respeito à forma original que Deus havia dado ao homem. As outras quatro obrigações eram: carregar sempre um pente, símbolo de limpeza; alguns calções curtos para lembrar a necessidade de continência moral; uma pulseira de metal que simboliza a roda da vida e um pequeno punhal como lembrança da necessidade que um sique tem de repelir qualquer agressão. Jagatjit ficara com o essencial da religião porque os sinais externos pareciam-lhe pura formalidade: limitava-se a orar todas as manhãs lendo algumas páginas do *Granth Sahib*, o livro sagrado. Muito depois, declararia que se pudesse prever que o fato de barbear-se ofenderia tanto os mais tradicionalistas, sem dúvida não teria deixado que ninguém pusesse a tesoura em sua barba. Na realidade, adiantara-se a seu tempo. Anos depois, muitos siques faziam a barba sem por isso perder sua identidade.

Sobre sua extravagância não cabia a menor dúvida e também nisso sentia-se herdeiro dos grandes príncipes e imperadores do passado. Para todos eles, ser excêntrico sempre fora uma forma de refinamento. Em Kapurthala, desde que, em uma cerimônia solene, antes de partir para a Europa pela segunda vez, em maio de 1900, pôs a primeira pedra de seu novo palácio, os habitantes puderam ver, ano após ano, como ia surgindo um edifício de um estilo completamente desconhecido para eles, cuja fachada acabou pintada de cor-de-rosa com baixos-relevos em branco, grandes janelões à francesa, telhados de ardósia cinza e jardins inspirados em Le Nôtre, por onde passeavam babás e concubinas empurrando carrinhos entre estátuas alegóricas e fontes iguais às de Versalhes.

Extravagante era também sua maneira de viajar. Em uma viagem a Bombaim no *Punjab Mail*, o rajá, que ia em seus vagões particulares enganchados no final de um trem que transportava mil passageiros, ordenou a seu secretário particular que mandasse deter o comboio durante dez minutos na estação de Nasik. Queria barbear-se. O chefe da estação informou-lhe que não tinha autoridade para isso e imediatamente telefonou para seu superior, que lhe ordenou que fizesse o trem partir. O secretário insistiu em pagar todos os gastos que a detenção acarretasse, enquanto os guarda-costas do rajá pressionavam o maquinista para que esperasse alguns minutos. De modo que o chefe de estação teve de engolir isso, e os mil passageiros, também. Depois, mandou um relatório apresentando um protesto oficial perante as mais altas instâncias da administração da estrada de ferro, que o transmitiram ao Departamento Político do Punjab. O rajá havia feito outra das suas. “Se o trem não tivesse esperado alguns minutos”, respondeu o rajá, “eu poderia ter

me machucado, o que teria custado mais caro à companhia da estrada de ferro, devido aos seguros que tenho, do que os gastos ocasionados por um pequeno atraso.” Essa fora sua argumentação.

Mas os ingleses, que conheciam bem os príncipes indianos, com quem mantinham uma relação baseada na indulgência, eram capazes de colocar as extravagâncias do rajá de Kapurthala em sua justa perspectiva. Eram ninharias comparadas com as de seus colegas. Um príncipe de um Estado do sul, grande caçador de tigres, acusado de utilizar bebês como isca, desculpou-se com o argumento de que não havia errado um único tigre em toda sua vida, o que era verdade. O marajá de Gwalior mandou trazer um guindaste especial para içar sobre o telhado de seu palácio o mais pesado de seus elefantes, o que resultou no telhado afundado e no animal ferido. Alegou que decidira comprovar a solidez do telhado de seu palácio porque comprara em Veneza um candelabro gigantesco para rivalizar com os que pendiam dos tetos do palácio de Buckingham. Esse mesmo marajá era tão apaixonado por trens que mandara fabricar um em miniatura, cujas locomotivas e vagões circulavam sobre uma rede de trilhos de prata maciça entre as cozinhas e a imensa mesa da sala de jantar de seu palácio. O painel de comando estava instalado no lugar onde ele se sentava. Manipulando manivelas, alavancas, botões e sirenes, o marajá regulava o tráfico dos trens que transportavam bebidas, comida, cigarros ou doces. Os vagões-tanque, cheios de uísque ou de vinho, detinham-se diante do comensal que tivesse pedido uma taça. A fama desse trem chegou até a Inglaterra, pois, certa noite, durante um banquete oferecido à rainha Maria, devido a um curto-circuito no painel de comando, as locomotivas lançaram-se descontroladas pela sala de jantar, jorrando vinho xerez e projetando espetinhos de queijo com espinafre e frango ao *curry* sobre as roupas das senhoras e os uniformes dos cavalheiros. Foi o acidente de trem mais absurdo da história.

Se o rajá de Kapurthala não havia permitido que o trem – o de verdade – que unia Délhi aos Estados do norte passasse por seu Estado para não ter de se incomodar indo receber todos os altos oficiais que viajassem pela linha, o rajá hindu de um dos Estados de Kathiawar também negou isso, mas por outra razão: porque era uma ofensa para sua religião pensar que os passageiros que atravessassem seu território poderiam estar comendo carne de vaca no vagão-restaurant.

As extravagâncias não tinham limite. Um marajá do Rajastão tratava todos os seus assuntos, inclusive os conselhos de ministros e os julgamentos, no quarto de banho, porque era o lugar mais fresco do palácio. Outro se excitava sexualmente com os gemidos das parturientes. Outro, para reduzir gastos, acumulou em um mesmo alto funcionário os cargos de Juiz do Estado e Inspetor Geral de Bailarinas, pelo que lhe

pagava cem rupias por mês. Outro comprou 270 automóveis, e o marajá Jay Singh de Alwar, que comprava os Hispano Suíça de três em três, mandava-os enterrar cerimoniosamente nas colinas dos arredores de seu palácio à medida que ia se cansando deles.

O último nababo do Bhopal recebeu uma reprimenda das autoridades britânica por ter gastado uma soma colossal na fabricação de um banheiro portátil, com caldeira de água quente, banheira, vaso sanitário e lavatórios etc. – para caçar! Seu irmão, o general Obaidullah Khan, irritado com a impaciência de um vendedor de uma relojoaria de Bombaim, decidiu comprar no ato todo o estoque da loja.

O marajá de Bharatpur nunca viajava sem sua estátua do Deus Krishna. Havia sempre um assento reservado para a divindade. Os megafones dos aeroportos do mundo inteiro repetiriam com frequência a mesma chamada: “Última chamada: sr. Krishna, apresente-se no portão de embarque...”.

Durante os banquetes que oferecia, o nababo de Rampur, conhecido por sua grande cultura, organizava competições de palavrões em punjabi, urdu e persa. O nababo sempre ganhava. Obteve seu recorde ao soltar vários palavrões e insultos durante duas horas e meia sem parar, enquanto seu rival mais próximo ficara sem vocabulário ao cabo de noventa minutos.

Os marajás também aprontavam. Estavam sempre trocando entre si virgens, pérolas e elefantes. Um jovem príncipe meio arruinado, que havia conseguido fazer um bom negócio vendendo uma dúzia de “bailarinas” a um milionário parse, no último momento decidiu colocar no lote três anciãs, ficando com as três bailarinas mais jovens.

No olimpo das extravagâncias, as do nababo de Junagadh, pequeno Estado ao norte de Bombaim, destacavam-se das demais. O príncipe tinha paixão pelos cachorros – chegou a ter quinhentos. Instalara seus favoritos em apartamentos com eletricidade, onde eram servidos por criados remunerados. Um veterinário inglês especializado em cães dirigia um hospital destinado exclusivamente a atendê-los. Os que não tinham a sorte de sair com vida da clínica eram honrados com funerais ao som da *Marcha fúnebre* de Chopin. O nababo saltou à fama nacional quando teve a ideia de celebrar o casamento de sua cadela Roshanara com seu labrador preferido, chamado Bobby, em uma grandiosa cerimônia, para a qual convidou príncipes e dignitários, incluindo o vice-rei, que declinou o convite “com grande pesar”. Cinquenta mil pessoas apinharam-se ao longo do cortejo nupcial. O cão vestia-se de seda e usava pulseiras de ouro, enquanto a noiva, perfumada como uma mocinha, ostentava joias com pedraria. Durante o banquete, o feliz casal sentou-se à direita do nababo e depois foi conduzido a um dos apartamentos, para que lá consumassem sua união.

Geralmente, quanto mais ricos e poderosos, mais excêntricos se mostravam. A autoridade indiscutível no tema dos prazeres da carne e das extravagâncias era um bom amigo do rajá e seu vizinho. O marajá Rajendar Singh, nascido no mesmo ano que Jagatjit, reinava sobre os seis mil quilômetros quadrados de Patiala, Estado fronteiro a Kapurthala, mais povoado que este último e, portanto, mais rico. Tinha direito a uma saudação oficial de dezessete tiros de canhão. Seus tutores lhe haviam ensinado urdu e inglês e desde muito jovem transformara-se em uma promessa no polo e no críquete, até que sua paixão pelo álcool e pelas mulheres, à qual se entregava com excessiva regularidade, mudou o rumo de sua vida. Vivia em um palácio de meio quilômetro de extensão e cuja fachada traseira dava para um enorme lago artificial. Cães afegãos, pavões e tigres acorrentados nos charcos cobertos de lótus povoavam os jardins.

Se os ingleses achavam que Jagatjit estava se tornando um mulherengo, o que não diriam de Rajendar, que desde os onze anos vinha mostrando grande aptidão para o sexo e a farra. Junto com seu primo, o rajá de Dholpur, tinham fama de ser libertinos “selvagemmente extravagantes”, como os descreveu um oficial inglês. Mas o fato de criticá-los nos relatórios secretos não significava que a sociedade colonial britânica os marginalizasse. Pelo contrário: afinal de contas, tinham sangue azul. Da mesma maneira que o marajá de Jaipur chamava a rainha Elizabeth da Inglaterra de “Lizy”, os três amigos – Kapurthala, Patiala e Dholpur – conviviam, durante os verões em Simla, com a mais alta sociedade, chegando a se tornar a companhia favorita do novo vice-rei, *Lord Curzon*, e de sua mulher, até que um incidente interrompeu esse idílio. Os três príncipes tinham ficado tão íntimos de *Lady Curzon* que certa noite a convidaram para jantar em Oakover, a suntuosa residência de Rajendar, em Simla, de cuja varanda via-se a cordilheira do Himalaia entre salgueiros e rododendros em flor. A dama havia manifestado o desejo de ver de perto as famosas joias de Patiala, conhecidas em toda a Índia. Antes de jantar, experimentou um colar de pérolas assegurado pela Lloyd’s em um milhão de dólares, e uma tiara composta por mil e um diamantes azuis e brancos – ambas as peças consideradas os tesouros de Patiala. “Estas joias ficam melhor sobre um sári”, disse-lhe então Rajendar. “Por que você não experimenta este que pertenceu a minha avó?”

Poucas mulheres da alta sociedade teriam resistido à tentação de vestir uma roupa dessas, seja por diversão ou pela simples curiosidade de ver-se como uma rainha oriental. O caso é que *Lady Curzon* acabou exibindo as joias de Patiala, inclusive o famoso diamante “Eugene”, a tiara, o colar de pérolas, e o fez vestida com um sári vermelho bordado com fios de ouro. Estava fantástica. Para que ela tivesse uma recordação e para comemorar tão divertida noite, os jovens rajás propuseram tirar umas fotos, já que tinham como hóspede o célebre pioneiro da fotografia na Índia, um sique chamado Deen Dayal.

Infelizmente para os três príncipes, a foto apareceu nos tabloides britânicos, causando enorme confusão: a vice-rainha do Império britânico disfarçada de rainha indiana! Que escândalo! *Lord Curzon* ficou furioso e proibiu para sempre a visita dos três príncipes a Simla, e, aproveitando, a dos outros marajás sem que previamente contassem com sua permissão. Ofendido pelo que considerou uma reação desproporcional do vice-rei, Rajendar construiu sua própria capital de verão perto da aldeia de Chail, a sessenta quilômetros de Simla e a três mil metros de altura. Lá, mandou construir o campo de críquete mais alto do mundo, onde equipes britânicas, australianas e indianas disputaram grandes torneios, desfrutando vistas espetaculares sobre as geleiras de Kailash e os picos do Himalaia.

Jagatjit optou por erguer uma mansão a cerca de cem quilômetros de Simla, em Mussoorie, outra *hill station*, como os ingleses chamavam esse tipo de cidade de veraneio, cuja atmosfera era sempre frívola e descontraída. Fez isso inspirando-se em um dos castelos do Loire que tanto o haviam impressionado, com torreões cônicos cobertos de ardósia. Decorou o interior com quadros, móveis de época franceses, louça de Sèvres e tapeçarias dos gobelinos e batizou-o com o exótico nome de *Château Kapurthala*. A mansão se tornaria famosa por seus bailes à fantasia animados por grandes orquestras. A fantasia proporcionava o anonimato necessário para que os aristocratas indianos e as mulheres europeias mantivessem relações escondidas dos maridos, ausentes porque não podiam se permitir o luxo de passar quatro meses veraneando em família. No fim das festas do rajá, secretamente, os casais saíam em *rickshaws* que serpenteavam pela Camel's Back, a estrada circular de trás da colina de onde era possível desfrutar uma paisagem idílica de picos nevados, terraços verdes e prados fluorescentes. Os casais passavam longas horas lá, e depois o *rickshaw* devolvia as senhoras a suas residências. Algumas, as mais atrevidas, levavam seus amantes para casa.

Mas Jagatjit não era um farrista empedernido ou um bebum. Era um cavalheiro que gostava do contato com a alta sociedade, ao contrário de Rajendar e seu primo, o rajá de Dholpur, que preferiam cercar-se de proxenetas, jogadores, alcoólatras ou parasitas europeus de baixa categoria. Os ingleses acusavam o rajá de Dholpur de exercer má influência sobre seu primo, empurrando-o ainda mais para o caminho da perdição e a má vida, e de receber dinheiro por sua companhia. Em um relatório oficial, Rajendar foi definido como “um alcoólatra, um pai indiferente, um marido infiel e um terrível administrador”. Quando o vice-rei mandou um alto funcionário falar seriamente com o marajá sobre sua indiferença pelos assuntos administrativos e sobre sua desordem financeira, Rajendar, sentindo-se ofendido, respondeu-lhe: “Mas eu dedico uma hora e meia por dia aos assuntos de Estado!”. Rajendar gostava mais da companhia dos cavalos do que da dos homens. Em suas quadras mantinha setecentos puros-sangue, entre os quais havia trinta reprodutores de alta qualidade

que proporcionaram a Patiala e à Índia grandes campeões nas corridas. Também gostava de críquete e polo. Foi o mecenas de Ranji, seu ajudante de campo, que levou a equipe de Patiala a se destacar no críquete. E conseguiu transformar os Tigres – seu time de polo, com uniformes laranja e preto – no terror da Índia.

Mas a notoriedade de Rajendar seria dada por ter sido um pioneiro. Causou uma verdadeira comoção ao importar o primeiro automóvel à Índia, um De Dion Bouton – placa Patiala 0 –, que deixou seus súditos atônitos, pois consideravam um milagre que pudesse se deslocar a 15 ou 20 quilômetros por hora sem a ajuda de um camelo, de um cavalo ou de um elefante. Maior ainda foi o espanto quando anunciou seu casamento com uma inglesa. Era a primeira vez que um príncipe indiano se casava com uma europeia. A mulher chamava-se Florrie Bryan e era a irmã mais velha do chefe das quadras de Sua Alteza. Quando o vice-rei soube de sua intenção de se casar, transmitiu-lhe sua mais firme reprovação através do delegado no Punjab: “Uma aliança desse tipo, contraída com uma europeia de uma categoria muito inferior à vossa, está condenada aos piores resultados. Transformará vossa posição, tanto entre os europeus quanto entre os indianos, em algo vergonhoso. No Punjab, como podeis imaginar, o casamento será mal recebido”.

Apesar de tão contundente advertência, dois dias depois a *Civil and Military Gazette* de 13 de abril de 1893 anunciava em primeira página o casamento secreto do marajá de Patiala com *Miss Florrie Bryan*, pelo rito sique. A nota acrescentava que o acontecimento não podia esperar, porque a noiva estava grávida de quatro meses. A nobreza de Patiala, o vice-rei e o governador ignoraram o ato. Os príncipes do Punjab também. Jagatjit Singh estava na Europa, mas teria ido ao casamento de seu amigo. No fundo, admirava-o porque se atrevera a fazer o que ele desejava no mais profundo de seu ser: casar-se com uma europeia. Para aqueles companheiros de farra, que haviam explorado as montanhas em busca de concubinas, *experts* na arte de amar, a mulher branca era o mais apreciado dos troféus – talvez por ser também o mais difícil de obter.

¹⁰ Memorando sobre Kapurthala, 10 de junho de 1901 (Biblioteca Britânica, Londres, Curzon Collection, p. 327).

Para os príncipes, a mulher europeia encarnava todo o mistério, a emoção e o prazer que o Ocidente oferecia, um mundo novo do qual de alguma maneira desejavam apropriar-se. Além disso, seduzir uma mulher branca era como uma metáfora das relações ambivalentes – mistura de admiração e rejeição – que mantinham com o poder britânico. Também combinava com a tradição indiana do amor romântico, onde os amantes eram capazes de desafiar as barreiras impostas pelas castas e religiões para satisfazer sua paixão. Grandes histórias de amor, que mais tarde o cinema levou à tela para deleite das massas, povoam a mitologia hindu desde tempos remotos. E, como se fosse pouco, a mulher branca tinha seu lugar no *Kamasutra*. Segundo essa Bíblia do sexo, a melhor amante tem que ter a pele muito clara e não deve ser procurada no próprio país, onde vivem as mulheres com as quais um homem se casa e cujo passado é conhecido e avalizado por seus familiares. A amante deve vir de longe, de outro reino ou, no mínimo, de outra cidade. O conceito peculiar do amor dos indianos separava a mulher-mãe com quem o homem se casa da mulher-amante, com quem se diverte e usufrui o sexo. Uma dicotomia cujas raízes se encontram na antiguidade de uma sociedade poligâmica, e à qual a Europa também não fica alheia. Mas, na mitologia indiana, proporcionar prazer sexual eleva, enquanto dar à luz crianças, que por sua vez são puras e sagradas, macula a mulher, que tem que se submeter a constantes purificações. Para criar novas vidas, as mulheres indianas desprendem-se, em cada parto, de uma parcela de seu corpo e de sua alma. Então, é muito difícil, se não impossível, oferecer com o prazer uma parte de si mesmas para tornarem-se boas amantes.

De modo que não é de se estranhar que todos os indianos de bom berço, embalados pelos ensinamentos do *Kamasutra*, sonhassem em ter relações com mulheres europeias. Possuir uma branca era considerado um símbolo externo de grande luxo e exótico esplendor.

* * *

A primeira união conhecida entre um príncipe indiano e uma europeia, o primeiro casamento, foi um fracasso total. Florrie Bryan, alta, loura de olhos azuis e um tanto sem graça – uma “mulher-égua” com ascendência em “mulher-elefante”, segundo o *Kamasutra* –, foi feliz só enquanto durou sua lua de mel. Em sua ingenuidade, pensou que poderia mudar seu marido, mas pouco a pouco foi percebendo que aquilo era impossível. A vida de Rajendar continuou girando ao redor de taças, mulheres e esporte. Florrie começou a sentir-se cada vez mais isolada, cada vez mais

sozinha. Os compatriotas de seu marido deixaram-na no vácuo, por ser de origem humilde e de uma raça suspeita, e as mulheres do marajá puseram-se em pé de guerra. Tanto que, quando seu filho recém-nascido morreu por causa de uma febre, Florrie teve certeza de que havia sido envenenado. Não havia provas, e a inglesa conhecia a Índia muito bem para saber que nunca haveria.

Dois anos depois, Florrie jazia em seu leito de morte, vítima de um mal misterioso. “Seu corpo padecia de uma doença física verdadeira”, acabaria concluindo o relatório de um oficial inglês, o tenente coronel Irvine, “mas foi a aflição que torturava sua alma que acabou sendo o agente final de sua destruição.”

As mil pombas brancas que Rajendar mandou sacrificar para honrar a memória de Florrie eram uma pobre compensação por todo o abandono e a rejeição que a mulher tivera que suportar. Suas joias foram parar com o rajá de Dholpur. Perante as autoridades britânicas, Rajendar alegou que esse havia sido o desejo de Florrie, mas as investigações revelaram que ele devia muito dinheiro ao rajá.

Cinco anos depois da morte de Florrie, o primeiro-ministro de Patiala anunciava que o marajá Rajendar Singh havia sofrido uma queda de cavalo que lhe causara a morte. Um final glorioso para alguém tão amante desses animais. Mas o anúncio oficial era mentira. O vice-rei *Lord Curzon* explicou ao rei Eduardo VII em uma carta que o marajá havia sucumbido a um ataque de *delirium tremens* devido ao álcool. Tinha 27 anos.

* * *

A fome de mulher europeia que os príncipes tinham fez com que alguns inescrupulosos se dedicassem ao negócio de intermediação matrimonial. Os primeiros “agentes” foram Lizzie e Park van Tassell, casal formado por uma governanta e um holandês que vivia fazendo demonstrações de voos de balão. Conseguiram casar sua filha Olivia com o rajá de Jind por uma quantia de cinquenta mil rupias e o compromisso de uma pensão vitalícia de mil rupias por mês. Com o sucesso da operação, o casal holandês decidiu arranjar mais europeias para outros príncipes.

Os ingleses estavam desconcertados e furiosos. A súbita paixão por mulheres brancas transtornava a ordem social. A união entre europeias e príncipes indianos implicava o reconhecimento de uma igualdade física e emocional que questionava a hierarquia racial e de classe do Império. E essa hierarquia era um reflexo do sistema indiano de castas, onde cada qual sabia qual era seu lugar e não o questionava.

O problema é que não sabiam muito bem como reagir diante das paixões dos

príncipes. O vice-rei *Lord* Curzon também tentara impedir esse casamento, mas o rajá de Jind dera-lhe a entender que não era assunto seu. Curzon, homem pouco acostumado a ser contrariado, reagiu proibindo que Olivia usasse o título de marani e que o casal visitasse Simla. Além disso, transferiu o tenente-coronel Irvine por sua incapacidade de impedir o casamento. Mas era uma atitude meio inútil. Na realidade, o governo colonial não sabia como lidar com esse exército de manicures, bailarinas, estudantes e mulheres europeias e americanas de antecedentes suspeitos que seduziam os príncipes de seu império.

Se Rajendar Singh de Patiala atingira cotas altíssimas de extravagância, seu filho Bhupinder o ultrapassaria e muito, tornando-se um personagem lendário. Com seus 130 quilos, os bigodes erguidos como dois chifres, os lábios sensuais e o olhar arrogante, Bhupinder era conhecido por seu enorme apetite por comida – era capaz de comer três frangos seguidos – e por amor – seu harém chegou a contar com 350 esposas e concubinas. Era um homem que ardia de paixão animal, um monarca absoluto com um apetite sexual insaciável, maior que o de seu pai. Um homem que uma vez não hesitou em ordenar uma incursão armada nas terras de seu primo, o rajá de Nabha, para raptar uma jovem loura de olhos azuis que avistara quando caçava.

Bhupinder e Jagatjit Singh acabaram tornando-se muito famosos na Europa. Por serem siques, por serem os monarcas de dois Estados do Punjab e por sua forte personalidade. A imprensa aludia a uma suposta rivalidade entre ambos, mas essa rivalidade nunca existiu. Apesar de suas semelhanças, eram personagens muito diferentes. O número de concubinas de Jagatjit nunca se aproximou do de Bhupinder. Este era muito mais rico, mais ostensivo e mais guerreiro. Bhupinder era um fanático pelo polo; Jagatjit era pelo tênis. Ambos reconheciam os britânicos como única autoridade, embora ambos resistissem a isso; se pudessem ter se autoproclamado reis, tê-lo-iam feito sem pestanejar. O estilo de Bhupinder era o de um monarca oriental; Jagatjit queria se parecer mais com os reis da França.

Cada um a seu modo, ambos eram bons pais. Os numerosos filhos de Bhupinder Singh viviam em um palácio chamado Lal Bagh. Eram atendidos por uma multidão de babás inglesas e escocesas, e todos tinham direito à mesma educação e frequentavam as melhores escolas. Um visitante que passou uma temporada em Patiala contou um dia 53 carrinhos de bebê parados em frente ao Lal Bagh. O mesmo acontecia em Kapurthala, mas em uma escala menor.

Três mil e quinhentos criados de todo tipo pululavam pelo enorme palácio de Patiala. Bhupinder contratou um mecânico inglês formado na Rolls-Royce para cuidar de seus 27 Silver Ghost, além dos noventa automóveis de outras marcas que foi adquirindo. Apaixonado pelo polo como seu pai, manteve e melhorou a quadra que herdara e continuou mantendo o time dos Tigres no topo do esporte nacional.

Se seu pai havia sido um mulherengo emérito, as aptidões para o sexo que Bhupinder Singh manifestou desde pequeno eram extraordinárias e deixavam perplexos os temerosos funcionários ingleses. Colecionava mulheres como quem coleciona troféus de caça, diferente de Jagatjit, que, embora facilmente se apaixonasse, era capaz de ser fiel durante certo tempo. Além disso, o rajá de Kapurthala gostava da companhia de mulheres atraentes e inteligentes e procurava

sempre manter sua amizade, mesmo depois de acabado o relacionamento afetivo.

Bhupinder só se interessava pelo sexo. Durante os tórridos verões, convidava seus amigos para tomar banho em sua gigantesca piscina e gratificava-os com a presença, na água, de jovens belezas com o peito nu, vestidas com um simples pareô de algodão. Blocos de gelo refrescavam a água, e o monarca nadava feliz, subindo de vez em quando à beira da piscina para tomar um trago de uísque ou tocar um seio ao acaso. Uma vez, com o mero propósito de provocar, convidou um oficial inglês, que, ao ver-se em um cenário desses, não soube como reagir. Por um lado, queria mergulhar naquela piscina tão “promissora”; por outro, temia o que poderiam dizer. Finalmente, optou por dar um mergulho, e foi assim que o resto do mundo soube o que “se aprontava” na piscina de Patiala.

Tal era a ânsia de sexo de Bhupinder que, quando era ainda muito jovem, inventou um culto para disfarçar. Fez isso com a cumplicidade de um sacerdote hindu, Pandit Prakash Nand, seguidor de um obscuro culto tântrico chamado Koul, que vem do nome de uma deusa a quem se devia apaziguar com o domínio de certas práticas sexuais. Duas vezes por semana, Bhupinder organizava “reuniões religiosas” em uma sala afastada do palácio, onde o sacerdote erguera uma estátua de barro da deusa Koul e decorara com joias emprestadas pelo marajá. Evidentemente, as maranis oficiais não eram convidadas para essas celebrações, sempre cercadas de grande segredo. O sacerdote conduzia o ritual vestido com uma pele de leopardo e exibindo o rosto pintado de vermelho e a cabeça raspada, com exceção de um rabinho que saía do meio da cabeça. “Parecia feroz, mas sereno e digno”, contaria Jarmani Dass, primeiro-ministro de Kapurthala. Começava pedindo à audiência – entre a qual se encontrava um grande grupo de garotas jovens das montanhas, em sua maioria virgens – que cantasse em honra à deusa. Depois, servia vinho misturado com afrodisíacos a todos os assistentes, e o marajá pedia às virgens que se aproximassem do altar e se despissem para rezar à deusa. Elas, ignorantes e intimidadas pelo fausto religioso da cerimônia, obedeciam sem replicar. À medida que a noite avançava e conforme o álcool e as poções acrescentadas faziam efeito, o grande sacerdote rogava a alguns casais que copulassem em frente à estátua da deusa, pedindo-lhes que o fizessem devagar, porque o importante não era tanto o ato sexual, mas a maneira de se conter e prolongar o prazer. “Uma após outra, as virgens do harém, que tinham entre doze e dezesseis anos, eram levadas à frente do altar, intoxicadas”, contaria Jarmani Dass. “As virgens haviam sido compradas das famílias tribais das montanhas e mantidas em uma ala do palácio destinada às crianças e adolescentes. Quando julgavam que estavam suficientemente maduras, faziam-nas participar das cerimônias da deusa e obedecer às ordens de seu amo. O vinho que o grande sacerdote vertia sobre a cabeça das garotas escorria entre os seios até chegar ao ventre e depois ao púbis, onde o marajá e outros convidados seus punham os lábios para sorver algumas

gotas do líquido considerado muito sagrado e purificador da alma.” Jarmani Dass nunca disse se seu chefe, o rajá de Kapurthala, estava presente nessas cerimônias. Provavelmente não se teria prestado nunca àquela farsa, que teria considerado de mau gosto. Era muito refinado para isso. Uma carta confidencial de um funcionário inglês próximo ao rajá e dirigida ao governador do Punjab exime-o de participar dessas orgias: “Os ministros de seu entorno fazem o impossível para atraí-lo para as garotas *rajput*. Utilizam todos os meios de que dispõem para afastá-lo da forte atração que sente pelas mulheres europeias. Mas o rajá não gosta das garotas *rajput*. Sua conduta prévia mostrou que seu maior desejo é satisfazer seu apetite sexual com mulheres de origem ou parentesco europeu. O rajá fala e lê francês. Assina *La Vie Parisienne*, revista cujas ilustrações são às vezes censuráveis. Parece que na parede de seu quarto tem uma ilustração muito indecente pendurada, embora eu não tenha podido comprovar com meus próprios olhos”.

* * *

No que ambos os príncipes colaboravam – porque precisavam para seu ritmo de vida – era em conseguir todo tipo de afrodisíacos. Como ambos eram um pouco hipocondríacos, estavam sempre cercados de vários médicos tradicionais indianos e também europeus. Um os mandava ao outro para que tratassem suas próprias doenças e de suas famílias. Um curandeiro cego chamado Nabina Sahib visitava assiduamente os palácios dos príncipes do Punjab. Tinha a habilidade de diagnosticar as doenças tomando o pulso dos pacientes. Como as mulheres do palácio não estavam autorizadas a deixar-se ver, e menos ainda deixar-se tocar por um médico homem, para reconhecê-las esse curandeiro mandava que amarrassem uma cordinha no pulso e, assim, a distância, colocando a corda na orelha, tomava-lhes o pulso. Seus acertos deixavam os médicos europeus perplexos.

As rondas nos palácios começavam logo pela manhã. Os doutores reuniam-se em um salão e, depois de comentar diversos aspectos das doenças das mulheres, dispersavam-se pelos aposentos. Vigiado muito de perto por criados de confiança do príncipe que em alguns casos, para maior segurança, eram eunucos, o médico conversava com a doente através da gelosia ou de uma cortina. O contato cara a cara não era permitido, embora em ocasiões urgentes o médico fosse autorizado a pôr a mão por baixo da cortina para tomar-lhes o pulso. “Algumas mulheres fingem estar doentes para ter a oportunidade de conversar com o médico e para deixar que lhes peguem o pulso”, escrevera Nicolao Manucci, médico italiano que atendera as mulheres do harém do imperador Aurangzeb. “O médico estica o braço por baixo da gelosia ou da cortina e então a mulher lhe acaricia a mão, beija-a e morde-a

docemente. Algumas até a colocam sobre o seio...”

No começo do século XX os médicos indianos ainda estavam submetidos às regras estritas da *zenana*. Em alguns Estados mais progressistas, como nos siques do Punjab, somente os médicos europeus e americanos podiam tratar das mulheres diretamente e sem véu, mas só quando havia uma urgência. Seu prestígio era tal que os príncipes confiavam neles.

Quando terminavam as consultas, e com suas anotações na mão, os médicos informavam o rajá, sempre na presença dos curandeiros indianos. Em Patiala, como havia mais de trezentas mulheres, era impossível para os médicos escrever relatórios pelo nome de cada uma delas. Portanto, para facilitar o processo, relacionavam-nas por ordem alfabética e numérica. As maranis eram indicadas por letras: A, B, C, D, E, F etc., e as segundas esposas ou ranis por ordem numérica: 1, 2, 3, 4, 5... Finalmente, as outras mulheres que cercavam o rajá eram classificadas no gráfico dos médicos alfanumericamente: A1, A2, B1, B2, C1, C2 etc. Essa era a ordem pela qual o rajá se guiava na lista, que informava o tipo de doença que as afligia, o prognóstico e o tratamento recomendado.

Os rajás visitavam as mulheres doentes mesmo se fossem esposas “oficiais” (filhas de famílias aristocráticas) ou concubinas procedentes das tribos das montanhas. Uma vez dentro da *zenana*, todas eram merecedoras das atenções reais e todas tinham a segurança de que, por mais doentes que estivessem, nunca seriam postas na rua. Para saber quais de suas mulheres estavam menstruadas, Bhupinder teve uma ideia que logo seria copiada por outros rajás: ordenara que as que estivessem menstruando deixassem o cabelo solto. Assim, podia saber qual evitar quando, ao anoitecer, chegasse a irreprimível vontade de um encontro íntimo.

Levado por seu vício em sexo, Bhupinder usava seus médicos também para propósitos diferentes da cura. Além de saber quais eram as misturas e as substâncias mais eficazes para prolongar a ereção, também lhe interessava descobrir se existia alguma maneira de devolver a juventude a uma amante já madura para que o continuasse atraindo como no primeiro dia. Sempre segundo Jarmani Dass, conseguiu que os médicos, à base de injeções vaginais, fizessem com que as mulheres exalassem odores corporais sensuais e provocantes. Graças aos contatos que seu amigo, o rajá de Kapurthala, lhe havia proporcionado, contratou médicos franceses, entre os quais encontrava-se o doutor Joseph Doré, da Faculdade de Medicina de Paris. Ele se encarregava das cirurgias mais sérias, incluindo as ginecológicas, a que Bhupinder, fato curioso, gostava de assistir. Os médicos franceses também faziam cirurgias plásticas, principalmente nos seios. “Os médicos franceses eram especialistas nessa arte, e faziam tudo exatamente conforme os desejos do rajá, que às vezes os queria ovais, como as mangas, e outras em forma de pera. Quando tinha alguma dificuldade para levar a cabo o ato sexual com alguma de suas mulheres, os médicos

sempre estavam dispostos a realizar uma pequena operação para facilitar a penetração.” O marajá transformou uma ala de seu palácio em um laboratório, cujas provetas e peneiras produziam uma exótica coleção de perfumes, loções e filtros. Os médicos indianos competiam na tentativa de elaborar combinações afrodisíacas à base de ouro e pérolas moídas, assim como de especiarias, prata, ferro e ervas. Conseguiram efetividade com uma cocção de cenouras misturadas com miolos de pardal. Mas isso não era suficiente para aumentar o vigor sexual na medida das necessidades do marajá. No fim, os médicos franceses levaram para o palácio uma máquina de radiações. Submeteram o príncipe a um tratamento de rádio, garantindo-lhe que aumentaria “o poder espermatozoiário, a capacidade dos testículos e a estimulação do centro de ereção”. Mas não era a perda da qualidade de seu esperma que afligia Bhupinder Singh, mas outro mal que também afetava muitos de seus colegas: o tédio e um egoísmo sem limite. Quando, anos depois, um jornalista lhe perguntou: “Alteza, por que não industrializa Patiala?”, Bhupinder, como se lhe houvessem feito uma pergunta idiota, respondeu:

– Porque senão não haveria ninguém que quisesse ingressar nas forças do Estado, seria impossível arranjar cozinheiros e criados. Todos passariam para a indústria. Seria um desastre.

TERCEIRA PARTE

“SOU A PRINCESA DE KAPURTHALA”

– Senhora, trouxeram-lhe um pacote.

– Já desço.

Anita espreguiça-se lentamente. Todos os seus movimentos são pausados, em câmera lenta. Deixa sobre a cama o leque de plumas de avestruz e olha pela janela de seu quarto da *Villa Buona Vista*. O céu está quase esbranquiçado, mal se distingue a linha do horizonte. Embaixo, as flores dos jardins estão murchas, a grama já não tem o verdor de janeiro, os cães se enroscam à sombra da varanda e a gazela passa o dia inteiro deitada na beira do tanque. De repente chegou o calor. E é um calor onipresente, intenso, seco e abrasador. Um calor como o de Málaga em agosto. Com a diferença de que o mês é março, e dizem que a temperatura continuará subindo até as chuvas de junho. Para Anita é difícil, porque está no oitavo mês de gestação. Sua beleza é a de uma pessoa adulta. A curva de seu ventre sob o vestido de seda despojou-a de qualquer traço infantil. Parece mais alta e tem uma pele de pêssego que dá luz a seu rosto. Continua conservando sua graça, acentuada talvez por uma maturidade prematura. Diz que não consegue viver sem os *punkas*,¹¹ seus “ventiladores humanos”. São velhos criados que passam o dia deitados na varanda, puxando uma corda amarrada ao dedão do pé. A corda passa pela janela do quarto e, por meio de uma polia no teto, faz girar uma longa barra de madeira da qual pende um tecido umedecido em água perfumada que movimenta o ar. Alivia um pouco, mas mesmo assim é preciso lutar mentalmente contra o calor. É preciso dosar o esforço físico, medir os passos e prever a energia de que se necessita para qualquer atividade. Por isso Anita move-se lentamente. Desce os degraus das escadas apoiando suas mãos inchadas no corrimão. “Será outro presente do rajá?”, pergunta-se. Estranha, porque não há nada para comemorar. Em 5 de fevereiro passado, o dia de seu aniversário, seu marido a surpreendeu com um maravilhoso colar de pérolas. Mas a verdade é que às vezes chegavam presentes inesperados, como o de um súdito que mandou dois pavões, porque estava agradecido por uma decisão judicial, ou o de um monarca amigo que anunciou sua visita enviando uma caixa de garrafas de uísque.

O pacote está depositado no salão e parece um pequeno caixão. É uma caixa de madeira, pregada e amarrada, que vem da Espanha. O mordomo se encarrega de abri-la arrancando as tábuas. Mas, de repente, o homem solta a ferramenta e sai correndo, com uma mão na boca. O pacote exala um cheiro penetrante, um bafo de podre que vai diretamente para a garganta. Em poucos segundos arma-se uma revolução entre os criados. Tiram o turbante para cobrir o nariz e, com a ajuda de outras ferramentas, conseguem abrir a tampa. Anita faz um imenso esforço e começa a abrir um pacote embrulhado em papel e depois em tecido. Fica com ânsia de vômito e no fim não

consegue terminar o que está fazendo; ao ver alguns vermes verdes e brilhantes, solta tudo, dando um grito. Um velho criado leva a caixa para o jardim e começa a tirar coisas que nunca viu na vida, umas coisas que só Anita sabe o que são: um presunto de Jabugo, duas morcelas de Burgos e vários queijos da Mancha cheios de vermes. Tanta podridão não é de surpreender, levando em conta os cinco meses de viagem até chegar à Índia. O pacote vem acompanhado de uma carta carinhosa da família Delgado, que espera que esses manjares lhe permitam alimentar-se enquanto se acostuma com a comida indiana. “Onde pensam que eu moro?”, diz Anita para si mesma e decide mandar-lhes logo um cabograma urgente pedindo-lhes que não mandem mais nada porque come muito bem, ao estilo europeu, e que até bebe água mineral francesa.

A carta também traz notícias inquietantes. Sua irmã Victoria anuncia o casamento com o irresponsável do George Winans. Os pais não conseguiram evitar, mesmo depois que tentaram por todos os meios afastar a filha do americano, levando-a a Málaga. Mas Winans apareceu na casa certo dia, pedindo a mão da garota. Quando negaram, o homem armou um escândalo na porta da casa, tirando uma pistola e ameaçando suicidar-se. No fim, e porque Victoria estava muito apaixonada, conseguiu. Sendo protestante, aceitou a última condição dos pais: converter-se ao catolicismo, porque, como diz Anita em seu diário, “(...) a meus pais já bastava ter uma casada com um pagão e não permitiriam que todas as suas filhas perdessem suas crenças”.

Victoria se casará em maio, e é uma pena, porque Anita não poderá ir. Nem eles puderam vir a seu casamento, nem ela poderá ir a Málaga ao casamento de sua irmã. O mundo é muito grande e a separação dos entes queridos é ainda mais dolorosa nos momentos importantes, nessas ocasiões que marcam a história das famílias. Como gostaria de contar com alguém de sua família na etapa final da gravidez! Tem a companhia do rajá, sempre afetuoso e atencioso, e a de *Mme. Dijon*, que continua lhe ensinando francês e acompanhando-a. Porém sua criada Lola, malaguenha como ela e de quem deveria sentir-se mais próxima, deixa-a nervosa. É fraca, resmungona e não faz nenhum esforço para se adaptar. É mais uma pedra no sapato do que uma ajuda. Anita a mandaria de volta para a Espanha com prazer, mas prefere esperar o nascimento da criança. Além de ajudá-la a se vestir, Lola não faz nada; pelo contrário, é preciso cuidar dela constantemente porque sempre tem alguma coisa, embora a maioria das vezes seja só sua imaginação.

Depois, tem o bom dr. Warburton, com seus grossos bigodes brancos e sua cartola. Acompanha criteriosamente sua evolução e esforça-se para tirar-lhe o medo do parto. Conheceu a parteira, a mulher indiana que ajudou os outros filhos do rajá a nascer, e que lhe lembra uma cigana andaluza. Mas não consegue falar com ela por causa do idioma. Anita sente-se cercada, mas de estranhos.

A vida em *Buona Vista* é extremamente tranquila, principalmente desde a chegada do calor. Longe vai o ar cristalino e picante das manhãs de Caxemira, onde passaram alguns dias de lua de mel em um dos palácios do marajá Hari Singh, à beira do lago coberto de lótus de Srinagar, a Veneza do Oriente, capital de um Estado tão bonito que parece impossível que “alguém possa se sentir infeliz lá”. Anita dissera isso ao marajá como um elogio, e este lhe respondera que podia considerar o palácio como sua casa. O marajá, um indiano com jeito de imperador romano, reina sobre quatro milhões de muçulmanos em um território tão grande quanto a Espanha e belo como o paraíso.

É um vale imenso, esmeralda, emoldurado pelos picos de neves eternas do Himalaia e atravessado por caudalosos rios onde os martins-pescadores sobrevoam antes de lançar-se sobre a presa. Os prados estão cobertos de flores violeta e tulipas cor de carmim. Anita viu mais frutas que na França: morangos, amoras, framboesas, peras, ameixas e umas cerejas tão maduras que estalam à primeira mordida. Nunca tinha cheirado tanta variedade de flores como nos jardins de Shalimar, e o efeito, ao entardecer, deitada em uma espreguiçadeira em frente a uma xícara de chá, era inebriante. Foram dias inesquecíveis, jogando tênis, passeando pelo campo, assistindo a partidas de polo e contemplando sublimes pores do sol sobre as águas cintilantes do lago a bordo de uma *shikara*, um barquinho em forma de gôndola de nomes tão bregas como *Ninho de apaixonados* ou *Doce pássaro de primavera*. Para Anita, também foi sua apresentação à sociedade. Seu comportamento e sua pessoa foram o centro das atenções de todos os olhares. Esplendorosa com seus vestidos indianos, compareceu a jantares onde estavam presentes outros príncipes, como o *nizam* de Hyderabad, que a todo momento se mostrava extremamente atento e solícito com ela. Esse homem tão pequeno – mede um metro e quarenta – reina sobre vinte milhões de hindus e quatro milhões de muçulmanos no maior Estado da Índia. É o príncipe mais rico de todos; dizem que na gaveta de sua mesa, em seu palácio de Hyderabad, tem, embrulhados em uma revista velha, vários diamantes, pertencentes a sua fabulosa coleção de joias e pedras preciosas com a qual seria possível revestir calçadas. Vive com tal medo de ser envenenado que Anita, durante o jantar, pôde observar como um criado seu provava antes que ele todos os pratos do *menu*. O *nizam*, seduzido pela graça de Anita, prometeu-lhe uma bonita joia quando ela e seu marido aceitarem visitá-lo em Hyderabad. Os outros príncipes e parentes também demonstraram admiração pela jovem espanhola e elogiaram o bom gosto do rajá, enquanto as mulheres, por trás das gelosias, dedicaram-se a fazer obscuras previsões sobre o difícil futuro que a espera, por ser “a quinta esposa”.

A viagem foi marcada por uma ofensa inesperada. O residente inglês¹² negou-se a receber o rajá quando soube que iria em companhia de Anita. Foi uma afronta para o

rajá, e ele não conseguiu disfarçar sua irritação com os ingleses, “que se metem onde não deveriam”. Para ela foi uma pena, porque teria gostado de conhecer os jardins da Residência, famosos em toda a Índia pela coleção de rosas com nomes tão ingleses quanto *Marechal Neil* ou *Dorothy Perkins*, capazes de perfumar o ar de toda uma parte da cidade.

Faz apenas dois meses que estiveram em Caxemira, porém, parece uma eternidade. De volta a Kapurthala, retomaram a rotina da vida diária, que vai se tornando lenta à medida que o calor aumenta. Ninguém faz nada durante as horas centrais do dia. Antes de o sol despontar, Anita junta-se ao rajá na *puja* matinal, a oração da manhã. Ele lê parágrafos do *Granth Sahib* e Anita o acompanha, mas rezando à Virgem e pensando nos santos, porque mantém sua fé intacta. “Eu me entendo diretamente com Deus”, disse-lhe em uma ocasião, e ele compreendeu, porque também é pouco dado aos ritos, de modo que cada um deles pratica a religião a sua maneira. Juntos, formam um casal feliz, que parece flutuar acima das dificuldades da realidade.

Depois das orações, o rajá vai montar a cavalo e volta antes das oito da manhã, quando o sol começa a castigar. Passa o resto do tempo em seu escritório tratando de assuntos de Estado com seus ministros e conselheiros. Discutem sobre o orçamento e o estudo das necessidades de construção de centrais elétricas, escolas, hospitais ou agências de Correios, e faz isso como um monarca absoluto. O rajá põe e tira os ministros; em suas terras desconhecem-se as eleições. Quando termina com os assuntos de Estado, sai para visitar seus outros palácios.

Apesar de sua nova vida ser interessante, Anita sente-se sozinha em muitos momentos. Tanto formalismo choca-se com sua educação andaluza. Tratam-na com tanto respeito e acentuando tanto as distâncias que às vezes torna-se impossível falar com naturalidade. Além disso, a gravidez a impede de movimentar-se muito e condena-a à vida sedentária. O rajá aconselhou-a a aprender urdu para poder se comunicar com as esposas e filhas dos nobres ou dos funcionários de Kapurthala. “Dominar uma língua local lhe proporcionará uma vida menos solitária e mais interessante”, disse-lhe. Então Anita permanece em seu quarto, praticando francês com *Mme. Dijon*, aprendendo urdu com um velho poeta, costurando, engastando joias e descendo quando lhe anunciam a chegada de algum vendedor ambulante que possa lhe interessar, como o sapateiro chinês, que coloca o pé do cliente sobre uma folha de papel para tirar a forma exata e, dois dias depois, volta com um excelente par de sapatos feito sob medida. Ou o vendedor de Caxemira, que inunda a varanda com sacolas enormes cheias de *lingerie* de seda, objetos de *papier mâché* e tapetes. Também passa pela vila o encantador de serpentes para limpar o jardim. Faz isso com sua flauta e leva as serpentes cobrando uma rupia por réptil. Ou o mestre hindu

– um homem que vive só em uma tenda próxima, sempre nu exceto por um cordão muito fino que usa na cintura e cujo corpo está coberto de cinza branca –, que vem em busca de água sem se atrever a pedir esmola.

Ao entardecer, Anita costuma acompanhar o rajá nas visitas às obras do novo palácio, que estará pronto no próximo ano. O palácio já tem nome: *L'Élysée*. É muito maior que a *Villa*, pois conta com 108 quartos. Anita gosta de perder-se pelos jardins. Imagina-se sentada no terraço de seu faraônico dormitório contemplando como uma das babás empurra o carrinho de seu filho. O rajá cedeu-lhe um pedaço de jardim para que plante e arrume a seu gosto, porque ela quer fazer “um jardim de Caxemira”. Como há jardineiros por toda parte, não é algo que a vá cansar muito. Esse será seu canto e seu refúgio; seu pedaço de paraíso particular.

De volta à *Villa* encontram-se com os *bistis*, os aguadores que passeiam pela casa com uma bolsa de pele de cabra no ombro, salpicando água no pó. Também molham umas grossas mantas com que cobrem as janelas e portas. É a guerra contra o calor. Nos salões penetra o inesquecível aroma do anoitecer: um cheiro de erva e de vegetação recém-regada que se mistura com a fumaça do incenso, eficaz para afugentar os insetos. Alguns dias uma orquestra acompanha o jantar. Anita familiariza-se com as *ragas* e com os *ghazals*, poemas em urdu cantados como baladas de amor. São emocionantes porque todos evocam destinos trágicos que o amor acaba por redimir.

Já na cama, quando a temperatura noturna se torna insuportável, Anita abandona o leito conjugal e faz o que lhe ensinaram: sai ao terraço, enrola um lençol molhado no corpo e deita-se em uma cama de madeira fina tentando conciliar o sono. Passa longas horas acordada sem conseguir dormir, já não pelo calor, mas pelo medo. Pensa no parto, na criança e nas doenças que levam as pessoas da noite para o dia. Na Europa nunca pensava na doença, e menos ainda na morte. Mas aqui é diferente. Anita soube que sua professora de inglês, a quem só viu um dia, caiu doente com os primeiros calores e faleceu de repente. De manhã dava aula e à noite a enterravam; assim, de repente. Dizem que um calor desses não permite conservar os corpos. A rapidez com que a morte vem é impressionante. É tão típico da Índia...! Nos meses que está aqui, dois criados faleceram de malária. Como não ter medo?

Toma muito cuidado com o que come, principalmente nessa época do ano. Procura evitar a carne desde que viu os enxames de moscas nos açougues muçulmanos do centro da cidade. Antes de comer, lava a fruta em bacias de água, onde acrescenta algumas gotas de permanganato de potássio. *Mme.* Dijon advertiu-a para que o faça sempre pessoalmente, porque o cozinheiro pode esquecer, e em assuntos de higiene não se pode confiar nos criados. É uma lição que Anita teve que assimilar à força em poucos dias. Ensinou um dos cozinheiros a fazer “gaspacho indiano”, uma variação local do andaluz, elaborado com óleo de soja e uma pitada de

curry para que o rajá goste. Uma manhã, ao entrar na cozinha, viu um dos quinze ajudantes de cozinha coando o gaspacho em uma meia.

– Mas que está fazendo? – perguntou horrorizada. – É uma meia de Sua Alteza!

– Não se zangue, senhora, peguei uma que não está limpa – respondeu o ajudante, satisfeito.

* * *

Estar grávida faz com que todo o mundo lhe dê conselhos, e às vezes é difícil seguir todos. A parteira disse-lhe para evitar os pratos picantes e as especiarias porque podem prejudicar o recém-nascido. O dr. Warburton proibiu-a de montar, dançar, jogar tênis e *badminton*. Leu para ela um parágrafo do *Tratado médico das crianças na Índia*, uma espécie de Bíblia para os ingleses, que aconselha a “manter o ânimo calmo e o humor alegre e bem-disposto” enquanto se espera a chegada do rebento. Mas o doutor absteve-se de ler outro capítulo desse mesmo livro que apresenta uma lista assustadora das doenças comuns que acometem as crianças na Índia: abscessos, picadas de vespas, de escorpiões, de cães semisselvagens e de serpentes, cólera, cólicas, indigestão e insolação. Isso para não falar da malária, febre tifoide e a varíola. Para evitar essas desgraças, os siques realizam uma vez por mês um ritual de celebração da criança que ainda não nasceu, no qual um grupo de sacerdotes se reúne ao redor de Anita para rezar.

Em 25 de abril, à tarde, começa a sentir as primeiras contrações fortes. Uma atividade febril começa na *Villa Buona Vista*. Criados, enfermeiras, parteiras e curandeiros sobem e descem com um misto de excitação e inquietude diante dos gemidos da *memsahib*. A intervenção da parteira não consegue nada além de transformar os gemidos em alaridos que laceram o ar impregnado de calor. Anita grita como uma muçulmana chorando seus mortos. A criança vem de nádegas, e a parteira não consegue endireitá-la, nem sequer com a ajuda das enfermeiras. À noite chega o dr. Warburton acompanhado de outros dois médicos. Anita continua sofrendo em um mar de suor e lágrimas, sacudida por estremecimentos sísmicos que lhe arrebatam as entranhas. Sua pele adquiriu uma cor cinza-esverdeada, está esgotada e é incapaz de articular palavra. “Os doutores chegaram a temer pela vida dos dois”, contaria Anita em seu diário. “Não parava de rezar à Virgem da Vitória rogando que me livrasse de um triste fim.” Sente como se tivesse que pagar por toda a felicidade que a vida lhe dera, como se tivesse que expiar o pecado de seu extraordinário destino.

O dr. Warburton e seus assistentes executam hábeis manipulações para tentar mudar a posição do bebê. Não é a primeira vez que enfrentam um parto difícil, mas

este é especialmente complicado. O calor não perdoa. “Vendo que cada minuto a coisa se tornava mais difícil, encomendei-me à Virgem e lhe prometi um manto de cerimônia se me concedesse a graça de salvar minha vida e a do filho que chegava.” No final, o dr. Warburton consegue tirar a criança, suja de gordura e sangue, e com o cordão umbilical enrolado no pescoço. “Após várias horas terríveis que não quero recordar, e meio morta e dolorida, escutei o choro da criança e a corrida das *ayas* e criados que anunciavam a boa-nova.”

O rajá, que nunca vivera o parto de uma de suas mulheres tão de perto, também chegou a temer pela vida de Anita. Mas sua confiança cega nos médicos ingleses ajudou-o a superar a angústia da espera. Agora está tão feliz pelo desenlace que dá a ordem de disparar os canhões da cidade com treze salvas de honra, anunciando, assim, um dia de festa em Kapurthala. Manda seus ministros prepararem uma distribuição gratuita de comida às portas da Gurdwara, da mesquita principal e do templo de Lakshmi para compartilhar com os pobres a felicidade desse grande dia. No dorso de elefantes alguns criados repartirão doces e balas às crianças da cidade. Por último, fiel à tradição, manda abrir as portas da prisão, deixando em liberdade seus poucos ocupantes.

¹¹ A palavra *punka*, que no começo designava os homens que puxavam a corda, passou a designar também o aparelho elétrico, o ventilador.

¹² O residente era o máximo representante da Coroa britânica.

No maravilhoso Kamra Palace, o antigo palácio do rajá onde moram suas outras mulheres, atrás das portas de madeira entalhada e das janelas de gelosia a notícia não é recebida com a mesma alegria. Sua Alteza Harbans Kaur está muito preocupada. Não questiona a linha sucessória porque seu filho Paramjit é o herdeiro legítimo do trono de Kapurthala; além disso, se este não viesse a ser rajá por alguma causa de força maior, há outros três, incluindo o filho de Rani Kanari, o que garante uma descendência de puro sangue indiano. Não é que uma esposa se sinta necessariamente humilhada ou rejeitada quando seu marido toma outra mulher. Por si só, o fato de casar-se com outra mulher não provoca antagonismo, hostilidade ou ciúmes entre as outras esposas. Mas neste caso, como Anita é estrangeira e além disso negou-se a fazer parte da *zenana*, reina a desconfiança. Tanto que Harbans Kaur negou-se a reconhecer a espanhola como esposa legítima.

O fato de o rajá ter se apaixonado a ponto de abandonar o palácio e ir viver com “a estrangeira” na *Villa Buona Vista* é visto como uma afronta. Não corresponde ao que se espera dele. É verdade que Jagatjit visita-as regularmente e que se preocupa com seu bem-estar, como dizem os médicos e as *ayas* que circulam de um palácio a outro. Não lhes falta nada, mas essa não é a questão. Há meses que não passa uma noite com suas mulheres, nem sequer com suas concubinas preferidas. Meses sem compartilhar uma noitada com elas e sem dedicar tempo a sua numerosa família. O harém definha. Seu senhor, a alma que lhe dá vida, está sob a influência de uma estrangeira que lhe roubou o coração, que o despojou de sua vontade e que nem sequer se dignou a visitá-las uma única vez. Esse último detalhe fere-as mais que nenhum outro, porque, segundo a tradição, as mulheres mais antigas da *zenana* cuidam das novas para tornar-lhes a vida mais fácil. Tudo por uma melhor convivência, pois nas grandes casas não existem atritos ou ciúmes, embora a Primeira Alteza desfrute sempre um maior grau de autoridade. Negando-se a fazer parte do harém, Anita fechou as portas da amizade com as outras mulheres do rajá, que se sentem ignoradas por uma garota que nem sequer pode se vangloriar de ter um bom berço. Pensam que o fato de não demonstrar o menor interesse por elas é uma prova de que também o não tem pelo rajá. Porque elas são sua vida e sua verdadeira família, e Anita tão somente uma forasteira.

A paixão do príncipe é tão surpreendente que no Kamra Palace chegam a se perguntar se Anita teria alguma coisa de bruxa, e se o rajá, em uma de suas viagens para além do “charco negro”, como é conhecido o oceano na mitologia indiana, não teria sido vítima de algum feitiço ou malefício. Só isso explicaria sua mudança de comportamento e seu distanciamento. Mas, sendo assim... quem garante que não vai

inventar de nomear o filho da espanhola seu sucessor? E embora as mulheres saibam que essa é uma possibilidade absurda que os ingleses nunca permitiriam, o medo é mau conselheiro e corrói a tranquila segurança da *zenana*.

Anita percebe um pouco disso tudo quando os videntes do reino vão visitá-la, e das observações dos astros deduzem que o menino terá uma longa vida, será muito atraente “e tudo irá bem para ele enquanto não se afastar da órbita da estrela de sua mãe”. Mas também há outros adivinhos que a submetem a longas sessões cantando mantras intermináveis, abrindo e fechando livros, jogando dados sobre um tapete ou recitando orações durante horas. É muito para Anita, que ainda não se recuperou de sua exaustão. Quando um deles a convida a tomar uma bebida, que supostamente afastará os maus espíritos, Anita opõe-se firmemente: “Assustei-me. Tantas e tão estranhas profecias me fizeram suspeitar que havia uma conjuração contra meu filho com o objetivo de negar a ele seus direitos hereditários por eu ser estrangeira”, deixou escrito em seu diário. Anita, por meio de frases captadas nas conversas dos jantares e nas *garden parties*, conhecera um pouco da história de Florrie Bryan. Mas a resistência que havia notado em *Mme. Dijon*, quando lhe pedira mais detalhes sobre o desafortunado destino da princesa inglesa, era o que mais a deixara de sobreaviso. Embora Florrie Bryan tenha morrido mais de dez anos antes, sua história pairava ainda como uma sombra inquietante sobre a vida da princesa espanhola de Kapurthala.

Os ingleses também não se sentem satisfeitos com o nascimento do filho de Anita, porque vai contra tudo o que acreditam e defendem. Pela primeira vez, o rajá não recebeu um cumprimento nem do vice-rei nem, evidentemente, do rei imperador. Chegou apenas uma nota do governador do Punjab dando-lhe os parabéns, muito seca, por “tão feliz acontecimento”. Os ingleses ainda não digeriram o casamento. “*Mademoiselle Anita Delgado, de família respeitável, embora de origem humilde*”, começa dizendo um relatório oficial de 1909, “*considera repugnante, como europeia, o sistema indiano de viver na zenana, o que fez com que o rajá pensasse sobre a questão da posição da senhorita na sociedade.*” A palavra “*mademoiselle*” revela que os ingleses não a reconheceram como esposa. Ou seja, para o poder britânico, Anita não é princesa nem é considerada oficialmente mulher do rajá. Por isso não foi recebida pelo residente em Caxemira. Se dona Candelária soubesse...! Que fiasco! A espanhola vive em uma espécie de limbo legal, em terra de ninguém. Não suspeita que foi a protagonista de incontáveis discussões nos escritórios dos altos funcionários do poder colonial, assim como no do vice-rei, com relação a seu *status* oficial. O rajá não lhe contou as sutis demonstrações de desprezo que percebeu entre os altos funcionários,

iguais em vileza às que lhe chegaram de sua própria família. Não quer revelar o que estão tramando nos esgotos do poder porque teme que o fedor estrague seu idílio. Aborrece-o que se metam tanto em sua vida privada e que alguns funcionários ignorantes dos costumes milenares da Índia tenham a capacidade de incidir em sua vida. Como vão longe os tempos de Ranjit Singh, o Leão do Punjab, o marajá dos siques, livre e forte, que não tinha que se dobrar diante de ninguém porque ele era o poder absoluto! Agora, a presença britânica é sentida em todos os lugares, até onde os ingleses não vivem. É uma presença constante, como um céu plúmbeo sobre a cabeça, cujas nuvens estão cada vez mais baixas.

O rajá se vê na obrigação de aproveitar a primeira oportunidade para tratar do assunto com as autoridades de Délhi, e isso é algo que o incomoda profundamente, porque parece estar mendigando algo que, segundo ele, lhe corresponde por direito. “O novo vice-rei e o governador-geral do Punjab mostraram sua simpatia pela causa de Sua Alteza e disseram-lhe que por serem os representantes diretos de Sua Majestade, o rei da Inglaterra, não podem demonstrar qualquer sinal de reconhecimento oficial ou oficioso com relação a sua mulher espanhola. Os chefes provinciais e demais funcionários britânicos não são obrigados a seguir essas restrições.” Pelo menos conseguiu que não a chamem de “mademoiselle”. Agora é sua “mulher espanhola”. Espera secretamente que, quando conhecerem Anita e virem sua graça e seu senso de humor, as coisas mudem. Talvez os ingleses acabem achando-a tão bela, sedutora e diferente do resto das pessoas quanto ele; o rajá não consegue entender por que não se sentem cativados por seus modos de bailarina andaluza, nem entende como seu coração não se comove com o voo de suas mãos ou o cristal de seu riso. Como aconteceu com os outros príncipes durante sua lua de mel em Caxemira. Desde então, chegam sem cessar convites dos quatro cantos do subcontinente. Ninguém quer perder a “mulher espanhola” do rajá de Kapurthala.

O sofrimento do parto e a posterior recuperação, ainda mais lenta do que de costume em virtude do calor sufocante e desapiedado, unidos ao senso de responsabilidade ao ter seu filho nos braços acentuam a sensibilidade de Anita. Intui que sua vida é tão frágil quanto um castelo de cartas e, imaginando a má vontade das mulheres da *zenana*, sente medo por seu pequeno. Por isso, insiste com seu marido para que o menino receba o batismo quanto antes. Não pelo ritual católico, porque isso agora seria impensável, mas pelo ritual sique.

Sabe que, quanto mais cedo integrá-lo a essa religião, mais cedo o integrará ao mundo do rajá. É suficientemente inteligente para saber que para seu filho a religião é a melhor proteção, e até uma garantia de futuro.

De modo que, quarenta dias após o nascimento, uma impressionante comitiva composta por uma caravana de elefantes e quatro Rolls-Royce deixa Kapurthala para empreender uma viagem de sessenta quilômetros até Amritsar, a cidade santa dos siques e segunda cidade do Punjab depois de Lahore. Os elefantes mal conseguem passar pelas ruelas estreitas que cercam o Templo de Ouro. Anita, vestida com um sári de cores vivas e com a cabeça coberta, fica atônita diante do espetáculo desse monumento, que refulge com os raios de sol e cuja imagem reflete na água da represa sagrada.

Construído em meio às águas brilhantes de uma ampla represa ritual atravessada por uma ponte, o Templo de Ouro é um edifício de mármore branco coalhado de enfeites de cobre, prata e ouro. A cúpula, inteiramente recoberta de pães de ouro, abriga o manuscrito original do livro santo dos siques, o *Granth Sahib*. O livro é guardado envolto em seda e coberto com flores frescas, e cada dia suas páginas são arejadas utilizando um leque de rabo de iaque. Somente uma escova de penas de pavão é bastante nobre para tirar o pó de um objeto tão venerado.

Ao redor da represa circulam fiéis sempre no sentido horário; caminham com os pés descalços sobre o mármore brilhante, usam a cabeça coberta com turbantes coloridos e ostentam longas barbas e bigodes fluorescentes. Às vezes vão acompanhados por suas mulheres e seus filhos, que usam o cabelo recolhido em um laço. Alguns banham-se na represa, saudando a divindade com as mãos juntas para o céu. Outros passam as contas de seus rosários de madeira perfumada enquanto a circundam. O ambiente sereno e a calma imperturbável do lugar são acolhedores. A limpeza também: “Aqui eu poderia comer um ovo frito no chão”, comenta Anita.

Nesse lugar santo não parecem existir as classes nem as castas, nem as diferenças entre os homens; é como se o sonho do fundador do siquismo – um hindu chamado Nanak, que aos doze anos surpreendeu seus familiares por não permitir que lhe colocassem o tradicional fio branco dos brâmanes: “Por acaso não são os méritos e as ações que distinguem uns dos outros?”, perguntou-lhes – continuasse vivo. Certo de que usar o fio criava falsas distinções entre os homens, negara-se a usá-lo. Sua rebelião contra a religião de seus pais fez com que conciliasse as crenças do hinduísmo dos mil deuses com as do islamismo monoteísta em uma religião nova, despojada de muitas das contradições e da falta de sentido das outras duas. “Não há hindus, não há muçulmanos; não há nada além de um Deus, a Verdade Suprema”, acabou proclamando Nanak, digno herdeiro dos místicos que sempre fizeram parte do mosaico da Índia. Curiosamente, a milhares de quilômetros de seu Punjab natal, na Europa, alguns contemporâneos seus também estavam impulsionando um período de renascimento religioso similar. Como Lutero e Calvino, Nanak condenava a idolatria e, em vez do dogma e da doutrina, defendia a crença básica na Verdade. “A religião não repousa sobre palavras vazias”, disse Nanak. “É religioso quem considera

todos os homens como seus iguais.” Suas pregações obtiveram um eco cada vez mais amplo em um país que sofria o abuso das castas, e foi se cercando de *shishyas*, vocábulo sânscrito que significa “discípulo”, de onde derivou a palavra *sij* (sique). Nanak tornou-se, assim, seu primeiro guru, outra palavra sânscrita que significa “mestre”. Ele e seus sucessores lutaram contra o ritualismo excessivo, contra a desigualdade e contra a discriminação e maus-tratos às mulheres. Perseguidos pelos mogóis, que professavam o islamismo, os gurus souberam extrair da tirania destes últimos o fermento de sua vitalidade. O nono e último sucessor do guru Nanak transformou sua religião em uma fé militante, em uma irmandade combatente que recebeu o nome de Khalsa, “os Puros”. Como sinal de distinção e para premiar sua dedicação, todos os siques receberam o sobrenome *Singh*, que significa “Leão”, merecida homenagem a um povo que teve que lutar heroicamente por sua identidade e suas crenças ao longo dos séculos.

Se da primeira vez que Anita viu os sacerdotes siques – esses “barbudos com pinta de matusalém”, como os chamou sua criada Lola – sentiu uma mistura de temor e intimidação, agora acontece o contrário: inspiram-lhe simpatia e confiança. Junto a eles sente-se protegida. Tem a impressão de que enquanto esses homens, que parecem sábios da Bíblia, estiverem por perto, nada poderá acontecer com ela nem com seu bebê. No Templo de Ouro, a casa sagrada dos siques, os sacerdotes impõem ao menino o nome de Ajit, e depois o sobrenome Singh, que compartilhará com outros seis milhões de correligionários. A cerimônia, muito simples, consiste em fazer com que os presentes bebam, em uma taça de metal, água e açúcar misturados por um sabre de dois gumes. Essa mistura de doçura e aço é chamada de *amrit*, “néctar de vida”, da qual se verte uma gota nos lábios do menino. Enquanto isso, um sacerdote entoia os versos do batismo: “És filho de Nanak, filho do Criador, o escolhido... Amarás o homem sem distinções de casta ou crença. Não adorarás nem pedra, nem tumba, nem ídolo. Em tempos de perigo ou dificuldade, lembra sempre o santo nome dos gurus. Não reza a nenhum em particular; reza pelo conjunto da Khalsa”.

A partir de agora, Anita assume a responsabilidade de fazer com que seu filho guarde os cinco preceitos fundamentais de sua religião. Para que não os esqueça, o rajá os escreve, em francês, em um caderno encapado de azul com o escudo de Kapurthala.

Decidem passar todo o primeiro ano na Índia, na *Villa Buona Vista*. Nem sequer vão a Mussoorie, a maneira mais segura de fugir do calor, por medo que a viagem repercuta na saúde do menino ou na de Anita. Ou talvez exista outra razão que o rajá não se atreve a confessar: o *Château Kapurthala* de Mussoorie foi invadido por sua família indiana. Visto que o ambiente anda meio tenso, preferiu ficar nas planícies ardentes do Punjab. Agora Anita entende por que os soldados ingleses são castigados com catorze dias de calabouço quando são pegos sem o famoso *topi* que lhes cobre a cabeça e o pescoço. Porque o calor de final de maio e começo de junho é um perigo de morte. Cada vez que sai de casa, ao meio-dia, o sol é tão forte que o sente como uma pancada. A temperatura atinge os 42 graus às onze da manhã. Isso já não tem nada a ver com o calor que faz em Málaga em agosto. Os dias são infernais e à tarde o ar é tão denso que pode ser cortado com uma faca. Tomara que as chuvas cheguem a tempo! Os campos estão amarelos, a terra gretada e os animais exaustos. Uma dúzia de criados se encarrega de regar os caminhos, de puxar os *punkas* e de molhar as persianas e as esteiras. Mas Anita está esgotada e não consegue se recompor. Desde o começo insistiu em dar de mamar ao menino, e as noites passadas em claro – dá de mamar cada três horas e, além disso, os uivos dos chacais que gritam como crianças desesperadas não a deixam dormir – acabam debilitando-a ainda mais. Lola ajuda-a como pode, mas o calor também a afeta. Custa-lhe acordar no meio da noite para levar o menino até sua mãe, o que obriga Anita a levantar-se. Anita está tão afetada pelo calor e pelo esforço que cai doente, com febre que atinge os 39 graus.

– Mastite – diagnostica o dr. Warburton, que chegara urgentemente ao amanhecer.

– E o que é isso? – pergunta Anita.

– Infecção das mamas. Deve parar de amamentar o menino imediatamente, porque, além disso, tem um abscesso. E tem que se submeter ao tratamento que vou lhe dar.

Para Anita, o diagnóstico é como uma punhalada do destino. Mergulha em profundos soluços que ninguém consegue acalmar. De nada adianta o consolo do médico, que lhe garante que é uma afecção muito comum e fácil de curar, nem as palavras de seu marido, que lhe conta que não é grave e que conseguirão uma boa ama de leite, nem as explicações de *Mme. Dijon*, que se põe como exemplo para tentar devolver à princesa a vontade de viver. Anita sente-se frustrada no mais profundo de seu ser. Diminuída por ser uma mãe incapaz de alimentar seu filho. Está assustada e inquieta por causa de tudo o que sabe sobre as doenças que podem acometer o pequeno Ajit especialmente na época de calor. Passa um dia inteiro

banhada em lágrimas, comovida pelo desespero, enquanto a seu redor agilizam-se os procedimentos para encontrar uma ama de leite. Na Índia, essa é uma escolha de grande importância, porque existe a crença de que, através do leite, a ama transfere algumas de suas qualidades morais e espirituais à criança. Por isso, é fundamental encontrar uma mulher honrada, de bom caráter e reputação irrepreensível. Há casos de amas de leite que dão ópio ao bebê para que durma, ou de outras que, por serem muito pobres, pouco a pouco vão deixando de dar de mamar ao recém-nascido para continuar alimentando o próprio filho.

Paradoxalmente, o choro de Ajit é o que devolve as forças a Anita. Um choro que se comunica diretamente com sua alma de mãe e que aviva seu senso de responsabilidade. “Será que ele tem medo de se sentir abandonado?”, pergunta-se inocentemente. Percebe que não se pode permitir o luxo de chorar pelos revezes do destino quando a vida de seu filho está em jogo. Isso, unido ao fato de que se sente um pouco melhor depois da medicação do dr. Warburton, obriga-a a desdobrar-se, sufocar seu sofrimento e seus temores para enfrentar a tarefa de ser mãe aos dezoito anos em um país tão distante, tão velho e complicado como a Índia.

Enquanto não lhe apresentam Dalima – uma jovem hindu de pele escura e grandes olhos pretos, frágil e doce como uma gazela e mãe de uma menina pequena, que foi escolhida entre outras trinta aspirantes a ama de leite –, Anita não sai da tristeza nem do abismo do desespero. Dalima transpira serenidade, equilíbrio e bom senso. Sempre sorri, e ao fazê-lo, mostra uma fileira de dentes muito brancos; embora seja de família pobre, tem trejeitos de princesa. Seu cabelo é muito preto e brilhante pelo óleo de couve, e usa-o recolhido em um rabo de cavalo. Um ponto vermelho na testa – o *tilak* – invoca o “terceiro olho”, que serve para ver além das aparências. Dalima fala umas poucas palavras de inglês e, ao contrário de Lola, sabe estar presente sem ser sufocante. E, principalmente, sabe cuidar de um bebê. Pelo modo como o pega em seus braços, por seu olhar terno e pelo modo como lhe sussurra no ouvido, Anita logo percebe que tem a sua frente a pessoa de quem mais precisa nesse momento. Dalima é uma bênção, outro presente de sua protetora, a Virgem da Vitória, que acaba de resolver um problema que a mantinha angustiada. Logo pensa em agradecer, e ao lembrar-se da promessa que fizera quando estava em trabalho de parto, pede a *Mme. Dijon* que a ajude:

– Quero enviar uma carta a Paris, a Chez Paquin – diz-lhe em francês –, quero encomendar algo muito especial.

– Um novo vestido de noite?

– Não, não é para mim.

– Posso perguntar para quem é? – diz *Mme. Dijon*, abrindo muito os olhos, pensando que poderia ser ela a afortunada.

– Quero que me façam um manto bordado em ouro e pedraria para a Virgem da

Vitória, a padroeira de minha cidade. Disseram-me que Paquin confecciona as capas de cerimônia do xá da Pérsia.

Mme. Dijon olha para ela com os olhos muito abertos. Não dá crédito ao que ouve. Anita, como se se desculpasse por ter dito um absurdo, prossegue:

– Você sabe, coisas da Espanha... e ainda é pouco para minha Virgem. Eu a vestiria de diamantes!

* * *

Dalima torna-se rapidamente sua companheira preferida, sua sombra. Todas as qualidades que a espanhola intuía nela vão se confirmando. Da miríade de *ayas* e criados, Dalima é a única que merece plena confiança, muito mais que a própria Lola, que passou para segundo plano. A malaguenha, que sente ciúmes da nova favorita, come a toda hora para compensar o tédio que lhe causa sua inatividade. Por ser estrangeira, pertence a uma categoria elevada na hierarquia dos criados, que a tratam com deferência, como se fosse outra *memsahib*. Ela se aproveita da situação e passa o dia todo pedindo comida. Está tão gorda que seus ofegos ao subir as escadas confundem-se com os do cão do rajá.

A rotina que o calor impõe pesa como uma sepultura sobre todos, embora às vezes seja interrompida por alguma visita inesperada; a Índia, com todos os seus extremos, é como uma caixa de surpresas permanente. Certa manhã, a algazarra que se forma no jardim chama a atenção de Anita, que sai para ver o que está acontecendo, acompanhada de sua inseparável Dalima. Praticamente todos os criados da casa amontoaram-se na cerca lateral da entrada de serviço, alguns rindo, outros irritados e todos muito nervosos.

– Irmã, dê-nos seu filho para que lhe demos a bênção e lhe desejemos boa sorte!

A grave voz da mulher que se dirige a Anita por cima do grupo de criados, que formam uma barreira, contrasta com sua aparência. Usa colares de baixa qualidade, um sári fúcsia, os olhos pintados de *khol* e um cravo laranja no cabelo preto preso em uma trança. Está cercada por um grupo muito espalhafatoso e barulhento de mulheres extravagantemente maquiadas que agitam pandeiros.

– Senhora, não lhes dê atenção. São *hijras* – diz o mordomo.

– Como?

A cara do mordomo reflete seu mal-estar.

– Nem homens nem mulheres... entende?

Anita ouvira falar dos eunucos, a casta secreta e misteriosa, resquício do império dos mogóis, cujas comunidades estão disseminadas por toda a Índia. Não se trata de

travestidos, mas de castrados.

– O que querem?

– Benzer o menino.

– Nem pensar!

– É a quinta vez que vêm, o costume, sabe como é...

Acima da voz do mordomo ouve-se o canto dos eunucos: “Traga-nos seu filho, irmã, que queremos compartilhar de sua alegria!”.

O mordomo se aproxima de Anita.

– Senhora, vou chamar a guarda do rajá para que os expulse.

– Não! – diz timidamente Dalima, envergonhada por ter-se atrevido a participar da conversa. O mordomo fulmina-a com o olhar, não pelo que disse, mas pelo simples fato de ter aberto a boca.

– Não é necessário, diga que vão embora...

– É que estão nos ameaçando – replica o mordomo.

– Ameaçando? – pergunta Anita, muito surpresa. – Como?

– Como sempre o fazem... – balbucia o mordomo, novamente incomodado por ter que explicar algo que lhe causa vergonha. – Ameaçam segundo seu costume, por isso o pessoal está tão alvoroçado...

– E que costume é esse?

O pudor o faz baixar o tom de voz.

– É terrível, senhora – prossegue o mordomo. – Ameaçam levantar o sári e mostrar suas partes... bem, o que resta de suas partes. Fazem isso sempre que se lhes nega a entrada em uma casa ou uma contribuição. Para evitar uma visão tão espantosa, todo o mundo acaba cedendo...

Anita solta uma gargalhada e mal consegue conter as lágrimas de tanto rir. Dalima esboça um leve sorriso de cumplicidade, antes de acrescentar:

– Mas são bons, *memsahib*, todas as crianças da Índia são benzidas por eles.

– Ah, é?

– Trazem boa sorte para as crianças – prossegue Dalima. – Têm o poder de lavar-lhes os pecados de suas vidas anteriores.

Anita fica pensando e volta-se para o mordomo.

– Seus filhos também foram benzidos por eles?

– Sim, claro, *memsahib*. Ninguém quer se indispor com os *hijras*.

Anita fica pensando. E se tiverem razão? Para alguém tão supersticioso como ela, quanto mais bênçãos seu filho receber, melhor. “Alguma tem que funcionar”, diz com seus botões. No fundo, vale tudo para proteger o pequeno Ajit. Ninguém tem proteção de sobra nesta terra, e menos ainda ele, o filho de uma estrangeira. Além disso, confia em Dalima, que fala com o coração.

– Pois vamos trazê-lo agora mesmo – diz, diante do olhar surpreso do mordomo.

Com o menino nos braços, Anita abre passagem entre os criados, que a fitam em silêncio; depois, entrega-o ao eunuco vestido de fúcsia. Este pega-o delicadamente e de repente põe-se a dançar, girando e gingando ao ritmo dos chocalhos costurados na saia e dos pandeiros dos outros. “O bebê é tão forte quanto Shiva, e suplicamos ao Deus todo-poderoso que nos entregue os pecados de suas vidas anteriores...”, cantam todos em grupo enquanto os outros se unem à dança. Ao mesmo tempo, o eunuco vestido de fúcsia pega um pouco de pasta vermelha de uma caixinha e com o dedo indicador desenha um ponto na testa do bebê. Com esse gesto simbólico, as culpas anteriores do filho de Anita passam para os eunucos. E eles ficam contentes, porque assim cumprem sua missão, que a Índia das mil castas lhes determinou ao atribuir-lhes o papel de bodes expiatórios. Acabam dançando em honra à mãe e jogam grãos de arroz sobre a cabeça de Anita. A temperatura sufocante não estraga o ambiente. É uma festa espontânea, improvisada, alegre e ruidosa. Anita, para quem há poucos minutos aqueles indivíduos pareciam estranhos, distantes e temíveis, agora os vê como seus amigos. Depois de pegar o menino, o mordomo se aproxima timidamente dela:

– *Memsahib*, os eunucos costumam cobrar por seus serviços... – Anita volta a cabeça para Dalima, como que pedindo a confirmação das palavras do mordomo. Dalima assente.

– Vou lhes dar cinco rupias – diz Anita.

– Não, *memsahib*. Cobram caro, e ninguém se atreve a regatear com eles com medo de serem vítimas de suas maldições.

Anita aproxima-se do grupo de eunucos, que a devora com o olhar. Comentam a roupa que usa, as joias, a maquiagem e a beleza de suas feições. Seus amplos sorrisos deixam entrever uma profusão de dentes de ouro, que ressaltam sobre seus lábios vermelhos de bétele.

– Quanto quer? – pergunta Anita diretamente ao eunuco da roupa fúcsia.

– *Memsahib*, permito-me responder com outra pergunta, e aceitarei de bom grado o que nos der depois de ter meditado em sua resposta: quanto vale para a senhora lavar os pecados de todas as vidas anteriores?

Anita fica pensativa e depois volta-se para o mordomo:

– Dê-lhe cem rupias; com certeza, meu filho, como bom filho de sua mãe, deve ter pecado muito.

* * *

No começo de junho acontece algo que parece impossível: o calor torna-se mais intenso. Todos olham para o céu à espera das primeiras nuvens da monção. O som

dos cânticos dos camponeses, que rezam à deusa Lashkmi para que fecunde os campos, chega até Anita, deitada em seu terraço. Também chegam os arquejos de Lola e o abanar frenético de seu leque, como uma traça gigante ao redor do fogo. O melhor é ficar quieto para não suar a cântaros. O rajá abandonou seus passeios matutinos a cavalo e refugia-se na leitura.

– Quanto tempo esse calorão vai durar? – pergunta Anita a *Mme.* Dijon.

– Se tudo correr bem, se as chuvas chegarem a tempo, até 10 de junho mais ou menos. O problema é que os últimos dias parecem eternos.

Há vezes em que *Mme.* Dijon parece profética. No dia 10 de junho, lá pelas quatro da tarde, de repente ouve-se um ruído ensurdecedor; um torvelinho de ar ardente levanta nuvens de pó e arranca as folhas das árvores e até algumas telhas soltas, que se arrebatam contra o chão. É como se o turbilhão de vento fosse engolir a *Villa* inteira. Ainda não chove, mas os criados estão com uma expressão alegre. A tempestade seca confirma a iminente chegada das chuvas. Dalima, a jovem criada de Anita, chora de emoção. Seus pais são camponeses pobres que dependem da água para as colheitas. Todos os indianos compartilham o mesmo pânico de que a monção não chegue, coisa que às vezes acontece, provocando fomes apocalípticas que dizimam a população. A última vez foi em 1898, quando o rajá mandou deter a construção do novo palácio para utilizar os fundos em ajuda de seu povo. Por esse motivo, esses dias são cruciais na vida do subcontinente: o fracasso de uma colheita de arroz pode significar a perda de um milhão de vidas.

As horas passam e o ar seco e abrasador resseca as gargantas. Os olhos ardem como se tivessem areia. O jardim e os campos estão recobertos de uma camada de pó amarelado, que o vento trouxe do deserto do Thar. Grossas nuvens acumulam-se no horizonte. À medida que o céu vai se cobrindo com um manto preto, a pressão torna-se insuportável, mas a chuva continua sem cair. São dias perigosos para as crianças, porque o risco de desidratação é muito alto. Anita está abatida, com forças somente para manter seu bebê sempre úmido usando um pano molhado. Tem a impressão de viver presa em um barco em meio a um enfurecido mar de pó. O pesadelo dura vários dias; de repente, o vento para e o mercúrio sobe de novo quatro ou cinco graus, mergulhando todos no desespero. É como uma tortura sabiamente administrada pelo deus da monção, que não decide soltar seu lastro.

Assim, inquietos, passam-se três dias, até que Anita ouve um estouro no teto, como se estivessem jogando pedras nas telhas, mas os gritos de alegria que surgem dos aposentos de sua mansão, e até da aldeia mais próxima que faz divisa com o outro lado do rio, devolvem-lhe a esperança de que o inferno acabe. São as primeiras gotas do céu, tão gordas que fazem um ruído surdo ao bater contra o telhado. De

repente, um trovão sacode a *Villa*, acorda o menino bruscamente e todas as telhas vibram com um poderoso tremor. “A monção chegou!”, ouve gritar lá embaixo. Essa primeira chuva é de uma intensidade excepcional. O ruído da água sobre o telhado é ensurdecedor. Passado um instante, um fio de vento atravessa a cortina de água quente, trazendo uma carícia de frescor. Anita e Lola correm para o jardim. O rajá também saiu e está em frente à fonte da entrada, com os braços em cruz, olhando para cima e deixando-se ensopar, com o turbante pingando e rindo para o céu que se esvazia. Atrás da casa, os criados também participam da celebração da água, pulando e cantando como crianças. É como se de repente não existissem as castas nem as diferenças entre amos e criados, entre ricos e pobres, ou entre siques e cristãos. É como se, de repente, as pessoas, tão abatidas horas antes, ressuscitassem. Até as palmeiras parecem tremer de emoção. A explosão de alegria percorre todos os campos e as cidades do Punjab. Nos quartéis militares, os homens saem nus e deixam-se ensopar, dançando embaixo da chuva depois de terem ficado durante tanto tempo paralisados, para se proteger do calor.

Quando para de chover, o vapor sobe do chão e detém-se a uns trinta centímetros, cobrindo algumas partes do jardim com faixas de algodão esbranquiçado. A umidade é tamanha que Anita assiste a um fenômeno surpreendente: o jardineiro enfia a pá em um desses bancos de vapor, e nela pode-se ver uma nuvenzinha branca. Levanta-a e leva-a para o outro lado do jardim, onde acaba soltando-a, sacudindo a pá. Quando o sol sai, Anita e o rajá decidem ir ao novo palácio para ver os danos causados pela tempestade. Pelo caminho assistem a um espetáculo extraordinário: colunas de vapor sobem da cidade de Kapurthala, que parece uma gigantesca panela fervendo. Nas ruas, os homens tiram as camisas, as mulheres banham-se vestidas sob os canos dos telhados e enxames de crianças nuas os perseguem gritando de alegria. Quando voltam, depois de ter dado as instruções pertinentes ao chefe de obras e de ter comprovado que os danos são mínimos, encontram o gramado da *Villa Buona Vista* verde de novo, como num passe de mágica. Rãs e sapos atravessam coaxando pelos caminhos inundados. E os gritos de Lola voltam a percorrer os amplos espaços da mansão, porque a chuva fez ressuscitar todo tipo de insetos, inclusive umas grandes baratas marrons que a malaguenha persegue a vassouradas pelos cantos.

Depois do alívio das primeiras chuvas, Anita percebe que continua fazendo o mesmo calor, embora já não seco, mas úmido. Chove todos os dias e várias vezes ao dia, de modo que é preciso trocar de roupa frequentemente, porque o suor ensopa tudo. Nem mesmo uma ducha ou um banho conseguem deter a transpiração. A sensação de ter as mãos úmidas é constante. Uma palavra nova aparece com as monções: *flood*, “inundação”. Está na boca dos criados, que lutam com baldes para recolher a água das goteiras, ou com panos para secar as poças. Ao sair certa manhã ao terraço, Anita vê a mansão cercada de água. O rio subiu durante a noite e os jardineiros deslocam-se pelo jardim nas barcas que normalmente ficam amarradas no embarcadouro da ribeira. Transportam a gazela, os pavões, os galos e os cães, que fazem cara de espanto ao se ver nessa arca de Noé improvisada. Na cidade, as trombas d’água estragaram a pequena central elétrica e as estradas inundadas impedem o tráfego dos carros de bois. A primeira consequência de tudo isso é o aumento do preço de certos produtos, como o arroz ou as batatas, devido à dificuldade de abastecimento. São dias em que Anita é testemunha do vínculo especial e íntimo que existe entre o rajá e seu povo. Nos percursos de carro ou em lombo de elefante, às portas do novo palácio ou na cerca de entrada da *Villa*, os súditos esperam seu soberano e aproximam-se sem medo algum dizendo *Dohai*, que significa “Meu senhor, peço sua atenção”. Os camponeses queixam-se do preço das cebolas e dos problemas causados pelas águas. Dirigem-se a ele chamando-o de “pai” porque veem nele a personificação das forças protetoras e da justiça benévola de um pai ideal. É uma curiosa relação, mistura de confiança, respeito e familiaridade. Às vezes um camponês para-o simplesmente para perguntar sobre sua família ou para falar da própria. O rajá ri e brinca em punjabi com ele e faz a mesma coisa com os granjeiros, os comerciantes ou as crianças, em uma atitude que dista muito do estilo rígido que mantém com os ingleses, ou até no palácio, com os próprios filhos, de quem guarda certa distância, porque na Índia “um rajá é um rajá, até para sua família”.

Os filhos têm aproximadamente a idade de Anita e estudam na Inglaterra. O primogênito e herdeiro chama-se Paramjit e está prestes a regressar a Kapurthala. Quando tinha dez anos o rajá acertou seu casamento com a filha de uma nobre família *rajput* do principado de Jubbal. Casa seus filhos como casaram a ele, misturando o sangue de Kapurthala com o mais nobre e antigo dos *rajputs*, visando melhorar a casta. Pretende celebrar o casamento assim que o jovem voltar da Inglaterra, com medo de que, contaminado pelas ideias europeias, escolha uma

mulher por sua conta. Porque o rajá, por mais aberto e ocidental que pareça, no fundo é um indiano convencional. Como sabe que seu filho Paramjit é fraco de caráter e de jeito melancólico, tem bastante certeza de que não se oporá à esposa que escolheu para ele. Em Harrow, o prestigioso colégio inglês onde faz seus estudos com seus irmãos e com os filhos da elite britânica, tem um colega indiano que passará à história. Seu nome é Jawaharlal Nehru: “É um desajustado, sempre infeliz e incapaz de misturar-se com os outros colegas, que debocham dele e de sua maneira de ser”, dirá um dia do herdeiro de Kapurthala. Em um relatório confidencial, o Departamento Político do Punjab não ficou atrás e descreveu-o assim: “O herdeiro é um irresponsável, pouco interessado nos assuntos de Estado, nada preocupado com o bem-estar do povo e obcecado em pedir dinheiro a seu pai e gastá-lo”. O segundo filho do rajá, Mahijit, é mais sério e um estudante melhor. O terceiro, Amarjit, estuda em Oxford e mostrou desde pequeno forte inclinação pela carreira militar. Todos concordam que o mais brilhante é o mais novo, Karan, o filho de Rani Kanari, que estudou no prestigioso Lycée Janson de Sailly, de Paris, antes de entrar também em Harrow. É sociável, extrovertido, bom orador, interessa-se por tudo e gosta do campo, dos cavalos e da política. Anita morre de vontade de conhecer todos; afinal de contas, são... seus enteados! Ri ao pensar nisso. Mas, ao mesmo tempo, está secretamente inquieta porque teme que se deixem influenciar por suas respectivas mães, e que também não a aceitem. Anita começa a perceber o vazio ao qual parece estar condenada, tanto por parte das autoridades britânicas quanto pela família do rajá.

Apesar dos rigores do clima, esses primeiros meses de vida na Índia transcorrem na mais absoluta felicidade. Depois de recuperar-se fisicamente do parto e desfrutando a tranquilidade que a fiel e carinhosa Dalima lhe proporciona, volta a descobrir os prazeres do exercício físico, particularmente da equitação. Enquanto as monções duram, sai com seu marido às quatro da manhã para galopar durante horas. Cruzam arrozais e campos plantados de favas e cevada e sentem a fragrância inebriante das flores da couve, pontinhos amarelos que se estendem até o horizonte. Os grandes passeios a cavalo levam Anita a lugares que não poderia conhecer de outra maneira. Visitam aldeias onde os pavões a recebem com gritos e onde os camponeses, sempre atenciosos e hospitaleiros, oferecem-lhe um copo de leite ou uma banana enquanto falam de suas famílias ou do estado das colheitas sob os galhos de uma mangueira. Quando o tempo melhora e o calor amaina, dedica-se ao outro grande esporte que o rajá colocou na moda em seu Estado, o tênis. Existe uma sutil competição entre os príncipes indianos no esporte: o marajá de Jaipur é um perito jogador de polo e atrai a seu Estado as melhores equipes do mundo. Bhupinder Singh de Patiala

especializou-se no críquete e está conseguindo transformar seu time em uma equipe de alto nível. Sem dúvida influenciado pelos jogadores que conheceu na França, Jagatjit Singh de Kapurthala optou pelo tênis, esporte que pratica de turbante, calça comprida e bata indiana até as coxas. Antes de começar, troca seu *kirpan* – o punhal dos siques – por uma raquete, recolhe a saia da bata e prende-a na cintura. Quer convidar o campeão de tênis Jean Barotra a dar aulas em Kapurthala, onde duas vezes por semana certos nobres da corte, alguns membros da família ou qualquer amante desse esporte vêm jogar. Quando o jogo acaba, sentam-se para tomar chá sob uma tenda erguida para a ocasião e, se for o caso de um convidado de renome, o rajá convida-o a sua mesa. Essas tardes de tênis contribuíram muito para melhorar o nível do esporte no Punjab, que está produzindo jogadores de nível internacional. Para Anita servem para melhorar seu estilo e também para conhecer gente nova, porque o único requisito para participar é ser jogador de tênis. É assim que ela entra em contato com Rajkumari Amrit Kaur, uma excelente esportista. Amrit Kaur, “Bibi” para a família, é uma prima distante do rajá, filha do ramo da família que pretendia o trono de Kapurthala e que questionara a legitimidade da coroação do pequeno Jagatjit. Isto é, a família que se convertera ao cristianismo graças aos bons ofícios de alguns missionários britânicos que os ingleses, já fartos de suas pretensões ao trono, expulsaram da cidade de Kapurthala e instalaram em Jalandar, a quinze quilômetros. Filha de um rajá destronado, Bibi locomove-se em seu próprio *rickshaw* puxado por quatro homens descalços usando turbantes azuis e exibindo o uniforme de Kapurthala. Também gosta de ir sozinha, a cavalo, com as raquetes no alforje. Está sempre elegantemente vestida e penteada, com grandes cachos presos sobre as bochechas, e é conhecida por sua generosidade. Voltou da Europa com os baús cheios de suntuosos presentes para todas as suas sobrinhas e primas, incluindo vestidos franceses, colares de cristal entalhado, estolas de pele etc. Bibi goza de uma invejável liberdade em um ambiente onde é praticamente impossível tê-la. Por isso as mulheres da *zenana* olham-na com desconfiança, embora no fundo a admirem. Não respeita nenhuma regra e permite-se fazer algo escandaloso em público, algo nunca visto, uma verdadeira provocação: fuma usando uma longa piteira preta e prateada. As demais mulheres desculpam-na pelo fato de ser cristã. Consideram-na meio branca, como se pertencesse a outra galáxia.

Logo cria-se um elo de simpatia entre Bibi e Anita. A indiana é um ano mais velha que a espanhola e é protestante – presbiteriana. Fala perfeitamente francês e inglês, joga *bridge*, e canta e toca piano como uma profissional. Anita a admira porque representa tudo o que ela queria ser: aristocrata, livre e rica. Seu pai tem fama de ser “um cristão piedoso” e um homem comprometido com a ideia de uma Índia independente, atitude diametralmente oposta aos pensamentos do rajá, fato pelo qual não se relacionam. Mas Bibi participa da vida do palácio, especialmente quando

há alguma recepção que lhe interessa ou para participar de competições esportivas. Alta, com grandes olhos castanhos e um pouco sem graça, adora o esporte, que praticou assiduamente durante os anos em que foi interna na Sherbourne School for Girls, em Dorsetshire, cursando o ensino médio. Além de ser a campeã local de tênis, é uma jovem culta, divertida e muito ativa. Tem um pé em cada continente e sua mentalidade aberta e desprovida de preconceitos torna-a especialmente atraente para Anita.

O rajá vê com bons olhos que sua mulher faça amizade com Bibi, porque é uma maneira de compensar o bloqueio das mulheres de sua família e de romper seu isolamento.

– Mas não se esqueça de que esse ramo da família está contaminado por ideias revolucionárias e absurdas com as quais não concordo absolutamente – adverte.

Ela não responde e se finge de boba, mas sabe muito bem a que o rajá se refere. Bibi utiliza expressões como “a Índia sob o jugo da Inglaterra” e mostra-se indignada com os costumes ancestrais e ofensivos que afetam as mulheres, como os casamentos arranjados entre crianças ou a vida de reclusão à qual se veem sujeitas. Sendo cristã, teve sorte por seus pais não a terem forçado a se casar, mas mesmo assim diz que continuam insistindo em procurar um candidato a esposo. Ela não quer nem saber. Voltou da Inglaterra com o ânimo rebelde e com vontade de mudar a mentalidade milenar de seu país. Sonha voltar para Londres e começar os estudos universitários. Em Anita encontrou uma boa interlocutora para dar livre curso a suas opiniões. Os longos passeios a cavalo que ambas dão durante as tardes são para Bibi a oportunidade de mostrar a sua amiga a outra face da Índia, a que nunca verá se permanecer trancada entre as quatro paredes da *Villa Buona Vista*. Anita descobre, assim, a Índia do campo, toma consciência da pobreza em que os camponeses vivem e sente de perto um país cujo coração bate a um ritmo muito diferente do que se percebe nas altas esferas da sociedade.

Certa tarde, Bibi, vestida de amazona à inglesa, com botas altas de couro e chapéu de veludo preto, chega montada em seu cavalo como um homem. Usa saia-calça, peça que ainda é chocante em Kapurthala, embora em outras partes da Índia tenha sido aceita depois que as filhas do vice-rei a colocaram na moda ao passearem a cavalo pelo *mall* de Simla exibindo a inovadora e escandalosa roupa.

– Hoje quero lhe apresentar a princesa Gobind Kaur – diz a Anita. – Você gostará muito de conhecê-la. Por que você não pega Negus e vem comigo? Vou levá-la a seu palácio.

Negus é o cavalo preferido de Anita, um exemplar anglo-árabe preto como o carvão e com a parte de baixo reluzente de reflexos prateados; para a espanhola,

Negus representa a liberdade. Juntas, as duas amigas cavalgam pelo campo cerca de vinte quilômetros, até chegar a uma aldeia chamada Kalyan, situada do outro lado da fronteira do Estado de Kapurthala. Aproximam-se de uma choça de barro sobre cujas paredes uma mulher de certa idade põe excremento de vaca para secar. A mulher acena efusivamente quando reconhece Bibi, e ambas fundem-se em um abraço. “Essa não pode ser a princesa”, pensa Anita. Mas engana-se. Essa mulher de mãos pretas, vestida com um sári sujo de terra e fumaça e nua de joias é a princesa Gobind Kaur, prima em terceiro grau do pai de Bibi. O homem que chega pelo caminho com o arado no ombro é seu marido Waryam Singh, ex-coronel do exército de Kapurthala, enobrecido pelos gloriosos serviços prestados por seus antepassados.

– E o palácio? – pergunta Anita.

– Estamos nele – responde Bibi, rindo e apontando a choça de barro.

“A Índia é surpreendente”, pensa Anita. Há poucos anos Gobind Kaur vivia em um palácio de seis andares na cidade de Kapurthala, cercada por todo o luxo e sofisticação que lhe correspondiam, por seu berço. Casada à força com um nobre de grande riqueza e posição, mas depravado, fraco e alcoólatra, estava perfeitamente resignada com sua sorte, embora entediada até a medula. Um dia chegou ao palácio o coronel Waryam Singh, para inspecionar a guarda. Foi amor à primeira vista. Não demoraram a tornar-se amantes. Durante uma longa temporada, viram-se regularmente. Ele entrava no palácio por um porão conectado com a rua e passava parte da noite com a princesa. Até que um dia foram descobertos e tiveram que fugir. Sem roupa, sem joias e sem dinheiro. Waryam Singh foi desonrado publicamente pelos membros de sua família e deserdado. Não tiveram que ir muito longe, só precisavam sair da jurisdição do governo do Estado de Kapurthala. Instalaram-se em Kalyan, do outro lado da fronteira, em território britânico. Vivem como camponeses, embora um pouco melhor, porque têm a segurança de nunca morrer de fome. Tanto Bibi quanto outros membros da família ajudam-nos com dinheiro. Assim conseguiram comprar as terras. Bibi admira Gobind Kaur com toda sua alma. Na Índia, uma mulher que renuncia a tudo pelo amor de um homem é tão excepcional que a renúncia a torna uma *avis rara* e uma heroína. E se em Kapurthala ninguém fala de Gobind Kaur porque o escândalo ainda paira no ar, a verdade é que sua história correu por toda a Índia e faz parte de canções e ditos populares.

– Não conte ao rajá que a trouxe aqui – pede Bibi –, ele não entenderia. Anita assente com a cabeça, enquanto toma o chá que a princesa lhe servira em uma xicrinha de barro. Está pensativa, porque a história de Gobind Kaur não a deixa indiferente. Está vendo uma mulher que pagou muito caro por sua liberdade. E ela... algum dia terá que renunciar a tudo para ser livre? O idílio com o rajá durará eternamente? Será aceita, algum dia, por todos, ou continuará sendo uma intrusa? Sempre acaba se fazendo a mesma pergunta, a que seu amigo, o pintor Anselmo

Nieto, lhe fez em Paris: “você o ama de verdade?”. “Sim, claro que o amo”, responde a si mesma. Confirma-o o fato de que quando, dias atrás, seu marido tropeçou nos estribos e caiu ao chão, levou um grande susto pensando que lhe havia acontecido algo ruim. Não foi nada, mas a angústia que sentiu era amor, diz com seus botões. Enquanto contempla o astro solar afundando nos campos de couve coroados pela aura de uma bruma azulada, por um instante outra pergunta cruza sua cabeça: “E se um dia eu me apaixonar perdidamente por outro homem, como aconteceu com Gobind Kaur?”. Prefere não responder e logo a afasta de sua mente, como se obedecesse a um reflexo de autodefesa, sem querer pensar a que extremos a levaria tal eventualidade. Além disso, a resposta a obrigaria a fazer uma nova pergunta: “Por acaso já me apaixonei alguma vez na vida?”. Uma coisa é amar o rajá, e outra é ter se apaixonado por ele. E sabe que no seu caso não houve amor à primeira vista. Nunca conhecera essa paixão capaz de sacudir os alicerces da pessoa, essa sensação de loucura que as canções andaluzas tão bem descrevem... É possível viver uma vida inteira sem ser triturado pelo amor, nem que seja uma vez? Sem se deixar arrastar pelo arrebatamento?

– *Ram, Ram!*

Alguns camponeses que voltam à aldeia saúdam-na juntando as mãos. É o momento mágico do dia nos campos da Índia. As pessoas o chamam de “hora do pó de vaca”, pelas nuvens de pó que os animais levantam ao voltar para os estábulos. O céu tinge-se de um lilás pálido. O cheiro da fumaça da madeira que sai dos fogareiros onde as mulheres começam a preparar o jantar invade as ruelas e estende-se pela planície. Os homens voltam com suas ferramentas ao ombro e com os turbantes e *longhis* sujos de barro. Os cães gemem e latem enquanto farejam procurando comida. É uma paisagem antiga que parece eterna. “Não há nada tão bonito quanto um entardecer em uma aldeia indiana”, pensa Anita.

Ao longo do ano, Anita vai a todos os atos cívicos e sociais, nos quais o rajá e ela são os principais protagonistas. As festas religiosas são celebradas em Amritsar, e muitas recepções acontecem na capital do Punjab, em Lahore, situada a três horas de carro de Kapurthala. Talvez por estar acostumada à tranquila vida em *Villa Buona Vista*, Anita sente-se fascinada pelo contraste que a antiga capital do império das *mil e uma noites* oferece. Pela beleza de seus monumentos e a elegância de seus palácios, pelos tesouros que contém e por seu ambiente aberto e animado, Lahore é conhecida como a Paris do Oriente. Mais cosmopolita que Délhi, goza já faz tempo da reputação de ser a cidade mais tolerante e aberta da Índia. Nos bufês do Gymkhana Club e do Cosmopolitan Club misturam-se siques, muçulmanos, hindus, cristãos e parses. As mulheres da sociedade vestem-se um pouco como as cortesãs francesas do século XVII, e os homens como galãs do cinema mudo. Nas recepções, jantares e bailes da alta sociedade, que os nobres e os magnatas do comércio oferecem em suas suntuosas mansões dos bairros residenciais, não há discriminação, exceto a imposta pelos ingleses em seu ponto de encontro favorito, o Punjab Club, onde um cartaz na entrada diz: “Só para europeus”. Para Anita, Lahore é o contraponto ideal para a atmosfera interiorana e asfixiante de Kapurthala. Aqui não há disse me disse, nem intrigas alimentadas pelas mulheres do rajá, “que é como ter quatro sogras”, diz, rindo. Em Lahore respira-se um ar de cidade grande. Os ingleses contam com um destacamento militar e dirigem os assuntos do Punjab de um antigo palácio mogol, sede do escritório do governador britânico.

A viagem semanal a Lahore transformou-se em um costume que Anita observa com pontualidade religiosa. Representa, para ela, assim como os passeios a cavalo, uma válvula de escape. O rajá costuma levá-la consigo em um de seus Rolls, que guia pessoalmente porque sempre tem alguma coisa ou visita para fazer na cidade mais importante da região. Mas Anita, do que realmente gosta é de fazer compras sozinha, isto é, sem seu marido, acompanhada somente por Dalima, Lola e dois ou três criados que carregam os pacotes.

– Venha me buscar no escritório do governador quando tiver terminado – pede-lhe o rajá ao deixá-la na entrada da rua dos joalheiros num dia em que Anita pretende comprar presentes para sua família pensando na iminente viagem à Europa.

Ela responde jogando-lhe um beijo, o que faz o rajá sorrir, pelo atrevimento e espontaneidade do gesto. As mulheres saem do carro e adentram as ruazinhas até perderem-se em um quebra-cabeça bizantino de barracas e oficinas. A espanhola adora fundir-se no grandioso espetáculo do intrincado bazar oriental, no coração da

cidade, e xeretar tudo para, horas depois, seguida de sua corte de criados, emergir e passear vitoriosa pelo *mall*, uma ampla avenida em estilo europeu margeada por cafés, bares, lojas, restaurantes e teatros. Diante da iminência da viagem, na qual Anita pretende levar o pequeno Ajit para que seus pais o conheçam, o impulso de comprar torna-se ainda mais urgente. Sua satisfação por tornar a ver sua família é tão grande que quer levar tudo o que vê, como se pudesse dar-lhes de presente um pedaço da Índia amarrado com um laço, como uma caixa de bombons. Por isso percorre com prazer a rua dos joalheiros com suas deslumbrantes mostras de braceletes de ouro, caixas laqueadas e pequenas urnas de madeira de sândalo; depois, a rua dos perfumistas, com seus bosques de varetas de incenso e seus frascos cheios de essências exóticas; passa seu olhar pelas vitrines cintilantes de alpargatas bordadas de lantejoulas; para em uma das inúmeras lojas da rua das armas, que vendem fuzis, lanças e *kirpans*, a adaga ritual dos siques que seu filho Ajit terá que usar na cintura um dia. Os vendedores de flores estão ocultos atrás de montanhas de cravos e jasmims; os de chá oferecem uma dúzia de folhas diferentes, que vão desde o verde pálido até o preto. Os mercadores de tecidos, descalços e sentados de cócoras sobre esteiras em suas pequenas tendas, convidam-na a escolher entre os brilhantes reflexos de suas mercadorias. Há lojas onde as mulheres deslizam ocultas sob as *burqas*, espreitando por trás da estreita viseira do véu, como “freiras na hora das vésperas”, segundo Anita. Vendem somente véus: uns quadrados e pequenos, outros como lenços, e outros grandes como cachecóis; há máscaras da Arábia que só tampam a testa e o começo do nariz, ou *burqas* com redinha como das afegãs; um mostruário de artigos para esconder-se dos olhares lascivos dos homens.

O palácio do governador é a antiga residência do príncipe Asaf Khan, o pai de Mumtaz Mahal, a musa que inspirou o Taj Mahal. Grandioso e refinado ao mesmo tempo, com elegantes janelas compridas e estreitas e grandes pátios internos, o palácio é uma verdadeira joia da arte hindu-mogol.

Anita, seguida de suas criadas e dos criados carregados de pacotes, apresenta-se diante dos guardas ingleses vestidos de uniforme cáqui: “O escritório do governador, *please?*”.

- Lamento, senhorita, mas não posso deixá-los passar.
- Venho buscar meu marido, que está reunido com o senhor governador.
- Terá que esperar que terminem, senhora.
- Sou a princesa de Kapurthala – acrescenta a espanhola.
- Não duvido, senhora, mas não posso permitir sua entrada. É o regulamento, lamento.

Os veementes protestos de Anita chocam-se contra a impassibilidade dos guardas.

- Se não me permite avisá-lo que estou aqui, pelo menos mande alguém fazê-lo.
- Não estou autorizado a interromper uma reunião do governador. O máximo que posso fazer é indicar-lhe a sala de espera...

Anita não tem mais remédio senão ceder e calar-se. De repente, encontra-se em uma galeria onde só há mulheres, a maioria usando a *burqa*, sentadas em desconfortáveis bancos de madeira. Pela primeira vez, e enquanto espera que seu marido termine, percebe o duro que é ser tratada como uma mulher normal.

Quando o rajá termina sua reunião e sai do escritório do governador, encontra Anita sentada em um banco da sala de espera, olhando-o com ar de passarinho. O rajá não está de bom humor. Teve de suportar as impertinências do governador, que lhe perguntara, como sempre, se o fato de sair em viagem à Europa durante tanto tempo não prejudicaria o andamento dos assuntos do Estado, ao que o rajá replicara com o de sempre: deixa os assuntos em boas mãos. Mas o que mais o incomodou foi o comunicado oficial de que Anita não tem direito de ser chamada de Alteza, nem de utilizar o título de marani nem o de princesa fora do âmbito estrito de Kapurthala. Nem sequer tem direito a ser chamada de *Spanish Rani*, a rani espanhola, como já é conhecida na sociedade. “O Governo da Índia não reconheceu e não reconhecerá o casamento de Sua Alteza com a senhora espanhola”, diz uma carta do escritório do vice-rei que o próprio governador lera em voz alta, em resposta a uma solicitação oficial do rajá pedindo que os ingleses revissem o *status* de sua mulher. A nota final do documento irritou sobremaneira Jagatjit, porque fez com que suspeitasse que sua primeira esposa tinha algo a ver com isso. “É preciso levar em conta”, reza o documento, “que Sua Primeira Alteza também se negou a reconhecê-la (referindo-se a Anita).” Embora o documento admita que a espanhola foi recebida em sociedade por altos funcionários e suas esposas, recomenda que “nenhum funcionário, nem sequer um subordinado ou um assistente de delegado de polícia, de modo algum se relacione com a esposa espanhola do rajá”. Como se fosse uma leprosa.

– Se soubesse que as ordens seriam cada vez mais restritivas, teria pensado melhor antes de casar-me com ela – disse o rajá ao governador. – Não me parece justo submeter minha esposa à exclusão da sociedade europeia que gostamos de frequentar e que no Punjab é composta principalmente por funcionários civis e militares do governo.

– Entendo, Alteza. Sabemos que por sua personalidade e seus atrativos vossa esposa espanhola está conquistando um lugar na sociedade, fato pelo qual essas restrições entram em conflito com a prática existente; e eu já mostrei isso ao vice-rei.

– E o que ele disse a respeito?

– O problema é que não se podem fazer exceções. O casamento do rajá de Jind

com Olivia van Tassel representa o mesmo problema. Ela não tem direito a ser chamada de “marani Olivia”. E o governo também não reconheceu o casamento do rajá de Pudokkatai, que acaba de se casar com a australiana Molly Fink. Não podemos reconhecer os casamentos mistos dos príncipes indianos, Alteza, a menos que sejam atendidas certas condições. É uma questão de bom senso...

– De bom senso? Bom senso é não interferir na vida privada dos príncipes. Isso sim seria bom senso.

– Peço-vos que compreendais, Alteza. Nossa postura é razoável e coerente. O governo poderia reconhecer o casamento de uma mulher europeia com um príncipe indiano se fossem atendidas algumas condições: primeiro, que fosse a única esposa. Segundo, que o Estado onde se casa a reconhecesse como rani ou marani, o que não é vosso caso, porque a rani oficial de Kapurthala é vossa primeira esposa, Harbans Kaur. A terceira condição é que a descendência da esposa tenha direito ao trono. Cumprindo essas condições, os direitos da mulher europeia poderiam ser protegidos. Do contrário, estaríamos reconhecendo casamentos morganáticos, isto é, casamentos que exaltam o *status* do príncipe em detrimento do da mulher. E isso, como europeus, não podemos admitir.

A lógica explicação do governador não fez diferença para o rajá, que se vê na desagradável posição de ter que enfrentar seus aliados naturais. Os ingleses o educaram, garantiram-lhe o trono quando um ramo da família questionava a legitimidade de seu mandato e protegeram-no, assegurando suas fronteiras e seu poder. Uma parte de seu coração sente-se inglesa, embora haja momentos, como este, nos quais não os suporta. Seu orgulho não aguenta que lhe imponham limites, nem admite que um funcionário dite suas normas de vida, justo ele, que jantou *tête-à-tête* com a rainha Vitória em Balmoral.

– Temo que essas regras, que vocês modificam segundo a conveniência do momento, acabem por prejudicar as boas relações que sempre existiram entre vocês e a casa real de Kapurthala – conclui o rajá em tom ameaçador.

– Isso seria lamentável, Alteza, e mostrei isso ao vice-rei, porque trata-se de uma eventualidade que levamos em conta – responde o governador, enquanto retorce o bigode cinza; em tom conciliatório, como se quisesse diminuir a importância do assunto, continua dizendo: – Permiti que vos lembre que essas restrições são meras recomendações, e que, na prática, como sabeis por experiência, não necessariamente são aplicadas. Podeis, sem dúvida, continuar levando a mesma vida, Alteza, sem prejuízo para vossa reputação ou a de vossa esposa.

– As restrições que me impõem constituem uma interferência inaceitável em minha vida privada. Sabe muito bem que limitam meus movimentos e restringem meus contatos com a sociedade.

– Alteza, permito-me pedir-vos um pouco de paciência. Proponho que espereis a

chegada do novo vice-rei para que reveja a situação e possamos voltar à anterior, menos restritiva. Eu mesmo farei o pedido oficial para dar a vossa esposa todo o reconhecimento possível. Tenho certeza de que foi o crescente número de casamentos mistos que acarretou o endurecimento das regras.

Enquanto dirige de volta a Kapurthala, Anita toca sutilmente no tema da conversa com o governador.

– Não se preocupe, *mon chéri*, vou ganhar todos e cada um deles sozinho, com um pouco de graça.

Mas o rajá está preocupado. Não está acostumado à confrontação, seja com sua família – e quase todos são contra –, seja com os ingleses, seus pais simbólicos. Seu papel não é lutar, mas reinar sem ter de dar explicações a ninguém. É o que fez a vida toda. E pretende continuar fazendo. Sua intuição lhe diz que o passar do tempo arranjará a situação que a presença de Anita criou em sua vida, mas agora não quer que nada nem ninguém venha turvar a harmonia de seu casamento. A mulher encantadora que está sentada a seu lado é obra sua, e talvez seja a única coisa na vida pela qual já lutou de verdade. É sua companheira de viagem, por mais que suas outras mulheres e os ingleses não gostem.

– Segunda-feira é meu aniversário – diz o rajá. – Gostaria que você estivesse presente na *puja* que fazemos todos os anos em família. Nós nos reunimos em volta do livro santo para ler parágrafos e recitar orações.

– Uma vez você me disse que preferia que eu não fosse a essa *puja*, lembra? Para não ferir a sensibilidade das ranis...

– Tem razão, mas mudei de opinião. Quero que você vá à *puja* para deixar claro que não pretendo tolerar que a ignorem. Você estará lá, na primeira fila. Como a nova marani de Kapurthala. Se você quiser, é claro.

– *Mais bien sûr, mon chéri.*

São tantos criados e a fofoca é tão intensa que é difícil manter a intimidade e a privacidade. No final, todos ficam sabendo de tudo graças à intrincada rede de comunicação que os criados dos diversos palácios mantêm entre si. Em Kapurthala tudo se sabe, mesmo antes de ser confirmado. A fiel Dalima soube da reação furibunda de Harbans Kaur ao saber que Anita participará da *puja* de aniversário, uma das cerimônias consideradas íntimas pela família. Essa nova imposição do rajá faz com que a guerra seja cada vez mais aberta. Guerra entre o peso da tradição, que suas mulheres exigem, e a vontade do soberano. Quem poderá mais: três mil anos de costumes ou o amor do príncipe por Anita?

A espanhola teria preferido não assistir à cerimônia, poupando-se do desconforto de estar presente em um lugar onde sua presença causa desassossego. Não gosta de ser o alvo de todos os olhares e de todos os comentários, principalmente sabendo que não podem ser elogiosos. Nessa guerra, ela é o campo de batalha.

Mas vai com seu esposo ao palácio das mulheres, no centro da cidade, um lugar onde não tornara a pisar desde seu casamento. Anda erguida, o porte altivo, vestida de princesa oriental com um sári que lhe oculta parte do rosto, e enfeitada com as joias que o rajá foi lhe dando de presente. Usa na testa uma maravilhosa esmeralda em forma de meia-lua. “Como tudo pega com a convivência, eu me contagiei com a paixão que meu marido tinha por esses badulaques e pouco a pouco fui formando um estoque de bonitas peças”, escreveria em seu diário. A esmeralda foi o mais recente presente, um capricho de Anita, que intui que as joias são sua única segurança. Essa pedra era utilizada para enfeitar o elefante mais velho da quadra do palácio, até que Anita, ao assistir seu primeiro desfile, reparou nela: “Era uma pena que um elefante usasse uma esmeralda tão maravilhosa, então eu a pedi ao rajá”.

– Você já pode dizer que conseguiu a Lua – disse-lhe seu marido ao entregá-la, embrulhada em papel de seda sobre uma bandeja de prata que um velho tesoureiro levava. – Deu muito trabalho dá-la a você.

E é verdade, não foi fácil. Tirar a joia do elefante para dá-la a Anita representou um desafio à tradição, um gesto que com certeza provocou cascatas de rumores. Mas ele o fez deliberadamente, para apoiar sua mulher, sabendo que tudo o que faz é escarafunchado e comentado detalhadamente na corte. “O rajá lhe deu de presente a lua do elefante!” A notícia não demorou a se espalhar. A mensagem sub-reptícia de sua decisão quer deixar bem claro que é capaz de qualquer coisa por sua mulher. Mais que um presente, foi um ato político.

Anita, discreta e presente ao mesmo tempo, acompanha seu jogo. Para a *puja* de aniversário cuidou de sua roupa e maquiagem com esmero. Quer estar

resplandecente, porque inconscientemente sabe que esse é seu melhor argumento. Como negar ao príncipe o prazer de estar unido a uma mulher tão bela? Que esposa seria tão cruel para fazer algo assim? Anita vai entendendo a lógica do harém, que gira em torno do bem-estar e do prazer do senhor da casa.

A cerimônia transcorre na mais absoluta normalidade, em uma sala cujas paredes estão decoradas com pedacinhos de espelhos que formam figuras florais. A luz das velas colocadas em pequenos altazinhos embutidos reflete nos milhares de espelhinhos cintilantes. As mulheres evitam cumprimentá-la, exceto Rani Kanari, a única que sempre se mostra afável e receptiva com ela. Pergunta-lhe pelo pequeno e Anita, que já entende um pouco de urdu, responde que o levará um dia para uma visita. Kanari continua sendo uma mulher atraente, apesar das bolsas embaixo dos olhos e de seu rosto inchado por tantos *dry martinis*. Sentadas em volta do sacerdote e do rajá em colchonetes de seda cobertos de almofadas de brocado e apoiadas em grandes travesseiros de veludo vermelho, as mulheres leem os textos sagrados e invocam o Altíssimo para que seu amo, dono e senhor desfrute de longa vida e prosperidade. É uma imagem que evoca uma harmonia doméstica digna de um imperador mogol, porém, no fundo desse mar aparentemente tranquilo, há correntes violentas e amargos sentimentos de abandono. Os olhares que furtivamente as mulheres trocam nos reflexos dos espelhinhos estão cheios de curiosidade e ressentimento. “Hoje tão jovem e viçosa”, parecem pensar, “mas e amanhã? O que acontecerá amanhã quando essa pele tão lisa perder seu resplendor, quando essa pele de porcelana começar a mostrar os estragos da idade, quando do fogo do amor só restarem brasas, se restarem?” Harbans Kaur sabe que é questão de tempo: Anita cairá como uma manga muito madura. É a lei da vida. Conhece seu marido e sabe de seus caprichos e de seu gosto pela luxúria. Só espera que, enquanto durar seu idílio com a estrangeira, não faça muitas coisas absurdas. “O que terá lhe dado de presente que nós não sabemos?”, parece perguntar-se ao observar a meia-lua do elefante sobre a testa marmórea da espanhola. “Por que insiste em levá-la a todos os lugares, em exibi-la como se fosse um animal de feira? Não percebe que perde casta agindo assim?” Harbans Kaur pensa à moda antiga e, embora seja certo que seu marido “perde casta” agindo assim, isso só acontece nos círculos mais tradicionais, entre as famílias de ranço ancestral que vivem isoladas do mundo nos vales do Himalaia, nas montanhas do sul ou no deserto do Rajastão. A Índia mudou, mas a mulher do rajá não sabe, porque não o pôde comprovar. A única viagem que fez em sua vida foi a que realizou por motivo de seu casamento: da casa de seus pais, nas profundezas do vale do Kangra, à *zenana* do rajá.

Harbans Kaur não sabe que Anita chama a atenção aonde vai, que os príncipes

brigam para sentar-se a seu lado nos jantares e para escutar seu riso de pomba nova, e que alguns até se tornam presas de seu encanto, como afirmam as más-línguas referindo-se ao *nizam* de Hyderabad. Sua fama de mulher bela, graciosa e original precede-a nos principados vizinhos que ela e o rajá visitam em seu primeiro ano em Kapurthala. Anita é a mulher que muitos gostariam de ter: jovem, divertida e cheia de frescor. Amiga e amante ao mesmo tempo. O contrário de uma indiana à moda antiga como Harbans Kaur, que é proibida pela lei do *purdah*¹³ de se misturar socialmente com homens que não sejam seu esposo.

Anita é bastante desinibida. Não tem vergonha de perguntar o que não entende, como faz com o nababo de um Estado vizinho, que recebe o casal em visita protocolar em um banquete de setenta comensais servido em pratos e talheres de ouro:

– Alteza – atreve-se a perguntar ao nababo, que a sentou a sua direita, longe do lugar que o rajá ocupa –, por que servis presunto assado e champanhe, sendo ambos alimentos proibidos por vossa religião? Por acaso não sois muçulmano xiita?

Seus modos, o sotaque com que tenta se expressar em urdu e a pergunta, ingênua, mas atrevida, fazem o nababo romper em riso, e, surpreso, responde-lhe em voz baixa, com cumplicidade:

– Sim, Anita, mas exerço meus poderes: batizo os alimentos e troco-lhes o nome. Ao porco dei o nome de faisão e ao champanhe o de limonada, de modo que não peço ao consumi-los.

E o anfitrião, gargalhando, dá ordens aos criados para que encham, a ele e a sua vizinha de mesa, o prato e a taça. Como muitos de seus colegas, esse nababo vive acima do bem e do mal. O que significam as restrições religiosas para alguns soberanos que julgam ter origem divina? Os ritos e as proibições são para os homens, não para os deuses.

Bhupinder Singh, “O magnífico”, o marajá de Patiala, também é sensível aos encantos de Anita, e quando a recebe na festa que dá em homenagem aos novos vice-reis, age como se a conhecesse da vida toda. Quer render-lhe as máximas homenagens e que se sente a seu lado na mesa, mas os responsáveis ingleses pelo protocolo não permitem. Bhupinder e Anita têm a mesma idade e ambos são alvo da ira dos ingleses; Anita por ter-se casado com um príncipe e Bhupinder por sua fama de mulherengo inveterado. As festas eróticas de sua piscina tornaram-se famosas até na Inglaterra, e os rumores sobre as virgens das montanhas e o culto sexual à deusa Koul deixam os ingleses muito preocupados. Tanto que suspenderam sua entronização “até que se comporte melhor”. Temem que acabe como seu pai, sucumbindo às más influências e a seu amor por álcool e mulheres: “Quando começam a

desencaminhar”, diz uma carta do governador do Punjab ao chefe do Departamento Político, “os homens dessa família correm para sua ruína.” Os ingleses decidiram adiar por um ano a entronização, até que consiga demonstrar que é capaz de assumir as rédeas de seu Estado. Bhupinder reagiu “fazendo-se de bonzinho” e convidando o novo vice-rei, *Lord* Minto, e sua mulher a Patiala, assim como inúmeros amigos e príncipes, entre os quais Anita e o rajá. Para ela, Patiala é como Kapurthala multiplicado por cem; as dimensões do palácio – “que não acaba nunca”, como descreveu Kipling –, o tamanho dos parques, do lago e da piscina, a centena de automóveis de luxo, os animais selvagens acorrentados à sombra de mangueiras centenárias etc. despertam sua admiração. É o reino do descomedimento e, por isso, Bhupinder Singh, “O magnífico”, não destoa nele. Ao contrário, é um personagem na medida para o lugar onde vive.

Impressionados com esse “rapaz que mede quase dois metros, pesa cem quilos e usa roupas de brocado e joias de sonho”, os Minto são recebidos com um desfile de meio milhar de soldados siques a cavalo, espetacularmente uniformizados e apetrechados; com uma partida de polo assistida por dez mil pessoas, e com caçadas e jantares no palácio. Passeando em volta do lago, *Lady* Minto repara na estátua que Bhupinder mandara colocar no parque. Representa a rainha Vitória com uma inscrição que reza: “Vitória, Rainha da Inglaterra, Imperatriz da Índia, Mãe do Povo”.

– Não se pode ser mais leal – comenta a mulher do vice-rei, começando, assim, o processo de reabilitação do turbulento marajá.

Os oficiais ingleses encarregados do protocolo fazem tudo o que podem para ocultar a espanhola e principalmente afastá-la do contato com as damas inglesas de alta categoria. Ordens são ordens. Mas tanto zelo tem um efeito contraproducente: atiça a curiosidade. Acontece que as mulheres, que da boca para fora desprezam a espanhola, no fundo morrem de vontade de conhecê-la, ou pelo menos de dar uma olhada nela: “O que será que ela tem para que se fale tanto dela? Será que é tão bonita quanto os príncipes dizem? O que será que o rajá viu nessa garota? Mais uma que segue os passos de Florrie Bryan!”, comentam, enquanto a procuram com olhar aguçado. Há tantos convidados e europeus trabalhando lá que Anita não se afeta com os esforços que uns e outros fazem para margeá-la, observá-la, dissecá-la e analisá-la. Ela os ignora porque no fundo se sente livre. Se esse mundo desmoronar, tem outro no qual se apoiar: o de sua família e amigos na Espanha. Pensar neles é o melhor refúgio contra o sentimento de solidão que a espreita como um tigre no galho de uma bananeira. Além do mais, o fato de saber que desperta tão intensa curiosidade afaga sua vaidade feminina. No fundo, gosta de ser objeto de tanta atenção. A antiga

Camélia tem um quê de estrela.

De modo que age como se nada estivesse acontecendo e dedica-se a jogar tênis com Sister Steele, chefe das babás do palácio, uma corpulenta anglo-indiana, divertida e de caráter, cuja missão é lidar com os filhos que o marajá, já aos dezoito anos, tinha com suas quatro mulheres, sem contar os que teve com cada uma das criadas de suas esposas. Há também um inglês que chamam de Tweenie, um mecânico da Rolls-Royce que mora permanentemente no palácio e cujo trabalho consiste em dirigir as oficinas onde os carros que compõem a frota do príncipe são revisados. É conhecido pela força de seu saque no tênis e por seu vício em chá: bebe mais de trinta xícaras por dia. O fotógrafo oficial, um alemão chamado Paoli, um indivíduo taciturno com o cabelo cortado à escovinha e óculos de armação metálica, passeia o dia todo entre a multidão com sua enorme câmara e seu tripé, retratando família e convidados. Mas o mais formidável de todos é um espanhol, o tenente-coronel Frankie Campos, uma surpresa que Anita não esperava encontrar.

– Chame-me de Paco – diz-lhe logo.

Paco ostenta o importante cargo de Nazaam Lassi Khaana, chefe das cozinhas reais. Irmão de um cardeal espanhol que vive em Roma, é um homem divertido e prático, mas cujo mau humor torna-o o terror das cozinhas. Seu sangue ferve facilmente. E isso não é de estranhar, visto que tem 95 cozinheiros sob suas ordens, que preparam refeições para umas mil pessoas cada dia, mais os convidados do palácio e os almoços para as caçadas. E as comidas têm que ser para todos os gostos e religiões: vegetariana para os hindus, com carne para os muçulmanos, cozinha internacional para os europeus etc. A tudo isso acrescenta-se a organização dos cozinheiros que viajam com os príncipes hindus mais ortodoxos, obcecados por elaborar os alimentos de uma maneira precisa para evitar que se contaminem ao entrar em contato com uma casta inferior. Campos torna-se, então, um verdadeiro chefe militar, imaginando estratégias, ditando planos de ação e dando ordens de ataque. Contam dele que, se por acaso encontrar um único fio de cabelo que seja em um prato de comida, compara-o minuciosamente com as cabeleiras de cada um dos ajudantes da cozinha. Quando descobre o culpado, faz que lhe raspem a cabeça, mesmo se o ajudante pertencer à equipe de cozinha de outra casa real. Com ele a diplomacia não vale nada.

Campos foi parar em Patiala depois de ter trabalhado como cozinheiro no hotel Savoy de Londres, o preferido dos marajás. Lá conheceu Bhupinder e aceitou o rendoso contrato que este lhe ofereceu. Casado com uma inglesa por quem continua muito apaixonado, sofreria a maior decepção de sua vida ao saber que sua mulher se havia envolvido com um militar inglês no navio que a conduzia à Índia para juntar-se a ele. Desde então, Campos vive entre a esperança de que ela apareça um dia em seu bangalô para pedir-lhe perdão e a ansiedade da espera. Com o tempo, seu caráter vai

ficando amargo e suas irritações desembocam às vezes em umas crises de choro que deixam a todos perplexos.

– Princesa, amanhã farei *paella* indiana em sua homenagem... – anuncia à espanhola.

Encontrar Paco faz Anita perceber que está esquecendo sua língua materna. Não consegue falar castelhano fluentemente, sem intercalar palavras e expressões francesas ou inglesas. Tanto que nessa mesma noite escreve a seus pais para que levem a Paris, onde vão se encontrar em breve, um exemplar da *História da Espanha* e outro de “Dom ‘*Quichote*’, *senão* acho que, *senão*, meu espanhol, vou perder o *custume* de falar não tendo *pratica* com ninguém aqui”, escreve literalmente. O rajá solicitara uma hora com Lord Minto, e dizem-lhe que vá “sem companhia”. É uma reunião curta, protocolar, na qual escuta as novas ideias do vice-rei com relação às medidas que quer adotar para que os indianos participem mais ativamente dos assuntos de governo. No fim, o rajá traz à baila o assunto do *status* de sua mulher. Lord Minto promete fazer o possível, embora garanta que a lei ditada por seu predecessor, Lord Curzon, que anula qualquer direito sucessório dos filhos nascidos da união entre um príncipe indiano e uma europeia permanecerá em vigor por ordem do imperador.

– Essa lei não me preocupa, Excelência; em meu caso, não há problema de sucessão, pois tenho um filho primogênito de minha primeira esposa. Só quero que meu casamento com minha mulher espanhola seja reconhecido e que anulem as restrições impostas.

O vice-rei responde com evasivas, até que o rajá, irritado, lembra as palavras do príncipe de Gales durante sua visita de 1906, quando publicamente demonstrou sua reprovação pela atitude condescendente e altiva dos funcionários ingleses para com os príncipes indianos.

– Excelência, permito-me recordar-lhe o que disse vosso futuro imperador: que nós, os príncipes da Índia, devemos ser tratados como iguais, e não como colegiais.

E, dito isso, despede-se do novo vice-rei, que fica retorcendo a ponta de seu bigode grisalho, surpreso diante de tanta veemência. Como sempre, o rajá sai da reunião desenganado e furioso. Esses ingleses, frios como o aço, estão imbuídos de uma superioridade cada vez mais irritante. Sua arrogância parece não ter limite. Até onde pensam chegar por esse caminho?

Mas sua mulher, contra tudo e contra todos, ganha batalhas insuspeitadas. O último dos eventos sociais a que vão antes de sua viagem à Europa responde a um convite do governador do Punjab em Lahore, que decidiu organizar um Durbar para os príncipes da região. Conrad Corfield, jovem funcionário do Indian Civil Service, a instituição que forma a nata dos administradores e altos funcionários, recebe a

incumbência de organizar a reunião de modo “que a rani espanhola fique longe da vista dos membros do governo presentes”, como reza literalmente a ordem. “Havia alguns balcões na sala do Durbar onde as damas deveriam sentar-se”, contaria mais tarde Corfield, “de modo que mandei colocar uns vasos enormes com palmeiras no balcão que correspondia a Anita, para escondê-la dos outros. Mas ela, quando chegou e viu as palmeiras, entrou em outro balcão. Quando a mulher do governador entrou, estava tão interessada em conhecê-la, pelo muito que ouvira falar dela, que a saudou em público com uma reverência. Anita estava encantada. Eu levei uma reprimenda por não ter sabido controlar a situação.”

13 A lei do *pardah* alude ao costume de origem muçulmano de usar o véu.

O rajá sabe que não foi sempre assim. Houve uma época em que os ingleses não viviam como uma minoria trancada em seus quartéis, seus fortes, seus palácios e seus bairros, horrorizados com a ideia de se misturarem com os outros, ou de que os outros se misturassem com eles. Houve um tempo em que os vice-reis britânicos não punham em prática medidas que afastavam os indianos dos europeus, como agora. Houve um tempo, no começo da colonização inglesa, que era ao contrário: as ideias e as pessoas misturavam-se livremente. A fronteira entre as culturas era difusa.

Os ingleses que no começo fixaram-se na Índia não eram indivíduos arrogantes, imbuídos de superioridade racial, como esses vice-reis e governadores com mentalidade vitoriana capazes de investir uma energia considerável para cercear os movimentos de uma espanhola de dezoito anos casada com um rajá. Eram homens que vinham de uma sociedade mais puritana, mais áspera e dura que a Índia. Não chegavam a um mundo virgem povoado de tribos analfabetas recém-saídas do período neolítico; a Índia não era a América. Vinham a um país que arrastava uma civilização de milhares de anos, fruto de uma intensa miscigenação de culturas, religiões e etnias. Uma civilização com um alto grau de refinamento e tolerante nos costumes.

Aqueles ingleses adotavam hábitos da nobreza local, como o de pegar para si uma companheira, uma *bibi*, como eram chamadas. As *bibis* procediam de todo o espectro social, desde cortesãs e mulheres da alta sociedade até ex-escravas ou prostitutas. Em um território imenso, cheio de reinos e principados, não faltavam cortesãs. Algumas eram muito sofisticadas, como Ab Begum, que no século XVII aparecia nua nas festas de Délhi, mas ninguém notava, porque se pintava dos pés à cabeça como se estivesse vestida com calças, e até as pulseiras eram desenhos.

O rajá mantém com os ingleses uma relação de amor e ódio. Admira-os e causam-lhe repugnância ao mesmo tempo. Acha que perderam a memória, que se negam a lembrar quão rudes e selvagens eram porque não querem reconhecer tudo o que a Índia lhes ensinou. Começando pela higiene. Com as *bibis* que agora tanto desprezam aprenderam a se lavar, o que ninguém fazia na Europa daquela época. Começaram com abluções como os indianos, isto é, vertendo cântaros de água sobre o corpo, e depois aderiram ao banho de banheira ou à ducha diários. Esqueceram que a palavra “xampu” vem do híndi e que significa “massagem”. Esqueceram quão apaixonados estavam por suas *bibis*, que cuidavam de suas casas, mantinham ordem entre os serviçais e cuidavam deles quando estavam doentes. Com elas aprenderam até a fazer amor, graças à inesgotável fonte de práticas sexuais do *Kamasutra*. Muitas

posturas consideradas normais por elas eram ou desconhecidas pela maioria dos britânicos ou consideradas depravadas ou malsãs na Europa. Elas achavam que os ingleses não sabiam fazer amor, que o faziam brutal e precipitadamente, não como os jovens indianos, que conheciam as mil maneiras de prolongar o jogo amoroso e os prazeres do coito. Por acaso não achavam que os soldados britânicos eram incapazes de ganhar o coração de uma indiana por causa de sua brusquidão sexual? Graças às indianas, os ingleses puderam dar rédeas a suas fantasias eróticas mais sofisticadas.

Os ingleses da Índia esqueceram que naqueles tempos seus compatriotas trocavam as botas de couro e os capacetes de aço por sofisticadas sedas, aprendiam algum idioma da Índia, desfrutavam recitais de cítara no deserto e comiam com as mãos. O arroz só com a mão direita, reservando a mão esquerda para a higiene pessoal, como os hindus e muçulmanos. Deixavam de mascar tabaco e passavam a ter a boca avermelhada pelo hábito de mascar noz-de-areca. É daquela época que vem a expressão “tornar-se nativo”.

O caso mais extremo foi, sem dúvida, o de Thomas Legge, um irlandês que, quando sua mulher morreu, afastou-se do mundo e tornou-se um faquir. Acabou vivendo das esmolas como os mestres hindus e dormindo em uma tumba no deserto do Rajastão. Fazia práticas espirituais contendo a respiração, totalmente nu e com o tridente de Shiva na mão.

Outro caso muito conhecido foi o de George Thomas, arquétipo do aventureiro europeu. Depois de servir aos rajás do norte da Índia, conseguiu fazer seu próprio reino no Punjab ocidental, tornando-se rajá de Haryana.¹⁴ Na Inglaterra chamavam-no de “rajá de Tiperrary”. Construiu um palácio, cunhou a própria moeda e montou um harém nada desprezível. Aculturou-se tanto que esqueceu sua língua materna e no final da vida só falava urdu. Seu filho anglo-indiano tornou-se um famoso poeta que declamava versos de Omar Khayyam nas *mushairas*¹⁵ da velha Délhi. A graça é que se chamava Jan Thomas.

Os mais altos representantes do império também se transformavam. O rajá gostaria de lembrar o vice-rei que *Sir* David Ochterlony, máxima autoridade britânica em Délhi nos últimos tempos do império mogol, recebia deitado em um sofá, chupando um narguilé, vestido com uma túnica de seda, usando um gorro mogol e sendo abanado por criados com plumas de pavão! Todas as noites, suas treze mulheres seguiam-no em procissão pela cidade, cada uma montada em seu próprio elefante luxuosamente enfeitado. Embora vivesse como um príncipe oriental, defendia com unhas e dentes os interesses da Companhia. Naqueles tempos, o que era bom para a Inglaterra era bom também para a Índia, e vice-versa.

Mas houve um momento em que os ingleses perceberam que a aculturação e a mistura de raças era prejudicial para a garantia do império. A mistura ameaçava criar uma classe colonial de anglo-indianos capazes de desafiar o poder britânico, como aconteceu na América do Norte, para sua grande humilhação. A sobrevivência do Raj não podia admitir “mestiços de estilo indiano”. De modo que a mentalidade foi mudando, pouco a pouco, e um sentimento de superioridade moral e individual foi se apoderando da sociedade britânica. A consciência racial, o orgulho nacional, a arrogância e o puritanismo substituíram a curiosidade e a tolerância. O ambiente foi se tornando cada vez mais irrespirável para os homens que mostravam muito entusiasmo por suas mulheres indianas, seus filhos mestiços e os costumes locais. Uma bateria de leis proibiu que os filhos das uniões entre europeus e indianas fossem empregados pela Companhia das Índias Orientais. Depois, outra lei proibiu que qualquer anglo-indiano se alistasse no exército, exceto como “músicos, gaiteiros ou ferreiros”. Também foram proibidos de ir para a Inglaterra estudar. Um pouco depois, uma lei proibiu que os funcionários fossem trabalhar vestidos com roupa não estritamente europeia: adeus às confortáveis alpargatas, aos pijamas, que acabaram se tornando exclusivamente roupa de dormir, às largas *kurtas* perfeitamente adaptadas aos rigores do clima indiano. O exército britânico emitiu uma série de ordens para proibir que oficiais europeus participassem do festival de Holi, a festa das cores, a maior celebração do calendário hindu. A um relojoeiro escocês, fundador do Colégio Hindu de Calcutá que morreu de cólera, negaram um enterro cristão, alegando que tinha se tornado mais hindu que cristão.

O número de *bibis* indianas incluídas nos testamentos começou a declinar até desaparecer por completo. E os ingleses que haviam adotado costumes indianos começaram a ser ridicularizados pelos novos representantes da Companhia. Até o hábito que os brancos tinham de fumar narguilé foi extinto. Os europeus deixaram de se interessar pela cultura indiana, como se tivessem certeza de que ela nada mais lhes poderia oferecer. A Índia transformara-se em um Eldorado, uma terra para conquistar sem se deixar conquistar por ela. William Palmer, um banqueiro inglês casado com uma *begum* e que vivia como um príncipe mogol, teve uma premonição quando escreveu, no começo do século XIX: “Nossa arrogância e nossa injustiça vão nos trazer a vingança de uma Índia unida. Já houve algumas insurreições...”. Cinquenta anos depois de ter escrito essas palavras, o motim de 1857 pôs um ponto final na confiança mútua que existira entre ambos os povos, entre ambos os mundos.

Desde então, Oriente e Ocidente continuaram se afastando um do outro, e agora o rajá e Anita são vítimas do abismo que se criou. Um indiano querer viver na Europa e usar terno e gravata não surpreende ninguém, mas uma europeia se casar com um

indiano, ir morar na Índia, vestir-se como uma princesa oriental e viver como bem entende é considerado um escândalo. Os franceses levarem os templos de Angkor para Paris é bem-visto, mas o rajá querer importar estátuas francesas para seu parque é considerado uma excentricidade. Será que Kipling tem razão quando diz “Oriente é Oriente, Ocidente é Ocidente, e os dois nunca se encontrarão.”? O rajá prefere pensar o contrário. O eco de um passado mais liberal abriga a esperança de que ambos os mundos se reconciliem. Essa é a vocação profunda que sempre sentiu, desde que voltou fascinado de sua primeira grande viagem à Europa e à América. E, em sua pequena e modesta escala, quer dedicar sua vida a isso.

¹⁴ Sua história serviu de inspiração para o personagem de Kipling em *O homem que queria ser rei*.

¹⁵ Recital de poesia ao ar livre.

Finalmente chega o dia da partida, da primeira viagem para casa, para a Europa. Lola, a criada, está há vários dias em um estado de nervosismo constante, indo e vindo atarantada; de repente fica tão excitada que parece que vai levitar, coisa bastante difícil devido a seu volume e peso. Volta para Málaga, de onde não pretende sair pelo resto da vida, ou pelo menos é o que diz. Esqueceu o que é ser empregada na Espanha: mal paga, pouco respeitada e sem futuro. Mas a distância vê tudo cor-de-rosa. Odeia a Índia, a comida picante, o calorão, o isolamento e os bichos. De resto, vive como uma rainha. Até parece que na Espanha as empregadas dispõem de criados que preparam sua comida e lavam sua roupa...! Faz tempo que Anita desistiu de Lola; só lhe interessa perdê-la de vista. Como parte do séquito, também vai *Mme. Dijon*, que volta para a França até que o rajá solicite novamente seus serviços. Anita vai sofrer para desapegar-se da francesa que tanto lhe ensinou e cuja presença sempre reconfortante lhe proporcionou segurança e confiança. Sem ela, a vida em Kapurthala será muito mais solitária e infinitamente mais difícil.

O marido de Dalima, a ama de leite, não permitiu que sua mulher acompanhasse Anita à Europa. Os outros criados dizem que a ama tem problemas em casa, mas ela é tão discreta que não quer contar. Ou talvez não possa. Parece que seu marido chegou a ameaçar repudiá-la se for. Mas Anita precisa dela, e principalmente o pequeno Ajit, para quem Dalima é uma segunda mãe. De modo que a espanhola resolveu o problema oferecendo uma quantidade de dinheiro que uma pobre família hindu não pode recusar. Como Dalima não quer se separar de sua filha, a pequena fará parte do séquito também, integrado por 35 pessoas no total.

Dois dias antes de empreender a grande viagem, Bibi vai vê-la para se despedir. Sua aparência desolada e seu humor sombrio fazem com que Anita suspeite que alguma coisa aconteceu. Tem o olhar perdido, como de um naufrago:

– O que foi, Bibi? – pergunta a espanhola, que está arrumando roupas espalhadas aos montes sobre os móveis de seu quarto. Não tem apenas que organizar os baús para a viagem; precisa deixar tudo pronto para a mudança ao novo palácio. Na volta da Europa, não morarão mais em *Villa Buona Vista*. Ocuparão, finalmente, *L'Élysée*.

Bibi, sentada na beira da cama, dispõe-se a responder, quando, de repente, sente um nó na garganta e rompe em soluços.

– Bibi... aconteceu alguma coisa de ruim? – Anita pensa no pior, em uma doença, em uma morte.

– Não tenho direito de ficar triste por algo assim... – replica Bibi. – Achei que meus pais me mandariam de volta à Inglaterra para entrar na faculdade, mas acabam

de dizer que não... Definitivamente, não querem.

Bibi chora desconsolada. Anita está compungida, sem saber muito bem como reagir. Não parece próprio de uma garota tão forte e cheia de vida como Bibi pôr-se a chorar por uma coisa que para Anita parece tão trivial.

– E você não pode estudar em Lahore?

– Não admitem garotas nos *colleges*, e, além do mais, não há universidades. Meu pai diz que uma garota não tem por que fazer estudos universitários. Querem que me case e pare de incomodar...

Faz-se um silêncio que Anita não se atreve a interromper.

– ... Mas eu não quero essa vida, Anita. Quero fazer algo por mim mesma. Que há de mau nisso?

– Então seu pai não quer.

– Pois é.

Bibi fica pensativa e faz um esforço para se acalmar. Anita lhe dá um lenço.

– Fui interna por dez anos na Inglaterra, Anita. Embora me sinta indiana, também sou de lá. Que vou fazer de minha vida neste buraco? Adoro o Punjab, sou uma privilegiada, mas aqui fico sufocada.

– Quer que eu diga ao rajá para interceder junto a sua família?

– Oh, não! Isso seria pior e não ajudaria em nada. Não há o que fazer. Conheço meus pais e não cederão. Para eles, minha formação terminou. Sei tocar piano, jogar tênis e falar inglês com o devido sotaque. Com isso, dão-se por satisfeitos. Mas eu não. Não acham que o que aprendi sirva para alguma coisa. O que é útil para os outros eles acham vulgar!

– Em minha terra dizem que há males que vêm para o bem – acrescenta Anita, sem saber que esse ditado, no caso de Bibi Amrit Kaur, adquirirá um significado cujo alcance nenhuma das duas pode suspeitar agora. – Não sofra tanto, querida, vai dar tudo certo...

– Tenha uma boa viagem, Anita. Sentirei sua falta – diz Bibi ao abraçá-la.

Bibi é desconcertante, uma mistura de indiana e europeia, de aristocrata e mulher simples, de sinhazinha e samaritana ao mesmo tempo. “Coitada! Como ela está sozinha!”, pensa Anita ao vê-la desaparecer montada em seu cavalo pela cerca da *Villa*. A espanhola a entende perfeitamente, porque também vive entre dois mundos, sem pertencer por completo a nenhum. Nada une tanto duas pessoas quanto o fato de se sentirem marginalizadas, diferentes dos outros, desarraigadas; nada alicerça mais a amizade que o fato de entender a solidão do outro.

Como Bombaim parece diferente nessa viagem! Na última oportunidade, em sua chegada à Índia, Anita sentia-se intimidada pelo burburinho da cidade. Hoje acha-a imponente, com seus sólidos edifícios de frente para o mar, suas mansões coloniais, seu porto cheio de vida e seus mercados barulhentos, cujos odores já lhe são familiares. Reconhece a fragrância dos nardos ao passar na frente de um altarzinho, o cheiro picante dos pimentões fritos ao molho de *curry*, os doces eflúvios do *ghi*, a manteiga que os confeitadores usam, ou o inconfundível aroma dos *bidis*, os cigarros dos pobres feitos com uma folha de tabaco recheada de tabaco picado. Hoje sabe distinguir um indiano do sul de outro do norte, um brâmane de um *marwari*,¹⁶ um *jain* de um parse, ou uma muçulmana *bohra* de uma xiíta. Sabe o que é uma mesquita, uma Gurdwara ou um templo hindu. Sabe quem é um mendigo de verdade e quem finge ser deformado para amolecer corações. Sabe pechinchar nas barracas próximas ao hotel Taj, onde compra as últimas bugigangas para dar de presente na Europa. Quando resolve soltar uma frase em urdu ou em híndi, o vendedor abre os braços, como se estivesse diante de uma deusa do panteão hindu, pois é muito raro encontrar uma branca que saiba umas palavras em alguma das línguas do país.

Bombaim é a verdadeira porta da Índia, a apenas vinte dias de navegação da Europa. Para proteger-se o máximo possível do sol, o rajá reservou os melhores camarotes do *S.S. América* – da companhia inglesa P&O (Peninsular and Oriental) –, isto é, os que dão para boreste. A navegação é tranquila, sem o mar ruim daquela primeira viagem. Os concertos ao entardecer, as rodadas de bingo e as conversas com os outros passageiros – felizes com a volta para casa – fazem com que a viagem pareça curta.

Ao chegar a Marselha surpreendem-se ao ver que se tornaram um casal famoso na Europa, visto o número de fotógrafos e jornalistas que os esperam ao pé da passarela de desembarque. Apesar de o rajá se sentir incomodado devido à impertinência das perguntas, Anita faz um esforço para tentar respondê-las, embora às vezes seja difícil. “Princesa, é verdade que come carne de serpente todos os dias?” “Seu filho será rei da Índia algum dia?” “É verdade que vive trancada em um harém?” “Como se relaciona com as outras esposas de seu marido?” As respostas pausadas de Anita, que revelam a normalidade de sua vida, parecem-lhes decepcionantes. Adorariam ouvir que come serpente refogada diariamente, que seu filho será imperador e que ela é a rainha do harém. Mesmo assim, a história da andaluza transformada em princesa das *mil e uma noites* desperta paixões.

Na chegada a Paris, a plataforma da estação de Austerlitz está igualmente povoada de jornalistas, que lançam uma chuva de perguntas indiscretas, mas, entre o povo,

entre os carregadores e os carrinhos cheios dos baús do impressionante séquito, Anita vislumbra a silhueta um pouco encurvada de seu pai, o bom dom Ángel Delgado acompanhado de dona Candelária e de sua irmã, Victoria, que mora em Paris com seu marido americano. Os Delgado vieram de Madri para a reunião familiar, porque Anita e o rajá não podiam ir até a Espanha por falta de tempo. “Parece que encolheram”, pensa Anita, surpresa. Vê-os mais secos e frágeis, embora muito bem-vestidos, seu pai com uma cartola de feltro cinza e dona Candelária exibindo um casaco de astracã e um chapéu de penas de avestruz. Atrás deles está sua irmã, Victoria, com o ventre volumoso. “Meus pais não paravam de abraçar e beijar o pequeno Ajit, que chamavam de ‘meu *indianinho*’. Victoria só o olhava e apertava como se fosse um brinquedo, talvez pensando que logo teria outro parecido em seus braços, mas de sua própria carne...”

Com sua família em Paris, a vida social caminha de vento em popa. Os jantares em casa dos aristocratas amigos de seu marido cansam-na. Preferiria mil vezes jantar com seus pais, depois de ter dado banho e deitado seu filho com a ajuda de Dalima. Os pequenos prazeres da maternidade servem para compensar a agitação e a frivolidade de sua vida social. Mas esse é o preço que tem que pagar por ser parte do casal mais solicitado de *tout Paris*. O rajá está feliz, porque se sente o centro das atenções e porque, nos jantares com marquesas e duques, emparelha-se com os grandes personagens do momento: os escritores Marcel Proust, Émile Zola e Paul Bourget, o grande coreógrafo russo Sergei Dhiaghilev etc. Sentir-se parte desse mundo proporciona-lhe uma íntima e profunda satisfação. Poucos príncipes indianos podem se vangloriar disso, e menos ainda de colocar a Índia na crista da onda na Europa. Pois Dhiaghilev não acaba de anunciar a próxima estreia de seu balé, *O deus azul*, cujo tema, inspirado na Índia, ocorreu-lhe depois de tê-lo conhecido?

O rajá faz de sua vida social o centro de sua existência, porque, além de gostar, tem grandes planos para o futuro imediato: o casamento de seu filho Paramjit, o herdeiro de Kapurthala, com a princesa Brinda, que agora termina seus estudos em Paris. Essa princesa é filha de um seu velho amigo empobrecido, o marajá de Jubbal. Em Cartier compra para seu filho o relógio da moda, o *Santos Dumont*, assim chamado em homenagem ao aviador brasileiro famoso por ter conseguido voar em um aparelho mais pesado que o ar, e a quem, ainda por cima, tivera o prazer de conhecer em uma viagem anterior. Compra outro relógio de pulso para sua nora, hexagonal, com brilhantes incrustados. E mais seis para sua própria coleção.

O rajá quer que o casamento seja um acontecimento social de primeira grandeza. Será também a oportunidade de inaugurar o novo palácio, onde residirá com Anita. Suas primeiras medidas são fretar um navio de passageiros para transportar de

Marselha a Bombaim os quinhentos ingleses e os trezentos franceses convidados, que pretende receber em grande estilo. Quer que seja uma celebração brilhante, original e suntuosa, como costumam ser os casamentos dos herdeiros nos principados indianos.

– Vou lhe apresentar Brinda, a prometida de meu filho – diz um dia a sua mulher. – Ela será, um dia, a primeira marani de Kapurthala. Quero que sejam amigas.

A futura nora tem quase a idade de Anita. Embora pareça uma francesa por seus gestos e sua maneira de falar, é uma hindu *rajput* de alta casta. Com o cabelo castanho-claro preso em cachos, grandes olhos pretos, uma boca fina e bem desenhada e a pele cor de trigo, Brinda é uma jovem de maneiras descontraídas que estuda no exclusivo convento de L'Ascention, onde gerações de meninas da alta sociedade parisiense foram educadas. O rajá insistiu para que sua nora tivesse uma educação francesa – e arcou com os gastos –, contratando, além disso, os serviços de uma dama de companhia chamada *Mlle. Meillon*. Os três jantam no Maxim's, e quando o rajá começa a falar sobre seus planos faraônicos para o casamento, Brinda arregala os olhos. Surpresa, excitação ou espanto? Anita não sabe muito bem como interpretar esse olhar. Brinda diz que é muito feliz em Paris e que gostaria que essa etapa de sua vida não acabasse nunca. Parece não ter nenhuma vontade de voltar para a Índia, nem mesmo para ser princesa. Algo nela lembra Bibi, talvez sua facilidade para se locomover em ambos os mundos. Mas Brinda é mais indiana e frívola, e carece da veia rebelde que torna Bibi tão singular. Por isso é difícil saber o que pensa ou conhecer seus sentimentos. As indianas estão acostumadas desde a infância a seguir o caminho determinado por seus pais, sem opor-se a isso nem questioná-lo. Quando ficam sozinhas, Brinda conta a Anita que vira seu futuro marido uma única vez, quando tinha dez anos e ele doze, em uma apresentação formal, porque já estavam prometidos desde sua primeira infância. Parecera-lhe um garoto sério, tenso e sombrio. Não conversaram e desde então não voltaram a se ver.

O que nem o rajá nem Anita podem suspeitar é que Brinda está vivendo um verdadeiro calvário de amor e que talvez não apareça em Kapurthala no dia do casamento. A ideia de voltar à Índia para casar-se com um homem que não conhece nem entende é para ela insuportável. Brinda “deixou-se contaminar pelo Ocidente”, como diriam as más línguas. Está loucamente apaixonada por um oficial do exército francês, um indivíduo alto e louro chamado Guy de Pracomtal, com quem mantém um secreto e ardente romance. O encontro com seu sogro e Anita faz com que perceba que o momento de embarcar na viagem mais longa de sua vida está se aproximando inexoravelmente. E é uma viagem que abomina ter que empreender. Sofre porque não se sente tão europeia para sacrificar tudo por amor, nem tão indiana para aceitar o destino que lhe traçaram. Está pensando seriamente em fugir e desaparecer nos braços de seu amado. Terá coragem para isso?

Entre as visitas a grandes joalherias, onde encomenda novas peças com as pedras trazidas da Índia, os jantares nos melhores restaurantes e os passeios a cavalo pelo Bois de Boulogne, em cujo clube hípico o rajá continua mantendo seu haras, o tempo passa voando. Anita, apesar do prazer que montar Lunares lhe proporciona, só pensa em estar com os seus. Quer aproveitar ao máximo o pouco tempo de que dispõe. As notícias que chegam de Madri são carinhosas: a turma, que agora se reúne na Lanchonete de Candelas, insiste em ser condecorada por Sua Alteza, especialmente Valle-Inclán, que não quer morrer sem visitar Kapurthala. O grande autor de zarzuelas Felipe Pérez y González dedicou ao insigne casal um poema, que apareceria impresso pelas ruas de Madri em janeiro de 1908:

*Um rajá que da Índia veio aqui, certa bailarina conheceu,
que é uma malaguenha,
mais linda e mais graciosa que uma huri...*

Anita ri com vontade com todas essas notícias de uma Madri cujas ruas morre de vontade de tornar a pisar. Enquanto isso, esforça-se para responder a todas as perguntas que seus pais lhe fazem sobre sua vida. Tenta explicar como transcorre sua vida de princesa, mas é difícil contar-lhes como a Índia é. Como descrever a devoção do povo de Kapurthala quando entrou na cidade montada em elefante depois do casamento? Ou o calor anterior à monção, o batizado em Amritsar, as *garden parties*, as festas em Patiala, o entardecer no campo, a miséria e o luxo? É um mundo muito distante e muito diferente para que possam imaginar; além do mais, Anita não quer entrar em detalhes para não os preocupar. Não quer lhes falar sobre o tratamento que recebe dos britânicos, nem de seu mau relacionamento com as mulheres do rajá.

– Mas o menino está batizado ou não?

Dona Candelária está obcecada pela saúde espiritual de seu neto. É como uma ideia fixa que não consegue tirar da cabeça.

– Já disse que sim. Foi batizado na religião de seu pai.

– Nunca na minha vida ouvi falar dessa religião “sic”. Eu quero saber se foi batizado de verdade.

– A que você se refere? A que um padre o tenha batizado em uma igreja? Não, mãe... Lá não há padres nem igrejas, e, se houver, são para os ingleses.

– Pois isso me parece muito grave, Anita. Esse menino precisa ser batizado de verdade. Se lhe acontecer alguma coisa assim, pagão, está condenado ao fogo do inferno para sempre. É preciso salvá-lo.

Certa manhã, aproveitando que sua filha e o rajá foram para Biarritz e deixaram o menino a seu cargo, dona Candelária pega-o no colo e sem dizer nada nem a Dalima nem a dom Ángel, sai à rua. Sem mais demora, entra na catedral de Notre-Dame: “Em um piscar de olhos”, contaria Anita em seu diário, “sem preâmbulos nem

preces, cristianizou seu neto na pia de água benta da entrada mesmo”.

Na volta de Biarritz, dona Candelária diz a sua filha que já pode dormir tranquila, que Ajit está salvo como cristão, e conta os detalhes do que fez. Anita assusta-se.

– Mãe... Por Deus! Se o rajá souber!

– Eu não fiz nada de mau.

– Se ele souber, vai se zangar muito.

– De qualquer maneira, acho que um pouco de água benta não pode fazer mal nenhum a um “sic”.

– Você tem que prometer que não vai abrir a boca... E papai e Victoria também não.

– Ninguém precisa saber, filha... Prometo.

Depois de um silêncio, Anita fica olhando fixamente para sua mãe, como se quisesse lhe perguntar alguma coisa, mas sem se atrever:

– Ouça... que nome você lhe deu? – diz finalmente, roendo-se de curiosidade.

– Ángel, como o avô. Porque... vai saber.

Para Anita, Biarritz foi o cenário de outro desagradável incidente com os ingleses. Por um erro burocrático, a suíte onde se alojaram no hotel du Palais era contígua à do rei da Inglaterra, Eduardo VII. Parece que o monarca, que não é conhecido exatamente pela retidão de seus modos, não fez nenhum comentário, mas seus ajudantes de campo levaram um enérgico protesto à direção do hotel. Que escândalo ter como vizinho um rajá amancebado com uma bailarina espanhola! O fato é o prato preferido das damas da nobreza e dos membros do séquito. Mas, por outro lado, as mesmas pessoas que cospem veneno ficam mudas de admiração diante do curioso casal quando faz sua aparição no jantar de gala: ele ostentando um broche de três mil diamantes e pérolas nas dobras do turbante, e ela esplêndida com sua meia-lua de esmeralda na testa. Ambos deslocam-se em sociedade com tanta desenvoltura que parecem ter nascido para isso. Anita tem tanta facilidade para tratar com desconhecidos que deixa a todos perplexos, e, além do mais, tem um talento misterioso para entender-se em qualquer idioma, seja com quem for e onde for. Não é de estranhar, então, que os fotógrafos e repórteres, como cães de caça, fiquem à espreita de seu menor movimento.

Antes de partir para Londres para depois embarcar de volta a Bombaim, Anita entrega a sua mãe um pacote grande e pesado embrulhado em papel de presente.

– Mãe, quero que você leve isso a Málaga. É uma promessa que fiz à Virgem da Vitória por ter-me salvado no parto.

Ao desembulhá-lo, dona Candelária solta um suspiro de exclamação. O manto da Virgem, salpicado de pedras preciosas, é uma obra de arte.

– Os ourives da *rue* de la Paix demoraram mais de um ano para confeccioná-lo. Quero que você diga ao bispo que é um donativo que faço a meus conterrâneos e à Virgem, para que em sua festa seja a mais bonita da Espanha.

As despedidas são tristes, como sempre. Anita não tem certeza de que poderá voltar no ano seguinte. Leva os livros – *História da Espanha* e *Dom Quixote* – que havia pedido a seus pais para não esquecer o espanhol. Sente uma grande saudade de Madri, de Málaga e de seus amigos, assim como dos cheiros, das cores e dos ruídos da Espanha. De suas raízes. Como se sentisse o que se passa pela cabeça de sua filha nesse momento, sua mãe diz:

– A propósito, você sabe que Anselmo Nieto se casou?

Ela recebe a notícia com uma leve pontada no coração. Anselmo, o pintor com ar de toureiro, o eterno aspirante, cansou-se de esperá-la. É lógico, mas no fundo Anita gostava de saber que a distância alguém morria de amor por ela. Vaidade de mulher, embora, se tivesse parado para pensar, teria afastado esse sentimento de sua cabeça taxando-se de egoísta.

– Sua mulher chama-se Carmen – prossegue dona Candelária –, e acabam de ter uma menina. Ele voltou de Paris pouco depois que você foi para a Índia. Até que está bem, participa de muitas exposições com um grupo de jovens que se fazem chamar de “independentes”.

– Fico feliz de que tudo vá bem – responde Anita com uma ponta de tristeza na voz, reflexo do orgulho ferido mais do que da dor por ter perdido um homem que para ela não fora mais que uma ilusão. Ninguém gosta de perder um pretendente.

QUARTA PARTE

A RODA DO KARMA GIRA PARA TODOS

A paixão do rajá pelo luxo é cada vez maior, como se quisesse compensar o pequeno tamanho de seu Estado com mais e mais pompa. Ao turbante azul-claro que os membros de sua guarda usam combinando com uma jaqueta azul-marinho de lapelas prateadas acrescentou um pompom vermelho, em homenagem à marinha francesa. Assim, com a borla dançando em seus turbantes, os dignos guerreiros siques escoltam a carruagem que transporta o esplendoroso casal, já de volta da Europa, pelas ruas de Kapurthala. Em sua passagem, a multidão os saúda incessantemente, e no centro da cidade a aglomeração dos que brigam para lhes dar as boas-vindas é tão densa que a comitiva é forçada a se deter várias vezes. O rajá instaurou essa espécie de ritual cada vez que volta de viagem: faz um percurso pelos principais templos siques, hindus e muçulmanos para agradecer aos deuses pelo feliz retorno e para retomar o contato com seu povo.

Depois, a comitiva afasta-se um pouco da cidade e dirige-se à parte mais alta, até chegar à entrada do novo palácio, *L'Élysée*, que será sua residência de agora em diante. Uma fila dupla de elefantes ladeia a avenida que conduz ao pavilhão de entrada, em formação perfeita, para dar-lhes as boas-vindas. Com seus ciprestes, seu gramado, seus arbustos podados com esmero e seus canteiros cheios de flores mantidos por quinhentos jardineiros, com seus postes de luz de ferro fundido, suas balaustradas de estilo renascentista e suas estátuas alegóricas, entre as quais destaca-se a de um tigre em posição de ataque, obra do escultor francês Le Courtier, o jardim é tão desconcertante que por um instante Anita pensa que não saiu da França. Emoldurado pelas montanhas nevadas perfiladas no horizonte, o edifício cor-de-rosa com baixos-relevos em branco é o sonho do rajá que se torna realidade: “Consegui transplantar um pedaço da França para os pés do Himalaia”, diz com orgulho. Com seu telhado com desvãos coberto de ardósia, a entrada sustentada por pares de colunas e seus 108 dormitórios, o palácio é descomunal para o tamanho de Kapurthala. Só guarda proporção com a vaidade do príncipe e com seu desejo de imitar os grandes deste mundo. Os cortesãos aplaudem o fato de o rajá ter decidido mudar-se para esse edifício situado nas cercanias da cidade, pois acham que isso reforça sua aura de divindade perante o povo. Mas seus detratores pensam o contrário; para eles, é um símbolo inelutável do crescente abismo que separa os príncipes da Índia de seus súditos.

Dentro, seiscentos trabalhadores levaram nove anos para deixar tudo pronto. As paredes do Durbar Hall (sala de audiências) estão decoradas no mais puro estilo indiano, com baixos-relevos de madeira que combinam motivos franceses e orientais.

O teto finamente esculpido, com um vitral na cúpula, é iluminado por pequenas luzes em forma de estrela. A meia altura, com balaústres a intervalos regulares, há uma galeria reservada às damas da corte para quando forem celebradas cerimônias oficiais. O brasão de Kapurthala – um elefante à esquerda e um cavalo à direita de um escudo de armas, sustentando uma couraça com um canhão gravado e uma inscrição que reza: *Pro Rege et Patria* – está desenhado no parquete com madeiras de cores diferentes para dar relevo. De tão polido, brilha tanto que os criados olham-se nele para ajustar os turbantes. Enormes porcelanas de Sèvres, cópias de tapeçarias dos gobelinos, móveis de época e tapetes Aubusson,¹⁷ feitos sob medida para os aposentos, mostram a imensa admiração do rajá pelo estilo francês do século XVIII. Exceto dois aposentos inspirados em outros países – o quarto japonês e a sala de fumar de estilo turco –, cada uma das 108 suítes reservadas aos convidados leva o nome de uma cidade francesa ou de alguma celebridade gaulesa. A mesa da principal sala de jantar comporta oitenta comensais. Uma caldeira de carvão proporciona água quente 24 horas por dia, para maior conforto dos residentes, convidados, empregados e trabalhadores. Porque o palácio também se torna a sede do governo. Os escritórios das diversas administrações ocupam os porões. O escritório e os aposentos de Sua Alteza estão no primeiro andar, de onde se divisa uma belíssima vista do parque e, ao fundo, a cidade. Seu dormitório é separado do de Anita por um *closet* muito amplo. Os aposentos da espanhola, que incluem o quarto do menino e os de suas criadas, dão para um amplo terraço. O lugar carece da intimidade e do bucólico encanto da *Villa Buona Vista*, mas é amplo, confortável e grandioso. Nos primeiros dias, Anita sente-se um pouco perdida, porque, ainda por cima, ficou sem os únicos laços que tinha com o passado, *Mme. Dijon* e *Lola*. Não que sinta falta de sua criada, pelo contrário, mas sente saudade do contato com seu mundo. Em uma próxima viagem trará outra, se possível andaluza, mesmo que seja só para que lhe lembre o lugar de onde vem. Precisa de uma referência nesse mundo ilusório.

As mulheres do rajá decidiram opor-se às intenções de seu marido de transferir a *zenana* para uma ala do *L'Élysée*.

– Nós ficaremos no velho palácio, Alteza – disse-lhe Harbans Kaur, sua primeira esposa, com o tom decidido de quem pensou bem em suas palavras.

– E posso saber a razão de vossa persistente negativa? Ofereço-vos o palácio mais moderno e luxuoso da Índia, e recusais.

– Sabeis bem nossa razão. Nós nos mudaríamos de bom grado para o novo palácio se a espanhola aceitasse integrar-se à *zenana*.

– Isso é impossível e vós o sabeis. Ela não está acostumada a viver assim. Viverá em seus próprios aposentos.

– Alteza, não nos parece adequado viver em *purdah* no novo palácio enquanto compartilhais a vida com uma estrangeira cujo comportamento é insultante para a tradição justamente porque despreza as normas do *purdah*... Rogo-vos que compreendais nossa postura.

Diante da firmeza desses propósitos, o rajá não quis prolongar a discussão. Sua mulher viera lembrá-lo do princípio que desde sempre tem regido a sociedade indiana: cada um em seu lugar.

– Nosso mundo afundará se as tradições não forem mantidas – concluiu Harbans Kaur em um tom grave.

Em outras palavras: ou todas ou nenhuma. Talvez tenham achado que teriam sucesso pressionando-o, e que o rajá acabaria colocando Anita em seu lugar. “São umas ingênuas”, pensa ele, “ninguém pressiona o rajá.” Ou será ele o ingênuo? Nessa peculiar guerra de nervos, suas mulheres contam com o tempo a seu favor. Enquanto isso, opõem-se a tudo o que podem, sabotam sutilmente os projetos do rajá e boicotam suas tentativas de fazer com que Anita seja aceita um dia.

Ele opta por não relatar nada da conversa a sua mulher. Nem sequer lhe passou pela cabeça pedir-lhe que se integre à *zenana*. Sabe que é inútil, e, além do mais, ele também não gostaria. Significaria que Anita “se tornara nativa”, e justamente o que o atrai é o fato de não ser como as outras. Que tenha sua personalidade, seu critério e sua própria voz, desde que não cause muitos transtornos em sua vida.

O rajá reage como costuma fazer sempre: utilizando seu poder para responder com uma afronta maior ainda ao destrato de suas mulheres. Não quereis viver sob o mesmo teto que a espanhola? Não quereis aceitá-la? Pois ela será a encarregada de organizar o casamento do herdeiro da casa de Kapurthala. “Engulam essa”, pensa Anita, seriamente preocupada com o caminho que as coisas estão tomando:

– Vão me odiar cada vez mais, *mon chéri*. O mais lógico não seria que Harbans Kaur cuidasse do casamento? Afinal de contas, é seu filho quem está se casando.

– Quero que você organize tudo. Minhas esposas se ocuparão com o atendimento às mulheres de nossos convidados indianos e nada mais. Só servem para isso.

– Queria que seus filhos já estivessem aqui – acrescenta ela com um suspiro.

Anita conhecera-os em sua passagem por Londres durante um jantar. Paramjit, o herdeiro, pareceu-lhe um rapaz introvertido, muito sério e intimidado pela figura paterna. O contrário de sua prometida Brinda, radiante e cheia de vida. Mahijit pareceu-lhe mais divertido, embora um pouco distante e muito frívolo. Amarjit, o militar, o mais novo dos três, um cavalheiro, um homem que parece digno de confiança. E Karan, que todos dizem que é o mais simpático e aberto, não o pôde conhecer porque estava viajando pela Suíça. “Se eles morassem em Kapurthala”,

pensa ela, “eu teria amigos, teria ambiente e a vida seria mais normal e menos solitária.” Curiosamente, confia que seus enteados consigam dissipar um pouco a atmosfera hostil que se criou em relação a ela. Têm mais ou menos sua idade, moraram na Europa muito tempo e só eles podem exercer influência sobre suas mães e, de quebra, acabar com seu isolamento. O casamento de Paramjit poderia significar o começo de uma mudança. Ela deixaria de ser a intrusa e a “malquista”.

O rajá decidiu gastar a metade da receita anual de seu Estado nos gastos do casamento de seu filho. Uma quantia colossal para organizar o transporte, a manutenção e o entretenimento dos convidados. Como os monarcas medievais, convida todo o mundo. E, como eles, quer que seu povo participe da celebração: “Para destacar a memória deste venturoso acontecimento, tenho a honra de anunciar a todos os meus súditos que de agora em diante a educação fundamental será gratuita dentro dos limites do território estatal”. Mas a última frase de seu discurso vai suscitar uma onda de comentários: “Gratuita para os meninos e também para as meninas”. Em 1911, a simples ideia de as meninas estudarem é revolucionária, e os representantes da comunidade muçulmana mostram isso aos altos funcionários do Estado, pedindo a imediata revogação da medida. Mas o rajá se mantém firme e não cede.

Decidido a fazer de seu Estado um farol de civilização e progresso, Jagatjit quer passar para a história como um monarca ilustrado. Apesar de serem conhecidos por suas excentricidades, muitos príncipes conseguiram para seus súditos, em seus reinos, condições de vida e vantagens sociais desconhecidas na Índia administrada diretamente pelos ingleses. Como o marajá de Baroda, famoso não só por sua tropa de louros amestrados capazes de andar sobre um arame ou montar em bicicletas de prata em miniatura, mas também porque em 1900 instaurou o ensino gratuito e, além disso, obrigatório. Ou Ganga Singh, marajá de Bikaner, que transformou certas zonas do deserto do Rajastão em oásis de cultivos, lagos artificiais e prósperas cidades. Ou o de Mysore, que financiou uma faculdade de ciências que está se tornando famosa na Ásia. Ou o rajá do pequeno Estado de Gondal, homem simples, que isentou de impostos os camponeses, aumentando as tarifas aduaneiras para compensar a redução da receita do Estado. O rajá sonha ir mais longe, quer rivalizar diretamente com as nações ocidentais. No momento, o casamento de seu herdeiro é uma oportunidade perfeita para mostrar ao mundo inteiro os avanços de Kapurthala. “O rajá tinha muito interesse em impressionar favoravelmente seus convidados europeus. Queria que levassem a recordação de que seu Estado era um lugar exótico e moderno ao mesmo tempo”, escreveria Anita em seu diário.

Foram meses de uma atividade febril. Tudo tinha que estar perfeitamente planejado, estudado e até cronometrado. Em uma das visitas a Patiala, Anita solicita conselhos do experiente Frankie Campos, Paco, o chefe das cozinhas, que a ajuda a elaborar os *menus*, a encomendar os ingredientes, a contratar cozinheiros e planejar tudo. Um trem especial encomendado pelo rajá, cheio de garrafas de água Évian, de uísque, de vinho do porto, de xerez e de champanhe chegará de Bombaim, e com isso o capítulo das bebidas estará garantido.

As decisões mais espinhosas são as relacionadas ao protocolo. Com tantos rajás, nababos, aristocratas e funcionários, é um quebra-cabeça planejar onde vão dormir, o que comerão, que programa se lhes propõe e quem se sentará ao lado de quem. É preciso levar em conta a categoria, a religião, a idade, os títulos e as afinidades.

– As mulheres, principalmente as inglesas, são muito criteriosas quanto ao protocolo – conta-lhe Paco. – Se acontecer um erro, talvez o marido aceite não ter sido colocado na posição devida, mas garanto que sua mulher reagirá muito indignada. Importam-se muito com essas coisas, filha..., deve ser porque não têm outra coisa para pensar.

Paco sabe o que diz. Deu-lhe um livrinho de umas dez páginas – conhecido como o *Livro Vermelho* – que indica a ordem de precedência de todos os postos civis e militares.

– Se precisar saber se um inspetor de fumaça tóxica está um pouco mais abaixo na hierarquia que um registrador de propriedade, é só olhar no livro.

Paco é uma ajuda valiosíssima para Anita, que põe todo seu empenho na organização dos preparativos. Sua reputação está em jogo, ainda mais sabendo que está na mira das mulheres do rajá. Não pode falhar.

Paco aconselhou-a a ir a Calcutá para se abastecer. Só lá é possível conseguir os metros de tecido necessários para confeccionar as centenas de toalhas de mesa, guardanapos, jogos de lençóis e toalhas que será necessário preparar, mais as cinquenta tendas que serão erguidas no parque do palácio para acomodar todos os convidados. É preciso comprar mais talheres e cristais e cuidar de uma infinidade de detalhes, que vão desde os saleiros ou o inseticida, até o papel higiênico, do qual Anita, muito precavida, pretende importar um vagão inteiro.

O rajá decide aproveitar o período anterior ao Natal para acompanhá-la. É a temporada do polo e das corridas de cavalos, às quais a elite de toda a Ásia comparece. Calcutá, que em 1911 está prestes a deixar de ser a capital do Império britânico das Índias em favor de Délhi, continua sendo a cidade mais importante do subcontinente, sua capital comercial, artística e intelectual. Apesar de um pouco deteriorados por tantas décadas de monções, os edifícios públicos, o centro de negócios, os monumentos e as residências com balaustradas e colunas ainda conservam seu antigo esplendor.

Anita e o rajá passam dias inesquecíveis em Calcutá: passeios matutinos de carruagem pelo imenso parque do Maidan, à sombra das magnólias e das palmeiras; almoços com importantes magnatas do comércio, como *Mr. Mullick*, cujo palácio no centro da cidade encanta o rajá porque é um verdadeiro museu de arte europeia; noites de teatro clássico no Old Empire Theatre; recital de ópera na mansão de *Mrs. Bristow*, uma grande dama inglesa que consegue fazer com que as melhores divas e tenores da Europa cantem em sua casa; à tarde, degustação de sorvetes no restaurante *Firpo's*, “melhores que na Itália”, como diz a propaganda; jantares no Tollygunge Club seguidos de bailes ao som de grandes orquestras... A vida em Calcutá é a mais parecida à de Londres sem estar na Inglaterra. As mulheres andam na última moda, usando os soberbos brocados e tecidos de Benares e Madras e dedicando a maior parte de seu tempo a mandar os alfaiates indianos copiarem os últimos modelos de Paris e Londres. Depois de passar horas “saqueando” grandes lojas, como *Army and Navy Store*, *Hall and Andersons* e *Newman's*, que oferecem tudo o que é produzido na Europa e na América, Anita passa as tardes no salão de cabeleireiro francês dos senhores *Malvaist* e *Siret*, que ficam extasiados com a lustrosa cabeleira de *notre rani espagnole*. O ilustre casal de *Kapurthala* mal dá conta de todos os jantares, concertos e recepções a que são convidados. Por ser uma grande cidade, Calcutá parece ter menos restrições que no resto da Índia. Um dia, estando nas corridas – e para a satisfação de Anita e do rajá –, o governador de Bengala, *Lord Carmichael*, apresenta Anita a sua esposa e, aproveitando, convida-a a jantar na *Government House*, a sede do governo. É a primeira vez que vão juntos a uma recepção oficial. Só em uma cidade cosmopolita como Calcutá podem encontrar personalidades como esse lorde: modesto, de gestos suaves, sempre pensando em agradar, amante da arte, apicultor nas horas vagas e autor de uma monografia sobre a centopeia. “Não é um inglês como os outros”, pensa Anita. Decididamente, Calcutá é o paraíso da liberdade.¹⁸

Mas uma notícia vem quebrar o alegre frenesi desses dias de compras, preparativos e festas. A jovem Brinda, a noiva, não embarcou no navio que deve trazê-la à Índia.

– Temos que suspender o casamento? – pergunta Anita, horrorizada.

– Não. Deixe-me ver o que aconteceu.

¹⁷ Tapete liso, aveludado, fabricado na cidade de Aubusson.

¹⁸ Anos depois, o rajá ficaria sabendo que *Lord Carmichael* recebera uma “severa reprimenda oficial” por ter infringido as restrições impostas a Anita.

A seis mil quilômetros de Calcutá, a princesa Brinda está doente de amor. Dividida entre o sentimento e o dever, enfrenta e escolhe a mais difícil de sua vida. Ao saber que a família católica de seu pretendente, o oficial Guy de Pracomtal, mostrou-se reticente quanto à ideia de seu filho se casar com uma hindu, Brinda quis terminar tudo.

– Você esquece as diferenças que há entre nós – disse a Guy.

– Não existem diferenças entre duas pessoas que se amam – respondeu ele.

– Sua família é muito católica, e eu sou hindu. Uma coisa é me aceitarem socialmente, e outra é permitirem que seu filho se case comigo. Eu tenho de voltar para a Índia e cumprir meu dever.

– Não posso deixar que vá embora. Isso é pedir demais.

Brinda quer apagar o fogo da paixão que a consome por dentro e não a deixa viver. Quer recuperar a paz espiritual e voltar a ser ela mesma. Mas não consegue: “Como deixá-lo, se o amo tanto?”, pergunta-se vezes e mais vezes. “Como poderei viver em um lugar onde estarei meio encoberta tanto física quanto emocionalmente?”

– Venha, vamos ao cartório e nos casamos. Uma vez feito, todos terão de aceitar: minha família e a sua.

Nos dias posteriores a essa conversa, Brinda viveria torturada pelas dúvidas. Em um impulso, decidiu ganhar tempo, não embarcar na data prevista e ficar mais umas semanas na França para, talvez, acabar ficando a vida toda. Mas o conflito a fez adoecer. Não conseguia nem dormir nem comer, e cada vez que tocava a campainha sobressaltava-se.

De Calcutá, o rajá consegue entrar em contato com *Mlle.* Meillon, a dama de companhia de sua nora. Essa mulher, apesar de saber a verdade, não conta nada por medo do escândalo, e principalmente porque teme que a responsabilizem pela situação. Afinal de contas, Brinda tem apenas dezesseis anos. *Mlle.* Meillon limita-se a dizer que os nervos da garota estão “delicados”, que passa por um momento de grande ansiedade devido aos exames e que não pôde embarcar por estar doente. Mas garante que chegará a tempo para o casamento, porque ela mesma a colocará no próximo navio com destino a Bombaim.

– Por defendê-la – diz *Mlle.* Meillon a Brinda –, pus em risco meu emprego e o respeito do príncipe, mas não estou disposta a continuar com esta mentira por muito mais tempo.

Brinda confessa-se incapaz de tomar uma decisão. “Comecei a chorar”, contaria

mais tarde, “e esvaziei meu coração. Todas as emoções que durante aqueles meses eu conseguira conter saíram aos borbotões.”

– Não há futuro para as histórias de amor como a de vocês – concluiu *Mlle.* Meillon em tom seco, mas franco. “Deixe-o e esqueça-o de uma vez. Não poderão ser felizes se causarem infelicidade a seu redor.”

O que sua dama de companhia diz tem muito de verdade, pensa Brinda. Disposta a seguir seu conselho, no dia seguinte tenta romper com Guy, “mas estávamos muito apaixonados para ser fortes e não consegui. Naquela noite, em minha dor, fiz algo que nunca havia feito. Rezei, não aos deuses do hinduísmo, mas à Virgem dos cristãos. Tinha que tomar uma decisão imediatamente; isto é, ou pegar o próximo navio para Bombaim ou fugir e casar-me em segredo com Guy”.

No fim, com toda a dor de seu coração, mas deixando-se guiar pelos sábios conselhos de *Mlle.* Meillon, Brinda embarca em Marselha. Vai com uma amiga francesa do rajá, *Mme.* de Paladine, e suas duas filhas, convidadas para o casamento. Dois dos filhos do rajá, Mahijit e Amarjit, também estão entre os passageiros.

Mlle. Meillon acompanha Brinda até seu camarote, talvez para garantir que não se arrependa no último momento.

– Uma mulher *rajput* nunca deixa de cumprir seus compromissos – diz Brinda ironicamente ao despedir-se. – Volto para meu país para casar-me com um homem que nem sequer conheço. Há alguns anos achava que era normal, mas, agora, me parece uma aberração.

– É melhor assim. Se você tivesse se casado com Guy, seria uma mulher sem país, sem raça, sem cultura, e toda a sua família teria vergonha de você.

– Sim, você tem razão – responde com ar triste. – Mas não consigo deixar de amá-lo.

Parece-lhe estranho voltar para a Índia. Em Bombaim, sente-se como uma estrangeira. Os ruídos e os odores são tão diferentes dos da França... Seus compatriotas parecem-lhe agora gente de outro planeta. A viagem de trem até Kapurthala torna-se eterna, porque, no fundo, não quer chegar nunca. O comboio já não para em Jalandar, como antes. O rajá financiou a construção de uma linha direta até a cidade de Kapurthala para poder chegar em seu vagão aos limites do novo palácio. Na estação, um batalhão de criados de libré e choferes conduzem *Mme.* de Paladine e suas filhas a uma mansão preparada para os convidados; os filhos do rajá vão para o novo palácio, e Brinda é levada a uma carruagem fechada, com cortinas nas janelas, que a levará ao palácio das mulheres. Pela primeira vez em muitos anos, está de novo no *purdah*.

À preocupação inicial com a saúde da noiva seguem-se a irritação e o consequente

alívio quando finalmente aparece, magra como um palito e com o rosto seco, a pele acinzentada e os olhos irritados de tanto chorar. Como desculpa pelo atraso, alega que ficou doente pela pressão dos exames finais, e, dizendo isso, não falta totalmente com a verdade. Foi a prova de sua vida. O problema é que talvez nunca saberá se foi aprovada ou não. “Que importância tem um exame quando vai se casar com o herdeiro de um reino!”, comenta a mãe de Paramjit. “Eu precisava de alguém que me dissesse algumas palavras de alívio e consolo, que me dissesse que tudo daria certo, que, cumprindo meu dever, o desespero e a inquietude me abandonariam. Mas não havia ninguém que pudesse me dizer isso”, diria Brinda.

Anita está ausente quando Brinda chega. Acabou tão esgotada com os preparativos que decidiu ir a Mussoorie, ao *Château Kapurthala*, para passar uma semana de descanso aproveitando o frescor da montanha. Também fugiu do ambiente irrespirável de Kapurthala, onde os nervos de todos ficaram à flor da pele devido ao atraso da noiva. Quando volta, as tendas brancas, redondas, com forma de cúpula oriental estão erguidas no imenso parque do palácio, como uma cidade de pano. Anita encarrega-se dos últimos retoques, enquanto os convidados do mundo inteiro começam a chegar. Nove príncipes anunciaram sua chegada, entre os quais destacam-se o marajá de Caxemira, que os recebera em Srinagar durante sua lua de mel. Aga Kan é o convidado muçulmano de maior categoria. Os outros mandam seus primogênitos representá-los. As mulheres da *zenana* mantêm Brinda ocupada dia e noite, em um intenso processo de “reindianização”. “Tive que reaprender meu idioma e recordar velhos costumes que durante os anos passados no estrangeiro haviam se apagado de minha mente. Estive tão ocupada que consegui me manter em um estado nem feliz nem infeliz.”

Na Índia, além dos convidados, uma celebração de tal importância atrai uma multidão de curiosos. Mendigos, mestres, curandeiros com receitas infalíveis para a fertilidade e vendedores de milagres afluem a Kapurthala de trem, a pé ou em carros puxados por bois. A tradição diz que são tão importantes quanto os príncipes convidados e manda que sejam recebidos com cordialidade. O rajá, generoso e magnânimo, ordenou a seus cozinheiros que lhes distribuam comida discretamente, a mesma que os trabalhadores do palácio comem. Mais além das tendas brancas, toda essa população semteto acampa sob as estrelas para desfrutar festividades que, marcando a celebração do casamento de um príncipe herdeiro, marcam também a ordem imutável das coisas.

Fogos de artifício como nunca se viu no Punjab indicam o início do Grande Durbar, enorme audiência pública onde o rajá dá as boas-vindas aos convidados,

anunciados por porta-vozes e toques de trompete. Os cortesãos e altos funcionários do Estado apresentam seus presentes e seus cumprimentos sob o pavilhão de entrada do palácio. Entre os convidados europeus está o príncipe Antoine de Orléans, assim como o príncipe Amadée de Broglie. O rajá quis que Anita estivesse presente a todo momento junto a ele. A espanhola faz o papel da dona da casa com todas as honras, e o governador do Punjab, a maior autoridade britânica presente no casamento, acompanhado de sua esposa, não tem mais remédio que cumprimentá-la. É a pequena vingança do rajá contra as restrições inglesas. Apesar de estarem reclusas em seu palácio, suas outras esposas ficam sabendo de tudo; como é lógico, a posição de destaque de Anita enche-as de aflição. Brinda mora com elas, fazendo grandes esforços para reconciliar-se com sua nova vida, embora tenha vontade de rebelar-se quando ouve os ecos da festa através das paredes.

O jantar para oitocentos comensais é servido no parque e, depois das sobremesas, os canhões do palácio soltam treze salvas de honra. Então, a orquestra, composta por cinquenta músicos, começa a tocar. O rajá aproxima-se, do outro lado da mesa de honra, da esposa do governador britânico, que está sentada junto ao marajá de Caxemira, toma-lhe a mão e a conduz para o centro da praça circular do parque, transformada em pista de dança. Ao som de uma valsa de Strauss, o rajá e a esposa do representante do Raj abrem o baile. Depois, os outros convidados e os filhos do rajá seguem-nos na pista, iluminada pelo fogo de tochas sustentadas por altivos guardas siques, pela luz da lua e o brilho das estrelas.

De repente soa uma música e Anita ergue-se em sua cadeira. Escutou-a pela primeira vez na última viagem à Europa, e fica toda arrepiada. Tem um não sei quê que mexe com ela, que a enfeitiça e chega ao mais profundo de seu ser. É o ritmo que a América do Sul lançou ao mundo em 1910 e que desperta paixões: o tango.

– Dança comigo?

Anita sobressalta-se ao ouvir uma voz quente que, em um inglês aristocrático, pergunta-lhe se quer dançar. Ergue a cabeça para olhar para seu interlocutor. É um indiano alto e jovem, com um turbante salmão preso por uma esmeralda, de onde sai um elegante penacho. Seu sorriso revela uma fileira de dentes muito brancos e perfeitos. Seus olhos, fixos no rosto de Anita, estão à espera de sua reação. É um olhar tão envolvente que ela foge e olha para o chão.

– Não sei dançar tango.

– Eu também não, mas podemos aprender juntos.

De repente encontra-se em seus braços, seguindo seus passos na pista.

– Mas você dança perfeitamente!

– Apreendi em Londres – responde. – Ouvi falar muito de você.

– Ah, sim?

– Sou Charamjit, o filho de Rani Kanari. Chamam-me de Karan.

Agora percebe. Esses dentes tão reluzentes, a forma oval do rosto, o olhar direto, o porte altivo... Todos esses traços que não soubera descrever são do rajá.

– O que me faltava conhecer! Finalmente você chegou!

Karan pouco tem a ver com seus irmãos. Age com Anita como se a conhecesse de toda a vida. Sem preconceitos, nem tabus, com uma naturalidade que surpreende a espanhola porque não está mais acostumada a isso. Está encantada com a descoberta desse enteado simpático, afetuoso e divertido. Finalmente, uma luz no fim do túnel na família do rajá! Com sua *kurta* de seda e seu triplo colar de pérolas, sua barba bem arrumada, seus olhos amendoados cor de mel e seus movimentos de príncipe, Karan parece saído de um dos quadros dos antepassados que enfeitam as paredes do *Château Kapurthala* em Mussoorie.

– Minha mãe lhe manda suas melhores impressões.

– Suponho que a verei amanhã, na festa oriental.

– Manda dizer que seu coração está com você e que lamenta não poder relacionar-se mais. Sabe que você não tem culpa de nada e quer que o saiba.

Pobre Rani Kanari, tão boa, porém tão impotente! Talvez por ser de uma linhagem *rajput* menos pura que as outras, ou talvez porque sua paixão pela bebida fez com que as outras perdessem o respeito por ela, o fato é que sua opinião tem cada vez menos peso. É uma pena. Em vez de consolá-la, suas palavras de solidariedade transmitidas por seu filho inquietam-na, porque vêm lembrar-lhe sua condição de marginalizada. Uma condição que o próprio rajá é incapaz de modificar, porque não depende dele, mas das leis imperturbáveis da tradição.

No dia da festa oriental há mais de dois mil convidados; Anita não vê Rani Kanari porque as mulheres indianas celebram a festa entre si, observando as regras do *pardah*, em um ponto extremo do *L'Élysée*. Mas as vê no dia do casamento, porque é tradição que as mulheres vão ao palácio preparar o noivo para a cerimônia. Centenas delas ocupam o pátio principal, onde só é autorizada a presença de dois homens: o noivo e o sacerdote. O herdeiro veste um simples *dhoti*, um pano enrolado ao redor da cintura, passado entre as pernas e preso nos quadris. Depois da cerimônia do fogo, em que o rapaz circunda uma fogueira enquanto o sacerdote recita suas orações, começa o ritual durante o qual as mulheres arrumam o futuro esposo. A mãe, Harbans Kaur, acompanhada de duas tias, esfrega-lhe o corpo com sabonetes e água perfumada, cobrindo-o de espuma. É um espetáculo de que as

indianas gostam muito, talvez por ser o único momento em suas vidas em que mandam. Quando Paramjit pede clemência e suplica que parem de esfregar, explodem em gargalhadas. Depois de deixá-lo tão reluzente quanto um bebê, entra de novo no palácio para vestir-se, e as mulheres permanecem juntas enquanto esperam a noiva.

Brinda chega montada em um elefante, fechada em uma pequena torre para que ninguém a veja, fiel ao *pardah*. Seu cortejo avança lentamente entre os gritos, os cânticos e o murmúrio de milhares de pessoas. No pavilhão de entrada do *L'Élysée*, quando o elefante se agacha sobre os joelhos e Brinda abre as cortininhas de seda, a deslumbrante luz do sol é tão cegante que por alguns instantes fecha os olhos. Quando os abre, reconhece seu pai acompanhado do sacerdote, vestido de branco impoluto; ambos ajudam-na a descer. Levou dois anos para confeccionar sua roupa de musselina bordada com seda vermelha e fios de ouro puro. Sobre sua cabeça esvoaça um véu também de seda e ao redor do pescoço um colar de duas fileiras entrelaçadas de pérolas creme, parte do tesouro do Estado de Kapurthala.

O rajá está exultante de felicidade. Veste um traje de brocado de ouro, seu pescoço, peito e pulsos cintilam pelo brilho dos diamantes e pérolas; Jagatjit está majestoso no casamento de seu filho. Sob o turbante coroadado por uma tiara de esmeraldas, seus pretos olhos brilham com a satisfação do soberano e do pai que cumpriu seu dever ao dar continuidade a sua linhagem. Decidido a fazer com que o casamento de seu filho passe para a história, contratou os serviços do único cineasta indiano do momento, que filma para a posteridade os faustos de Kapurthala com uma câmara comprada diretamente dos irmãos Lumière.

Também consegue fazer com que o casamento de seu filho passe para a história da Índia, mas por outra razão. Novamente decide quebrar a tradição, que manda que os recém-casados abandonem a cerimônia separadamente, a mulher envolvida em seu véu e montada em um palanquim coberto com cortinas. Desta vez, o casal desfila sentado em uma carruagem que ostenta o brasão do Estado, escoltada pela guarda uniformizada a cavalo. Percorrem as ruas de Kapurthala entre o frenesi da multidão, saudando o povo ao passar, até chegar ao palácio das mulheres, onde recebem os parabéns das centenas de convidadas indianas. Para Harbans Kaur, esse novo gesto de desprezo à tradição é um ultraje. “Para meu sogro, foi um golpe audaz contra o *pardah*, um golpe que gerou comentários consideráveis no Estado”, diria Brinda. “Depois continuou desafiando os convencionalismos. Nunca me pediu que observasse o *pardah*, exceto quando as mulheres mais ortodoxas da família estavam presentes.”

Brinda acaba esgotada no final do dia de seu casamento. Anseia retirar-se para seus

aposentos e entrar em um banho quente preparado por sua criada. É um sonho de solteira, que pertence ao passado. A realidade é outra: ela e seu marido são conduzidos de novo ao palácio, onde os criados os acompanham até a porta do dormitório. Depois de atendê-los, os criados inclinam a cabeça e desaparecem. É o momento de Brinda enfrentar o destino que lhe traçaram, e que ela acabou aceitando. “Pela primeira vez percebi que estaríamos sozinhos pelo resto de nossas vidas. E sentia-me angustiada pela ideia de que meu marido era um completo desconhecido para mim.”

Assim que se apagam os faustos do casamento do herdeiro de Kapurthala, um acontecimento de importância capital aponta no horizonte: o Grande Durbar de Délhi, a cerimônia de coroação do rei Jorge V e da rainha Maria como imperadores da Índia. Para comemorar a primeira visita de soberanos britânicos ao subcontinente, os ingleses ergueram um arco de triunfo de basalto amarelo sobre o promontório que domina a baía de Bombaim. Batizado com o nome de Porta da Índia, sua poderosa silhueta é a primeira visão que os reis-imperadores têm da Índia. À sua sombra são recebidos com todas as honras em 2 de dezembro de 1911. É a primeira escala de uma viagem que os levará a Délhi para serem os principais protagonistas do maior acontecimento da história do Raj, um acontecimento que marcará o apogeu do Império britânico.

Ninguém fala de outra coisa nos palácios da Índia, que se preparam febrilmente para assistir em grande estilo à cerimônia de seu rei-imperador. O príncipe mais rico, o *nizam* de Hyderabad, esbanja prodigiosamente, encarregando ao ourives Fabergé uma réplica em ouro e pedras preciosas da fachada de seu palácio para enfeitar o pavilhão de sua casa real no Durbar de Délhi. O marajá Bhupinder de Patiala consegue fazer com que Jacques Cartier vá até a Índia para desenhar, com as gemas do tesouro da coroa, entre as quais se encontra o famoso diamante De Beers de 428 quilates, um grande colar cerimonial que passará para a história da joalheria.

Para Kapurthala, o Grande Durbar adquire uma transcendência especial, porque Sua Alteza terá a dupla honra de receber a condecoração de Grande Comandante da Estrela da Índia das mãos do próprio imperador, que ao mesmo tempo lhe outorgará o título hereditário de marajá – grande rajá. E tudo isso em virtude de sua lealdade ao Raj, e por contribuir para a estabilidade e prosperidade de Kapurthala. Apesar das diferenças que tem com as autoridades britânicas, nenhuma outra notícia poderia fazê-lo mais feliz.

Mas esse não é o caso de suas mulheres, incluindo Anita. Como serão tratadas pelo protocolo? Harbans Kaur tem certeza de que os ingleses, que são os organizadores desse magno evento, respeitarão seu lugar de destaque como primeira esposa. Será uma nova oportunidade para impor a tradição e, de quebra, medir forças com a espanhola. Anita teme que a humilhem e por outro lado está um pouco cansada de batalhas que não deseja travar. Embora tenha ganhado algumas, graças ao constante apoio de seu marido, tem sérios motivos para temer que acabará perdendo a guerra. O casamento do herdeiro não serviu para melhorar as relações no seio da família, pelo contrário. Exceto Karan, que voltou para a Inglaterra depois do casamento para

prosseguir com seus estudos de engenheiro agrônomo, os outros filhos mostraram-se frios e distantes com ela. Karan e Rani Kanari são seus únicos aliados, mas são muito fracos para impor seu critério.

Anita foi uma ingênua ao pensar que os filhos, por serem jovens e terem sido educados na Inglaterra, exerceriam influência sobre suas mães. Aconteceu o contrário: foram elas que os influenciaram. Agora acontece que também seus enteados a ignoram. E isso dói, porque moram debaixo do mesmo teto. Há detalhes ofensivos. Por exemplo, várias vezes, na hora do almoço em família, falta um prato na mesa: o seu. Anita se vê forçada a pedi-lo. Outras vezes, nas *garden parties*, frequentadas pelos ingleses residentes em Kapurthala, como o médico ou o engenheiro civil, em companhia de suas esposas, os filhos do rajá oferecem bebida para todos, menos para ela. Não a apresentam e nunca se dirigem a ela nas conversas. Agem como se não existisse. Vale tudo para pôr a intrusa em evidência.

E Brinda? Seus preconceitos de casta e raça, enterrados em algum lugar de sua mente durante os anos passados na França, renasceram com mais força ainda, como uma árvore que tivesse sido podada. Já não vê o mundo do prisma de uma mulher ocidental. Para ela, seu sogro é um velho libidinoso que se deixou seduzir por uma “bailarina espanhola” vulgar. Impondo-a ao resto da família, o rajá contribui com o rebaixamento da categoria – a casta – de todos os demais. Por isso não quer a amizade de Anita, e pela mesma razão decide que não quer morar no *L'Élysée*: “Já não somos crianças”, dissera a Paramjit. “Precisamos de nossa própria independência.” Foi difícil convencer seu marido a falar com o marajá. “Meu sogro sempre o tratava, mesmo depois do casamento, como uma criança.” O soberano aceitou seu pedido sem objeções e ofereceu-lhes seu ninho de amor dos últimos anos: a *Villa Buona Vista*. “Surpreendeu-me muito que atendesse tão rapidamente nossos desejos”, contaria Brinda, “porque era um homem dominador, acostumado a sempre impor sua vontade. Depois percebi que o havia feito para conquistar minha simpatia. Precisava de todos os amigos e aliados possíveis para compensar a falta de aceitação de sua família e seu entorno de seu relacionamento com a espanhola.”

Mas essa tática não funcionou para o marajá. Brinda, como as outras mulheres, está incomodada pelo papel de “senhora da casa” que Anita desempenha.

– Pretende ser tratada como a marani oficial – atreve-se a dizer um dia a seu sogro.

– Mandeí você para a França para que se tornasse uma mulher moderna, e percebo que joguei dinheiro fora – responde o marajá, nervoso e desiludido com a atitude de sua nora. – Seus anos na Europa não a tornaram mais aberta. Não serviram para nada.

“Não respondi, mas lhe teria dito com gosto que me chocava a maneira fria e insensível com que tratava suas mulheres. Surpreendera Harbans Kaur chorando em mais de uma oportunidade na época dos preparativos do casamento. Se eu tive que fazer um enorme sacrifício para aceitar as responsabilidades de meu casamento e de minha posição, como autoridade máxima do Estado, ele deveria ser capaz de fazer a mesma coisa.”

Em meio a todas essas intrigas palacianas, Anita tenta conservar a calma e não perder o controle. Gostaria de passar despercebida, ser invisível, se fosse possível, mas seu marido não deixa. Precisa dela, como ficou provado durante o casamento. Temerosa de que a ira das mulheres acabe repercutindo em seu filho, Anita preocupa-se com a segurança do pequeno Ajit. À noite volta a sofrer crises de insônia e ansiedade. É vítima de pesadelos, nos quais sempre se vê fugindo com seu filho no colo, fugindo de um perigo obscuro que a acaba pegando pela garganta e que a acorda de repente, em um mar de suor e lágrimas. Só a presença doce e serena de Dalima consegue fazer com que volte a conciliar o sono. O conto de fadas da dançarina do Kursaal está se desfazendo. Não sabe o que fazer para deter o curso dos acontecimentos. As armas de que dispõe, sua franqueza e sua espontaneidade, não adiantam nessa guerra.

Pela primeira vez na vida, Paramjit, até então um filho dócil e complexado pela figura paterna, decide enfrentar seu pai.

- Minha mãe me pediu que interceda para que você lhe restitua sua posição.
- Ninguém lhe tirou sua posição.
- Você sabe a que estou me referindo. A espanhola age como se fosse a marani de Kapurthala. Minha mãe sente-se amargamente rejeitada. Peço-lhe que se comporte segundo nossa tradição, como fazemos todos.
- Essa mulher a quem você chama com desdém de “espanhola” é minha esposa. Estou tão casado com ela quanto você com Brinda.
- É sua quinta esposa.
- E o que tem isso? É a mulher com quem divido minha vida. E eu lhe outorguei o título de marani. Sua mãe é fiel ao *purdah*, e eu não a condeno por isso, mas nós evoluímos de maneiras diferentes. Eu já lhe expliquei mil vezes, mas você não quer entender. Você por acaso acha que sua mãe teria sido capaz de organizar seu casamento, por exemplo? De atender a todos os nossos convidados europeus? Preciso, a meu lado, de uma mulher que esteja livre das amarras do *purdah*. Pensei que meu filho teria a capacidade necessária para compreender isso. Mas vejo que não, que só é capaz de se meter nos assuntos privados de seu pai para criticá-lo.

“Meu marido e eu discutimos o problema muitas vezes”, contaria Brinda. “Como princesa educada na tradição hindu, não podia admitir o comportamento de meu sogro. Como mulher, o sofrimento da mãe de meu marido me comovia, seu coração partido pela rejeição do marajá. No final de todas as nossas deliberações, decidimos o seguinte: não podíamos admitir seu casamento com a espanhola. Comunicamos a meu sogro que a partir de então nos negávamos a nos relacionar com Anita e que não estaríamos presentes a eventos e recepções que soubéssemos em que ela estaria.”

Uma decisão tão drástica foi um golpe humilhante para o marajá. Seu filho tomou o partido de sua mãe. Até certo ponto é lógico, mas não era necessário. O marajá não está contra sua primeira esposa. O fato de não dividir a vida com ela nem com suas outras mulheres não significa que as abandonou. Nunca o faria, e por isso irrita-o que o acusem disso. Conhece bem seu filho e sabe que é incapaz de enfrentá-lo desse jeito, por isso atribui a insolência de seu comportamento à influência de sua nora. As princesas hindus de alta casta, imbuídas de preconceitos por sua pretensa superioridade, levam muito a sério a origem divina de sua linhagem. Do siquismo e de seus preceitos sobre a igualdade entre os homens não aprenderam nada.

Mas a vida dá muitas voltas, e da mesma maneira que se empenhou ao máximo para transformar Brinda na futura marani de Kapurthala, Jagatjit confia que um dia chegará a oportunidade de ressarcir-se de tanta ingratidão.

* * *

Durante as duas semanas de festividades que cercam o Durbar, príncipes, chefes de clãs, representantes dos governos provinciais, aristocratas indianos, a comunidade britânica, os convidados estrangeiros e mais oitenta mil soldados invadem a cidade de Délhi, cuja população aumenta de 250 mil para meio milhão de pessoas. É um prodígio de organização. Os ingleses ergueram quarenta mil tendas, construíram setenta quilômetros de novas estradas, quarenta quilômetros de estradas de ferro, oitenta quilômetros de canalização de água e um gigantesco anfiteatro com capacidade para cem mil pessoas. O pavilhão do imperador conta com 233 tendas, equipadas com lareiras de mármore, painéis de mogno lavrado, serviço de mesa de ouro e luminárias de cristal. Os outros, igualmente luxuosos, abrigam as diversas casas reais com os próprios séquitos de cortesãos, ajudantes, convidados, criados, cocheiros etc. Cada pavilhão é diferente. A tenda do rajá de Jamnagar está recoberta de conchas de ostras, símbolo de seu Estado às margens do mar da Arábia. Na entrada do pavilhão do rajá de Rewa dois esplêndidos tigres amestrados montam guarda. A permissão que esse rajá solicitou para oferecê-los ao imperador no momento da cerimônia foi prudentemente negada.

Ao redor das tendas estendem-se jardins onde foram plantadas rosas da cor de cada Estado, gramados com alamedas perfeitamente cuidadas, piscinas, parques, campos de polo, quadras de cavalos e elefantes, estacionamentos de carruagens, charretes e automóveis, e as 36 estações de trem para os trens privados dos príncipes. Anita está impressionada: “Nunca em minha vida havia visto tantos tronos de ouro, tantos elefantes adornados com pedras preciosas, tantas carruagens de prata maciça. E os Rolls-Royce. Jamais, em nenhum acontecimento, viu-se um número tão elevado de Rolls-Royce estacionados juntos. Só Deus sabe quanto dinheiro tudo isso custou, com tanto rei, cada um mais preocupado em parecer o mais rico e poderoso de todos”.

As festas sucedem-se a um ritmo vertiginoso: *garden parties*, reuniões em *purdah* para as damas, partidas de polo e diversões públicas e privadas de toda índole. Na recepção oferecida pela rainha Maria, Harbans Kaur vai acompanhada de sua nora Brinda, que lhe serve de intérprete quando a soberana faz algumas perguntas de cortesia. Anita, evidentemente, não é convidada para os eventos oficiais. Isso não é Calcutá e, mesmo que quisesse cumprimentar o governador de Bengala e sua esposa, nem sequer poderia chegar até eles. Novamente, seu caso suscitou um copioso intercâmbio epistolar entre diversos funcionários. No fim, uma carta do vice-rei ao secretário de Estado para a Índia, em Londres, resolveu a situação da seguinte maneira: “Prem Kaur de Kapurthala não receberá convite para a *garden party* oferecida por Sua Majestade a Rainha às esposas dos príncipes, mas em qualquer evento onde não exista a possibilidade de se encontrarem, ou de ser apresentada a Suas Majestades, receberá acomodação. Quanto ao Durbar, receberá um assento no fundo do anfiteatro e poderá presenciar a cerimônia de coroação como qualquer espectador não oficial”.¹⁹

O Durbar propriamente dito acontece em 12 de dezembro de 1911. O espetáculo é inesquecível para todos os que o assistem, para o camponês que caminhou durante dias para ver seu imperador, para os rapazes vestidos com tecidos de algodão branco trepados nos galhos das árvores, para as meninas de doze anos com seus bebês no colo e também para os próprios imperadores, que se encontram diante de um oceano de turbantes verdes, amarelos, malva, azuis e laranja que se estende até o horizonte. “É a coisa mais maravilhosa que vi em minha vida”, declararia Jorge V, sentado junto a sua mulher em um trono de ouro maciço sobre um estrado situado muito acima da multidão, com os ombros cobertos por uma capa de arminho e protegido do sol abrasador por um toldo púrpura e ouro. É a visão de quem sabe que, sem a Índia, a Grã-Bretanha não seria o mais colossal império que o mundo conheceu, nem a primeira potência mundial.

Os lugares de honra são ocupados pelos príncipes, seguidos por seus parentes e membros da nobreza, trajando seus vestidos de gala de brocado e tecidos de ouro. Cada um dos marajás ostenta as joias mais célebres de seu tesouro: Jagatjit Singh usa sua espada de esmalte adornada com pedras preciosas e uma esmeralda gorda como uma ameixa no broche do turbante; Bhupinder de Patiala, uma pala de diamantes; o de Gwalior, um cinto de pérolas etc. Jorge V aparece ostentando a nova coroa imperial da Índia, cintilante de safiras, rubis, esmeraldas e diamantes, obra do joalheiro Garrard, que cobrou sessenta mil libras por esse presente dos indianos a seu rei-imperador. Para que a cerimônia não pareça uma segunda coroação, o que implicaria um segundo serviço de consagração religiosa, pouco apropriado pela presença de tantos hindus e muçulmanos, a casa real decidiu que o rei apareceria com a coroa colocada e receberia a homenagem dos príncipes sentados diante de seu trono.

Um a um, os rajás e nababos aproximam-se do estrado, sobem as escadas, fazem uma reverência diante do imperador e realiza-se uma breve troca de presentes e “honras”. Os primeiros são os soberanos mais importantes: Hyderabad, Caxemira, Mysore, Gwalior e Baroda, cujos Estados têm direito à suprema honra de 21 salvas. Depois vêm os de dezenove, e a seguir os de dezessete, quinze, treze, onze e nove tiros de canhão. A soberana de um pequeno Estado muçulmano situado no centro da Índia, a begum de Bhopal, é a única mulher entre tantos príncipes. Apesar de sua aparência, coberta dos pés à cabeça com uma *burqa* de seda branca, tem fama de justa e progressista e transformou Bhopal em um dos Estados mais avançados da Índia.

O espetáculo é longo e magnífico, e desenrola-se a um ritmo lento, como a cadência de um elefante. Desta vez, Anita não está junto a seu marido. Melhor assim, é preferível a ter de estar perto de Harbans Kaur e das outras. Para irritação dos oficiais ingleses encarregados do protocolo, o marajá de Caxemira a convidou para presenciar a cerimônia no lugar reservado a sua família. Nenhum britânico se atreve a incomodar o marajá de um dos Estados mais importantes da Índia devido ao problema gerado pelo lugar que a espanhola, que é sua convidada, ocupa. De modo que a situação paradoxal é que Anita se encontra mais perto dos imperadores e em melhor posição que a delegação de Kapurthala.

Os britânicos quiseram destacar a ocasião com algo mais que um grandioso espetáculo. À primeira visita de um rei inglês à Índia, quiseram acrescentar algo capaz de capturar a imaginação do povo, algo que marque uma nova era na história do país. Mantiveram a ideia em segredo até o último momento. Só doze pessoas na Índia sabem do que se trata. Nem sequer a rainha sabia até sua chegada a Bombaim. No ato solene do Durbar o rei-imperador revela a surpresa: a capital do império será

transferida de Calcutá para Délhi. Voltará a ser como nos tempos dos grandes imperadores mogóis. Acrescenta que encomendou ao urbanista e arquiteto Edwin Lutyens o projeto de uma cidade imperial nas imediações da estrutura antiga. Essa nova capital se chamará Nova Délhi e será o orgulho da Índia, o novo astro que lançará seu brilho até o último canto do subcontinente.

Os artífices da *Pax Britannica* concluem a celebração do zênite do Império declarando guerra aos animais, praticando o mais exclusivo e prestigioso dos esportes, que é, além disso, a prerrogativa dos príncipes: a caça ao tigre. O imperador, que vai passar o final de ano no Nepal, mata 24 felinos e, como prova de sua perfeita condição física, consegue a proeza de disparar duas escopetas simultaneamente – contra um tigre com uma mão e contra um urso com a outra. E acertar ambos os tiros. Como arremate, deixa atrás de si dezoito rinocerontes abatidos.

O resplandecente marajá de Kapurthala envia toda sua família e a maior parte de seu séquito de volta para casa e vai com Anita para Kotah, no Rajastão, convidados pelo marajá Umed Singh, famoso pelas caçadas que organiza. Que grata surpresa para a espanhola encontrar-se diante de um elevador para subir os cinco andares do palácio medieval da cidade onde o príncipe os recebe! “O marajá de Kotah é um homem muito inteligente e de ideias bastante liberais”, diz Anita desse indivíduo capaz de incorporar a seu palácio um moderno elevador elétrico, embora, ao conhecê-lo mais intimamente, acrescente: – “mas ainda é muito ortodoxo para sentar-se à mesa em companhia de pessoas que não pertencem a sua casta.” Kotah é conhecido por oferecer um espetáculo único, a luta entre um javali e uma pantera, quando os nobres chegam a apostar grandes quantidades de dinheiro. Anita e seu marido assistem ao espetáculo do alto de um balcão, mas ela se desculpa antes do final, porque a atroz sangria dos animais revira-lhe o estômago. O que realmente gosta é da caça às panteras, que assiste ao amanhecer do convés de um barco a vapor que navega lentamente pelas águas de um rio em meio a uma paisagem agreste e pedregosa. Seu marido dispara contra uma pantera e consegue matá-la: “A emoção de Sua Alteza era indescritível e a alegria dos assistentes tão grande que até se aproximaram para beijar seus pés”. Para os príncipes, matar um tigre constitui sempre um momento de intensa satisfação. É um resquício dos tempos antigos, quando os príncipes praticavam esse esporte considerado o mais elitista de todos, para aprender a se defender e manter-se preparados para a guerra. Hoje, para os jovens aristocratas, matar o primeiro tigre constitui um rito de iniciação à vida adulta. O marajá de Kotah matou seu primeiro exemplar aos treze anos, da janela de seu quarto, o que dá uma ideia da quantidade de animais que povoam as selvas da Índia. Tornou-se famoso por ser capaz de dirigir um veículo com uma mão e disparar com a outra,

acertando sempre.

Para Anita, o *shikar*²⁰ – atividade que não exclui as mulheres – é uma revelação. A emoção de sentir como a presa se aproxima e o medo de falhar e deixar o animal ferido é menos importante que tudo o que cerca a caçada. A vida dos acampamentos ao ar livre, as conversas à noite em volta da fogueira, a calma total e a tranquilidade do campo e da selva são a imagem de outra Índia, onde os homens e mulheres se relacionam com simplicidade, como se a natureza fosse um antídoto contra os impedimentos sociais.

¹⁹ Proceedings of the Foreign Department no 46 (Biblioteca Britânica, Londres).

²⁰ *Shikar* é caçada.

Depois da agitação de Délhi, Anita está feliz por voltar à vida tranquila de Kapurthala. Com a ida de Paramjit e Brinda para a *Villa Buona Vista* e a dos outros filhos para a Inglaterra, no palácio fica somente o pequeno núcleo familiar composto por Jagatjit, a quem desde o Grande Durbar todos chamam de marajá, Anita e o pequeno Ajit. Os passeios a cavalo, as viagens para as compras em Lahore e as partidas de tênis voltam a marcar o ritmo de uma vida agradável e luxuosa. Apesar de seu tamanho, o palácio não dá a impressão de ser frio nem deprimente, porque fervilha de atividade. Todos os ministros vão diariamente apresentar seus relatórios ou seus problemas ao marajá, que os recebe em seu escritório. São concedidas entrevistas, tomadas decisões e organizadas reuniões e conferências. O porão transborda de contadores, economistas, tesoureiros e administradores de todo tipo.

Anita cuida de seu cantinho do jardim com muita atenção. Semeou plantas aromáticas, flores e tomates para o gaspacho. À sombra de seu roseiral, todos os dias escreve em seu diário, em cadernos de couro, com letra alta e pontuda. Faz isso porque seu marido lhe pediu e escreve em francês para que ele o possa ler. Acostumou-se ao amor paternal do marajá e, embora às vezes tenha se sentido tentada a reprovar-lhe a comercialização de seu casamento, agora entende que é um homem acostumado a mandar e a comprar tudo o que lhe dá vontade: palácios, apartamentos, carros, cavalos, ministros, mulheres... Ama-o um pouco como se gosta de um banqueiro que lhe abre os porões de sua fortuna. Ofereceu-lhe joias maravilhosas para que fique ainda mais bonita e mais resplandecente, e também para justificar o capricho de seu amor repentino perante sua família e seu mundo. Quer que ela fique bonita, resplandecente, atraente e irresistível. Juntos formam uma nova imagem de Kapurthala. Mas Anita não valoriza muito o lado sentimental dos presentes: seu marido é tão rico que o fato em si não deve representar grande sacrifício para ele. Além disso, perdeu um pouco a noção do dinheiro. Para ela, os colares, brincos, broches e anéis constituem sua segurança e talvez, um dia, sua liberdade, embora viva em um mundo onde essa palavra não significa grande coisa para uma mulher.

Além de escrever seu diário, onde não anota nenhum pensamento íntimo, Anita mantém correspondência com seu antigo professor de declamação de Málaga, Narciso Díaz. Ele lhe manda longas cartas cheias de perguntas sobre a vida na Índia. Uma das vezes, com relação aos costumes hindus, Anita conta: “Há príncipes que, quando alguém lhes dá a mão, vão correndo se lavar por medo de se contaminar por ter encostado em alguém de casta inferior”.

Evita as respostas sobre as outras mulheres do marajá e já não assina, como nos

primeiros tempos, “Anita Delgado, hoje princesa de Kapurthala”. Agora é “Prem Kaur de Kapurthala”.

As notícias que recebe de sua família não são boas. Sua irmã, Victoria, mãe de dois filhos, vive uma vida difícil em Paris com um marido mulhengo que a maltrata. Isso já era esperado, mas mesmo assim Anita fica angustiada, porque a distância aumenta sua inquietação. Também por esses dias recebe notícias do manto da Virgem que deu de presente a seus conterrâneos. Acontece que seu carinhoso presente está guardado na gaveta da sacristia de uma igreja de Málaga e nunca será colocado sobre a estátua da Virgem da Vitória. O bispo, traiçoeiramente, quis jogá-lo no mar, alegando que podia ter sido usado por um infiel em algum culto pagão. Soltou uma insinuação ofensiva: “Vindo de onde vem...”. Ainda bem que o padre mandou guardar o manto. Para Anita, a insinuação do bispo de sua cidade feriu-lhe a alma. Doeu-lhe mais que todos os agravos da família do marajá e dos ingleses juntos. Foi um golpe inesperado, com o agravante de que vem de casa, do lugar que mais confiança lhe inspira. Fica claro que a beataria, os preconceitos e a intolerância não são exclusividade dos aristocratas indianos nem dos ingleses.

Mas, apesar de tudo, são tempos felizes. Ou assim parecerá a Anita quando olhar para trás. É feliz porque, apesar dos inconvenientes causados por sua marginalização, só pelo fato de ter nascido pobre, tem o apoio e o amor de seu marido. É feliz porque se sente apreciada por muitas pessoas que a aceitam em seu círculo de amizades. Causa-lhe uma satisfação íntima o fato de o magnetismo de sua personalidade ser capaz de derrubar por si só as barreiras artificiais impostas pelos censores da moral vitoriana. É verdade que tem saudade dos seus, e que a solidão e o tédio pesam, mas as viagens que realiza com frequência compensam a imobilidade tediosa de Kapurthala. De fato, a vida do palácio logo se torna um constante tráfego de bagagens e tudo vira, como escreve em seu diário, “um ir e vir de viagem em viagem”. O menino fica a cargo de Dalima e de suas *nannies* e criados, enquanto seus pais percorrem a Índia, convidados por diversos marajás; nessas saídas, Anita descobre um país sempre exótico e às vezes surrealista.

Convidada pelo marajá Ganga Singh ao mais extraordinário dos jantares, no palácio de Bikaner, quando Anita pergunta a seu anfitrião a receita de um suculento prato, ele responde muito sério: “Prepare um camelo inteiro, sem pele e limpo, coloque uma cabra dentro, dentro da cabra um peru e dentro do peru um frango. Recheie o frango com um faisão, dentro coloque uma codorna e, finalmente, um pardal. Depois tempere bem, ponha o camelo em um buraco no chão e asse”.

Em Gwalior, enquanto comem na sala de jantar do príncipe famoso pelo trem de prata que transporta comida e bebida para os convidados, a conversa gira em torno

da recente turnê empreendida por Jorge V e a rainha Maria para celebrar o Durbar. A pobre soberana não pôde estrear a nova banheira de mármore construída especialmente para ela no palácio de Gwalior porque, assim que pôs um pé nela, quebrou. Na mesma turnê, em outro Estado do centro da Índia, os trabalhadores também não chegaram a tempo de fazer a cisterna de um vaso sanitário último tipo importado de Londres funcionar para a régia visita. Para solucionar o problema foram colocados dois *sweepers*²¹ no teto, um para segurar um balde de água e outro para observar a movimentação do quarto de banho através de uma pequena grade. Quando chegava a hora e a rainha puxava a corrente, um dos *sweepers* dava o sinal para que o outro vertesse água na cisterna. Os ingleses nunca descobriram o subterfúgio.

Anita gosta dessas viagens, consciente de ser uma privilegiada por poder vislumbrar um mundo tão exclusivo e fechado. Os colegas de seu marido aceitam-na e quase se sente como uma mulher normal. São viagens em que não para de fazer anotações. Acalenta a ideia de escrever um livro sobre sua vida na Índia, mesmo que seja só para que seus amigos da Espanha o leiam. Como gostaria de compartilhar suas vivências com sua família! Quando volta ao palácio, sempre está extenuada, mas com a cabeça cheia de paisagens, de histórias e de sensações que se apressa a plasmar em uma folha de papel para que não desapareçam como a luz do entardecer.

²¹ Significa literalmente “varredor”, a casta mais baixa dos criados de uma casa.

Ao regressar a Kapurthala depois de uma dessas viagens, Dalima não está. Há tantos criados que a falta de um deles não atrapalha o dia a dia da vida no palácio. Embora as *nannies* e criadas sejam perfeitamente capazes de cuidar do pequeno Ajit quando Anita está ausente de casa, Dalima ocupa um lugar especial no coração da espanhola. Dizem que a jovem hindu recebera a notícia de que seu marido caíra doente e que voltara para sua casa para cuidar dele. Desde então, não se sabe nada dela. Nenhum criado teve notícias suas. O mordomo também não.

Todas as manhãs, ao acordar, Anita pergunta por Dalima. E sempre recebe a mesma resposta negativa. O longo silêncio e a ausência prolongada preocupam-na. Conhece Dalima e sabe de sua devoção por Ajit. Desaparecer de repente não combina com ela. E menos ainda durante tanto tempo. Nunca o faria por vontade própria. Alguma coisa deve ter acontecido.

Como sempre faz nesses casos, Anita recorre àquela que considera sua única verdadeira amiga em Kapurthala, Bibi Amrit Kaur. Anita acha que, ao contrário de Brinda – que ao regressar a seu país manteve-se fiel a sua classe –, Bibi continua sendo fiel a si mesma. É a única mulher livre e sem preconceitos que conhece; uma mulher que tem a infelicidade de viver em um mundo muito restrito para seu grande coração. Bibi tornou-se membro do Partido do Congresso e assiste a suas reuniões. Trata-se de uma federação de grupos que, em todo o país, lutam pelos direitos dos indianos no seio do Raj. Lá Bibi encontrou pessoas como ela, a maioria educada em instituições inglesas que se fazem as mesmas perguntas: como ser indianos britânicos sem ter os mesmos direitos que os ingleses? Como viver a vida toda entre o luxo e a miséria? Representam o fermento de uma nova Índia, muito distante da do Grande Durbar de Délhi. Mas ainda são poucos.

Anita e Bibi saem em busca de Dalima, em sua aldeia, que se encontra a umas três horas de distância da cidade. Fazem o percurso a cavalo em uma manhã ensolarada. Quando chegam ao pequeno povoado, um grupo de crianças as cerca, intimidadas e curiosas, vendo que alguém chega a um lugar aonde ninguém nunca vai. A casa de Dalima é uma pequena construção de tijolo que se destaca entre tantas choças de barro. Menos pobre do que Anita pensava.

- Dalima está na clínica – diz timidamente a voz de uma jovem camponesa.
- Em que clínica?
- Em Jalandar.

Na casa são recebidas pela família do marido. Uma mulher mal contendo o choro, a sogra, diz que seu filho morreu há um mês, de febre vermelha,²² depois de

uma agonia de vários dias.

– E Dalima?

– A cobra sempre morde duas vezes – prossegue a mulher, querendo dizer que uma desgraça nunca vem sozinha. – Foi um sofrimento muito grande – acrescenta, olhando para a parede do fundo do quarto. A parede está enegrecida, como se tivesse acontecido um incêndio. Há cinza no chão.

– Dalima estava preparando o jantar, e de repente a ouvimos gritar. Corremos para salvá-la, mas estava coberta de chamas.

– Onde está a menina? – pergunta Anita.

– Conheço. Cuidaremos dela – responde a mulher com um suspiro.

Anita procura a pequena com o olhar e a encontra em um canto, brincando com pedacinhos de madeira e um retalho de tecido. Ao ver Anita, sorri. E a espanhola sente uma pontada no coração.

As duas amigas voltam para Kapurthala. Vão por um caminho empoeirado à margem de um rio. Cruzam com mulheres vestidas com sáris multicoloridos que carregam cântaros de cobre cheios de água sobre as cabeças. Bibi está pensativa, com o olhar grave.

– O que você está pensando, Bibi?

– Que o incêndio foi intencional. Que alguém a quis matar.

– Dalima? Quem ia querer matá-la, se é um anjo?

Anita só viu da Índia uma imagem parcial, a do fausto, do poder e da elite. Da Índia rural só conhece as paisagens idílicas.

– É muito fácil que a vida de uma mulher se torne um inferno – diz Bibi –, principalmente quando seu marido morre. Você já ouviu falar do *sati*?

Todos os estrangeiros já ouviram falar dessa prática ancestral do hinduísmo, pela qual as viúvas decidem subir à pira funerária de seus maridos para se sacrificarem, certas de que assim viverão juntos uma vida eterna. Além disso, a mulher que faz *sati* tem certeza de que une sua alma à da deusa Sati Mata, o que trará boa sorte a sua família e a seu povo durante sete gerações.

– Algumas vezes, as mulheres que fazem *sati* fazem-no voluntariamente e são veneradas como santas – prossegue Bibi –, mas, na maioria das vezes, são forçadas a fazê-lo... E sabe quem as obriga?

Anita ergue os ombros e nega com a cabeça.

– A família do marido. É uma maneira de ficar com os bens da viúva, principalmente as terras, a casa, as joias, se houver alguma etc. Há outra maneira mais direta de se livrar de uma viúva que não quer fazer *sati*, que é provocando um incêndio... Fazem parecer um acidente o que é um assassinato puro e simples.

– Você tem certeza do que está dizendo?

– Certeza absoluta. Os médicos com quem conversei em minhas visitas aos hospitais estão muito surpresos com o alto número de mulheres hindus que morrem queimadas em acidentes domésticos. Sempre dizem: vinte vezes mais que as muçulmanas. Você não acha isso estranho? O ruim é que é um crime muito difícil de provar, e quase sempre os culpados saem impunes.

No dia seguinte, fazem o trajeto no carro de Bibi até o hospital público, um pequeno edifício caindo aos pedaços na periferia de Jalandar. Na entrada há dois carros de bois apoiados no chão, pintados de branco e com uma cruz vermelha. São as ambulâncias. As duas mulheres passam por um pequeno escritório, onde uma enfermeira toma chá em meio a pacotes de papéis amarrados com cordas. Alguns papéis devem estar lá há várias monções, porque estão desintegrados. A enfermeira as acompanha a outra sala, um pouco maior, com umas vinte camas. Passam na frente de um velho coberto da cabeça aos pés por uma carapaça de gesso. Outros feridos tentam pegar o sári da enfermeira. O lugar tem cheiro de éter e clorofórmio. Dalima está em uma cama metálica, no fundo do quarto, com uma garrafa de soro como sentinela. Está com a cabeça, o rosto e grande parte do corpo enfaixados. Está adormecida, ou talvez inconsciente.

– Tem queimaduras pelo corpo todo – diz a enfermeira. – Todos achamos que não sobreviveria, mas pouco a pouco está conseguindo. Sente muitas dores.

– Quero levá-la ao hospital de Lahore – diz Anita.

– Não a aceitarão. Estamos na Índia.

– Nós cuidaremos de que a aceitem – acrescenta Bibi.

O hospital inglês de Lahore é um edifício branco, como uma grande vila colonial. É o lugar mais próximo para atender os casos graves. Bibi, com toda sua energia e determinação, convence as freiras a aceitar Dalima. Não é europeia, mas a paciente trabalha para o marajá de Kapurthala: um argumento de peso.

Durante semanas, Anita e Bibi visitam Dalima quase todos os dias, até que a mulher recupera a consciência. A primeira palavra que pronuncia é o nome de sua filha.

– Não se preocupe com nada. Quando você se recuperar, iremos buscá-la. Mas Dalima chora e o faz desconsoladamente. As lágrimas brotam através das crostas de seu rosto, desfigurado para sempre. Nunca ficará como antes, porque as queimaduras afetaram 60% do corpo. Mas está viva, isso é o que importa.

Pouco a pouco, através das breves conversas mantidas com Dalima, vai se confirmando a suspeita que Bibi havia levantado. O incêndio não foi acidental, mas

provocado. E a história vem de longe. Tem sua origem nas conversas anteriores ao casamento, quando o pai de Dalima, um camponês paupérrimo, prometeu um dote que depois não foi capaz de satisfazer. Várias vezes os sogros e cunhados de Dalima a haviam ameaçado para que seu pai terminasse de pagar o dote. Quando chegariam as duas vacas e as duas cabras prometidas? E os pratos de latão, e os cântaros de cobre? O marido de Dalima, atizado por sua família, cobrava-a muitas vezes; na realidade, sempre que desejava impor sua vontade sobre sua mulher. Nas discussões mais sérias, chegou até a ameaçar repudiá-la e roubar-lhe a filha. A pobre Dalima vivia um inferno em sua casa, por isso gostava tanto de ficar no palácio. E Anita não sabia de nada.

– Por que você não me contou? Eu teria comprado as duas vacas e as duas cabras e eles a teriam deixado em paz...

– Não, *Madam*. Meu marido tinha dinheiro de sobra. Sua família teria inventado outra coisa para desfazer-se de mim... Queriam casá-lo com a filha de um *marwari*,²³ por isso me infernizavam, para que eu desaparecesse.

Dalima era um obstáculo para o enriquecimento da família de seu marido. O pagamento que recebia de Anita estava muito longe de compensar o que teriam ganhado casando o filho de novo. Tivera a má sorte de cair em uma família sem escrúpulos. Anita, decidida a levar os culpados diante da justiça, envolve-se nas primeiras discussões com seu marido.

– Não há provas – diz o marajá. – Além do mais, é melhor não se meter nos assuntos internos de uma comunidade. Os hindus se arranjam entre si, assim como os muçulmanos. Cada comunidade tem suas leis.

– Então para que serve o tribunal de Kapurthala?

O marajá havia instaurado um sistema judicial parecido com o da Índia britânica, com dois juízes formados no Indian Civil Service, onde é forjada a elite dos administradores. O tribunal soluciona conflitos de dívidas não pagas, limites de terras, heranças, roubos etc. Os casos de sangue são praticamente desconhecidos e o marajá nunca utilizou o exclusivo direito que os ingleses lhe conferiram em 1902 de impor a pena capital.

– Os casos como o de Dalima são julgados pelos próprios anciãos das aldeias, os *panchayats*. E é melhor que seja assim.

– Lá ninguém os julgará, porque a família do marido é a mais rica da aldeia e mantém todo o mundo aterrorizado.

– Para levar o problema aos tribunais, é preciso que exista um caso claro, uma denúncia policial, provas... E não há nada disso!

– Como no caso do juiz Falstaff... Muito engraçado!

A alusão de Anita fere o marajá. Refere-se ao juiz de Kapurthala anterior, um inglês chamado Falstaff, um homem rígido que se tornou famoso pelo que aconteceu durante o caso de um muçulmano, que alegava ter-se casado com uma mulher sique e ter tido vários filhos com ela. O argumento do muçulmano dizia que ela se havia convertido ao islamismo e, como símbolo de sua conversão, depilara o corpo todo, algo proibido pela fé sique. O advogado do marido apresentou uma prova que considerava irrefutável, guardada dentro de um envelope que colocou sobre a mesa do juiz. O envelope continha os pelos púbicos da mulher. “Tire isso daqui!”, gritou o juiz, escandalizado. O caso serviu para tornar o Tribunal de Justiça de Kapurthaia conhecido em toda a Índia. Mas para o marajá não teve graça.

– Parece-me indigno de sua parte ridicularizar a justiça de nosso Estado. Ao debochar dela, você debocha de mim.

– Desculpe, *mon chéri*. Mas essa história me deixou exasperada.

– Então acalme-se e esqueça o assunto. É o melhor que você pode fazer. Anita guarda silêncio e depois recomeça.

– Posso fazer com que Dalima faça uma denúncia.

– Não faça isso – diz seu marido em um tom que não admite discussão. – O Estado não vai ganhar nada com isso. E você também não.

– Mas será feita justiça!

– Anita, vivemos em um Estado onde há três comunidades. Nós, os siques, somos minoria e governamos mais da metade da população muçulmana e os hindus, que representam um quinto. Interessa-nos não causar atritos e que reine a harmonia entre todos, entende? Senão, seria o caos, e com o caos todos perdemos. Manter o equilíbrio é muito mais importante do que fazer justiça em um caso tão nebuloso como o de Dalima. Portanto, siga meu conselho: recupere sua criada e esqueça o resto.

É inútil insistir. A lição que Anita tira da discussão com seu marido é bem clara: a justiça é um luxo ao alcance de muito poucos. Agora trata-se de recuperar Dalima. Mais que a dor insuportável das chagas purulentas, mais que as cicatrizes e os nervos em carne viva, mais que a solidão do hospital ou o desespero de saber-se mutilada, a espanhola sabe que o que mais a faz sofrer é a sorte que possa ter sua filhinha, um ano mais velha que o pequeno Ajit. Nem precisa perguntar, ela sabe. Imobilizada, com o olhar fixo nas pás do ventilador pendurado do teto, Dalima só pensa na pequena. Estará comendo bem? Estará sendo tratada com doçura? E, principalmente, quando tornarei a vê-la? Quando poderei abraçá-la contra meu corpo? O sofrimento moral é mais difícil de suportar que o físico.

Anita intui isso, e está disposta a ajudá-la até o final. Sabe que sem o apoio de seu marido nunca conseguirá levar os agressores perante um tribunal, mas pelo menos quer tirar-lhes a pequena e devolvê-la a sua mãe. Mas tem que fazer isso sem

escândalo, sem que isso traga repercussões para o marajá, para não o irritar ainda mais.

Novamente Bibi presta-se a colaborar. Mas o que fazer? Ir de novo para a aldeia, discutir com a família e levar a menina à força? Isso é impossível.

– Tenho uma ideia – diz Anita. – Vou lhes dar dinheiro para levar a menina. Não é dinheiro o que querem?

– Com tudo o que fizeram, você ainda vai dar dinheiro a eles?

Bibi tem razão. Seria o cúmulo. No fim, chegam à conclusão de que não podem fazer isso sozinhas, como da última vez. Têm que ir acompanhadas de alguém que sirva de força intimidadora.

– Temos que lhes meter medo, é a única maneira de devolverem a menina. Anita fica pensativa. Há alguém que sempre se mostrou solícito e prestativo para com ela, alguém sem cujos bons serviços talvez hoje não fosse a mulher do marajá. Talvez Inder Singh, o capitão da escolta, o imponente oficial sique que um dia fora vê-la no pequeno apartamento de Madri lhes fizesse esse favor.

Inder Singh trabalha no palácio, mas mora em uma aldeia, em uma casa térrea ampla em companhia de sua mulher, seus dois filhos e seus pais. Bibi e Anita aproveitam uma saída a cavalo para ir visitá-lo ao entardecer. Encontram-no na entrada de sua casa, bebendo chá, de alpargatas, *longhi* e camiseta. Mesmo assim, relaxado, tem um ar de elegância cultivada. As mulheres explicam-lhe o caso com toda a riqueza de detalhes e ele as escuta com atenção. Conhece o problema dos dotes não pagos entre as famílias hindus. Sabe dos “incêndios domésticos” porque leu na *Civil and Military Gazette*, que assina. Está disposto a intervir. O siquismo não prega a luta contra a discriminação da mulher? Ele é um sique praticante, que realiza o percurso em volta do Templo de Ouro uma vez por mês em companhia de sua família. O livro sagrado não diz que, se uma oportunidade para fazer o bem se apresentar, temos que aproveitá-la? Só uma dúvida cruza sua mente.

– O marajá sabe?

Anita morde os lábios. Vacila no momento de responder, mas logo acrescenta:

– Sim, claro.

De modo que, no dia seguinte, Anita e Bibi, escoltadas por quatro guardas uniformizados e armados de lanças com a bandeirinha triangular de Kapurthala na ponta, e por Inder Singh abrindo a marcha com sua aparência habitual de grande senhor, chegam a cavalo à aldeia de Dalima. Dessa vez a surpresa das crianças do povo é enorme. Chegarem duas mulheres forasteiras já é estranho, mas os soldados da escolta pessoal do marajá é um grande acontecimento. Na casa do ex-marido de Dalima reina o nervosismo. “Virão nos prender?”, parecem perguntar-se. Seus olhares

de medo são a confirmação de que o golpe funcionou. Entregam a pequena sem reclamar, sem se opor e sem discutir, com uma calma surpreendente, como se estivessem esperando esse momento. Sua tranquilidade e impassibilidade deixam as duas amigas perplexas.

– Em vez de lutar para ficar com a menina, parece que se livram de um peso – comenta Anita.

– Uma a menos para casar! – diz Bibi. – Essa é a lógica dessa gente.

Quando, ao cabo de dois dias, Dalima vê sua filha entrar no quarto do hospital, seguida de Anita, seu rosto se ilumina com o primeiro sorriso que consegue esboçar depois de tudo o que passou. É o sorriso de quem sabe que vai sobreviver e que, depois de ter chegado ao fundo, vai emergir de novo lentamente, à vida, porque esse é seu dever de mãe. A roda do karma gira para todos, lenta e inexoravelmente.

²² Tuberculose.

²³ Membros da casta de comerciantes, em geral endinheirados.

Anita nem imagina que os cuidados que dispensa a Dalima com todo seu carinho ela devolverá em dobro, e muito em breve.

No começo, quando sente as primeiras dores, Anita pensa em uma nova gravidez. São dores agudas, que atacam de surpresa e a deixam exausta. É fácil atribuí-las à incipiente onda de calor. Na Índia, o verão e a monção são chamados pelos médicos de “temporada insalubre”. É quando as infecções disparam, os males despertam e as dores se espreguiçam. Como se o calor fosse o catalisador de todos os inimigos do corpo humano.

O dr. Warburton aposentou-se e voltou para a Inglaterra; agora é o dr. Doré, um francês, o encarregado da saúde da família real de Kapurthala. O médico não tem dúvidas quanto a seu diagnóstico: Anita tem cistos nos ovários. Não é grave, mas não aconselha operar. Serão reabsorvidos com o tempo.

As contrações que Anita sofre no ventre, acompanhadas de febre alguns dias ao entardecer, deixam-na abatida. Não tem vontade nem forças para montar a cavalo nem jogar tênis. Mas o pior, o que lhe provoca uma forte tensão interna, é que o amor deixou de ser fonte de prazer para tornar-se um orgasmo de dor. Nem sequer suporta uma carícia na “casa de Kama”. No começo, esforça-se para disfarçar. Seus gemidos são parecidos com os do amor, mas são de puro sofrimento. Busca com o olhar o relógio de bolso que sempre aparece brilhando entre a roupa de seu marido espalhada pelo chão, como se o fato de tomar consciência do tempo e da rapidez do amor lhe aliviasse as dores. Mas acaba suando e arfando, com as entranhas em carne viva, fechada em si mesma e segurando as lágrimas. O “amor do lótus” ou as “fases da lua” de que o marajá tanto gosta tornam-se um suplício para ela. Não se atreve a confessar sua dor por medo de perder seu lugar privilegiado na órbita de seu marido. Por medo de cair. Então torna-se *expert* em evitar os encontros íntimos, em inventar desculpas, e toma a iniciativa para adiantar-lhe o prazer.

Um dia, de repente, a pressão desaparece e ele deixa de procurá-la. “Notou alguma coisa estranha em mim”, pensa. “Será que não me ama mais?” Seu medo lhe parece familiar, é o mesmo que sentiu em Paris, quando o marajá retardava sua volta depois de deixá-la um ano sozinha lá. É um sentimento da ancestral sabedoria feminina, que teme que a estrela se apague quando o corpo murcha. O medo de tornar-se flor de um dia. “O dr. Doré me disse que não convém você fazer amor.” Assim, com essa frase tão simples que ela bem poderia ter pronunciado, seu marido a liberta da escravidão da dor.

– Só por um tempo – acrescenta Anita.

A mulher conta os dias para a viagem anual a Mussoorie, nas montanhas, onde

costumam passar os quatro meses de verão no magnífico *Château Kapurthala*. Espera que a mudança de ar a revigore. A viagem é uma grande operação de logística, pois a sede do governo do Estado também vai para lá. É uma mudança comparável à que o governo do Raj faz uma vez por ano, de Délhi para Simla, mas em miniatura. O diretor-geral dos mordomos controla tudo, porque costuma ser necessário alugar casas adicionais para poder acomodar tanta gente. Este ano, pela primeira vez, Anita tem que compartilhar o *Château* com as outras mulheres. Embora o lugar seja grande, não deixa de ser uma experiência aterradora. A onda de calor promete ser tão intensa que ninguém quer permanecer em Kapurthala. A bagagem ocupa vários vagões porque também levam consigo os melhores cavalos, os cães e algumas das aves mais delicadas incapazes de suportar o calor da planície, como os faisões japoneses do marajá, que viajam em gaiolas especiais, cada uma com seu tratador.

Em Mussoorie não existem automóveis e o tráfego compõe-se exclusivamente de cavalos, *rickshaws* e pedestres. Anita e o marajá sentam-se em seu *dandi* (cadeira levada por carregadores) e são transportados por quatro criados uniformizados pelo caminho que sobe pela montanha. Pouco a pouco vai surgindo a magnífica vista dos torreões cobertos de ardósia brilhando ao sol e do telhado típico dos castelos franceses. *Château Kapurthala* é o edifício mais importante de Mussoorie. O ar cristalino e os rododendros em flor evocam uma eterna primavera.

Mas o Estado de Anita é melancólico e outonal. Seus constantes incômodos impedem-na de desfrutar a atmosfera descontraída desse lugar de veraneio. Não está com ânimo para ir a nenhum dos bailes à fantasia e, se acompanha seu marido a algum jantar ou recepção, vai para continuar lutando por seu papel de esposa. Mas está inapetente, sem vontade e melancólica. Ele se mostra paciente e compreensivo, como sempre. Nem sequer a reprovou por ter organizado o resgate da filha de Dalima, nem por ter envolvido Inder Singh fazendo-o acreditar que contava com sua aprovação. Assim que soube, quis brigar com ela, irritado por tanto atrevimento, mas, como o mal já estava feito, preferiu calar. Evitar a confrontação direta – sempre que possível – constitui uma característica de seu caráter.

Outra característica de seu caráter é sua insaciável fome de vida social, e Mussoorie no verão é uma festa, só comparável a Simla. O torneio de tênis estival é um acontecimento esportivo de primeira ordem e os passeios a cavalo são magníficos. Os luxuosos jantares permitem conhecer gente nova e os bailes à fantasia são o cenário ideal para seduzir, ou deixar-se seduzir. Um arlequim e uma fada com capuz, um fantasma e uma bruxa com vassoura, um dândi e uma amazona... Os disfarces escondem oficiais britânicos, altos funcionários, damas inglesas, indianos da alta sociedade, inclusive marajás e maranis, que aproveitam a fundo esse ambiente de galanteio. Alguns acabam a festa em um canto do jardim, outros continuam até o amanhecer. Em águas tão frívolas e excitantes, um personagem vistoso e amante da

luxúria como o marajá cai facilmente em tentação: “Conheceu-a em um jantar na mansão de Bhupinder Singh de Patiala, ao qual o marajá foi sozinho porque Prem Kaur, sua esposa espanhola, estava convalescente”, conta Jarmani Dass, que na época era seu ajudante de ordens, mas que chegaria a ser primeiro-ministro de Kapurthala. “Logo gostou dela, ficou olhando para ela um bom tempo e, assim que pôde, foi conversar com ela. A inglesa estava acompanhada, talvez por seu noivo ou marido, mas, como era apaixonada por equitação, o marajá soube entretê-la durante toda a noite.” Acabou emprestando-lhe dois cavalos, um para ela e outro para seu marido, um empréstimo que ela aceitou com grande entusiasmo. Mas, quinze dias depois, mandou buscar os cavalos e, tal como previra, a inglesa foi pedir que os emprestasse de novo. O marajá concordou, mas impôs uma condição: que o acompanhasse ao baile à fantasia que um amigo seu daria, o rajá de Pipla. Ela aceitou. “Dançaram a noite toda e, no final, o marajá passou uma noite gloriosa com ela”, diria Jarmani Dass. Depois soube-se que o marajá a presenteara com dois de seus melhores cavalos e com joias. Desde então, foram amantes durante muitos verões.

Anita está muito cansada para suspeitar das escapadas de seu marido. Através do circuito dos criados, a notícia não tarda em chegar aos ouvidos de Dalima, mas esta não abre a boca. Procura sempre o bem-estar de sua senhora, que definha e mal se diverte brincando com seu filho como em outros verões. Ajit, com seus cinco anos, é um menino feliz, cercado de amiguinhos e primos. Movimenta-se livremente por todo o palácio e é sempre bem recebido na *zenana* quando as mulheres do marajá fazem um lanche ou festejam um aniversário infantil. O fato de Harbans Kaur maltratar Anita não significa que o faça com seu filho. Pelo contrário, sempre se mostra carinhosa com ele, pois, afinal de contas, é filho de seu amo e senhor.

A partir desse verão de 1913, em Mussoorie, Anita percebe mudanças no comportamento do marajá. Ela culpa a si mesma, por seu estado físico e emocional debilitado, pelo peso dos cinco anos de casamento e pela pressão constante a que a família e os ingleses a submetem. Embora sempre diga que esses fatos não o afetam pessoalmente, pensa que forçosamente tudo isso deve repercutir em seu marido. “Deve estar farto de ter de me defender”, pensa, “de ter de brigar por mim.” É assim que ela interpreta o pedido que o marajá lhe faz, já de volta a Kapurthala, ao aproximar-se seu aniversário. “Preferiria que você não fosse à *puja*”, pede o rajá “para evitar tensões com a família. Além de Paramjit e Brinda, este ano também estarão Mahijit e sua noiva.” A família reuniu-se em bloco, e desta vez o marajá prefere ceder para manter a paz.

– Logo, logo você vai se desfazer de mim, como de mais uma concubina... – diz

Anita.

– Não fale bobagens.

Enquanto a família está reunida com os sacerdotes, ela passa o aniversário sentada em um canto de seu jardim do palácio escrevendo em seu diário: “depois do que aconteceu ontem, sinto-me um pouco magoada”.

Apesar da beleza idílica do palácio, da gazela que passeia pelo parque, das ovelhas abissínias que pastam um pouco mais longe, da risada de seu filho brincando com outras crianças no jardim e da água que corre nas fontes, Anita sente-se invadida por um sentimento de tristeza, como se sentisse a fragilidade de tudo o que a cerca e como se intuísse que não pode durar. É um sentimento insidioso, que brota quando julga descobrir mudanças em seu marido. Acha-o cada vez mais evasivo, mais distante e mais propenso à exasperação. Quando estão juntos, já não é o homem tranquilo de antes. Mais parece um leão enjaulado. Anita começa a suspeitar. O que ele faz tanto tempo fora do palácio? A quem visita? Intimamente, tem certeza de que seu marido volta a frequentar suas concubinas.

Com essa perspectiva e sem poder se movimentar, nem praticar esportes, nem passear, a vida em Kapurthala é muito tediosa. O menino não precisa de cuidados constantes como em sua primeira infância, e, embora ela se encarregue de lhe ensinar espanhol, ele tem seus próprios tutores e uma *nanny* inglesa para as outras matérias. No palácio sempre há crianças, sejam filhos de antigas concubinas ou filhos de funcionários, de modo que Ajit nunca está só. Juntam-se e brincam com os cães e com a gazela, ou divertem-se com os papagaios do aviário, porque o parque é uma fonte inesgotável de distrações. Conhecem o palácio como a palma de sua mão, e, quando se cansam de ficar lá fora, descem aos porões para pedir um lápis, ou papel, ou fita para brincar, e os empregados, que os mimam muito, atendem a todos os seus caprichos. Gostam de perder-se nas profundezas do edifício, ir até o quarto da caldeira, sempre cheio de mistério, ou visitar as adegas com garrafas de champanhe, de vodka ou de genebra, os depósitos repletos dos melhores caldos franceses e os quartos das roupas, quentes e perfumados, onde as criadas organizam por números de quarto a roupa de cama que depois colocam em diferentes armários. Quando há recepções e bailes, fogem de seus dormitórios para espiar por trás da balaustrada do Durbar Hall seus tios e parentes dançando ao som da orquestra. Correm o risco de se tornarem imensamente caprichosos, como foram os quatro filhos do marajá. Certo verão, quando tinham doze anos e seu pai os deixou sozinhos em um palácio nas terras de Oudh, saíram para caçar e puseram-se a matar tudo o que aparecia na mira. Uma noite, ordenaram aos criados que lhes levassem comida e bebidas alcoólicas a um quarto cujo chão estava cheio de colchonetes, como haviam visto seu pai fazer.

Ao saber disso, uma das babás inglesas mandou devolver a comida e as bebidas sob a ameaça de contar tudo ao marajá. As crianças, furiosas, diziam que iam despedi-la.

– Não, *darling*, não podem despedi-la – dizia a outra babá, que era indiana. – Seus pais a contrataram e vocês não a podem despedir.

– Pois então vou atirar nela – concluiu um dos filhos.

– Não ganhará nada com isso, *darling*... – continuava dizendo a *aya* para acalmá-lo.

Assim eram os filhos dos marajás, caprichosos.

Anita não pretende que seu filho acabe igual a eles. Mas é difícil impedir, por causa das muitas ausências que suas frequentes viagens provocam. Sempre que volta para casa, encontra-o um pouco mais selvagem que quando o deixou. As indianas, Dalima inclusive, são muito moles e condescendentes com os filhos dos amos, talvez por um medo atávico, herdado da lei do karma, que as faz pensar que um dia essas crianças podem vir a ser seus chefes e mandar nelas ou em suas famílias.

O casamento de Mahijit com uma indiana de alta linhagem não é um acontecimento tão ostentoso quanto foi o de seu irmão mais velho Paramjit, mas mesmo assim é celebrado com uma festa para dois mil convidados. Anita volta a se encarregar da coordenação dos preparativos. Recuperou pouco a pouco a saúde, tal como previra o dr. Doré, e sente-se novamente com forças para cuidar de todos os detalhes. Mas não tem o mesmo entusiasmo que no casamento anterior, quando pensava que seu *status* na família mudaria. Agora não se ilude. A Índia é um país compartimentado e estratificado, onde todos ocupam um lugar definido. Exceto ela, que vive em uma espécie de limbo social. Da mulher de Mahijit não espera nada. É uma garota *rajput* das montanhas, escolhida pelo marajá por sua nobreza de sangue. Mas é uma jovem muito tímida, fechada, que não fala nem uma palavra de inglês e que acabará enfeitiçada no interior das quatro paredes da *zenana* unindo-se contra a espanhola. Anita augura aos novos esposos um pobre porvir como casal.

Os deuses também acham a mesma coisa, a julgar pelo sinal que enviam no primeiro dia da celebração. Os fogos de artifício, lançados de um lugar muito próximo ao acampamento dos elefantes, causam tanto pânico que os paquidermes puxam suas correntes e as rompem. No estouro, três tratadores morrem pisoteados. Embora o efeito do acidente seja minimizado no palácio, na rua as pessoas estão assustadas porque vários animais fugiram. O diretor das quadras do Estado organiza uma batida e os recupera, um a um, já tranquilizados. Segundo o povo, é um mau augúrio para os recém-casados.

Anita é responsável por outro incidente, sem maiores consequências, mas que se

tornará famoso em toda a Índia. Seu marido, sempre solícito, pediu-lhe que fizesse todo o possível para satisfazer os gostos de seus convidados mais importantes, neste caso, o novo governador do Punjab e sua mulher *Lady* Connemere. Essa *Lady* é conhecida por sua paixão sem limites pela cor malva, e ele mesmo, em um gesto de suprema cortesia, pretende usar um turbante dessa cor em sua homenagem. Anita redecora a suíte dos governadores mandando confeccionar colchas estampadas em tons de lilás, cortinas combinando e até consegue um papel de parede pintado inglês, o último grito em decoração, com motivos florais em tons azuis e arroxeados. Enche os vasos de violetas e, cúmulo do refinamento, tem a ideia de trocar o papel higiênico branco por um cor de lavanda. Depois de muitas pesquisas, descobre que não há papel dessa cor em toda a Índia. Como não há tempo para encomendá-lo na Inglaterra, ocorre-lhe solicitar os serviços da companhia da estrada de ferro, cujas sofisticadas instalações de Jalandar são capazes de fazer milagres. E, efetivamente, conseguem tingir de roxo vários rolos de papel branco. Satisfazer a pequena obsessão da esposa do governador proporciona a Anita um imenso prazer.

Quando, no dia do casamento, o marajá tira *Lady* Connemere para dançar, depois do banquete nupcial, a inglesa se desmancha em agradecimentos e elogios: “Tudo é maravilhoso na suíte que nos oferecestes, Alteza”, diz, “mas há algo errado com o papel do banheiro, porque estou com o corpo todo roxo”.

O marajá não consegue parar de rir quando, terminado o casamento, conta a Anita sua conversa com a dama. “Não se pode ser tão perfeccionista”, diz-lhe carinhosamente.

No começo de 1914, Anita e seu marido respondem, finalmente, ao convite do *nizam* de Hyderabad, o homem pequeno e seco que reina sobre o Estado mais extenso e povoado da Índia. O mesmo que ficou encantado com Anita assim que a conheceu, durante a lua de mel em Caxemira. De todos os exóticos e singulares príncipes, este é, sem dúvida, o mais surpreendente. Erudito e muçulmano piedoso, descendente de Maomé e herdeiro do fabuloso reino de Golconda, é considerado o homem mais rico do mundo. Dispõe de onze mil criados, dos quais 38 dedicam-se exclusivamente a tirar o pó dos candelabros. Cunha a própria moeda, e sua lendária fortuna só se compara com sua não menos lendária avareza. Possui uma coleção de joias tão fantástica que dizem que pode pavimentar com elas as calçadas de Piccadilly. Guarda malas cheias de rupias, de dólares e de libras esterlinas embrulhadas em papel de jornal. Uma legião de ratos, para quem essas cédulas são o alimento favorito, diminui a fortuna em vários milhões cada ano. Dizem que quando está só, sem convidados, veste-se com pijamas miseráveis e sandálias compradas no bazar local e que usa sempre o mesmo fez, endurecido de suor e sujeira. Se suas meias têm algum furo, ordena aos criados que as remendem.

Suas paixões são o ópio, escrever poesia em urdu e, assim como o marajá de Patiala, contemplar cirurgias como quem assiste a uma partida de críquete. Também cultiva uma paixão por uma terapia mais benigna inspirada na Grécia antiga e conhecida como *Unani*, que consiste em administrar infusões de ervas misturadas com pedras preciosas moídas. Segundo o *nizam*, uma colherinha de pérolas moídas misturadas com mel é um remédio infalível contra a hipertensão. Consequentemente, Hyderabad transformou-se no único lugar do mundo com um hospital gratuito especializado em *Unani*.

Mas o *nizam* também conseguiu transformar seu Estado em um importante centro de arte e cultura. A Universidade Osmânia foi a primeira na Índia a ensinar uma língua indiana e, no geral, a educação em todo o Estado é agora muito melhor que a do resto do país. Hyderabad é o maior centro de produção de literatura em urdu, e seus habitantes desenvolveram costumes sofisticados no vestir, no idioma, na música e na comida.

Quando Anita e o marajá chegam para o jantar de boas-vindas que acontecerá no Palácio do Rei às oito em ponto, o *nizam* os espera no alto da escada com todos os seus oficiais postados em ambos os lados, como manda o protocolo.

Para satisfação do marajá, entre uma multidão de convidados também estão presentes o residente inglês, o senhor Fraser, e sua mulher. O *nizam* apresenta Anita

como se fosse a marani, e a inglesa não hesita em fazer a reverência perante a espanhola. Que momento tão doce! Diante desse soberano, o mais poderoso de todos, os ingleses se curvam. O *nizam* é, talvez, o único que não precisaria do apoio britânico para governar. De fato, sonha com a independência de seu Estado.

Após as apresentações, o secretário particular do *nizam* aproxima-se misteriosamente de Anita e pede-lhe que faça o favor de o seguir um instante. “Qual não foi meu assombro quando me mostrou um magnífico porta-joias de veludo azul, que me entregava em nome do *nizam* como um presente, pedindo-me que o aceitasse e que não duvidasse de suas boas intenções!”, conta Anita em seu diário. Dentro, descobre uma soberba gargantilha antiga de pérolas, esmeraldas e diamantes. Permanece um instante em dúvida. Esse gesto lhe traz à memória as cinco mil pesetas que um dia o marajá lhe oferecera. Sua primeira reação é recusá-la. Mas um segundo depois muda de opinião: não seria um pecado menosprezar algo tão maravilhoso? Sabe que não é comum que um monarca muçulmano presenteie a esposa de outro monarca em público e na presença de seu marido. Quando Anita levanta a cabeça, vê o olhar do marajá cravado nela, a testa enrugada, como se lhe pedisse que não aceitasse o presente. Mas Anita volta a reviver toda a angústia dos últimos tempos em Kapurthala, suas suspeitas sobre a infidelidade de seu marido, a tristeza que suas mudanças incompreensíveis lhe provocam e a desagradável sensação de fragilidade de sua própria posição, de modo que não pensa mais e coloca a gargantilha. Apegar-se às joias é uma maneira de lutar contra sua permanente sensação de insegurança.

“Quando voltei ao salão, o *nizam* me recebeu com um sorriso de satisfação.” Já na sala de jantar, Anita recebe a imensa honra de ocupar a cadeira situada à direita do soberano. “Quero que aproveite a festa, por isso convidei alguns poucos amigos”, diz-lhe ao sentar-se. Anita dá uma olhada pela mesa, onde cerca de cem pessoas se acomodam.

O *nizam* parece tão fascinado por Anita quanto no primeiro dia, quando a conheceu em Caxemira. Sente-se atraído por sua independência, pelo que lhe conta da Espanha, por sua visão da Índia e por sua graça.

– Tenho certeza de que adoraria a Europa – comenta a espanhola.

– Gostaria de fazer a viagem – responde sobriamente –, mas dizem que é muito caro.

Anita arregala os olhos. Passa o olhar pela sala de jantar, decorada com candelabros de cristal da Boêmia, cheia de pessoas cobertas de joias que jantam em pratos de ouro. Ao notar sua surpresa, o *nizam* explica:

– Dizem que, viajando como soberano de Hyderabad, devo fazê-lo com meu próprio séquito.

– Mas com certeza podeis permitir-vos dar várias vezes a volta ao mundo.

– Sim, posso permitir-me isso – diz com um suspiro –, mas é caro. Meus

conselheiros dizem que custaria uns dez milhões de libras.

Diante da expressão aflita de Anita, o *nizam* põe-se a rir com vontade.

– É bastante dinheiro, não acha?

Ao levantar-se da mesa, o *nizam* anuncia a seus convidados que deseja mostrar o palácio à espanhola. Abandonam a sala de jantar diante do olhar de desaprovação do marajá, que se dedica a fazer argolas com a fumaça de seu charuto. Anita e o *nizam* atravessam corredores intermináveis, caminhando em silêncio. Sobem e descem escadas e passam sob abóbadas e portas entalhadas. “Havia pouca luz e a umidade começava a me incomodar os olhos. Estava com calafrios. Para onde estava me levando?, cheguei a me perguntar, com uma ponta de inquietação. Pensava quão furioso deveria estar meu marido por eu ter saído sozinha com o *nizam*.”

Finalmente, chegam a um pavilhão que dá para um enorme pátio, onde está estacionada a frota de automóveis do *nizam*. Há filas e filas de Rolls-Royce e de esplêndidas limusines “em *pardah*”, com as persianas abaixadas. Anita nem tem tempo de perguntar o que fazem tantos carros lá e já está no outro lado do pátio, na porta de uma sala enorme, do tamanho de uma estação de trem. Diante do que seus olhos veem, a pergunta foge-lhe dos lábios. Permanece em pé, no limiar da porta, paralisada pelo assombro.

Diante dela há duzentas mulheres olhando-a. Todas atraentes, com grandes olhos pretos, corpos bonitos e pele dourada como cetim. Estão ricamente vestidas com brocados e sedas cintilantes. Usam pulseiras de ouro nos braços e pulsos e anéis nos dedos dos pés. Para Anita parecem as mulheres mais bonitas que jamais viu. “Mas que harém!”, pensa, enquanto se afasta da porta. Prefere não entrar para não se ver obrigada a enfrentar as duzentas mulheres de um mesmo homem. Seu primeiro reflexo é afastar-se dessa prisão dourada. Mas o *nizam* pega-a pelo braço: “Entre”, diz-lhe, “quero que minhas mulheres a vejam.” Acompanha-a por fileiras e fileiras de deslumbrantes mulheres até chegar à begume Sahiba, Sua Primeira Alteza, um pouco mais velha que as outras. “Recebeu-me com um sorriso e respondeu muito amavelmente às poucas palavras que lhe dirigi em hindustâni. Mostrou-se encantada por me ver com o traje indiano que às vezes uso nos eventos oficiais.”

Assim que abandona a sala, suspira de alívio. Enquanto voltam para juntar-se aos outros convidados, Anita pergunta ao *nizam*:

– Quantas mulheres tendes?

– Umas duzentas e cinquenta, embora não tenha certeza do número exato. Diante da expressão de Anita, prossegue:

– Meu avô tinha três mil mulheres. Meu pai, oitocentas. Como vê, comparado a eles, sou um homem modesto.

Regressam ao salão, onde os demais convidados desfrutam um espetáculo de dança. O *nizam* e Anita aproximam-se do marajá, que está nervoso e impaciente.

– Quis dar um presente a minhas mulheres apresentando-as a Anita – explica o soberano. – Ficam um pouco entediadas. Gostam de ver um rosto diferente de vez em quando.

O marajá aceita a explicação do *nizam*, embora saiba que o desaparecimento de sua mulher será objeto de todo tipo de especulação. Ao sentar-se, Anita nota que é o alvo de olhares furtivos. Mas está acostumada a ser objeto de todo tipo de comentários, e não liga muito. Prefere divertir-se com o espetáculo. Um velho sique, membro do séquito de Kapurthala, está embasbacado com os amáveis sorrisos e gestos da bailarina. No final, e para sua grande decepção, descobre que não é uma garota, mas um eunuco. O fiasco deixa-o aturdido, enquanto os outros irrompem em uma gargalhada geral. Anita tira um lenço para secar as lágrimas de tanto rir.

A descontração, a alegria da noite e o ambiente de diversão e música são como a metáfora de uma época que chega ao fim. Nenhum dos presentes nessa noite pode imaginar que a notícia que estão prestes a receber vai modificar suas vidas e mudar o mundo. Perto das dez, a orquestra emudece, os dançarinos afastam-se do palco e os olhares dirigem-se para a figura do residente inglês, *Mr. Fraser*, que se pôs em pé com um ar grave. Batendo em uma taça de cristal com uma faca, pede silêncio. Os eunucos olham, entre surpresos e irritados, para o *sahib* que lhes atrapalhou a festa.

– Um mensageiro acaba de chegar da Residência com uma notícia muito grave – anuncia Fraser em tom preocupado. – A Inglaterra declarou guerra à Alemanha, junto com seus aliados, França e Rússia. Nesta hora solene, peço-vos que colaboreis com o esforço que a nação exige ao Império em defesa da civilização contra a barbárie. Altezas, senhoras e senhores, levantemos as taças para brindar a Sua Majestade. Longa vida ao rei-imperador! Viva a Inglaterra!

O *nizam* dá ordem à orquestra para que toque o hino britânico. Os nobres de Hyderabad e os siques de turbante do séquito de Kapurthala formam um grupo, cantando em uníssono o *God Save The King*. Em dias sucessivos, uma mesma onda de solidariedade vai percorrer os outros palácios da Índia. Defender o Raj é defender a si mesmos, pensam os príncipes. Porque se o império que os protege acabar caindo... O que será deles?

O *nizam* insiste para que o marajá fique mais um dia em Hyderabad. Organizou uma caçada fabulosa, típica de seu reino, que consiste em soltar uma onça, que se lança em uma perseguição desenfreada de alguns antílopes, enquanto os hóspedes contemplam a cena de lugares bem protegidos. É a primeira vez que o pessoal de

Kapurthala assiste a um espetáculo desses, mistura de emoção, beleza e crueldade. Quando os hóspedes regressam ao palácio para almoçar, espera-os uma especialidade de Hyderabad: um prato de arroz com especiarias coberto por finas folhas de ouro e prata, que normalmente se comem. Dessa vez Anita encontra entre as dobras de seu guardanapo dobrado um par de brincos de rubi. “Quase não me atrevi a aceitá-los”, deixou escrito em seu diário. Mas guarda-os em seu bolso, sem suspeitar que isso é só o começo. O que lhe acontecerá nessa mesma tarde, na hora em que o trem especial de Kapurthala deveria partir, guardará como um segredo durante muitos anos.

“O *nizam* encontrou uma forma de fazer chegar-me um maravilhoso traje de dama muçulmana vindo da parte de Sua Primeira Alteza, que ao mesmo tempo solicitava minha presença no harém uma última vez.” Algumas *ayas* conduzem-na ao palácio das mulheres e na porta de entrada Anita encontra o *nizam* esperando-a.

– Quero solicitar um favor de vossa parte – pede-lhe o soberano. – Gostaria que posasse para o fotógrafo do palácio com esse vestido de muçulmana. Begume Sahiba me pediu; como gostou muito de vê-la com o sári, agora gostaria de vê-la com um *sherwani*. É um favor que vos recompensarei.

“Que confusão foi preciso fazer para que tudo parecesse real em tão pouco tempo!”, escreveria Anita. “Só me restavam alguns minutos para ir até a estação, onde o marajá estava me esperando!” Depois da foto, quando Anita acha que já pode juntar-se a seu marido, uma *aya* vai procurá-la.

– O *nizam* quer despedir-se...

Dessa vez, a mulher guia Anita por outros corredores escuros e úmidos em um interminável percurso pelas entranhas do palácio. A espanhola está nervosa, a brincadeira lhe parece muito longa, e o *nizam* muito caprichoso. O que quer agora? Sabe que seu marido estará furioso, esperando-a no trem.

– Logo chegaremos – diz-lhe a *aya*, que parece adivinhar a impaciência da espanhola.

De repente encontram-se em um pequeno pátio em frente a portas blindadas. O *nizam* olha para Anita e lhe sorri.

– Disse que vos recompensaria... – diz, entregando-lhe um pequeno porta-joias de madeira vazio. A seguir, manda abrir as portas blindadas e acompanha Anita ao interior de um depósito fracamente iluminado. Quando Anita se acostuma à escuridão, começa a perceber que se encontra em uma espécie de caverna de Ali Babá. Como se fosse o firmamento, as pedras preciosas amontoadas em baldes e pequenos barris emitem impressionantes cintilações. Há caixotes cheios de joias, lingotes de ouro e prata, pedras brutas e polidas. É a coisa mais incrível que já viu na vida.

– Encha a caixinha até a boca. É meu presente à mais encantadora de minhas convidadas.

A Anita nem sequer passa pela cabeça a ideia de recusar a oferta. Pouco a pouco,

meio hipnotizada, vai colocando pedras preciosas no porta-joias até transbordar. Depois, o *nizam* a acompanha até um de seus automóveis com venezianas.

- Aqui me despeço – diz-lhe, levando a mão à testa como fazem os muçulmanos.
- *Salam Aleikum* – responde Anita, fazendo o mesmo gesto e entrando no carro.
- E obrigada.

Enquanto isso, o marajá aguarda em seu vagão particular. Não está acostumado a esperar, e menos ainda a se deixar humilhar dessa maneira. Quando finalmente Anita chega e conta-lhe sobre a fotografia vestida de muçulmana para as mulheres da *zenana*, o marajá fica irado. Sua esposa receber reiteradamente presentes em público já é uma afronta, mas o *nizam* mandar um fotógrafo retratá-la vestida de muçulmana enquanto ele e a comitiva esperam na estação para a despedida oficial é absolutamente intolerável.²⁴ Ainda bem que Anita não lhe conta sobre a caixinha cheia de joias.

- Acalme-se. O *nizam* fez isso com a melhor das intenções.
- Você não deveria ter se prestado a esse jogo.
- Mas, *mon chéri*... – Anita não quer discutir.

O céu está nublado e ameaça tempestade. Vai embora com pesar, por causa dos momentos felizes que passou, mas também com sua vaidade feminina reavivada. O homem mais rico da Terra tratou-a como uma rainha e, de quebra, tornou-a rica. Conseguiu despertar os ciúmes de seu marido.

Entende que ele esteja irritado, mas está contente porque o *nizam* realçou a importância em um momento que precisava disso. Tem certeza de que, por meio do séquito, em Kapurthala saberão de seu sucesso com o monarca mais poderoso da Índia.

– Não vale a pena discutir – diz a seu marido. – Que importância tem tudo isso perto da tragédia que cai sobre o mundo?

O trem avança lentamente, deixando para trás os elegantes mausoléus de Malakhpet, onde está enterrado um general francês que quis ganhar os favores do antepassado do *nizam*; se tivesse conseguido, seu marido estaria encantado, porque toda a Índia falaria francês. Depois divisa ao longe os quatro minaretes do Charminar com sua fonte e seu relógio; o magnífico edifício, meio inglês, meio mogol, da Residência, construído por um diplomata inglês, Kirkpatrick, que se apaixonou perdidamente por uma sobrinha muçulmana do primeiro-ministro do *nizam*, e todos os frágeis palácios em meio a jardins silenciosos pelos quais passeiam anciãos de fez que continuam lamentando a perda de Granada. Palácios que vão desfilando como as notas de um *ghazal*, baladas em urdu que cantam amores impossíveis.

²⁴ Alguns meses depois, o *nizam* mandou um telegrama ao marajá anunciando que tinha a intenção de devolver a visita, mas o marajá respondeu que estava prestes a viajar para a Europa e que não poderia recebê-lo. A partir desse momento, as relações entre ambos os soberanos foram totalmente rompidas.

Nunca a Índia esteve tão unida como no verão de 1914. Como se as velhas tensões e as animosidades se houvessem evaporado. Representantes de cada raça, religião e casta declaram publicamente sua lealdade ao rei-imperador e sua vontade de lutar contra a Alemanha, a potência que ameaça a *Pax Britannica* e, portanto, a ordem que impera na Índia. O marajá é o primeiro a oferecer ao vice-rei o Regimento Imperial de Kapurthala, composto por mais de 1600 homens. A isso acrescenta um donativo de cem mil libras. Ricos ou pobres, devotos ou depravados, decadentes ou progressistas, os príncipes esmeram-se no esforço que a guerra exige sem poupar nem seu dinheiro nem o sangue de seu povo. O pequeno principado de Sangli faz uma doação de 75 mil rupias e investe outro meio milhão em bônus de guerra. Nawanager contribui com o equivalente a seis meses de arrecadação de impostos, e Rewa oferece sua reserva inteira de joias. Bhupinder Singh de Patiala percorre os 5 mil quilômetros quadrados de seu Estado e consegue reunir uma tropa de 16 mil soldados siques, altamente valorizados pelos ingleses por sua fama de excelentes guerreiros. Ganga Singh de Bikaner, que ostenta o cargo de general do exército britânico, envia seus cameleros ao assalto das trincheiras alemãs. A colaboração do *nizam* de Hyderabad é fundamental desde o começo. O vice-rei roga-lhe que, na qualidade de líder da comunidade muçulmana sunita da Índia, tente convencer seus correligionários a ignorar a *fatwa* – o chamamento para a guerra santa – feita pelo califa otomano da Turquia, que se aliou aos alemães. Imediatamente, o *nizam* emite um chamamento instando os seus a lutar ao lado dos aliados. Graças a essa primeira intervenção, os lanceiros de Jodhpur arrebatarão Haifa dos turcos em setembro de 1917. Sua vaidade de soberano ver-se-á recompensada no final da guerra, quando os ingleses atenderem a uma velha exigência sua, que fará com que se destaque dos demais príncipes. Concedem-lhe o título, único no mundo, de Sua Alteza Exaltada. Em apenas dois meses, a Índia consegue pôr um milhão de soldados em pé de guerra.

Em Kapurthala, as intrigas palacianas também se nutrem com a Grande Guerra. Ao saber que Anita luta para arrecadar fundos, Brinda, atizada pelas mulheres do marajá, anuncia sua intenção de fazer a mesma coisa. Não é o dever de uma futura marani servir a seu Estado? Logo se dá a paradoxal situação de haver dois eventos beneficentes organizados no mesmo dia e na mesma cidade, mas em palácios diferentes. Anita, furiosa pelo que considera uma intromissão, irrompe no escritório de seu marido:

– Vou para a Europa.

– Você está bem?

– Não.

– O que foi?

– Brinda e suas mulheres estão organizando os mesmos atos de caridade que eu... Até escolhem as mesmas datas para eventos similares..., fazem todo o possível para que eu desista. Pois bem, eu desisto. Volto para a Europa, minha irmã precisa de mim.

– Alto lá. Eu também preciso de você, Kapurthala precisa de você. Faz-se um silêncio. Anita procura se acalmar.

– Você não precisa de mim, *mon chéri*. Pelo contrário, sou como uma pedra em seu sapato. Os funcionários ingleses me usam para humilhá-lo, e você nunca conseguirá paz em sua família enquanto eu estiver aqui.

– Depois de todos esses anos... você não sente nada por esta terra? Você iria embora assim, sem mais nem menos?

– Claro que sinto. Uma parte de meu coração está aqui. Você é daqui; meu filho é daqui. Mas, se não posso fazer nada em Kapurthala, se tenho que viver com pés e mãos atados, prefiro voltar para a Europa. Você sabe que minha irmã está passando maus bocados com seu marido e seus três filhos pequenos. Se não posso ser útil aqui, pelo menos deixe-me sê-lo lá, com os meus.

– Fique calma, *ma chérie*. Ninguém mais vai se meter em seu terreno, eu garanto. Iremos para a Europa juntos, como combinamos, dentro de alguns meses. Iremos à Espanha, veremos sua família e em Gibraltar embarcaremos para a América. Mas agora peço-lhe, por favor, que continue com o que tão bem você está fazendo.

A inefável lei do karma... Tudo volta. Quão rápido o marajá tem a oportunidade de pôr Brinda em seu lugar, de dar-lhe uma merecida lição! Quando ele lhe pediu ajuda para que a família aceitasse Anita, Brinda reagiu como uma hindu convencional e cheia de preconceitos. Porém agora quer ser livre como uma europeia e participar na ajuda bélica, assumindo o papel de marani. Sua nora gosta de jogo duplo. Conforme lhe convenha, quer ser tratada como uma ocidental ou como uma indiana. Quer o melhor de ambos os mundos. Num instante, o marajá dá ordens estritas para que sua nora não exerça atividade alguma relacionada aos assuntos de Estado. Ainda, proíbe-a de se dedicar a atividades caritativas. Brinda só deve se ocupar com suas duas filhas pequenas. Ainda falta muito para que seja a rainha do lugar. Diante da severa reação de seu sogro, Brinda convence seu marido a se instalar fora de Kapurthala. O que gostaria realmente é de voltar à França, mas enquanto durar a guerra isso é impossível. De modo que escolhem ir para Caxemira, onde o clima é melhor e as pessoas são hospitaleiras. Pelo menos até que o marajá e Anita vão para a Europa.

Então regressarão para que Paramjit, pela primeira vez, exerça a função de regente na ausência de seu pai.

Com o terreno limpo, Anita embarca em uma frenética atividade, organizando *garden parties*, rifas e jantares beneficentes; faz isso com tanto sucesso que consegue arrecadar grandes quantidades de dinheiro. Quando assiste a um dos desfiles da força expedicionária, percebe que o uniforme dos soldados é totalmente inadequado. O frio do inverno na Europa não tem nada que ver com o frio benigno do Punjab.

– Esses soldados precisam de agasalho – diz a seu marido. – Esses trajes foram pensados para a Índia.

– Concordo, mas não vamos mudar o uniforme agora.

– Deixe-me pelo menos tentar confeccionar alguns agasalhos.

– Se você puder se encarregar disso, eu pagarei os custos.

Talvez não tivesse dito isso tão alegremente se soubesse que Anita transformaria os pavilhões e as varandas do palácio em oficinas de confecção de roupa e que por todos os lugares se veriam amontoados os fardos, os cortes de tecido, os pacotes, os teares e as máquinas de costura. Graças aos giros que faz pelo Estado para recrutar alfaiates e costureiras, a atividade do palácio logo dá seus frutos: luvas, meias, cachecóis, gorros e casacos destinados aos soldados que partirão para a frente francesa.

Nas expedições que faz pelos povoados e nos passeios a cavalo com Bibi conheceu muitos desses soldados, e Anita sente a alma partida ao pensar que vão se transformar em bucha de canhão. Julga-os tão ingênuos com seu senso de honra medieval, suas bravatas de garotos e seu armamento ultrapassado... “Se eu morrer, vou para o paraíso”, diz-lhe um soldado muçulmano. “Nosso dever de *Kashtris*²⁵ é matar o inimigo e virarmos heróis”, diz-lhe um hindu. Vendo-os tão magros e enfiados em uniformes muito grandes, Anita se pergunta como poderão lutar contra os canhões alemães se em vez de se protegerem com capacetes usam turbantes.

Infelizmente, o tempo lhe dá razão. As primeiras cartas que os soldados mandam da frente têm um tom bem diferente das bravatas de antes da partida. São cartas que mostram o assombro dos combatentes diante da intensidade dos combates e do grande número de baixas causadas pela artilharia alemã. Nos povoados, nas aldeias e nas casas do centro de Kapurthala as cartas são lidas em público, pois, em geral, as famílias dos soldados são analfabetas e precisam que os escrivãos ou qualquer pessoa instruída as leiam. Também é um modo de compartilhar as notícias. O rosto dos familiares – em sua maioria pobres camponeses – mostra perplexidade diante das cartas dos filhos, netos ou sobrinhos: “O mundo inteiro está sendo levado à destruição”, diz uma carta. “Terá muita sorte quem conseguir voltar à Índia.” “Isso

não é uma guerra”, diz outra, “é o fim do mundo.” No começo de 1915 chega a notícia de que, na batalha de Ypres, o 571o regimento dos gharwalis sofreu 314 baixas, incluídos todos os oficiais, o que representa mais da metade do efetivo que o compõe. Para os pobres punjabis, que responderam como um único homem ao chamamento de seu rei-imperador, essas notícias são um golpe duro que semeia o desconcerto e a tristeza.

Diante dessa situação, o marajá decide dar outro golpe de efeito e visitar o campo de batalha. Quer ser o primeiro a fazê-lo, o primeiro príncipe da Índia a sujar as botas com o barro das trincheiras. É preciso estar com o povo, e o coração do povo está com seus soldados. Além disso, três de seus filhos moram na Europa, e quer coordenar com eles os esforços bélicos; por outro lado, seu filho mais novo, Ajit, já está na idade de entrar em uma escola na Inglaterra. Os aristocratas indianos adotaram o costume inglês de mandar seus filhos a um internato quando completam sete anos. Anita sabe que a separação vai ser difícil, mas quer afastar seu filho da atmosfera fechada e opressiva de Kapurthala. Enquanto o pequeno cursar o primeiro ano escolar, seus pais viajarão pela América e, na volta, o levarão de volta à Índia para passar as férias. Anita sentirá sua falta, mas prefere saber que está seguro em um colégio inglês, onde darão um pouco da Europa a sua alma de *indianinho*. Além disso, há outra razão que Anita não quer confessar a seu marido. Tem certeza de que seu filho foi vítima de uma tentativa de envenenamento. Assim que voltaram de Hyderabad ele ficou muito doente e nenhum médico foi capaz de estabelecer um diagnóstico claro. Tinha cólicas que o torturavam. Foi preciso levá-lo ao hospital de Lahore, onde ficou, em estado grave, durante vários dias, até que se recuperou com a mesma rapidez com que havia ficado doente. E, como se fosse pouco, outro incidente a assustara muito. Não quer dar muita importância, mas cada vez que pensa nisso fica toda arrepiada. Certa manhã, ao vestir-se, encontrou um escorpião no sapato; seu grito retumbou por todo o palácio. É bem possível que estivesse lá por acaso, e em certos momentos Anita acredita nisso. Mas em outros, não. Estará ficando louca? Talvez, mas o fato é que tem medo. É um medo recorrente que nunca a abandonou totalmente desde que pisou na Índia pela primeira vez. É um medo do desconhecido, o medo de saber-se malquista por muita gente, o medo de que a façam pagar pela ousadia de ser a marani *de fato* de Kapurthala. Embora seu marido a tenha apoiado diante de Brinda, sabe que o fez mais para dar uma lição a sua nora que para ajudá-la. No fundo, sente que, apesar de vencer batalha após batalha, as mulheres do marajá estão ganhando a guerra.

Apesar da falta de lugares e da dificuldade de viajar, o marajá consegue passagens especiais para sua família e seu numeroso séquito – composto por *ayas*, escoltas,

criados e garçons – no *S.S. Caledônia*, que zarpa de Bombaim em 2 de março de 1915. Dalima, evidentemente, faz parte dos passageiros, assim como o capitão Inder Singh, que atua como embaixador extraoficial do marajá para onde este vá. Sente-se a guerra em alto-mar, porque as luzes do navio devem se manter apagadas e os passageiros são alertados a manter os salvavidas sempre à mão. “Até o clima era adverso e todos comentavam que o mar parecia notar a tragédia da Europa”, escreveria Anita. Ao chegar ao Mediterrâneo, um zepelim alemão sobrevoa o navio. Os passageiros temem o pior, mas o artefato segue adiante.

Marselha não é mais a mesma. A cidade está cinza, sem brilho, espectral... É uma cidade ocupada pelo exército, com soldados deambulando pelas ruas solitárias e militares com uniformes de outros países da Europa desfilando ao som de árias marciais. As lojas estão desabastecidas, os cafés meio vazios e não se veem crianças nas ruas. O barulho dos caminhões que levam as tropas para a frente de batalha mistura-se com o das botas dos soldados sobre os paralelepípedos e com as sirenes dos barcos. “Que diferente da alegre Marselha que tão bem conhecia e recordava!”, diria Anita.

Por sua conhecida francofilia e por representar a própria imagem da Índia, o marajá e a espanhola são recebidos na frente oeste pelo grande estadista e presidente do Conselho de Ministros, Georges Clemenceau, e pelo marechal Pétain. Clemenceau é conhecido como “o Tigre”, por seu talento na estratégia, e das trincheiras mostra ao marajá e a Anita como dirige as operações. A impressão geral, nos primeiros meses da contenda, é que a guerra vai durar pouco e que a vitória está ao alcance da mão. Mas essa é uma guerra como os combatentes indianos jamais viram, com ofensivas falidas, soldados presos nas barreiras de arame farpado ou afogando-se no barro avermelhado pelo sangue dos mortos, artilharia pesada, bombardeios aéreos, gases tóxicos, ratos, piolhos e doenças. É como se tudo fosse permitido e não houvesse nenhum código de honra; por outro lado, as vítimas podem ser tanto civis quanto militares. E, apesar de o exército sique ser especialmente eficaz na luta a cavalo e com sabre e seus homens serem invencíveis no corpo a corpo, aqui, a poucos metros das trincheiras inimigas, nem sequer veem os soldados alemães, apenas os pressentem. O campo está semeado de ossadas de cavalos arrebatados por tiros de canhão, o frio entra nos ossos e uma garoa constante tinge de miséria o horizonte das trincheiras. Mas suportam tudo com estoicismo, talvez por sua fé religiosa, que coloca os desígnios do destino nas mãos da Providência.

O encontro com os soldados, em um hospital de campanha da Cruz Vermelha, é muito emocionante. Lançam-se aos pés do marajá e de Anita, agradecendo-lhes por os deuses de carne e osso se terem dignado a descer ao inferno para compartilhar alguns momentos com eles. Alguns não conseguem reprimir as lágrimas. O capitão

inglês Evelyn Howell, responsável pelo Departamento de Censura, é o encarregado de guiá-los durante a visita.

– Observei que a cada dia cresce o número de homens, na tropa, que se dedicam a escrever poesia – explica-lhes, seriamente preocupado. – É uma tendência que também se observa em alguns regimentos ingleses na primeira linha de fogo; considero isso como um sinal inquietante de perturbação mental.

– Perturbação mental? Talvez seja assim no caso dos ingleses, mas no nosso é apenas nostalgia – responde o marajá.

– Fazem poesia em urdu? – pergunta Anita.

– Em urdu, em punjabi, em hindustâni... Veja esta... – diz, mostrando-lhe uma folha de papel escrita em urdu.

Anita lê: *“A morte aparece como uma libélula silenciosa, como o orvalho na montanha, como a espuma sobre o rio, como a borbulha na fonte...”*.

São versos que evocam o Punjab, os campos e os rios de uma terra distante que para eles só existe na memória. Não é tanto o medo da morte, nem o fato de não estarem preparados para travar uma guerra moderna o que enche de angústia os soldados indianos, que só encontram refúgio na poesia.

– Marani, se me permitis... – um velho guerreiro ferido na perna, com barba branca e turbante, aproxima-se de Anita.

Para os soldados, ela é sua verdadeira princesa, porque fora vê-los e escutá-los, e não as que ficaram entre as paredes da *zenana*. Para eles, os vínculos do espírito são mais importantes que os do sangue.

– Não quero morrer aqui – diz o ancião. – Não pense que sou um covarde, não. O inimigo não me assusta e também não tenho medo da morte. Mas tenho medo de que minhas reencarnações não sejam tão boas quanto deveriam. Sou um bom sique, *memsahib*, toda minha vida cumpri meus deveres de bom sique... O que vai ser de minha vida futura se não queimarem meu corpo e espalharem minhas cinzas quando eu morrer? Não quero que me enterrem, *memsahib*. Nenhum dos siques do regimento quer.

– Eu sei, eu sei... aqui não há piras funerárias.

– Marani – diz-lhe outro –, chamo-me Mohamed Khan e sou de Jalandar. Nós também queremos morrer segundo nossos ritos, que nos amortalem e nos sepultem diretamente na terra com a cabeça orientada para Meca.

Anita está comovida. Esses homens, com quem talvez tenha cruzado algumas vezes em seus passeios a cavalo pelo campo, assumem que vão morrer. Mas não é a morte que os assusta; é a vida eterna.

Então Anita fala com eles em urdu, e os homens se aproximam em roda. Todos querem ouvir, mesmo que só um pouco, o idioma dos reis, que na boca de Anita

soa-lhes como um *ghazal* e faz com que sonhem com seus campos e aldeias emoldurados pelos picos distantes do Himalaia.

– Primeiro quero lhes dizer que Sua Alteza tomou as medidas necessárias para aumentar a ajuda econômica a suas famílias no Punjab... – um suspiro de satisfação percorre a tropa. – Também anunciamos que está a caminho um carregamento de especiarias, *curry*, *papadums* e todo tipo de condimento punjabi para que não precisem usar a pólvora dos cartuchos como tempero... – Um franco riso recebe suas palavras. – E prometo, em nome de Sua Alteza e em meu próprio nome, que vamos tomar as medidas necessárias para enviarmos um *pandit* e um *mufti*, para que atendam aos moribundos. Não temam pela vida eterna. Já a ganharam.

Uma salva de palmas saúda o discurso da espanhola. “Esta guerra é mais que um massacre”, escreverá em seu diário. “Gostaria que nossos homens estivessem de novo em casa.” Anita se identifica com “seus” soldados e sofre por eles porque aprendeu a conhecê-los. Viu-os viver, cultivar seus campos, criar seus filhos, comemorar o fim da monção e o início da primavera. Sabe quão ingênuos são e conhece a intensidade do sentimento religioso que os anima e o valor que dão à família. Transformaram-se em sua gente.

Anita quer chegar a Paris para ver sua irmã. Paris também não é o que era. Continua sendo um lugar belíssimo, mas triste e solitário. As longas avenidas estão meio vazias, exceto pelas filas de pessoas que brigam para trocar seus bônus de racionamento por comida. Victoria está igual à cidade: esgotada, com olhos tristes e olhar abatido. Está grávida pela quarta vez. Seu aspecto é deplorável; Anita não esperava vê-la tão maltratada. Apesar da pouca diferença de idade que há entre ambas, Victoria parece dez anos mais velha. E tem apenas 25 anos. Anita veste-se como uma grande dama; Victoria, com uma saia suja. Seus três filhos correm pelo pequeno apartamento, enquanto Carmen

– a jovem criada espanhola penteada com tranças e vestida com um avental – ocupa-se em colocar alguns baldes para recolher as goteiras do teto. Da sala de visitas, que lembra a do apartamento da rua Arco de Santa Maria, veem-se os telhados de Paris, mas aqui faz frio e a casa é desconfortável.

– A vida que ele me dá é péssima – confessa Victoria depois de repassar tudo o que aconteceu desde a última vez que se viram. – Não volta para casa antes da meia-noite, e sempre bêbado.

– Bateu em você?

– Uma vez... Estava bêbado.

– E as crianças, como as trata?

– Bem. Disse-lhe que se encostar a mão em uma delas, vou embora de casa. Mas

ele as ama.

– Por que você não volta para Madri, com nossos pais? Lá você estará melhor. Quando eu levar as crianças para uma temporada, aproveite e venha conosco.

Para aliviar sua irmã e com a iminência do próximo parto, Anita lhe propôs levar seus filhos mais velhos à Espanha, para que vejam os avós.

– Não posso, Ana. Não posso abandonar meu marido assim. Preciso esperar que termine esta maldita guerra. Dizem que será logo. Depois, se as coisas continuarem do mesmo jeito, veremos...

– E por que você acha que vão mudar? Por acaso você acha que vai acontecer um milagre e que da noite pro dia ele se tornará um marido exemplar?

Victoria não aguenta o olhar de Anita e baixa os olhos.

– É que... é que eu gosto dele. Apesar de tudo, apesar de me dar esta vida tão miserável... Não sei como explicar, mas tenho certeza de que um dia vai mudar... – Anita não insiste. Victoria, como se não se atrevesse, acaba perguntando: – E você? Parece uma verdadeira princesa, como as das histórias que líamos quando éramos pequenas. Você deve ser muito feliz, imagino...

– Às vezes, mas estou muito sozinha. Estou tão longe, Victoria! E agora que Ajit vai para o internato, ficarei ainda mais sozinha.

– Mas se você está sempre cercada de gente!

– Pois é... mas uma coisa não compensa a outra.

Anita tira de seu bolso um pacotinho embrulhado em tecido e entrega-o a sua irmã, tentando fazer com que a criada não perceba.

– Guarde isso para uma emergência, caso precise de dinheiro com rapidez

– diz-lhe em voz baixa. – Esconda-o e não diga a ninguém que eu lhe dei isso.

Victoria tira a gargantilha de diamantes, esmeraldas e pérolas que o *nizam* dera de presente a sua irmã.

– Que preciosidade! – exclama, vendo como brilha a palma de sua mão.

– Quando a guerra acabar, vou usá-la para sair com você.

– Isso, quando a guerra acabar! Talvez na volta de nossa viagem à América tudo já tenha terminado.

– Deus lhe ouça!

Anita despede-se de sua irmã cobrindo-a de beijos e apertando-a contra seu corpo, porque no fundo parte-lhe o coração deixá-la nesse estado e à mercê de seu marido. Disfarça sua angústia mostrando-se alegre e confiante, mas, assim que chega à rua, não consegue conter as lágrimas e põe-se a chorar.

Enquanto os soldados de Kapurthala morrem como moscas na frente leste, em Paris, seu comandante supremo, o marajá, recebe a mais alta distinção do Estado francês por sua contribuição à guerra. A cerimônia acontece na sede do governo da nação, no palácio de *L'Élysée*, cujo nome inspirou o de Kapurthala, no centro da capital. Anita e três filhos do marajá, em uniforme de gala, comparecem: Amarjit, o militar, que serve como capitão na terceira divisão de Lahore, que luta na frente oeste; Mahijit, que trabalha como correspondente de guerra para diversos jornais indianos, e Karan, que continua estudando em Londres. A cerimônia é sóbria e curta. O próprio Georges Clemenceau prende na lapela de Jagatjit Singh a condecoração que o distingue como Cavaleiro da Legião de Honra. Anita recebe um diploma de Colaboradora da Cruz Vermelha. Não é grande coisa, mas ela está feliz, porque pela primeira vez em sua vida seu trabalho é reconhecido. Nunca na Índia, nem evidentemente na Inglaterra, isso aconteceria.

Para comemorar, o marajá convida os seus para ir ao clube de um amigo da família, um rico magnata argentino chamado Benigno Macías, um belo cavalheiro com o cabelo engomado e fama de *Don Juan*, proprietário de várias companhias de *variétés* argentinas. Se para as classes humildes Paris é uma cidade dura e triste, para os ricos continua sendo voluptuosa e divertida. Os cabarés, restaurantes e salões de festas transbordam de gente enriquecida pela guerra. Anita passa uma noite inesquecível, porque o clube de Macías dedica-se exclusivamente ao tango. Assim que soam os primeiros acordes do bandoneon, Karan tira-a para dançar, com a permissão do marajá, que concorda com um gesto cansado da cabeça.

– Agora já sei onde você aprendeu a dançar tão bem o tango!

– E você? Terá sido em Kapurthala? – pergunta Karan, brincando.

– Eu...? Está no sangue. Não se esqueça que eu fui bailarina.

– É verdade... *the Spanish Dancer!* – solta, divertido. – Que jogaram na cara de meu pai montes de vezes!

– Para muitos, morrerei sendo uma *Spanish Dancer*, o que equivale a chamar-me de algo como mulher da vida.

– Para outros, você é uma marani...

– Sim, para os que andam descalços e caem na frente de batalha. Pelo andar da carruagem, não vai restar nenhum para me chamar de marani.

– Para mim também é, porque você está ao pé do canhão e cuida de tudo. Minha pobre mãe, com todo o respeito, não poderia fazer o que você faz.

Anita sorri, sinceramente agradecida por suas palavras, que, vindas de um dos filhos do rajá, ganham um significado especial. Gosta que Karan continue se

comportando como no dia em que se conheceram, no casamento de Paramjit, com naturalidade e afeto. É o único dos filhos do rajá que sempre age da mesma maneira, tanto aqui como lá. Os outros, assim como seu marido, são ocidentais no Ocidente, mas indianos quando voltam a seu país, como se não conseguissem integrar bem ambos os mundos. Em suas cabeças, Oriente e Ocidente são como água e óleo. Aqui, em Paris, sem o peso dos preconceitos de casta e religião, e sem a influência de suas mães e do entorno, comportam-se como os amigos que Anita um dia imaginou que poderiam ser. Dança com todos eles, ri e aproveita. Durante algumas horas consegue esquecer-se de Victoria, da iminente separação de Ajit e da guerra. Mas sabe que, quando voltar a vê-los, lá, em Kapurthala, serão de novo estranhos, passando a ser inimigos que urdirão intrigas para tirá-la do palácio. Todos, exceto Karan. Nele pode confiar.

Em Londres, o marajá recebe a Grande Cruz do Império indiano das mãos do rei Jorge V, um prêmio por uma nova contribuição à causa da guerra: sua recusa em cobrar a quantia que a Coroa lhe deve e que gira em torno de um milhão de libras. Anita é proibida de assistir à cerimônia e fica na suíte do Savoy, ultimando com Dalima os preparativos para deixar Ajit no colégio. No último momento o marajá informa que não poderá acompanhá-la para deixar o menino. Não tem tempo: marcou reuniões importantes com os militares ingleses. Para Anita isso soa a mentira. Conhece-o muito bem para acreditar em tamanha desculpa. Nos três dias passados em Londres, o marajá mal apareceu no Savoy. Ajit não parece se importar muito por seu pai não se despedir dele, mas Anita sabe-se enganada e sente-se mortalmente ferida. À noite acorda sobressaltada, vai para o quarto de seu marido e, uma vez lá, detém-se diante da porta; teme que, se girar a maçaneta, sua vida também dê uma virada definitiva. A essa hora e meio adormecida não sabe ao certo onde termina a realidade e onde começam as elucubrações. Volta a notar a mesma sensação que em Kapurthala: uma desagradável impressão de não ter o controle de sua própria vida, de não pisar em terreno firme e de que talvez esteja enlouquecendo. Quando finalmente se enche de coragem e abre a porta, encontra o quarto vazio. Quase teria preferido descobrir a mulher na cama de seu marido, para ter a confirmação de suas suspeitas. Embora a verdade a assuste, mais dolorosa é a dúvida.

– Dalima – diz-lhe depois de tê-la acordado –, você, que sempre sabe de tudo, diga-me o que meu marido está fazendo a uma hora dessas...

– Madame, eu não sei...

– Não se faça de ignorante. Vocês, os criados, sabem de tudo. Dalima, confesse o que você sabe...

– Madame, eu...

Dalima baixa os olhos. As queimaduras transformaram sua pele aveludada em uma superfície rugosa. O cabelo voltou a crescer, mas não é mais o mesmo de antes, sedoso e brilhante. Mas seu olhar continua sendo terno e quente.

– Pense no que fiz por você, Dalima. Por acaso não mereço a verdade? Eu sei que você sabe de alguma coisa.

Dalima pronuncia palavras ininteligíveis. Depois ergue a vista, implorando que acabe com esse suplício. Sabe que tem uma dívida para com Anita, mas como trair o marajá? Isso não pode ser bom para o karma. Mas Anita, que procura a verdade com uma ânsia só comparável ao medo de encontrá-la, não solta sua presa.

– Está bem, Dalima. Assim que voltarmos a Kapurthala, dispensarei seus serviços. Pode voltar a seu quarto.

Dalima cumprimenta-a juntando as mãos na altura do peito; porém, antes de sair do quarto, volta-se para Anita. Talvez nesses poucos segundos tenha pensado em sua filha, em sua incapacidade de ganhar a vida na aldeia, em sua triste condição de mulher deformada e viúva. Porque o karma também é cruel. Se a Dalima aconteceu o que aconteceu, alguma coisa deve ter feito, em alguma de suas vidas anteriores, para merecê-lo. Assim pensam seus correligionários. Talvez por isso volta-se e dirige-se a Anita, mas olhando sempre para o chão, envergonhada de si mesma.

– Ouvi os criados de Mussoorie dizerem que ele conheceu uma *memsahib* inglesa...

Anita não precisa mais. Deita-se na cama, com um suspiro.

– Obrigada, Dalima, pode ir se deitar.

Anita nunca teria imaginado que pudesse sofrer tanto por algo que parece o contrário do amor. Mas é assim. Deitada sobre os lençóis de linho e corroída de ciúmes, sente como se o mundo se desfizesse sob os pés da cama.

No dia seguinte, Anita, Dalima e Ajit vão para a Harrow, o prestigioso estabelecimento onde estudaram os três filhos mais velhos do rajá, localizado na periferia. O pequeno não se sentirá fora de seu ambiente, porque o colégio está cheio de filhos de funcionários ingleses cujos pais ocupam escritórios em Calcutá, Délhi ou Bombaim. Muitas dessas crianças vivem ainda com o trauma de terem sido separadas de suas famílias em tenra idade. A mudança é brutal: passam de um mundo rico em cores e emoções a outro frio e sombrio. Na Índia eram crianças mimadas; na Inglaterra imperial estão imersos em um processo pelo qual as coisas inglesas lhes são inculcadas em grandes doses para fazê-los esquecer das coisas indianas. De repente, encontram-se em uma sociedade que não tolera que as crianças façam barulho. Anita tem sorte porque pode viajar sempre que desejar, mas a maioria das mães vê seus filhos uma vez cada quatro anos. Não é de estranhar que muitos se sintam

abandonados e reajam odiando seus pais e a Índia. Anita conheceu homens e mulheres já maduros que culpam a Índia por tê-los separado de suas famílias.

Mesmo que a separação seja só por alguns meses, até que voltem dos Estados Unidos e regressem todos a Kapurthala, onde Ajit passará suas férias, o momento é lacerante. Todas as certezas do passado vão caindo uma após outra: a felicidade de sua irmã e de seus pais, a companhia do filho, o amor incondicional de seu marido.

Mas, vendo-os juntos, ninguém notaria. A chegada a Madri é triunfal. Viajam com um séquito de trinta pessoas e 230 baús, que contêm, entre outras coisas, legumes e especiarias da Índia para temperar as refeições do marajá. Um verdadeiro enxame de jornalistas e fotógrafos recebe-os na estação do Norte. Entre eles, Anita reconhece um velho colega da turma, o Cavaleiro Audaz, que lhes faz uma entrevista para *A Esfera*. “Extraordinariamente bela essa princesinha de conto de fadas”, começa o artigo. “Seus dentes são como os ricos colares de pérolas que deslizam sobre as deliciosas turgescências de seu peito, muito decotado e muito branco. Suas mãos, salpicadas de pedras preciosas, parecem duas serpentes de arminho feitas para acariciar.” Quando pergunta ao príncipe se continua muito apaixonado por sua mulher, ele responde:

– Sim, muito. Ela faz da vida uma filigrana de felicidade. Em Kapurthala é muito querida e compreendida por meu povo.

– E diga-me, príncipe, Sua Alteza tem várias mulheres?

– Sim! Muitas mulheres. Mas a princesa é a princesa.

“Anita não pôde reprimir uma expressão de amargura” continua escrevendo o Cavaleiro Audaz, “e, em uma explosão de ciúmes, disse: ‘Sim, muitas mulheres. É o costume de lá... Elas o esperam nesses oito anos que ele não sai do meu lado’.”

“Por que estou com tanto ciúme?”, pergunta-se à noite na suíte do Ritz, de onde divisa o passeio do Prado e a estátua de Netuno iluminada pela luz da lua. Um pouco mais longe, ao fundo dessa mistura de ruas, tudo começou. Que coincidência que este momento os pegue em Madri! Não se passaram nem dez anos desde que ele a vira pela primeira vez... Agora ela escuta seus roncos, rítmicos e pausados. Dorme como um velho elefante indiano, sem suspeitar que olhos carregados de ressentimento olham-no na escuridão. Anita, como sempre acontece quando algo a perturba, não consegue conciliar o sono. É como se no quarto também estivesse presente o fantasma da inglesa de Mussoorie, de quem não sabe nem o nome. Fervem em sua cabeça sentimentos contraditórios. Tem realmente direito de sentir ciúmes? Por que sente ciúmes de uma estranha e não sentiu de suas mulheres ou de suas concubinas? Casou-se com um homem que já se havia casado muitas vezes, e agora que conhece a cultura erótica da Índia e o culto que se dá à poligamia, por que

a surpreende tanto a revelação de Dalima? Por acaso já não esperava? Por acaso está tão apaixonada que a ideia de que ele tenha uma amante se torna intolerável? Não, não é isso o que tanto a perturba. O que realmente lhe sacode o coração é que perdeu sua condição de favorita. Nunca conseguiu ser a marani oficial de Kapurthala, mas reinava no coração do marajá. Sentada nesse trono sabia-se protegida das maldades das outras, sentia-se forte como o Raj britânico, e era capaz de aguentar tudo sem perder o sorriso. Sem esse trono... Que sentido tem sua constante presença ao lado do esposo? Que sentido tem permanecer na Índia? Intui que o fato de ele a relegar ao banco de reserva de suas outras mulheres é só uma questão de tempo. E então, o que será dela? Poderá se acostumar a uma vida de mulher “normal”, daquelas que à tarde vão ao café com as amigas? Terá que abrir mão dos cigarros de sândalo que fabricam no Cairo especialmente para ela, de estar sempre cercada por uma nuvem de criados e de ser tratada como uma deusa viva pelo povo da Índia. Terá que renunciar ao luxo e ao dinheiro. Mas ao que não pensa em renunciar por todo o ouro do mundo é à custódia de seu filho Ajit. “Paciência, você tem que ter paciência”, diz para seus botões. Na Índia, tudo se baseia na paciência e na tolerância. Rebelar-se não adianta nada.

Mas uma jovem andaluza de sangue ardente não tem paciência. É como pedir a um touro bravo que seja dócil e manso. Durante a interminável viagem em trem até Málaga, onde vão ver seus pais e deixar os filhos de Victoria, Anita, sem poder se conter mais, afasta as agulhas de tricô e pergunta a seu marido:

– Quem é essa inglesa que você conheceu em Mussoorie e que transformou em sua amante?

O marajá, submerso na leitura do romance que causa furor na Europa, *O médico e o monstro*, ergue o olhar acima dos óculos e encontra os olhos de fogo de Anita.

– De quem você está falando?

– Você sabe melhor do que eu.

Ele tenta imaginar como reagirá a sua infidelidade uma mulher tão impetuosa como a sua, com tanto senso de dignidade e com um caráter tão forte. Depois de sustentar o olhar, baixa os olhos para disfarçar seu desassossego. Não é um homem acostumado a prestar contas, nem à confrontação. Mas está encurralado, certo de que a tigresa de sua mulher não vai tirar as garras de cima dele até que lhe tenha dado uma explicação.

– Você sabe que eu tenho muitas amigas, mas isso não significa nada. Essa inglesa é a mulher de um comediante que ganha a vida mostrando filmes de cinematógrafo. Conheci os dois, dei-lhes alguns cavalos e nada mais.

Anita olha pela janela. A dura planície de Castela que dera lugar aos campos de

oliveiras da Andaluzia fica para trás. Sua terra. Sente uma pontada no coração. O marajá prossegue:

– Pelo fato de estar casado com você, não pretenderá que eu abra mão de ter amigas, não?

– Não, isso não. Mas dizem por aí que você continua vendo essa inglesa.

– E você prefere acreditar nas más-línguas a em seu marido?

– Meu marido desaparece e se ausenta; já não o sinto como antes.

– Você não deve acreditar em tudo o que se diz. Os que propagam essas calúnias são os que querem nos prejudicar. Você não deve entrar nesse jogo. Se andei muito ocupado ultimamente, isso se deve ao esforço que a guerra exige. Mas continuo amando-a como no primeiro dia.

Diante de seu tom pausado, tão sério e convincente, Anita sente que tira um peso de cima e pensa que talvez sua mente exaltada lhe pregara uma peça. No fundo, ele fez o que ela esperava com o coração na boca; ou seja, negar tudo e manter-se imperturbável. Reagiu como os homens fazem: negando tudo, apesar da evidência. Disse-lhe o que queria ouvir. Pior teria sido se tivesse confessado, com ar contrito. A verdade pode ser devastadora.

Málaga recebe-os com todas as honras. A imprensa local sempre acompanhou muito de perto a história da filha da cidade transformada em princesa de um reino oriental. Para o marajá prepararam um programa a seu gosto, com muito flamenco. A imprensa imortalizará um dos saraus a que ele vai, no bar de uma hospedaria que ostenta uma cabeça de touro e é decorada ao estilo andaluz; lá, o soberano, diante de uma gigantesca jarra de sangria e cercado por seus magníficos siques de turbantes, ouve satisfeito alguns dedilhados e umas *soleás*.²⁶

Anita passa com seus pais o maior tempo possível. Embora pareçam felizes por verem a filha e receberem os netos, encontra-os muito preocupados com a situação de Victoria.

– Não conseguiu convencê-la a vir com vocês? – pergunta-lhe dona Candelária, cujo rosto crispado reflete sua profunda inquietação.

– Não, acha que a guerra é questão de semanas. E não quer deixar seu marido.

– Você sempre disse que ele era um irresponsável, mas isso é pouco. É um sem-vergonha. E o pior é que ela continua sem perceber.

– O amor é cego, mamãe.

– Você sim que teve sorte. Esse seu príncipe é um encanto. Embora nos vejamos pouco, ficamos muito tranquilos por saber que você está bem. Por que vão para a América tão cedo? Não podem ficar mais tempo conosco?

– Não podemos, mamãe. Mas, no ano que vem, Ajit e eu viremos passar as férias.

Anita não está prestando muita atenção às palavras de sua mãe. Sua cabeça está em outra coisa, e uma pergunta lhe queima os lábios.

– Mamãe – diz, interrompendo-a –, é muito importante que você responda com toda a sinceridade à pergunta que vou lhe fazer... Quando você tratou e decidiu meu casamento com o marajá, ele disse que era casado... e que já tinha quatro mulheres?

Dona Candelária sente-se desconfortável. Aperta a alça de sua bolsa com os dedos. A pergunta a incomoda.

– Disse. Não só me disse, mas insistiu para que eu contasse a você. Mas eu não contei. Ele disse que nunca abandonaria suas mulheres porque tinha compromisso com elas, mas que a trataria como uma esposa europeia, que não lhe faltaria nada e que faria tudo o que pudesse para fazê-la feliz.

– Por que você não me contou?

– Para não a assustar, filha.

Diante do olhar de decepção de Anita, dona Candelária apressa-se a explicar:

– Seu pai e eu estávamos em uma situação desesperada e...

– Deixe, mamãe. É melhor que não continue.

Anita não quer ouvir mais. Fica olhando para sua mãe como se não a conhecesse, como se nesse exato momento a descobrisse pela primeira vez. Nem sequer guarda rancor, de repente sente apenas um imenso cansaço. Quando à noite vai para a cama, enxuga as lágrimas com a ajuda do travesseiro. Resta-lhe um gosto amargo na boca: o sabor da solidão. Até hoje achava que só poderia senti-lo na Índia e que tinha a ver com a falta de raízes, mas acaba de perceber que o carrega consigo, como um mal incurável.

QUINTA PARTE

O DOCE CRIME DO AMOR

A guerra se estende. Não é questão de semanas nem de meses, como pensava a irmã de Anita e até o próprio Clemenceau, mas de anos. Os que esperavam uma vitória relâmpago dos aliados tiveram que moderar seu ímpeto diante da feroz ofensiva dos alemães. Viajando pelos Estados Unidos, chegam a Anita notícias muito preocupantes de Paris: sua irmã foi abandonada pelo marido. O americano largou-a no pior momento, quando a França vive sob a ameaça da fome e quando está prestes a dar à luz seu quarto filho. E, como se não bastasse, fugiu com Carmen, a garota que a ajudava nas tarefas da casa, uma andaluza menor de idade e protegida dos Delgado. Para completar, a garota está grávida. Um cavalheiro, esse *Mister Winans*.

As notícias chegam muito atrasadas a Hollywood, onde Anita e o marajá são recebidos pelos grandes nomes do cinema. Charles Chaplin convida-os às filmagens de *O vagabundo* e um cineasta chamado Griffith mostra-lhes a reconstrução da antiga Babilônia para um filme que está rodando e que pretende denunciar “o comportamento pouco tolerante da humanidade”. Estiveram em Nova York, onde Anita conseguiu um editor para publicar um livro que escreveu sobre suas viagens pela Índia,²⁷ e depois em Chicago, onde o marajá compartilhou com Anita suas recordações da Exposição Universal de 1893. Viveram semanas muito doces, longe do ambiente infernal que se respira na Europa.

Mas agora Anita está angustiada. Como ajudar sua irmã nessa crise? Seus pais pouco podem fazer da Espanha. Nem sequer *Mme. Dijon*, a única que poderia lhe dar uma mão, está em Paris. A francesa regressou à Índia, onde voltou a se casar com um inglês, um diretor de escola, como seu primeiro marido. Com a falta de alternativas, Anita pensa em interromper a viagem e ir a Paris para juntar-se a sua irmã. A simples ideia de propor isso ao marajá tira-lhe o sono, mas, no fim, a angústia que atormenta seu coração fala mais alto.

– *Mon chéri*, acho que eu deveria voltar a Paris... Victoria deve estar passando muito maus bocados.

– Não podemos interromper a viagem neste momento. E você não pode viajar sozinha, é muito perigoso.

– Se acontecer alguma coisa a minha irmã, nunca me perdoaria.

– Não vai acontecer nada. Tentaremos ajudá-la daqui.

– Precisa de alguém que possa lhe dar uma mão, alguém que a possa mandar para a Espanha assim que o bebê nascer.

– Escreva para Karan. Ainda deve estar em Paris. Ele pode ajudá-la.

– Quando receber a carta, a guerra terá terminado... – diz Anita, dando de ombros.

– Não, porque vamos utilizar a via diplomática. Faremos a carta chegar através do malote do Foreign Office.

Estão em Buenos Aires quando recebem uma resposta de Karan, que não demorou em se pôr a caminho. Na mensagem diz que entrou em contato com Benigno Macías, o magnata argentino amigo da família, que se ofereceu de bom grado a socorrer Victoria. “Com suas influências, está tentando tirar a família do país. A situação em Paris é muito difícil. Amanhã vou para Londres...” A resposta de Karan é um alívio. Macías é uma boa pessoa e não a deixará sozinha.

Anita, mais tranquila, sente-se com ânimo para aproveitar o que mais gosta da Argentina: o tango. Por esses dias todo o mundo fala de um jovem cantor que faz tanto sucesso que até o carregaram nos ombros pelas ruas do bairro após sua primeira apresentação no Armenonville, o cabaré mais luxuoso da cidade. Como se fosse um toureiro. Chama-se Carlos Gardel e tem uma voz que toca a alma de Anita:

*Golondrinas con fiebre en las alas,
peregrinas borrachas de emoción...
Siempre sueña con otros caminos
la brújula loca de tu corazón...*²⁸

Viajar é cada vez mais arriscado, seja por terra ou por mar. Quando regressam à Europa, a guerra passou a ser mundial. Em Londres, o rei lança um chamamento aos príncipes indianos para que aumentem sua participação. A ofensiva aliada na região de Alsácia e Lorena foi um fracasso. Os exércitos franceses deslocam-se para o Sena. O desabastecimento das grandes cidades obriga a implantar um racionamento severo. A situação é grave para os aliados.

Imediatamente, o marajá reage comprometendo-se a recrutar quatro mil soldados a mais para mandá-los à frente francesa, posicionada ao longo de uma linha de 750 quilômetros. O marajá Ganga Singh de Bikaner aproveita a ocasião para exigir maior autonomia para os Estados indianos e propõe que possam alcançar o autogoverno. A resposta britânica, contrariamente ao previsto, é positiva. As exigências do príncipe são aceitas e os ingleses comprometem-se a cuidar delas. Falta apenas que os marajás entrem em um acordo quanto ao modo de atingir esse autogoverno, algo que, infelizmente para eles, nunca conseguirão. Depois de pegar Ajit, que se transformou, segundo sua mãe, em “um perfeito pequeno cavalheiro inglês”, vão para a França com a intenção de embarcar em Marselha no S.S. *Pérsia* com destino a Bombaim. Mas, antes, passam por Paris. A cidade das luzes transformou-se na cidade das trevas. Desta vez, nem sequer os ricos se divertem. Tudo está fechado, inclusive o cabaré de Benigno Macías. Com os alemães a menos de cem quilômetros, a cidade, debilitada

pela fome e pela penúria, debate-se entre a miséria e o medo. Anita, com o coração encolhido diante de tanta desolação, dirige-se à casa de Victoria. O edifício parece abandonado. Ao ser empurrado, o portão chia. Dentro, ouve-se o bater de asas de pássaros que parecem ter encontrado refúgio no vão da escada. Assim que sobe os primeiros degraus, uma voz a interrompe.

– Aonde vai?

– Sou a irmã da Sra. Winans...

– A senhora Winans não está – diz com aprumo uma senhora, com o cabelo branco desalinhado, ligeiramente encurvada. – Sou *Madame* Dieu, a porteira... Não há mais ninguém no edifício. Todas as famílias foram para o campo com o avanço dos boches. Um cavalheiro argentino veio buscar sua irmã e as crianças e os levou...

– Sabe para onde foram? – pergunta Anita.

– Perto de Orléans, mas não deram nenhum detalhe. Acho que nem eles mesmos sabiam.

– Obrigada – diz Anita empurrando o portão, enquanto a porteira continua falando sozinha antes de entrar em seu apartamento: “Logo eu serei a única pessoa a ficar em Paris para receber os boches...!”.

“Benigno Macías foi uma bênção”, pensa Anita, “mas eu deveria ter obrigado minha irmã a voltar para a Espanha”, acrescenta logo, roendo-se de culpa. Pelas ruas circulam carros fúnebres, ambulâncias e caminhões militares, e de repente Anita tem o pressentimento de que essa guerra acabará fazendo com que se arrependa. “Por que a abandonei em um país invadido, à mercê do desgraçado de seu marido?”, pergunta-se sem cessar enquanto volta para o hotel, onde o marajá e seu séquito esperam-na para seguir viagem.

Marselha é um caos. As recentes incursões de submarinos alemães no Mediterrâneo alteraram o tráfego marítimo. Vários navios atrasaram sua saída; outros cancelaram. A silhueta do *S.S. Pérsia*, da companhia inglesa Peninsular & Oriental, com seu casco preto e suas duas altas chaminés também pretas, é uma visão familiar para o marajá. Fez várias travessias nesse elegante vapor de 7500 toneladas, que dispõe de uma primeira classe de verdadeiro luxo. Na última, em 1910, encontrou a equipe de pilotos e mecânicos que transportavam dois aviões biplanos com os quais realizaram o primeiro voo de exibição aérea jamais visto na Índia. Aconteceu às margens do Ganges durante um imenso festival religioso celebrado cada doze anos. Mais de um milhão de fiéis, fazendo suas oferendas ao rio sagrado, viram voar, pela primeira vez, um objeto mais pesado que o ar que não era um pássaro. Foi prodigioso. A notícia atingiu os mais recônditos cantos do subcontinente.

No dia da partida, enquanto supervisiona com Inder Singh o carregamento de seus mais de 240 baús no ventre do navio, um homem vestido de civil que se identifica como agente britânico dirige-se ao marajá:

– Alteza, permita-me informar-lhe que o serviço secreto interceptou uma mensagem cifrada do exército alemão, que diz que o *S.S. Pérsia* poderia ser um alvo militar. Estamos aconselhando todos os passageiros com passaporte britânico a não fazer a viagem neste barco.

– Mas está prestes a zarpar...

– Sim, o barco zarpará, mas desviará sua rota, por precaução. Também é possível que seja um alarme falso. Mas meu dever é informá-lo. Sua Alteza é livre para tomar a decisão que julgar mais conveniente.

Essa notícia de última hora atrapalha todos os planos e afunda na consternação o numeroso séquito do soberano. O que fazer? No mesmo barco deve viajar um casal de amigos. São ingleses, ele é um aristocrata e militar chamado *Lord Montagu*, que vai assumir o comando de uma unidade do exército britânico na Índia. Conhecido por sua paixão pelos carros, é diretor da revista *The Car* e, apesar de ser casado, viaja com sua secretária, Eleanor Velasco Thornton, de origem espanhola, que também é sua amante. Com exceção de um círculo restrito de amigos, entre os quais encontram-se o marajá e Anita, ambos mantêm seu relacionamento em segredo, principalmente na alta sociedade londrina. Eleanor é uma mulher inteligente e de inigualável beleza. Tem tudo, como diria Anita, exceto o *status* social adequado para casar-se com o homem por quem se apaixonou. Assim é a Inglaterra vitoriana. A mesma Inglaterra que também marginaliza Anita; talvez por isso ambas as mulheres se tornaram amigas.

Mas, sem que ninguém saiba que se trata dela, a figura de Eleanor se tornou muito popular desde que enfeita as grades dos radiadores de todos os Rolls-Royce. A ideia foi de seu amante, o lorde, que encomendou a seu amigo, o famoso escultor Charles Sykes, que idealizasse um mascote para seu Silver Ghost. Sykes utilizou Eleanor como modelo para uma estatueta que mostra uma mulher jovem envolvida em roupas vaporosas que flutuam ao vento com o dedo indicador colocado sobre os lábios, símbolo do segredo de seu amor. Chamou-a de *Spirit of Ecstasy* – espírito do êxtase –, e fez tanto sucesso que a Rolls-Royce decidiu incluí-la em todos os seus modelos.

Depois de duas horas de sérias deliberações sobre as possíveis decisões que podem adotar, Inder Singh, o capitão da escolta, propõe uma solução salomônica, que não implica o desembarque da carga e preserva a segurança de Sua Alteza. O melhor será que ele, com a maioria do séquito, embarque no navio ameaçado a fim de custodiar

o carregamento, e que, enquanto isso, o marajá e sua família esperem em Marselha pela saída do navio holandês *Prinz Due Nederland*, que zarpará dentro de dois dias para o Egito. De lá podem passar para o *S.S. Medina*, que faz a rota do Cairo a Bombaim. É mais desconfortável e mais longo, mas mais seguro. *Lord* Montagu prefere não se separar dos oficiais britânicos que viajam no navio, de modo que ele e Eleanor decidem sair no *S.S. Pérsia*.

O marajá, Anita, seu filho, Dalima e um reduzido séquito de *ayas* e escoltas saem dois dias depois. “Foi uma viagem perigosa e cansativa”, escreveria Anita, “as noites a bordo eram tristes e inquietas, sempre à espreita do barulho dos aviões que podiam nos bombardear. O pior momento foi quando nos notificaram do afundamento do *S.S. Pérsia*.”

Em 30 de dezembro de 1916, à uma e dez da tarde, enquanto navega a setenta milhas da costa de Creta, o navio é atingido por um torpedo lançado de um submarino alemão, o U-38. O míssil perfura a proa, a bombordo. Cinco minutos depois a caldeira do motor explode e o navio afunda, com 501 passageiros a bordo. A imprensa mundial divulga a tragédia, e em Aujla, a aldeia de Inder Singh, no coração do Punjab, os vizinhos estão muito aflitos. Os últimos boletins de notícias lamentam a perda de 21 oficiais britânicos, destacando a figura de *Lord* Montagu, do cônsul dos Estados Unidos em Áden, da senhora Ross, esposa do diretor do colégio escocês de Bombaim e de quatro freiras escocesas que iam para Karachi. Dos outros só menciona que eram passageiros de segunda e terceira classes.

Trancada no camarote que só abandona para comer, Anita escreve em seu diário: “Depois da preocupação de não saber nada sobre Victoria, agora perdemos Inder Singh, que sempre se comportou como um grande senhor, e a nosso serviço. Também ficamos sem os Montagu. Pobre Eleanor! Dezoito pessoas de nossa confiança desapareceram, além da maior parte de nossa bagagem, baús e algumas joias pouco importantes. Vêm-me à memória aquelas cartas escritas pelos primeiros soldados indianos que foram para o *front* e que diziam que isso não era uma guerra, mas o fim do mundo. Começo a pensar que tinham razão.”

Mas, à medida que vão surgindo detalhes do naufrágio, chegam também notícias alentadoras. Dez horas depois do afundamento, um cargueiro chinês, o *Nung Ho*, conseguiu resgatar uma centena de sobreviventes. Entre eles está *Lord* Montagu, que reaparece com o olhar assustado de quem viu a morte. Talvez sua tristeza deva-se ao fato de não ter podido salvar Eleanor, porque estavam em lugares separados no momento da explosão, pois ele a esperava na sala de jantar do convés enquanto ela se arrumava em seu camarote. Chega a Londres no mesmo dia em que o obituário dela aparece publicado nos jornais. Outro sobrevivente digno de menção é o capitão do

Terceiro Batalhão dos Gurkhas E. R. Berryman, que receberia uma condecoração por ter ajudado uma passageira francesa a se manter boiando enquanto o cargueiro se aproximava para resgatá-los. Mas a melhor notícia para o marajá e Anita é que Inder Singh sobreviveu. Boiou três dias à deriva agarrado a um pedaço de madeira e, depois de ser resgatado, levaram-no a um hospital de Creta, onde se recupera favoravelmente. “Rezei à Virgem para agradecer o duplo milagre, o de ter nos salvado e ao querido Inder Singh”, escreveu Anita.

Quando, dias depois, os habitantes de Aujla vêm aparecer no Rolls-Royce do marajá o grande Inder Singh, muitos deles se assustam pensando que se trata de um fantasma que volta do outro mundo. Outros têm certeza de que os poderes sobrenaturais do marajá lhe devolveram a vida. Inder Singh, sentado na entrada de seu bangalô, explica a seus atônitos vizinhos os pormenores de sua aventura, e eles o escutam boquiabertos. Quando termina de contar a história, todos querem apertar sua mão ou abraçá-lo, como se quisessem ter certeza de que não são vítimas de uma alucinação. Depois, todos juntos comemoram de um modo nunca visto até então na pequena aldeia. “Deram-me meu primeiro uísque aos onze anos”, contaria o neto de Inder Singh, “no dia em que meu avô regressou ao povoado depois de todos acharem que ele tinha morrido.” Para marcar tão insigne recordação, o marajá adotará o costume de ir todos os anos a Aujla nessa mesma data para caçar perdizes.

27 O livro foi escrito em francês com o título *Impressions de mes voyages en Inde* (Sturgis & Walton Co., Nova York, 1915).

28 “Andorinhas com febre nas asas, / peregrinas bêbadas de emoção... / Sempre sonha com outros caminhos / a bússola louca de seu coração...” Tradução literal do tango *Golondrinas*, letra de Alfredo Le Pera e música de Carlos Gardel. (N. T.)

Para Anita, quando seu filho Ajit volta para a Inglaterra depois das férias em Kapurthala, à angústia pelo fato de o menino viajar sozinho pela primeira vez soma-se o peso de uma solidão ainda maior. Para se manter bem, dedica-se a vestir e animar a tropa. Odeia essa guerra, que está levando os filhos mais jovens da Índia para um conflito alheio. Depois do que viu no *front* francês, parece-lhe uma crueldade continuar recrutando camponeses que, pelo fato de irem à guerra, julgam-se protagonistas de uma epopeia mitológica como as que seus pais lhes contavam quando pequenos. Porém todos os líderes indianos decidem continuar ajudando a Inglaterra, inclusive um advogado que acaba de chegar da África do Sul, um homem pequeno, valente e indiscreto, que vive como um pobre e defende os deserdados perante os ricos. Anita ouvira falar dele pela primeira vez por Bibi, que o conhecera em Simla. Chama-se Mohandas Gandhi. Apesar de ser um fervoroso independentista, declarou que a Índia não seria nada sem os ingleses e que ajudar o Império é ajudar a Índia, e que os indianos só poderão aspirar à independência, ou pelo menos ao autogoverno, no caso da vitória dos aliados.

Anita e o marajá conhecem Gandhi nesse mesmo ano, na inauguração da Universidade Hindu de Benares, a cidade santa às margens do Ganges. Mas que fiasco! Convidados pelo vice-rei com os mais ilustres da aristocracia para os três dias de celebrações, as palavras que Gandhi pronuncia no auditório da universidade nunca tinham sido ouvidas na Índia. Diante de uma multidão de estudantes, personalidades, marajás e maranis – vestindo esplendorosos uniformes –, Gandhi aparece vestindo um tecido de algodão branco. De baixa estatura e com seus braços e pernas desproporcionalmente longos em relação ao tronco, orelhas separadas do crânio, nariz chato sobre um fino bigode cinza e óculos de armação metálica, a Anita lembra uma velha ave pernalta: “A exibição de joias que vocês nos oferecem hoje é uma festa esplêndida para a vista”, começa dizendo o campeão da não violência. “Mas, quando a comparo com o rosto dos milhões de pobres, deduzo que não há salvação para a Índia enquanto não tirarem essas joias e as depositarem nas mãos desses pobres...”

Anita coloca a mão no peito, para certificar-se de que o colar de esmeraldas – um de seus presentes de casamento – continua em seu lugar. Parte da audiência está indignada. Sobre o murmúrio de reprovação geral, ergue-se a voz de um estudante.

– Escutem-no! Escutem-no!

Mas vários príncipes, achando que já ouviram o bastante, abandonam a sala. Anita e o marajá, colocados na fila do vice-rei, não se atrevem a ir embora. Muito a

contragosto, ficam aguentando o discurso.

– Quando fico sabendo que um palácio é construído em alguma parte da Índia, sei que é feito com o dinheiro dos camponeses. Não pode existir espírito de autogoverno, nem de independência, se roubamos dos camponeses o fruto de seu trabalho. Que tipo de país vamos construir assim?

– Cale-se! – grita uma voz.

– Nossa salvação só virá do camponês. Não virá dos advogados, nem dos médicos, nem dos ricos latifundiários.

– Por favor, pare – pede-lhe a organizadora do evento, uma inglesa chamada Annie Besant, conhecida por suas ideias progressistas e fundadora dessa primeira universidade hindu da Índia.

– Continue! – gritam alguns.

– Sente-se, Gandhi! – exclamam outros.

O tumulto é geral. Para os príncipes e dignitários não faz sentido permanecer lá, aguentando os insultos de um homenzinho desses. Todos, começando pelo vice-rei, abandonam a sala, enquanto os estudantes dedicam-lhes uma vaia que se ouve por toda a cidade.

Até esse momento, ninguém havia se atrevido a dizer a verdade na cara dos príncipes da Índia. Gandhi ainda não é uma figura nacional. As centenas de milhões de indianos não o conhecem ainda. Mas sua fama começa a se estender. A Índia eterna, que sempre se inclinou diante do poder e da riqueza, também adora os humildes servidores dos pobres. As posses materiais, os elefantes, as joias, os exércitos conseguiram sua obediência; o sacrifício e a renúncia vão conquistar seu coração.

* * *

Para Anita, depois de tê-lo conhecido em Benares, Gandhi é “o tal maluco”. Mas não para Bibi, que vê nele o salvador do país, um homem que com gestos simples é capaz de tocar a alma da Índia. Ela se transformou em uma de suas seguidoras. “Os que quiserem me seguir”, diz Gandhi, “devem estar dispostos a dormir no chão, a vestir roupas rudimentares, a levantar-se antes do amanhecer, a viver com um alimento frugal e a limpar seus vasos sanitários.” De modo que Bibi despediu-se dos cachos nas bochechas e cortou o cabelo, trocando seus belíssimos sáris de seda por outros de *khadi*, o algodão cru fiado à mão na roca. Despediu-se do *bridge* para sempre, do cabeleireiro suíço que todas as tardes, em Simla, ia penteá-la, dos entardeceres passados sorvendo xerez e vermute enquanto mimava seu cachorro, um *terrier* chamado Tofa, dando-lhe uns chocalatinhos, sempre suíços, claro. Agora transformou-se em uma vegetariana rigorosa e lançou-se pelos caminhos da Índia,

seguindo seu líder descalço. Dizem que, quando descansa, passa as tardes sentada em frente à roca fiando algodão, símbolo de uma nova Índia disposta a se livrar do jugo dos ingleses – e da elite dos brâmanes hindus.

Se para a família de Bibi o que aconteceu representou uma grande perturbação, para Anita, o fato de sua amiga ter aderido ao movimento nacionalista é um golpe duro. Fica ainda mais sozinha, sem a única amiga com quem podia contar. Pensa em Bibi todas as manhãs quando sai para cavalgar, porque foi ela que lhe mostrou os caminhos, as aldeias e os atalhos por onde passa. Graças a ela sabe qual é a casta e a religião de um homem pelo modo como enrola o turbante. Embora não entenda as razões que a levaram a tomar uma decisão tão extrema, sempre pensou que de alguém tão inquieto, tão sensível e tão extravagante como sua amiga pode-se esperar de tudo, menos que fique docilmente em seu palácio com os braços cruzados, aguardando que um pretendente venha cortejá-la. Seus pais, que não quiseram que ela fosse estudar na Inglaterra porque no fundo desejam casá-la, agora estão perplexos: Bibi casou-se com a causa da independência.

E a Anita, que porvir a espera nesse mar de solidão em que se transformou Kapurthala? Ficar de braços cruzados em seu palácio quando a guerra houver terminado e não tiver que se preocupar em vestir e animar a tropa? De onde tirar forças para sair da cama todas as manhãs, agora que não tem seu filho, nem Bibi, com um marido cada vez mais ausente, com a família contra e os ingleses também? É possível viver no vazio? Viver em um lugar com a única esperança de sair dele? Se pelo menos pudesse ter outro filho... mas a ideia do parto deixa-a aterrada, e não sente seu marido com o mesmo ardor amoroso de antes. “Qual é a saída?”, pergunta a si mesma, trancada em sua prisão dourada, invejada por poucos, ignorada por muitos, odiada por alguns.

Numa manhã de final de 1917, Anita acorda em seu quarto ao som de uma melodia familiar. É uma música estridente, mal tocada, provavelmente executada por algum músico da banda estatal. “Quem teve a ideia de tocar a uma hora dessas?”, pergunta-se, espreguiçando-se. Quando desce as escadas, percebe que a música não vem de fora, mas de um dos salões. Karan, sentado em um sofá, está tentando tocar um tango em um velho bandoneon.

– Só podia ser você! – diz-lhe Anita.

– Sou como o encantador de serpentes... Toco um tango e você sai da cova. Karan voltou para Kapurthala a pedido de seu pai, que precisa de ajuda para cuidar dos assuntos de Estado e dos que derivam da administração das terras de Oudh. Para

Anita, é uma grande notícia. A presença sempre amável de Karan é um bálsamo contra a solidão. Finalmente alguém com quem falar como uma pessoa normal! E eles têm muito a se dizer, porque Karan foi dos últimos a ver Victoria.

– Fui fraca – confessa Anita. – Fiquei na Argentina, ouvindo Carlos Gardel...

– Um prodígio.

– Sim, mas tinha que ter ido ajudar minha irmã, embora seu pai não quisesse.

– Não assuma a culpa do que aconteceu com Victoria. Mesmo que você estivesse em Paris, não acho que poderia mudar as coisas.

– Talvez... mas sempre resta a dúvida.

– Macías não a deixará jogada.

– Deus o ouça...

A vida no palácio e em Kapurthala muda com a presença de Karan. O homem é um vulcão em atividade, cuja vitalidade se choca com a inércia e lentidão com que os assuntos são tradicionalmente tratados na Índia. Muitas vezes ouvem-se seus gritos de protesto que sobem dos escritórios do porão. Como aconteceu com Bibi no começo, como acontece com tantos outros, reajustar-se à vida na Índia não é fácil depois de tanto tempo na Inglaterra. Aqui as coisas continuam sendo feitas no ritmo letárgico de sempre e não adianta nada se exasperar. Pelo contrário, a pessoa se desgasta e acaba sempre no mesmo ponto de partida, e ainda por cima frustrada.

A Índia de 1917 que Karan encontra é ainda mais pobre que antes. A escassez de alimentos e a inflação provocada pelo esforço da guerra criam um ambiente de descontentamento e agitação entre a população.

– Tenho a impressão de que nosso povo perdeu a confiança no homem branco que tanto admirava – diz Karan a seu pai. – A guerra mostrou que os europeus podem ser tão selvagens e irracionais quanto os outros. E se o povo desconfia do Raj, desconfiará também da ordem estabelecida. Os principados indianos estarão em perigo.

– Você está exagerando. Os príncipes assumirão todo o poder se algum dia os ingleses decidirem ir embora, mas isso não acontecerá jamais.

– Eu não acho isso, Alteza.

– Quando a guerra acabar, você verá como tudo volta a seu curso natural – conclui o marajá.

No fundo, Jagatjit Singh também pensa que alguma coisa vai mudar, mas não pensa no povo, e sim nos de sua própria classe, nos príncipes. Todos os seus esforços estão voltados para a preparação de uma conferência de marajás, prevista para o final de 1917 em Patiala, para responder ao oferecimento que o secretário de Estado para a Índia anunciou na Câmara dos Comuns: Londres está disposta a tomar medidas, tão

logo seja possível, para preparar a transição, na Índia, para o autogoverno. Os príncipes viram nisso a oportunidade de cobrar sua contribuição à guerra. Consideram-se “líderes naturais” com a capacidade outorgada por Deus de detectar “os pensamentos e sentimentos mais profundos do povo indiano”. Como consequência, pedem para ser levados “muito mais a sério” como políticos e exigem “uma participação definida na administração do país”. Londres concorda, mas como fazer com que os membros dessa aristocracia tão fora do comum entrem em acordo quanto à forma que o autogoverno deve ter? Como fazer entrar em acordo mais de quinhentos príncipes, alguns pobres e outros ricos, alguns progressistas e outros feudais, todos imbuídos da crença de que seu poder emana de uma ordem divina? É algo impossível. Karan, que vai à conferência de Patiala, percebe que não há maneira de os príncipes se organizarem. Há muita hostilidade, inveja, tensões e rivalidades. Os mais liberais – Baroda, Mysore e Gwalior – advogam pela participação em uma assembleia de governo junto ao vice-rei e pela criação, nos principados, de uma câmara federal de representação. Mas uma grande parte de delegados acha inaceitável essa solução e invoca todo tipo de razões. Karan, que conhece bem a mentalidade dos rajás, sabe que a razão de uma negativa tão veemente não é outra senão a recusa, da maioria dos príncipes, de dividir o espaço com membros da Câmara – em outras palavras, com plebeus. A esse tigras de mentirinha só resta um orgulho incomensurável, e isso não basta para governar a Índia.

Novembro de 1918. O fim da guerra. Kapurthala comemora em grande estilo, com fogos de artifício e uma magna recepção no *L'Élysée*, à qual vão oficiais e funcionários britânicos, bem como os filhos do marajá. Todos voltaram para a Índia depois de terem desenvolvido “um enorme trabalho pela vitória”, segundo palavras do marajá.

Para Anita, o final da guerra não é o final de uma quimera, pelo contrário. De Victoria sabe que voltou ao apartamento de Paris e que está prestes a dar à luz. Mas nada mais. O inquietante não é que seu marido George Winans continue sem dar sinal de vida, ou que precise de dinheiro, porque Macías com certeza cuidou para que não lhe falte nada. O que realmente a assusta é que outra guerra estourou na Europa, muito mais devastadora e mortífera que a que acaba de terminar. É uma guerra insidiosa, que começou entre os soldados espanhóis que lutam na África. O inimigo é virulento, conta-se aos bilhões e, além disso, é infinitamente pequeno. O vírus da “gripe espanhola”, assim chamada porque foi diagnosticado primeiro na Espanha, vai provocar um dos maiores desastres da história da humanidade. O assassino mais rápido que jamais existiu acabará fazendo quarenta milhões de mortos, quase o triplo das vítimas da guerra. Anita conta os dias para voltar para a Europa. Irá com seu marido, que foi convidado por Clemenceau para a assinatura do armistício no palácio de Versalhes. Mas a espera lhe parece interminável. Já não tem mais nada para fazer em Kapurthala, exceto consolar as famílias dos soldados que não voltaram. Sente que agora seu lugar é em Paris, ao lado de sua irmã. Desde que soube que tinha voltado ao apartamento com as crianças, não voltou a ter notícias. De Benigno Macías também não. Como se a terra o tivesse engolido.

Os dias anteriores à viagem são dias turbulentos no palácio de Kapurthala. Pela primeira vez em muito tempo, os filhos estão novamente todos juntos. Os atritos e as brigas são inevitáveis, porque cada um evoluiu de maneira diferente. Talvez por não ser o herdeiro direto do trono, talvez porque é um homem mais moderno que seus irmãos, com uma mentalidade mais aberta, com melhor formação, Karan tem certeza de que os príncipes – assim como os ingleses – têm os dias contados. O assunto é motivo de acirradas discussões familiares. Paramjit, primogênito e herdeiro, acha que Karan está contaminado por ideias nacionalistas. Chega a ver seu irmão como um inimigo potencial, um rival que poderia representar um perigo quando ele assumir o trono. O marajá, que pressente o desejo de Paramjit de arrebatrar parte do poder, acaba afastando-o dos assuntos de Estado. Prefere que seu herdeiro não faça nada até que chegue sua hora, e que por enquanto se divirta, gaste dinheiro, consiga

um filho homem para garantir o futuro da dinastia, mas principalmente que não o incomode. Aos outros, designa tarefas segundo a capacidade de cada um. Amarjit fica encarregado de reorganizar o exército, Mahijit da supervisão das obras de esgoto e abastecimento de água da cidade, e Karan, como engenheiro agrônomo, da administração das terras de Oudh, assim como da melhora da produtividade do campo de Kapurthala. Apaixonado por equitação, Karan sai todas as manhãs a cavalgar. Visita as aldeias, fala com os anciãos, com os camponeses, sente o povo e volta com novas propostas para melhorar a produção. Consegue convencer seu pai a criar a primeira cooperativa agrícola de Kapurthala e um sistema de crédito fácil para os camponeses. A verdade é que, apesar da sangria que a guerra representou, Kapurthala prospera em todos os sentidos. Sem pressa, mas sem pausa, em vinte anos a renda *per capita* duplicou. A cidade é limpa, bonita, e pouco a pouco vai se parecendo com seu amo, dono e senhor, cuja paixão por construir edifícios inspirados em diversas culturas cresce com o tempo. Pretende edificar uma mesquita inspirada na de Fez, no Marrocos, e um cinema com colunas dóricas no mais puro estilo grego. Com o palácio francês e o parque de Shalimar – assim chamado em homenagem aos jardins de Lahore –, Kapurthala transforma-se pouco a pouco em um mostruário de estilos, uma espécie de parque temático *avant l'heure* que exhibe edifícios do mundo inteiro e mostra o cosmopolitismo de seu rei.

Mas a guerra deixou também seu rastro de miséria humana nos caminhos do Punjab. Certa manhã, durante um de seus passeios a cavalo, que constituem seu momento favorito do dia, depois de atravessar um rio, Anita se vê surpreendida por alguns ex-soldados esfarrapados que se lançam sobre seu cavalo e pegam as rédeas.

– Desmonte, *memsahib*, desmonte! – gritam-lhe. Anita mantém o sangue-frio e enfrenta-os.

– Soltem meu cavalo! – grita-lhes em punjabi, brandindo o chicote à direita e esquerda. Por nada no mundo vai permitir que roubem Negus! O fato de essa *memsahib* tão indômita que julgavam ser inglesa falar tão bem seu idioma intimida os assaltantes. E quando, ainda por cima, ela os ameaça dizendo que vai contar ao marajá em pessoa, então os assaltantes, que usam uniformes militares de Kapurthala esfarrapados, deixam-na ir. Queriam roubar o cavalo de uma europeia, e não de uma das mulheres do chefe supremo.

Anita não conta o incidente a ninguém porque sabe que seu marido lhe porá uma escolta, e ela não quer ver sua liberdade cerceada. De qualquer maneira, estava de sobreaviso, porque a *Gazette* não parava de dar notícias de roubos e assaltos e de publicar estatísticas que garantiam que o crime no Punjab havia multiplicado por dez desde o final da guerra. Era tão insignificante o número de delitos que mesmo

multiplicado por dez continua sendo irrisório. Mas é verdade que a prisão se torna pequena e o sistema judicial ameaça entrar em colapso devido aos numerosos soldados que voltaram das frentes de batalha e que assaltam as pessoas porque não têm nem o que comer.

Apesar do incidente, Anita continua montando a cavalo todos os dias. Mas não o faz por necessidade de ficar sozinha, como às vezes aconteceu no passado, ou por vontade de encontrar a si mesma, ou por simples vontade de fazer exercício físico. Não tem consciência da razão que a leva a fazê-lo, e mesmo que soubesse não se atreveria a admitir. A verdade é que o faz porque em seus passeios pelo campo costuma encontrar Karan, e então o dia se transforma. Estando com ele, tão cheio de vitalidade, esquece de si mesma, como se seu único problema – a solidão – se desvanecesse. O jovem mostra-lhe um país povoado por camponeses que desejam ardentemente sair da pobreza.

– Sempre se diz que nós, indianos, somos fatalistas, mas não é verdade...

– diz Karan. – Se nos dão a oportunidade de melhorar, não a perdemos.

Karan é o único da família que gosta de se misturar com gente do povo. Sua extravagância, muito criticada no palácio por seus irmãos e membros da corte, consiste em ficar para dormir nas aldeias, na choça de algum camponês pobre, quando lhe dá vontade. Diz que o tratam como um rei, e que é a maneira mais rápida de viajar para muito longe sem percorrer muitos quilômetros. Gosta de falar com eles sobre a semeadura e as colheitas, os adubos e as pragas; definitivamente, sobre a terra, que é sua área.

Talvez por isso seja mais direto, acessível e franco que seus irmãos, cuja verdadeira vocação gira em torno de tudo o que tem a ver com luxo e pompa. A simples ideia de se misturar com os que não são de sua condição os repugna. Karan é um estranho entre os seus. Sua sinceridade e seu desejo de introduzir ideias modernas, ideias que surgiram nas conversas mantidas com seus amigos ingleses em Harrow ou Cambridge, ainda não se encaixam muito na restrita sociedade de Kapurthala. Mas tem o espírito resolutivo, um jeito camponês, olhos de sonhador e um riso claro que fazem Anita suspirar. Junto a ele, ela ri, sente e vibra como o que é, uma mulher que ainda não completou os trinta. Na Índia, quase não teve amigos. Como fica longe essa sensação tão familiar, mistura de solidão e tédio, quando sabe que vai ver Karan! Como é boa a cumplicidade, entender-se com alguém sem necessidade de se explicar, estar bem pelo simples fato de estar acompanhada...! Durante os meses anteriores a sua viagem à Europa, não passa um único dia sem que se vejam. Pela primeira vez em muitos anos, e porque Karan lhe pediu, Anita entrou no palácio das mulheres para visitar Rani Kanari. É o único que parece sensível ao bem-estar dos outros, e o

único que parece perceber a solidão à qual sua mãe e Anita parecem estar condenadas. Invariavelmente, a espanhola sai das visitas a Rani Kanari com o passo vacilante e o olhar perdido. Faz muito tempo que Rani Kanari escolheu a bebida como antídoto contra a solidão da *zenana*.

Em maio de 1919, o marajá, Anita e seu séquito chegam a Paris. A cidade, que continua com um aspecto fantasmagórico, agora precisa se defender de um vírus que ataca seus desprevenidos habitantes com sanha. Do carro puxado por cavalos que a leva à casa de sua irmã, Anita vê como alguns empregados do ministério da Saúde entram e saem dos prédios. Os homens usam máscaras de tecido branco no rosto. Na entrada do edifício de Victoria colocaram um cartaz avisando que está contaminado. Mas Anita não liga e se precipita escadas acima. Ao chegar ao andar de sua irmã, encontra outro aviso na porta. Não há ninguém lá. O silêncio é aterrador. Os pássaros já não revoam no vão da escada, como se eles também tivessem fugido.

No instante de séculos que dura a descida de Anita pelas escadas até chegar à portaria, assalta-a de repente a certeza de que nunca mais verá sua irmã, não tornará a ter o consolo de suas cartas nem gozará da alegria de seu riso. Com o coração apertado, sem se atrever a perguntar, mas ao mesmo tempo louca para saber, bate à porta de *Madame Dieu*.

– Sou a irmã de...

– Reconheço-a – interrompe a porteira. – Entre.

A casa é pequena, modesta, escura. *Mme. Dieu*, ainda mais encurvada, convida-a a sentar-se em um sofá onde há um gato adormecido. E então Anita recebe a pior notícia que poderia imaginar.

– Primeiro morreu o terceiro dos filhos – diz pausadamente a mulher –, depois o bebê, poucos dias depois de nascer. Ambos de gripe espanhola. Victoria viveu mais quinze dias. Dizem que também morreu de gripe, mas eu acho que foi de tristeza.

Anita fica muda, com o olhar perdido e a fala paralisada.

– Desde que seu marido a abandonou, deixou-se ir... Não se cuidava. Quando voltou do campo, no fim da guerra, estava esquelética. E nisso surgiu a gripe.

Há um longo silêncio, pontuado pelo tique-taque do relógio de parede.

– Esta gripe é pior que os boches – continua a mulher. – Eu perdi minha filha e uma cunhada. E as autoridades não dão o alarme para não difundir o pânico. É uma indignidade.

– Onde estão enterrados?

– Madame, os mortos são enterrados muito rapidamente para evitar a propagação da doença. Sua irmã foi enterrada em menos de vinte e quatro horas... Ela e as crianças estão no cemitério do Père Lachaise.

– Ninguém os acompanhou? – pergunta Anita, cujo olhar fica anuviado pelas grossas lágrimas que rolam sobre seu rosto.

– Não deixam que ninguém vá, madame.

– Não havia nem sequer um padre? Ninguém?

– Sim, madame, havia um sacerdote. Mas morre tanta gente que os padres se limitam a jogar apressadamente água benta sobre os cadáveres. Eles também não querem ficar doentes, e é compreensível.

– Claro... – Anita esforça-se para conter os soluços.

– Chore quanto quiser, nada alivia tanto quanto o choro – diz a mulher, indo buscar um lenço. Anita põe-se a chorar em silêncio. – Mas deixe-me dar-lhe um conselho, madame... Vá embora de Paris quanto antes possível. Aqui estamos todos condenados.

A Anita resta o pobre consolo de que o “cavalheiro argentino”, como diz a mulher referindo-se a Benigno Macías, a visitava regularmente até quase o fim. Sempre aparecia com pacotes de roupa e comida e com notícias sobre uma viagem à Espanha que estava organizando para mandar Victoria e as crianças. Mas, então, poucos dias antes de Victoria cair doente, o cavalheiro argentino deixou de vir.

Cara a cara com o horror da morte, vem-lhe à mente a mesma pergunta, insistentemente. Por que não teve forças para enfrentar o marajá, interromper aquela viagem e ajudar sua irmã? Atormentada pelo espectro da culpa, sente brotar dentro de si uma torrente de raiva contra si mesma por não ter sabido se impor em um momento crucial, e contra seu marido, por não ter intuído a gravidade da situação. Mentalmente, joga-lhe na cara seu egoísmo de velho caprichoso, sua maneira de exigir, sua vaidade de príncipe de mentirinha que coloca seus desejos antes de todo o resto. Em vez de entrar no carro que a espera em frente à casa de Victoria, dispensa o cocheiro e sai andando pelas ruas, esperando que a raiva passe e fique só a dor. Sozinha diante de seu destino, pela primeira vez toma consciência do peso do drama que ela mesma provocou quando tinha apenas dezessete anos, e que agora a perseguirá por toda a vida. Prefere não voltar nesse estado ao hotel de luxo. Precisa se acalmar, voltar a ser ela mesma, mas não consegue, porque lhe falta algo que era uma parte tão intrínseca de sua vida que sem isso não será mais a mesma. Volta-lhe à memória uma conversa mantida com o dr. Warburton em Kapurthala; o médico lhe havia contado que os amputados sentem dores nos membros que já não têm. Assim se sente Anita sem sua irmã, sentindo-a estar onde já não está.

Ver passar os caminhões do Ministério da Saúde devolve-a à urgência do presente. Sabe que não sairá rapidamente do lodaçal de dor em que está presa, mas tem consciência de que tem de sair da cidade quanto antes. A porteira tem razão. Por

mais que se sinta tentada a se deixar levar pelo sofrimento, tem de ir embora, nem que seja pelos vivos que lhe restam. Não pôde ajudar Victoria, mas pelo menos ajudará seus pais a suportar a dor.

Enquanto Anita viaja para a Espanha, o marajá e seu séquito chegam a Versalhes, em junho de 1919, como parte da delegação do governo britânico para assistir à assinatura do Tratado de Paz entre os alemães e os aliados. Chegar a esse lugar que tanto admirou, e desta vez não como simples visitante, mas como autor da História, enche-o de satisfação e orgulho. É uma honra que compartilha com Ganga Singh, marajá de Bikaner e um número restrito de príncipes indianos, todos mais importantes que ele. Mas nisso consiste sua habilidade, em ser tratado como um dos grandes sem sê-lo de verdade. Conseguiu fazer com que se fale tanto do minúsculo Estado de Kapurthala quanto de outros Estados indianos muito mais extensos e poderosos.

A cerimônia é impressionante. Clemenceau, o herói da França, está sentado entre Wilson, presidente dos Estados Unidos, e Lloyd George, primeiro-ministro da Inglaterra, em uma mesa em forma de ferradura situada na galeria dos espelhos, uma imensa sala de 73 metros de largura por dez de comprimento, onde o rei Luís XIV, o Rei Sol que o marajá tanto admira, costumava receber os embaixadores. Os convidados estão sentados em tamboretes.

– Façam entrar os alemães – pronuncia solenemente Clemenceau.

Faz-se um silêncio absoluto. Dois oficiais do exército alemão, com o colarinho abotoado e grossos óculos de armação metálica, entram escoltados. Ninguém se levanta para recebê-los. Em uma mesa, sob um estandarte de Luís XIV que diz: “O Rei governa por si mesmo”, os alemães assinam a paz em grossos livros, seguidos pelos representantes das potências aliadas. A cerimônia dura pouco, e, ao terminar, o estrondo dos disparos de canhão e de aviões voando baixo invade tudo. Os três grandes, Clemenceau, Wilson e Lloyd George, caminham juntos para o terraço, onde são aclamados por uma multidão alegre e desenfreada. Pela primeira vez desde que a guerra começou, em 1914, as fontes dos jardins voltam a funcionar.

O marajá está feliz pelo fato de reunir-se com presidentes e homens de Estado durante as festas do armistício, primeiro em Paris e depois em Londres. “Magnificência oriental e conforto americano convivem no Savoy, onde o marajá ocupa o décimo andar”, escreve um jornalista inglês. “Quando lhe pergunto pelo auge do movimento nacionalista na Índia, o marajá responde que não gosta de falar de política.” Jagatjit Singh prefere enumerar as condecorações obtidas por seus militares, citar a promoção de seu filho Amarjit à patente de capitão e principalmente comentar o extraordinário reconhecimento que representa a concessão, por parte de Sua Majestade o Imperador, de um aumento de dois disparos de canhão na saudação oficial de Kapurthala. Assim, seu Estado sobe de categoria, passando de treze a quinze salvas. Uma grande honra, uma honra que o enche de mais satisfação do que se tivesse recuperado o dinheiro investido na guerra. Porque esses tiros de canhão são o símbolo indelével da superioridade de seu *status* na nobreza indiana.

Enquanto isso, Anita está em Málaga, amparando seus pais em sua dor. Mas não é a mesma de antes. Até então, a morte era para ela como uma desgraça que acontece com os outros, com as irmãs dos outros, com os pais e filhos dos outros, mas não com os seus. Essa súbita revelação, unida à dor que lhe causa a perda de sua irmã, à falta de alguém que lhe alivie a consciência, colocam-na em um estado de profunda melancolia. Talvez a vida seja isso, uma constante separação dos que se ama, até enfrentar a própria morte. Um rompimento constante. A guerra, com seu cortejo de morte e destruição, fez com que percebesse, pela primeira vez, a fragilidade e a brevidade da vida. Nem sequer pôde agradecer a Benigno Macías pela ajuda prestada a Victoria, porque também ele faleceu por causa de uma infecção nas pernas depois de ter sido atropelado por um caminhão militar. O acidente – estúpido, como todos os acidentes – aconteceu muito perto da casa de Victoria, provavelmente quando a visitou pela última vez. A notícia chegou de Londres, por meio do marajá. Desesperada, Anita busca consolo na religião. Diante de um altazinho improvisado em seu quarto com uma imagem da Virgem da Vitória e uma foto de sua irmã e seus sobrinhos, imagens dos gurus siques e um maço de varetas de incenso, abandona a si mesma, rezando a todos os deuses e tentando reencontrar um sentido para a vida. Imóvel, com o rosário entre os dedos e os olhos fechados, ausenta-se, buscando palavras de consolo entre tudo o que escutou de tantos sacerdotes, *pandits*, *mullahs* e monges que conheceu ao longo de sua vida.

Anita permanece na Espanha o tempo necessário para organizar o cuidado de seus

dois sobrinhos sobreviventes. Gostaria de levá-los para a Índia, mas sabe que não deve. Sua situação lá já é bastante difícil para complicá-la ainda mais. Então deixa-os por conta de seus pais, embora se comprometa a assumir todos os gastos. Se não fica mais tempo com os seus é porque a sensação de impotência por não ter podido fazer mais por sua irmã e o sentimento de culpa a martirizam. Por mais que tente tirá-los da cabeça, sente-se em parte responsável pela morte de Victoria, e isso dói ainda mais estando na presença de seus pais e de seus sobrinhos. Além disso, o marajá reclama sua presença em Londres.

A primeira coisa que Anita faz ao chegar à Inglaterra é visitar seu filho em Harrow. O menino prefere tocar saxofone e ouvir *jazz* a estudar. Passa de ano aos trancos e barrancos, de modo que o marajá ameaçou trocá-lo de colégio. Ajit opõe-se radicalmente, porque sabe que outro colégio será ainda mais duro. Sente falta da vida complacente e doce da Índia, e os invernos ingleses parecem-lhe intermináveis. Sua mãe passa horas tranquilizando-o e consolando-o, mas, ao despedir-se dele, fica com o coração partido e mal consegue reprimir as lágrimas. “Que tipo de vida é esta”, pergunta-se, “na qual nenhum membro da família é feliz porque todos estão separados e se sentem sozinhos?” Assim como outras vezes no passado, sente falta da vida simples de uma família normal, como a que teve quando pequena. Gosta de imaginar o que teria sido sua existência junto a alguém como Anselmo Nieto, por exemplo... Talvez menos interessante, mas no fim das contas mais feliz. Cada um tem seu karma, como diz Dalima. “Aonde me levará o meu?”, pergunta-se Anita, que pressente grossas nuvens no horizonte de sua vida.

Agora só pensa em voltar a Kapurthala. Nunca lhe aconteceu isso antes. E nunca pensou que algo assim pudesse lhe acontecer. Sempre se sentiu vivendo uma vida emprestada por seu marido, como se fosse a soberana de um vasto império de felicidade, mas edificado por ele e só por ele. Nunca encontrara realmente seu lugar. Porém agora quer voltar.

Durante aquela estada na Inglaterra, Anita começa a assustar-se com a voracidade do fogo que ela mesmo acendeu em seu coração. A verdade é que está obcecada por Karan. Quer estar com ele não por gosto ou por prazer, mas por pura e simples necessidade. Transformou-se em uma droga para ela. O amor que chegara a sentir por seu marido viu-se sempre cerceado pelo tratamento excessivamente paternal que este lhe dispensava e que acabou por estabelecer uma distância intransponível entre ambos. Karan é direto, e tão próximo que o sente na distância. “Talvez eu não saiba ser feliz”, pensa. “Rejeito o que tenho e prefiro o que não tenho. Será puro capricho?”

Não é capricho, é amor, acaba confessando, assustada pela magnitude da descoberta, sem querer pensar nas consequências. Essa força arrebatadora que sempre sonhara conhecer agora a arrasta e a faz perder a razão. “Insensata!”, diz a si mesma em seus momentos de lucidez. “Não posso me deixar levar assim. Será que perdi a cabeça?” Mas, depois, deixa sua mente flutuar no prazer do sonho e lembra da princesa Gobind Kaur, de cuja vida tediosa junto ao marido foi resgatada pela audácia e amor do capitão Waryam Singh. Como pareciam felizes naquela choça, livres das amarras do mundo, sozinhos um para o outro! Deixa-se levar pelo sonho louco de que Karan pode fazer a mesma coisa com ela, de que sempre existe uma saída para pessoas que se amam. Amores impossíveis que triunfam na adversidade... Os livros e as canções não estão cheios de histórias assim?

Sim, mas neste caso é diferente. Karan não é um estranho, é o filho do marajá. Isso deveria bastar para afastá-la de tão perigosa tentação. Quando para para pensar, convence-se de que é uma ofensa a Deus, que lhe deu a vida, e ao mesmo tempo é uma traição ao esposo. Pior ainda, é uma traição ao pequeno Ajit. Então afasta de sua cabeça a lembrança de Karan, porque é um amor incestuoso, impossível e fadado ao fracasso. Uma fonte de desgraças, de vergonha e de infâmia. Mas é difícil controlar as batidas do coração à medida que o trem se aproxima de Kapurthala, já de volta da Europa. Não quer pensar nele, porém, percebe-o nos traços de seu pai, sentado em frente a ela. Não há fuga possível. Quando descobre Karan na plataforma da estação, vestido de gala para receber o marajá junto à guarda real, os membros do governo e a orquestra do Estado, Anita quer disfarçar sua emoção, mas os olhos se perdem, como se o que está vendo não fosse real. Ao cumprimentá-la, Karan passa tão perto dela que chega a perceber a brisa de seu cheiro, respondendo a seu cumprimento com um sorriso.

Em Kapurthala há outra pessoa ferida pela guerra vivendo sua dor em silêncio. O amor secreto de Brinda, o oficial Guy de Pracomtal, morreu em combate na frente leste da França. Ela soube quando recebeu uma carta com uma moeda indiana usada dentro, uma recordação que Brinda lhe havia dado de presente em Paris. “Encontramos a moeda no bolso da camisa de Guy, quando jazia no campo de batalha, em meados de 1917”, diz a carta assinada pelo irmão de Guy.

Apesar da tristeza que a embarga, agora sabe que tomou a decisão adequada ao voltar para a Índia e casar-se com Paramjit. Se houvesse seguido o chamado de seu coração, agora seria uma pobre viúva estrangeira em um país devastado.

* * *

O cavalo. Galopar pelos campos. Deixar-se invadir pela sensação inebriante de

liberdade. Sonhar encontrar Karan em uma aldeia, em um caminho, em uma reunião de camponeses, nas quadras do palácio. E encontrá-lo. Sentir então nas veias uma chama sutil que percorre o corpo. O sonho se torna realidade e a vida deixa de ser um acúmulo de perguntas sem resposta. É como se tudo encontrasse sua ordem natural. Não há necessidade de palavras. Basta deixar-se embalar pela doce sensação de estar junto a ele. Os dias são preenchidos assim, com pequenos momentos, com tesouros íntimos, mais valiosos para Anita que todas as joias do marajá e do *nizam* juntas. Mas está entrando em um túnel sem luz ao fundo, e talvez sem saída.

* * *

– Tenho uma boa notícia para você, veja isto – diz-lhe um dia o marajá entregando-lhe uma carta oficial do Departamento de Assuntos Exteriores do Governo da Índia. Anita abre o envelope e a primeira coisa que lê, em negrito, é: “Reconhecimento da esposa espanhola de Sua Alteza o marajá de Kapurthala.” É uma nota oficial que diz que “Sua Excelência o Vice-Rei decidiu amenizar as restrições aplicadas a essa *‘particular lady’...*”.

– Viu como a chamam... *particular lady*?

Anita ri e depois continua lendo: “de modo que possa ser recebida por todos os funcionários em todas as ocasiões que desejarem”.

– Não posso acreditar! O que lhes passou pela cabeça?

– Continue lendo – diz o marajá.

– “Exceto pelo vice-rei e pelos governadores e vice-governadores.”

– Já estava estranhando! – diz Anita, visivelmente decepcionada. – Reconhecem, mas só um pouquinho, vai que eu os contaminao...

– É um avanço.

– Há alguns anos eu teria pulado de alegria. Hoje, para falar a verdade, tanto faz. Quando chega o vice-rei?

– No dia 14.

– Não se preocupe, *mon chéri*. Cuidarei para que tudo esteja em ordem.

“Quem o conhece, admira em Sua Alteza não só o governante eficiente e progressista, mas também o bom esportista, o homem culto, o anfitrião generoso e o amigo de coração.” Assim termina o vice-rei seu discurso depois do jantar de gala no palácio de Kapurthala. Um jantar que Anita organizou nos mínimos detalhes, mas ao qual não comparece. Seu marido pediu-lhe, como um favor especial, para não turvar as perfeitas relações que agora existem entre ele e os ingleses. Além disso, o vice-rei vem só, sem sua esposa, provavelmente para não causar problemas de protocolo. Doze anos depois de seu casamento, Anita janta sozinha, em seu quarto, como se

fosse uma estranha em sua própria casa.

Pouco depois, a visita de Clemenceau vem compensar um pouco o desgosto que a recepção do vice-rei lhe provocou. “Tivemos o enorme prazer de receber esse homem extraordinário e sua mulher em nosso palácio e desfrutar deliciosas semanas em sua companhia caçando feras e aves”, escreve Anita em seu diário. No banquete de recepção, o herói da França desfaz-se em elogios a Kapurthala, “berço da civilização no Oriente como Atenas foi no Ocidente”. Os dignitários e o próprio marajá enchem-se de orgulho.

* * *

As visitas, as personalidades importantes, a vida social... Pouco a pouco Anita vai se desinteressando de um mundo que sente que nunca lhe pertencerá. Continua cumprindo seu dever de fiel esposa europeia que organiza tudo, continua acompanhando seu marido nas viagens, mas o encanto e a magia evaporaram-se. Já não põe o coração nisso. As relações com o marajá continuam sendo cordiais, mas cada vez menos íntimas. Faz tempo que deixaram de se inspirar no *Kamasutra* para as noites de amor. Faz tempo que não há noites de amor. Anita suspeita que ele se relaciona com outras mulheres ou com antigas concubinas, e ela... Ela sonha em ser livre como um pássaro e passa tardes inteiras olhando pelas janelas de estilo mogol, as que dão para o norte, para as costas nevadas do Himalaia. Não tem mais remédio que conviver com sua solidão, porque de sua vida íntima – de seu amor proibido – não pode falar com ninguém. Acredita que sua fiel criada sabe de alguma coisa, mas não se preocupa, porque Dalima é a discrição e a lealdade em pessoa. E depois tem Ajit. Decidiu que não irá embora de Kapurthala antes de seu filho completar dezoito anos, a maioridade, para o caso de as outras esposas armarem um complô para deserdá-lo ou, pior ainda, para tirá-lo do caminho. As intrigas e as maquinacões diabólicas sempre estiveram na ordem do dia nas cortes da Índia. Anita não confia e não quer baixar a guarda. Percebe que, à medida que seu relacionamento com o marajá perde fôlego, Harbans Kaur vai ganhando terreno, pouco a pouco. Isso, unido às brigas cada vez mais frequentes entre os filhos, faz com que o ambiente no palácio chegue a ser irrespirável. As discussões entre Paramjit e Karan são tão violentas que frequentemente chegam a se pegar, e voam pelos ares travessas japonesas, relógios suíços e uma ou outra cadeira Luís XVI, diante da cólera do marajá, que não sabe como preservar a paz familiar. Seus filhos, principalmente esses dois, são diferentes em tudo. Ou melhor, tão diferentes quanto suas mães.

O resultado é que Karan expressa várias vezes seu desejo de ir embora. Então

Anita empalidece, seus olhos se turvam e não consegue articular as palavras. Ela também gostaria de desaparecer, mas com ele.

Os primeiros anos da década de 1920 são para Anita os mais intensos de sua vida. Mas não os mais felizes, se por felicidade se entende um estado duradouro de prazer e tranquilidade. Pelo contrário, são anos nos quais a paixão continua devorando-a, e com ela os sentimentos que a acompanham, como o medo, a vergonha, a insegurança e até o desespero. Mas também conhece instantes fugazes de suprema felicidade que de alguma maneira compensam todo o resto. Apesar de não ver como sair do labirinto em que se meteu, também não se vê capaz de controlar a enxurrada de sentimentos. Sabe que nada em águas perigosas, mas não se aproxima da margem para deter sua viagem. Talvez não possa; ou não queira.

Tem medo de delatar-se porque cada vez que cruza com Karan ou quando o encontra na sala de jantar para o almoço sente-se perturbada, acha que fica vermelha, interrompe a fala e um leve tremor se apodera de suas mãos.

– Você está bem? – pergunta-lhe um dia o marajá.

– Estou um pouco cansada, só isso... Descia para dizer-lhes que hoje não comerei com vocês.

Prefere esconder-se em seu quarto a pensar que estão lendo os sentimentos que afloram em seu rosto. Cada palavra, cada olhar casual e até seus gestos mais banais parecem-lhe semeados de armadilhas preparadas para descobrir seu segredo. Acaba de saber que o marajá está tratando do casamento de Karan com a filha de um príncipe sique. Um desastre. Karan opõe-se veementemente e diz que se casará no estilo europeu, com quem escolher, ou, senão, prefere ficar solteiro. Anita teme que o jovem acabe comprometendo a relação com o pai, e que isso acarrete seu afastamento definitivo.

Lá em cima, em seu quarto e em frente a seu altar cheio de deuses, a espanhola tenta acalmar-se e recuperar o juízo que perdeu. Como é possível que dependa tanto de um homem que ignora o que ela sente por ele? Toma consciência de que toda sua vida gira em torno de Karan. Anita calcula metodicamente seus movimentos, suas entradas e saídas e todos os seus deslocamentos para encontrá-lo, nem que seja só por um minuto, o tempo de se cumprimentarem em um corredor, ou de atender alguns convidados na hora do chá, ou simplesmente de vê-lo passar. Qual o sentido de viver assim, pensando nele como nunca imaginou que poderia pensar em alguém? Não encontra alívio, porque, quando está com o marajá, reconhece Karan nos gestos de seu marido. Têm o mesmo porte, a mesma maneira de falar e os mesmos olhos escuros nos quais Anita vê escrita sua perdição. Às vezes sonha em fugir, mas não é dona de sua vontade.

Então, acaba se rebelando contra si mesma, quer declarar guerra a esse intruso a quem não tem direito de idolatrar, tirá-lo da cabeça e curar a chaga secreta de seu coração. Percebe que está doente de amor, e não sabe como aplacar a dor que a dilacera por dentro. Arremete contra ele, e arremete contra si mesma, mas se esgota em vão. Quando Karan está presente, ela foge; e quando está ausente, não consegue se desprender da imagem de seu rosto. Sonha acordada que lhe diz “Eu o amo”, mas se aborrece por isso. É um amor malsão, que só pode trazer desgraça. Que desonra para seu marido e, pior ainda, para seu filho! Nos piores momentos de desespero chega a pensar no suicídio como a única maneira de livrar-se da tirania de seus sentimentos. “É realmente tão grande a desgraça de deixar de viver?”, pergunta-se sozinha. “Para infelizes como eu, a morte não assusta.” Depois se repreende por ter caído na tentação de pensar assim. “Que herança eu deixaria a Ajit! Durante toda sua vida carregaria o peso do pecado de sua mãe. Nada degrada tanto um homem quanto sentir-se intimamente envergonhado pela conduta de seus pais...”

O terrível é que tudo isso é ela mesma que se diz. Não poder compartilhar com ninguém o peso de sua consciência torna-se algo tão insuportável que a transborda. É como uma represa cheia de água e prestes a explodir. “Meu Deus, não sei para onde vou, não sei quem sou!”

Porém, apesar de si mesma, uma brisa de esperança acaba soprando em seu coração ao lembrar como Karan a olhara diretamente nos olhos, como a ajudara a descer do cavalo, como lhe roçara o pescoço com a mão ao aproximar-lhe o xale, o tom quente com que lhe desejara boa-noite... Então volta a reunir forças, esquece do inferno de sua mente e deixa-se levar pelo sonho, como se tivesse asas para fugir de uma situação impossível.

A oportunidade de romper o gelo com Karan apresenta-se durante uma viagem familiar à Europa, sem outro motivo que fugir do calor da monção. O marajá comprou uma mansão batizada com o nome de *Pavillon de Kapurthala*, localizada no número 11 da Route du Champ d'Entrainement, perto do Bois de Boulogne, um dos bairros mais seletos da capital francesa, e convida sua família para inaugurá-la. Paramjit fica na Índia, na qualidade de regente e máximo responsável pelos assuntos do governo. Assim, começa a se preparar para assumir a sucessão quando chegar a hora. Brinda, sua mulher, está grávida pela terceira vez. Depois de duas meninas, todos esperam que agora tenha o ansiado menino que garanta a continuidade da dinastia de Kapurthala.

Durante a travessia de barco surgem momentos de intimidade entre Karan e Anita que vão sedimentando sua amizade. Ela chega a lhe contar seus sofrimentos no que se refere a seu relacionamento com o marajá: seu sentimento de abandono, a solidão, o

tédio, o desgosto por sentir-se menos querida, menos desejada... Karan consola-a e lhe dá conselhos. Durante os longos entardeceres no convés do barco sentem uma vaga melancolia, uma necessidade de contar um ao outro coisas difíceis de dizer. Vivem a mesma emoção que sentem as crianças ao falar em voz baixa sobre assuntos proibidos. A atração pelo pecado que existe entre um homem e uma mulher jovens, mesmo que só de palavra, leva-os sem cessar a temas um tanto escabrosos. Deitados nas espreguiçadeiras, desfrutam profundamente o momento, como colegas que recordam suas primeiras aventuras. Anita fala do colégio de Málaga, de Anselmo Nieto, seu primeiro e único pretendente, de como o marajá se apaixonou por ela, da primeira noite de amor depois do jantar na Maxim's... Karan fala das concubinas que vinham ao palácio iniciá-lo nas artes do sexo, de sua posterior falta de interesse pelas mulheres indianas e confessa que viveu uma história de amor com uma inglesa enquanto estudava em Londres.

– A verdade é que só gosto das europeias – diz.

– Filho de peixe, peixinho é – replica ela, rindo.

Suas confidências e suas conversas de bons companheiros cativam Karan, que a observa com maior insistência, como se no rosto de Anita adivinhasse a verdade de seus sentimentos. Ela se deixa olhar com um sorriso, sem mover a cabeça, com os olhos perdidos e a fala lenta.

E em Paris, na primeira oportunidade em que se encontram sozinhos, acontece o inevitável. Como todas as noites, o marajá saiu para jantar, desta vez na casa de sua amiga, a princesa de Chimay. Anita não quis acompanhá-lo alegando uma forte enxaqueca. Precisa ficar sozinha, porque se sente um pouco aturdida por tanta vida social. Karan está há dois dias fora de Paris, convidado a uma caçada em Fontainebleau.

É noite, os criados se retiraram, só se ouve a passagem de alguma carruagem, o uivo de um cachorro na distância e o ruído do vento entre a folhagem das árvores do bosque. Deitada em um sofá e coberta com uma manta, Anita parece hipnotizada pelo fogo da lareira. Apesar de ser junho, faz frio, como se o outono tivesse penetrado de repente pelas frestas do verão. As fagulhas iluminam a enorme sala que ela mesma decorara com esmero. Deleita-se admirando sua obra: os medalhões de pão de ouro reluzem nas paredes como escudos, assim como as rosetas no teto emolduradas por guirlandas também douradas; as flores púrpura do tapete de Aubusson que recobre o piso dão ao conjunto um toque de conforto e voluptuosidade. A cômoda recoberta de seda vermelha de Damasco combinando com as cortinas, o enorme relógio de parede, os vasos chineses pousados sobre os consoles, os pés das duas mesas decorados com mosaicos de Florença e até as

jardineiras colocadas nos vãos das janelas evocam a opulência e o gosto da época. Do teto pendem três lustres de cristal que projetam reflexos azuis e rosa do fogo da lareira nos quatro cantos do salão. Anita adormece diante desse espetáculo de luxo e magia que é obra sua.

De repente ouve um ruído; num primeiro momento pensa que seu marido regressa, embora estranhe que o faça tão cedo. Depois, ao ouvir alguns passos, assusta-se e levanta-se; seu cabelo está desgrenhado e os olhos inquietos. A silhueta de Karan, iluminada pelo reflexo das chamas e pela luz esbranquiçada da lua que entra pelas janelas, recorta-se na escuridão do salão.

– Decidi voltar um dia antes... que tempo horrível!

– Estava adormecendo.

– Desculpe se a assustei.

Não há mais palavras. Quando Anita passa em frente a Karan para dirigir-se às escadas e subir para seu quarto, ele, com suavidade e firmeza, pega em sua mão. Ela dá um leve puxão para tentar tirá-la. Ambos olham-se como se não se conhecessem; em seus rostos desenha-se um sorriso forçado e um tanto envergonhado. Então Karan pega-a pela cintura e abraça-a. Anita finge que resiste, mas depois para de se mover e se abandona.

– Solte-me... – diz-lhe em um sussurro.

É o único som que sai de seus lábios. No grande silêncio da mansão, sente o chão tremer quando o ônibus que circula pela avenida Foch, puxado por cavalos, passa, enquanto sua boca se junta à de Karan no primeiro beijo de amor de sua vida.

Quando se separam, ficam calados por alguns instantes, em meio a um mal-estar mútuo, como se tentassem avaliar a enormidade do despropósito do que acabam de fazer.

– O que estamos fazendo é infame... – diz Anita com voz mal audível, grave; seu rosto parece ter envelhecido.

– Cedo ou tarde tinha de acontecer – responde Karan.

Então ele também viveu seu próprio calvário de amor, descobre Anita. Ele também teve de lutar contra essa atração fatal para depois se deixar arrastar de novo, sempre um pouco mais longe, até a traição final. Ele também deve ter se encontrado em meio a um vulcão que o acabou devorando! O amor que sentem é como um veneno que foi se espalhando. A partir dessa noite, Anita sabe que não há como voltar atrás e que o destino, que a persegue com rigor, continuará empurrando-a por um caminho do qual não poderá se afastar nunca mais. Não procurou por isso? Não quis assim? Não desejou isso mais que tudo no mundo? Agora o passo está dado, e é irreversível.

O amor triunfa à custa da fraqueza humana. Anita pressente que é só questão de tempo até que tudo estoure como um gigantesco fogo de artifício. Ou como uma bomba.

Na Índia, Karan continua vivendo no palácio de Kapurthala pela única razão de estar perto de Anita. Não fosse por isso, iria para longe, muito longe. Mantém-se firme contra seu pai, negando-se a se casar, algo que, em uma família indiana, é considerado uma afronta inaceitável. “Você não pode nos educar na Inglaterra como ocidentais e depois submeter-nos aos costumes arcaicos de nossa raça”, diz Karan em uma das discussões. Para o marajá, a força da tradição pesa mais que os argumentos ocidentais. Talvez seja pela idade, mas a verdade é que Jagatjit Singh se refugia cada vez mais em sua cultura. Não falta à leitura diária do *Granth Sahib* junto a seus oficiais e ministros e declarou publicamente que se arrepende de ter cortado a barba há alguns anos. Ou talvez seja pelo futuro incerto que a crescente atividade de Gandhi e do Partido do Congresso parecem pressagiar. Gandhi não se cansa de denunciar a pobreza do povo e lançou um *slogan* que bem pode marcar o fim de uma época: “Não cooperação”. Seus chamamentos para boicotar tudo o que é britânico – colégios, tribunais, honrarias – encontram um eco cada vez mais amplo entre a população. O perigo é que acabe com a ordem imposta pelos britânicos, inclusive com os marajás. Mas nem os nacionalistas nem casar Karan fazem parte de suas preocupações mais imediatas. Sabe que o tempo acaba erodindo os espíritos mais rebeldes e que seu filho acabará cedendo. O que o inquieta sobremaneira é que a dinastia de Kapurthala continua sem herdeiro. Na Índia, as mulheres não herdam o trono, exceto no sultanato muçulmano do Bhopal. O marajá espera ardentemente que desta vez Brinda lhe dê um neto, mas novamente nasce uma menina, a terceira. A nova ginecologista vinda de Goa, *Miss Pereira*, vem anunciar isso com lágrimas nos olhos. O que deveria ser um feliz acontecimento torna-se um pesadelo. Até a própria Brinda, quando a parteira lhe leva a recém-nascida, grita: “Leve-a para longe de mim”. Depois passa um dia inteiro chorando. Para ela, o drama é ainda maior, porque *Miss Pereira* lhe comunicou que as sequelas do parto difícil a impedirão de ter mais filhos. Paramjit, sempre melancólico, afunda ainda mais na depressão. Quando o marajá fica sabendo que o astrólogo do Estado vinha embolsando o dinheiro que ele lhe dava para as preces pedindo um herdeiro homem, manda-o prender sem julgamento e condena-o a um mínimo de três anos de prisão.

– Brinda – diz-lhe um dia o marajá, depois de tê-la convocado a seu escritório com seu marido –, sem dúvida você percebe a decepção que causou a meu filho e a mim por não ser capaz de nos dar um herdeiro.

Brinda assente com a cabeça, mas não responde. Ao inconsolável marajá resta disfarçar o desprezo que sente por sua nora.

– É preciso que você tenha um filho.

– Desejo isso, mas parece impossível.

O marajá pigarreia, preparando sua próxima frase. Mantém fresca em sua memória de elefante a deslealdade de sua nora quando lhe pediu ajuda para que Anita fosse aceita na família; não esquece que ela lhe fechou as portas na cara. Por isso não é nada delicado. Além disso, o assunto não admite dilação nem rodeios. O que pode ser mais sério e mais importante que a sobrevivência de sua linhagem e da Casa de Kapurthala?

– Tenho que lhe dizer uma coisa, Brinda. Se em um tempo razoável você não puder nos dar um herdeiro, será necessário que Paramjit tome outra mulher.

Brinda fica petrificada. Fecha os olhos por um brevíssimo instante. “Como pode me humilhar desse jeito?”, pergunta-se.

– Nunca aceitaria isso – replica ela.

– Você não tem escolha – insiste o marajá em tom glacial. – Você é uma mulher indiana e sabe que aqui é perfeitamente normal que meu filho tenha outra mulher, se assim o desejar.

– Ele não faria isso comigo – responde Brinda, com lágrimas nos olhos. Mas, pelo jeito como seu marido desvia o olhar, Brinda compreende que Paramjit fará sempre tudo o que seu pai lhe pedir. “Nesse exato momento, perdi todo o respeito que sentia por meu marido. Senti pena diante de sua fraqueza e sua falta de coragem.” Quando sai do escritório, agarra-se com força ao corrimão das escadas porque tem a impressão de que o mundo gira a seu redor.

Brinda não tem mais remédio senão engolir o golpe. “Esses reis indianos, acostumados a impor sua vontade há milhares de anos, principalmente às mulheres, continuam sendo uns déspotas medievais. De europeus têm só um leve banho”, pensa. Agora percebe o erro que foi ter enfrentado seu sogro. É muito poderoso e vingativo para tê-lo como inimigo.

Quando, depois de alguns dias, consegue se acalmar e organizar seus pensamentos, Brinda só vê uma saída para sua situação. Vai tentar uma última cartada para salvar seu casamento, sua família e sua posição. Decide ir à França e submeter-se a uma série de cirurgias que lhe permitam conceber de novo. São intervenções delicadas, com risco para sua vida. Mas está desesperada. Apesar dessa tênue luz no horizonte, internamente sente que o dano causado pela interferência de seu sogro em seu casamento é irreparável.

Anita também nota que seu casamento está agonizando, mas por outras razões. Faz tempo que o marajá não exerce seus direitos de esposo. Seu afastamento foi progressivo, mesmo antes de Karan começar a ocupar o coração da espanhola. Anita

vive em seus aposentos, separados dos do marajá por várias salas. Nunca entra no quarto de seu esposo sem anunciar sua chegada. Faz isso por respeito, mas também por medo de encontrá-lo com outra. E ele já não a surpreende em seu quarto, como nos primeiros anos, quando aparecia à noite no vão da porta antes de ela adormecer, como prelúdio de uma tórrida noite de amor.

Agora Anita está à espreita de outros passos, de outros movimentos e outros ruídos. Em Paris, depois de seu encontro amoroso, Karan e ela tiveram poucas oportunidades de se encontrar de novo sozinhos, e quando conseguiram foi sempre durante momentos fugazes. Seu relacionamento baseia-se em olhares trocados, leves roçares, palavras sussurradas no ouvido e beijos roubados. Também houve épocas em que Karan a evitou, como se de repente lembrasse que se tratava da mulher de seu pai.

Mas, quando voltam ao restrito mundo de Kapurthala, o contato diário faz com que seja impossível fugir da tirania do desejo. Essa convivência tão perigosa acaba ligando-os de uma maneira especial, como dois delinquentes que compartilham o segredo de um pecado que os arrasta em queda livre. Uma queda que Anita vê como uma necessidade provocada pelo tédio, como um prazer raro e extremo capaz de despertar seus sentidos adormecidos, seu coração ferido e sua juventude esquecida. Ama Karan com toda a força de sua alma, mas também sufoca-se em seu próprio desprezo, porque sabe que o que fazem é muito sujo, muito indigno. Anita debate-se entre o nojo que sente de si mesma e o prazer inominável de um amor que lhe parece um crime.

Um doce crime, que começaram em Paris e que continuam cometendo no palácio de Kapurthala, nos jardins, nas estufas e nos fortes e cenotáfios abandonados nos campos do Punjab. O primeiro encontro de amor acontece no quarto de Karan, depois de uma recepção na qual bebem e dançam até o último convidado ir embora. “Venha, eu a espero”, sussurra-lhe ele ao ouvido. E Anita corre a seu encontro, como se quisesse o mal, o mal que ninguém comete, o mal que vai preencher sua existência vazia e que a vai empurrar a esse inferno do qual sempre teve medo. E o faz sem vergonha alguma, mal se escondendo e esquecendo as precauções mais elementares de quem comete adultério. Da primeira vez é Karan quem a despe. Sabe o que faz, seus dedos ágeis correm em volta de sua cintura com uma sabedoria inata e antiga. Solta-lhe o cabelo, tira suas joias, rasga a seda de seu sutiã e desamarra as anáguas, uma após a outra. Ao vê-la nua, pega-a no colo e deposita-a em sua cama, e faz isso como se levasse uma obra de arte, ela tão branca, tão ardente, tão entregue e tão proibida...

Os amantes acabam encontrando um lugar mais seguro nas ruínas de um templo

hindu dedicado a Kali, a deusa da destruição. É um templo abandonado pelos homens e sequestrado pela vegetação, no meio do campo e a alguns quilômetros de Kapurthala. Como enormes serpentes, as raízes das árvores gigantescas aprisionam os muros de pedra lavrada derrubados. Escondidos em seu interior, imersos no estranho mundo das plantas que os cercam, parece-lhes que os cipós se abraçam com ternura a seus talos, que os galhos dos arbustos são os braços intermináveis de apaixonados que se procuram e se juntam em espasmos de prazer. É como se todo esse mundo que eles compartilham estivesse no cio. Anita e Karan, cheios de voluptuosidade, sentem-se fazer parte das poderosas núpcias da terra. Ao anoitecer, as folhas adquirem aparências confusas e equívocas, as cercas-vivas murmuram, os nardos suspiram extasiados e as *apsaras* – as ninfas celestiais esculpidas nas pedras do templo – sorriem para eles da eternidade. De repente, amam-se com a ternura de animais selvagens enquanto sentem que rolam para o crime, para o amor maldito. Entre as pedras milenares do santuário esquecido experimentam o amor várias vezes, como o fruto criminoso de uma terra muito quente, e com um medo surdo às consequências de seu terrível ato.

Apesar da tensão constante, Anita sente-se mais jovem, na plenitude de sua beleza. Essa relação proibida acende nela uma chama que brilha no fundo de seus olhos e aquece seu riso. O marajá percebe o renovado brilho no rosto de sua rani espanhola.

– Você está mais bonita do que nunca – diz-lhe um dia, dando-lhe um beijo no pescoço.

Ela se afasta com um pequeno grito, tremendo e tentando rir, mas pensando irremediavelmente nos beijos do filho, no encontro da véspera, entre *apsaras* de sorrisos ambíguos.

Quanto tempo o engano pode durar? A mais angustiada com a situação é Dalima, a fiel criada, testemunha de todas as artimanhas que sua senhora trama para encontrar-se escondida com seu amante. Desejando que um jogo tão perigoso acabe, não deixa passar nenhuma oportunidade para inocular o medo em Anita.

– Senhora, ouvi dizer que a viram cavalgar com o senhor Karan perto do templo de Kali.

– Quem lhe disse isso?

– Os cocheiros. Mas também o pessoal das cozinhas comenta. Senhora, tenha muito cuidado.

– Obrigado, Dalima.

O coração de Anita para quando se sente encurralada. Quando recobra por um instante a lucidez, diz a si mesma que o jogo tem de acabar, que é uma infâmia sem sentido e sem saída. Consegue contagiar Karan com o mesmo terror, e deixam de se

ver durante alguns dias. Então uma profunda melancolia se apodera de sua alma, e ela tem a impressão de que a vida foge de seu corpo e a abandona. Seus olhos, através das janelas do palácio, das persianas meio fechadas que projetam sua sombra rajada nas paredes e nos móveis, parecem estar à deriva, como uma barca no oceano, vazios e lânguidos. “Como é difícil lutar contra o amor!”, pensa. Incapaz de acabar com a voracidade do sentimento que a arrebatava, percebe que só o que pode fazer é deixar-se levar pela corrente. Que a vida decida por si mesma, que o curso dos acontecimentos lhe mostre, como um deus surgido das tempestades do céu, o caminho a seguir.

Nessa aflição, chega a esperar secretamente que Karan resolva tudo, que se torne o deus capaz de curar os males de sua alma. Porque, se ela é culpada, que dizer do filho? Sua traição é tão abjeta ou pior que a de Anita. Que tipo de homem é Karan, que, apesar de viver à custa de seu pai, critica-o; que, embora desfrute de uma posição privilegiada, ao mesmo tempo a despreza; que tem sangue de príncipe, mas o renega? Quem é esse homem preso entre dois mundos? Um inglês de pele acobreada de indiano? Um indiano com mentalidade de inglês, que só se apaixona por mulheres europeias? Presa de suas próprias contradições, Karan salta de um mundo a outro. Faz como todos, quer o melhor de ambos os lados, mas acaba afundado em uma terra de ninguém, em um espaço sem lei nem ordem, onde reina a traição.

Um dia, Anita conta-lhe da visita que fez à aldeia de Kalyam com Bibi, fala-lhe da emoção que sentiu ao conhecer a história da princesa Gobind Kaur e do capitão Waryam Singh e confessa que a imagem pacífica daquele casal será sempre para ela o símbolo do amor verdadeiro.

– Você seria capaz de fazer a mesma coisa, de me sequestrar e me levar para longe, para sempre?

– Meu pai nos caçaria por todos os lugares e não nos daria trégua até nos capturar. Tem meios para fazê-lo.

– Então... Não há esperança para nós, não é? – pergunta-lhe Anita com voz triste.

– Há. Mas não pode ser na Índia, aqui seremos sempre malditos. Tem de ser na Europa. Dê-me um pouco de tempo...

Mas o cerco se fecha. Pouco antes de partir novamente para Londres, o marajá dirige-se a Anita:

– Inder Singh disse-me que você foi vista cavalcando muito bem acompanhada pelos arredores do templo de Kali...

Anita sente um frio na espinha. Por um momento pensa que já foi, que ele sabe de tudo, que seu marido está preparando uma armadilha para descobrir a verdade. Mas a espanhola mantém o sangue-frio.

– Às vezes encontro Karan quando ele volta da inspeção dos campos e nos

divertimos apostando corrida com os cavalos... Não pode ser outra pessoa.

Consegue mentir dizendo a verdade. Pela expressão do marajá, sabe que se saiu bem. Desta vez não há armadilha.

– Não gosto que você ande por aí sozinha tanto tempo. Quero que saia para cavalgar com escolta. Pode acontecer um acidente, você cair do cavalo... E então quem a socorreria?

– Tem razão, *mon chéri*.

Os felizes 1920. Londres está mais alegre, o Savoy mais animado e as ruas mais cheias que nunca. Veem-se mulheres com o cabelo cortado *à la garçon*, outras fumando em público e todas com as saias mais curtas. Respira-se um contagioso ar de liberdade e descontração. Finalmente Londres esqueceu a guerra.

A primeira coisa que Anita faz ao chegar à Inglaterra é visitar seu filho. Prefere fazer isso sozinha, para aproveitar esse momento tão desejado.

– Ajit, meu menino, que vontade de vê-lo...

– Você está pálida, mamãe... – diz ele –, não está doente, não é?

– Não, meu amor, estou bem...

A ideia de que a tensão vivida reflita-se em seu rosto e seu filho a pressinta enche-a de inquietação. O que vai acontecer com Ajit se o escândalo estourar? Renegará sua mãe? Irá odiá-la? Um rapaz de quinze anos será capaz de compreender o que acontece? Quer afastar essas perguntas de sua cabeça porque são de mau agouro e fazem-na sentir-se mal consigo. Novamente invade-a uma sensação de desprezo por sua pessoa, a mesma que nos últimos tempos tem sido tão familiar.

– Tio Karan veio me ver – continua Ajit – e disse que vai ficar morando na Inglaterra.

Os olhos de Anita brilham. “Então é verdade, não me fez uma promessa vã, está procurando um jeito de ficar na Inglaterra...”, pensa, com o coração cheio de uma louca esperança. A mensagem de Karan, que lhe chega por meio de Ajit, anima-a. Já pode se ver morando em Londres muito perto de seu filho. E com Karan.

“Estarei ficando louca?”, pergunta-se depois, quando volta para junto do marajá para acompanhá-lo na romaria de eventos sociais de sempre: as corridas de Ascot, o campeonato de tênis de Wimbledon, os passeios pelos jardins de Kew, o chá na mansão de amigos aristocratas... Salvo as recepções da realeza, para as quais Anita não é convidada, ela o acompanha a todos os lugares. O marajá vai ao palácio de Buckingham com um de seus filhos para contemplar os presentes de casamento do rei Jorge VI e de sua noiva Isabel. O duque de Kent mostra-os com tanto entusiasmo que parece que ele é quem vai se casar. Como sempre acontece quando está na Europa, o marajá está radiante. A intensa vida social é um reflexo da renovada estima que os ingleses nutrem por ele. Nada pode deixá-lo mais feliz nesses tempos tão agitados, quando, mais do que nunca, os marajás precisam da proteção dos britânicos.

Karan faz parte do séquito do marajá, composto por umas trinta pessoas, como já é habitual. Ocupam o décimo andar do Savoy. Anita e o marajá dormem em quartos

separados por uma pequena sala e um corredor na suíte real. Karan tem seu próprio quarto, no fundo do corredor. É como se os costumes de Kapurthala houvessem sido transferidos para Londres.

Mas a vida noturna é diferente. Por toda a cidade brotaram clubes de música onde se ouve *jazz*, tango, ritmos latinos... Nunca houve tanta variedade como agora. Anita roga ao marajá que a deixe sair com Karan e seus amigos ingleses para ouvir música, quase como se fosse uma adolescente que pede permissão a seu pai. Invariavelmente, o marajá lhe concede esse prazer, enquanto ele opta por permanecer no hotel e deitar-se cedo.

Anita passa noites inesquecíveis que lhe lembram as de sua primeira juventude, quando saía com amigos de sua idade. Em um clube chamado O Anjo Caído, onde cinco músicos negros tocam como se estivessem possuídos por um estranho feitiço, Anita ouve o melhor *jazz* de sua vida. É uma música que agora a comove mais que o tango. A Camélia tem alma de *blues*, lânguida e triste, talvez por uma estranha premonição.

Nem ela nem Karan suspeitam que estão sob a vigilância de um fiel assistente do marajá, um sique chamado Khushal Singh, que passa as noites espreitando os movimentos do corredor do décimo andar do Savoy. Na última noite, depois de voltar do Anjo Caído, o assistente acorda o marajá à uma e meia da manhã.

– Alteza, é o momento – diz.

O marajá levanta-se, roendo-se de curiosidade e ao mesmo tempo alarmado pelo que está prestes a descobrir. Cobre-se com um robe de seda grená, calça umas alpargatas de pele de gamo e segue seu assistente pelo corredor fracamente iluminado, andando sem fazer barulho sobre o grosso tapete. Em frente à porta do quarto de Anita, Khushal Singh faz um sinal com a cabeça, pedindo permissão para abrir. O marajá assente. Dentro, tudo parece normal. As persianas estão meio fechadas, como de costume, porque Anita nunca gostou de dormir completamente no escuro. Sempre disse que tem medo. À primeira vista parece haver alguém dormindo tranquilamente na cama um pouco desfeita, pelo menos até que Khushal Singh, com um gesto decidido, arranca de uma vez os lençóis. O marajá arregala os olhos, tentando entender. Na cama não há ninguém, só um travesseiro colocado de modo que pareça que há uma pessoa ali. “Então é verdade”, pensa o marajá, as suspeitas de todos estão prestes a se confirmar. Agora entende o comportamento distante e frio de sua mulher, sua resposta morna quando se aventurava a lhe dar um beijo ou a pegar sua mão, seu olhar distante... Mas ainda falta o pior.

Parecem-lhe tão fortes as batidas de seu coração que teme que possam delatar sua presença enquanto se aproxima, agora com passos vacilantes, do fundo do corredor,

onde estão os quartos de seus filhos. Khushal Singh indica o de Karan. O marajá cola a orelha na porta e deve ter ouvido alguma coisa através dela, porque imediatamente faz um sinal a seu assistente, que bate discretamente com os nós dos dedos. Depois de um momento que parece eterno, Karan entreabre a porta e vê-se diante de seu pai, muito furioso para falar, muito ferido para reagir. Sem perguntar nada, o marajá empurra a porta e abre-a totalmente. A cama está desfeita. Anita está sentada em uma poltrona em frente ao console, vestida como quando a viu pela última vez, há algumas horas, quando foi lhe pedir permissão para ir a O Anjo Caído.

Faz-se um silêncio terrível. Anita não abaixa a cabeça nem desvia o olhar, continua observando seu marido com os olhos arregalados, rígida como uma estátua, em um desafio mudo. Karan, por outro lado, com a cabeça baixa e os ombros abatidos, parece esmagado sob o peso de sua própria infâmia. O marajá, fulminado pelo golpe que o fere ao mesmo tempo como pai e como esposo, não dá nem mais um passo e fica em pé, lívido. Tem o olhar ardente, como se quisesse queimá-los com o fogo de seus olhos.

Depois de um interminável silêncio, o marajá dirige-se a seu filho, sem erguer a voz:

– Vá embora. Não quero tornar a vê-lo. Não sei como pude engendrar um filho tão pérfido.

– Estávamos conversando um pouco – balbucia Karan. – Acabamos de voltar... Não pense que...

– Saia daqui. Saia antes que o mande expulsar à força.

Anita fecha os olhos, esperando sua vez. Mas não ouve nada: nem insultos, nem o som de nenhum tipo de luta. Só ouve os passos de Karan afastando-se pelo corredor, como se fossem as batidas de seu coração que a abandona. Quando torna a abri-los, está sozinha. Os três homens foram embora. Não puxaram a navalha, como teriam feito em Andaluzia, pensa. Não houve insultos, nem gritos, nem violência, exceto a fúria contida do marajá. Nas trevas, ouve apenas o barulho distante da sirene de uma barça sobre o Tâmis, misturado com um fio de música que sobe do bar do hotel, ou talvez da rua. Acabou o drama? Seu crime, os beijos furtivos, as noites no templo de Kali, o amor maldito que a consumiu durante meses vai acabar desse jeito tão inosso, abjeto e vergonhoso? Seu marido nem sequer se dirigiu a ela, no cúmulo do desprezo. E o silêncio que reina a seu redor, um silêncio de sirenes de barco e de falsa paz, espanta-a ainda mais que o ruído de um crime.

Quando vira a cabeça, enfrenta sua própria imagem refletida no espelho. Parece surpresa ao se ver, e de repente esquece-se de Karan e de seu marido, preocupada com a estranha mulher que tem a sua frente. “Devo estar louca”, pensa. Seu cabelo cortado à última moda parece-lhe obsceno, as rugas que se desenhavam em seu rosto são mais profundas que de costume, a palidez de seus lábios a surpreende e seus olhos

parecem mortos. Como está velha! E que vergonha tem de si mesma, que desprezo sem limites sente de si! Não tem vontade de mentir, gostaria de confessar tudo e pelo menos uma vez ser livre como um pássaro, mas é obrigada a se defender como uma leoa, obrigada a continuar com a mentira de Karan, mesmo que só para defendê-lo.

Quando lhe perguntarem, dirá que queriam ir tomar uma última taça no bar do hotel, mas, como estava fechado, decidiram conversar um pouco no quarto, e isso foi tudo.

Segundo Jarmani Dass, ministro de Kapurthala e homem de confiança do marajá, presente naquela noite no Savoy, “o marajá não dormiu a noite toda e, ao amanhecer, retirou-se para seu quarto e pediu ao coronel Enríquez, um militar britânico que havia sido tutor de seus filhos e a quem mantinha em seu séquito, que preparasse imediatamente os documentos para se separar da espanhola”. Não fosse pela intervenção de Ali Jinnah, um advogado muçulmano que acabaria sendo o fundador do Paquistão, hospedado no mesmo hotel com sua mulher, Rita, é bem provável que o marajá tivesse mandado Anita de volta para a Espanha naquele mesmo dia sem dinheiro e sem pensão. Mas Jinnah e Rita são amigos do casal.

– Não se precipite – adverte o muçulmano. – Seria um escândalo que não só prejudicaria a você, mas também aos outros príncipes. Você está prestes a cometer uma loucura.

Por esses dias acaba de acontecer em Londres o julgamento contra Hari Singh, marajá de Caxemira. Esse homem timorato e tranquilo, casado com uma indiana, proprietário de um avião cujas asas são arrematadas em prata e dono de pérolas tão grandes quanto ovos de codorna, comportou-se como um perfeito ingênuo ao apaixonar-se perdidamente por uma inglesa que na verdade quis extorquir metade de sua fortuna. Durante o julgamento, e para evitar o escândalo, o marajá tentou se esconder sob um nome falso, mas os perdigueiros da imprensa britânica revelaram sua verdadeira identidade. Seu caso transformou-se no prato preferido da sociedade, de Londres a Calcutá. O resultado é que foi ridicularizado e vilipendiado com sanha, e os inimigos dos príncipes estão utilizando o caso para desprestigiar todos os marajás. Além disso, adverte-o Jinnah, acabam de descobrir na Índia que o rajá de Limdi, que todos parabenizaram por gastar 150 mil rupias do orçamento de seu estado em educação, na realidade usou esse dinheiro exclusivamente na educação do príncipe herdeiro. Também foi publicado o orçamento do Estado de Bikaner, revelando estranhas prioridades: casamento do príncipe: 825 mil rupias; obras públicas: 30 mil; reparações de palácios: 426.614 rupias. Diante dessa situação, Jinnah adverte o marajá de que outro escândalo na casa de Kapurthala seria nefasto.

Jinnah continua argumentando que nem a informação de Khushal Singh nem o fato de tê-los surpreendido no mesmo quarto indicam de maneira irrefutável que houve infidelidade.

– Você não tem direito de repudiar sua mulher, com quem está legitimamente casado, sem uma prova concreta e definitiva de sua infidelidade – diz ao marajá na presença de Dass. – Ela e Karan têm a mesma idade, são amigos, saíram juntos várias noites para ouvir música com os antigos colegas de Harrow, mas isso não quer dizer

que mantenham um *affaire*. Além disso, eles negam categoricamente.

– E o travesseiro na cama, para parecer que estava dormindo?

– Criancice... para enganar o serviço de quarto. Devia querer conversar ou tomar uma última taça com Karan, não significa nada de mais.

Jinnah é hábil e consegue tranquilizar o marajá, que no fundo deseja não acreditar no evidente. O choque é tão grande que quer ardentemente que não seja verdade. A dúvida que Karan semeou em sua alma ao negar que mantém um relacionamento amoroso com Anita é como uma brecha onde encontra refúgio. “Estavam vestidos, e ela do mesmo modo que umas horas antes, quando veio se despedir. Será verdade o que dizem, que estavam conversando um pouco no quarto antes de irem se deitar?” O marajá consegue acreditar no inacreditável porque tem um medo enorme do escândalo. A verdade é que a influência pacificadora de seu amigo Jinnah, unida à dúvida semeada em seu coração, fazem com que no dia seguinte veja tudo com outros olhos. Portanto, não toma nenhuma decisão drástica, exceto a de enviar seu filho de volta à Índia.

– Até segunda ordem, não quero que você torne a pisar em Kapurthala – diz-lhe.

– Você vai morar em Oudh e lá cuidará dos negócios familiares.

Karan não se rebela, não sai do quarto batendo a porta. Não discute. Pelo contrário, comporta-se como um bom filho indiano, dócil e submisso. Talvez pela primeira vez tenha visto de perto a possibilidade de perder seus privilégios, e isso lhe deu medo... O que faria sem o dinheiro de seu pai, sem o título de príncipe, sem o *pedigree* que o distingue dos outros mortais e que lhe permite fazer parte de um mundo que sente como próprio? Seria um simples engenheiro agrônomo com ideias progressistas e revolucionárias, mais um membro da incipiente classe média indiana que milita no Partido do Congresso. Seria um homem de verdade, levando uma vida de acordo com suas ideias. Mas isso lhe causa vertigem. Nada é mais difícil do que abandonar os privilégios. Karan não é feito da mesma fibra que sua prima Bibi Amrit Kaur, transformada na sombra de Gandhi.

O marajá acrescenta, antes de o jovem sair do quarto:

– E você se casará em setembro. Começaremos a preparar seu casamento assim que voltar.

Karan ergue os olhos e encontra o olhar altivo e frio de seu pai. Está prestes a dizer alguma coisa, mas opta por calar-se.

O marajá regressa à Índia com Anita dias depois. A espanhola está melancólica, sem vida, e mal sai de seu camarote durante a travessia. Ficou sem Karan e sem Ajit, e volta para um palácio grande e vazio para ver a vida passar sem vivê-la. Salvou sua posição e seu casamento, mas o que lhe importa isso agora? Volta para proteger Karan e também por seu filho. Seu corpo volta, porque seu espírito parece estar flutuando em algum lugar, em um lugar que só ela conhece, longe de tudo, onde

ninguém pode se imiscuir.

Assim que volta a Kapurthala, Anita cai doente. Certa de que se trata de uma infecção causada pela formação de novos cistos nos ovários, fica de cama, disposta a seguir o mesmo tratamento que da outra vez. O dr. Doré já lhe havia avisado que era uma doença recorrente, mas ela preferiu esquecer. Apesar da devoção com que Dalima cuida dela, Anita não melhora. Tem dores, vômitos e náuseas constantes. A enorme *Miss* Pereira, a nova ginecologista do hospital de Kapurthala, vai vê-la, seguindo as ordens do marajá. Leva uma maleta com uma cruz vermelha e vai acompanhada de uma enfermeira. As palavras que pronuncia depois de examiná-la retumbam na cabeça de Anita como uma bomba.

– Você está grávida – diz-lhe em um português com forte sotaque de Goa. – Parabéns! Vou cumprimentar Sua Alteza...

Anita fica petrificada, mais pálida ainda: “Grávida! Meu Deus, não!”.

– Não, por favor, não diga nada – pede-lhe antes que vá embora.

– Tenho que dizer, madame... A senhora não se preocupe e faça repouso.

Anita não insiste mais, tem consciência de que já não pode deter o curso dos acontecimentos. Agora sim o escândalo é inevitável. Já não pode proteger ninguém, nem Karan, nem seu filho, nem ela mesma. Seu próprio corpo delatou-a. A única saída é continuar mentindo, dizer que está grávida de outro para proteger Karan... Mas de nada vai servir. Sabe que está prestes a se tornar a protagonista de um dos maiores escândalos da Índia inglesa. Como seus inimigos vão ficar felizes! De repente, está dando razão a todos os que sempre a viram como uma *spanish dancer*, uma garota sem retidão nem senso moral: uma aproveitadora. O capricho de um rei de mentirinha que se frustrou: “Claro, eu sabia...”, dirão as damas inglesas, que sempre a olharam por cima do ombro.

Mas desde quando lhe importa o que dizem? No fundo, nunca se importou, e por isso sobreviveu nessa sociedade tão irreal. O que mais a entristece é o dano que o escândalo vai causar ao marajá, tão zeloso de sua reputação. Será um dano irreparável, seu marido se tornará o bobo da corte de seus rivais e a odiará por isso. Agora, através da lente de sua desventura, percebe com uma insuspeitada nitidez que dezessete anos de casamento deixam marca. Não foi em vão que superaram juntos as incompreensões cotidianas e brigas passageiras, e que também compartilharam momentos gloriosos de cumplicidade conjugal. Resta o sedimento do amor. Por isso sente uma dor infinita por seu marido.

Então espera a visita do marajá e imagina-o entrando pela porta, fora de si, insultando-a e ameaçando-a como ela merece. Mas seu marido não aparece. Passam

os dias e ele não vem. Recebe apenas a visita de Inder Singh, o elegante cavalheiro sique, seu velho aliado.

– Sua Alteza manda dizer-lhe que de agora em diante a senhora viverá em *Villa Buona Vista*, até que os papéis do divórcio fiquem prontos. Tenho ordens de mandar para lá seus móveis e suas coisas.

– Quero falar com Sua Alteza.

– Receio que ele não queira, madame...

“O marajá nunca gostou de confrontação, nisso é como todos os indianos”, pensa Anita. Mas ela não está disposta a deixar que isso acabe assim, sem uma palavra. Espera ficar sozinha, e, ao cair da noite, quando sabe que o marajá terminou de jantar e dirige-se a seus aposentos, surpreende-o no alto da escada, perto de seu quarto.

– Alteza...

Jagatjit Singh vira-se. Parece mais alto que antes, mais digno e mais aristocrático ainda, com um turbante azul-marinho e uma camisa abotoada até o pescoço. Seus olhos pretos brilham na escuridão como contas de azeviche.

– Só queria vos dizer que... – Anita aponta para seu ventre enquanto balbucia – não é de Karan. Foi... foi com um militar inglês...

O marajá olha-a com um misto de desprezo e raiva contida.

– Suas palavras já não têm nenhum valor para mim. Nunca poderei acreditar no que você diz.

– Alteza, eu juro...

– Não jure em vão. Tomei uma série de medidas preliminares até nossa separação definitiva. A primeira é que não quero que você viva sob o mesmo teto que eu. Você se mudará para a *Villa* amanhã mesmo.

– Vós me castigais com uma solidão ainda maior.

– Você mesma se castiga com seu comportamento irresponsável e escandaloso, indigno de tudo o que fiz por você.

Faz-se um silêncio longo e espesso como o ar quente que entra pelas janelas do palácio.

– Tendes razão, Alteza... E, embora saiba que é inútil, peço-vos perdão de todo o coração.

Como se não a ouvisse, o marajá continua, em um tom pausado, mas firme que não admite discussão:

– A segunda medida é que você deve abortar.

Anita sente como se lhe cravassem um punhal no coração. Incapaz de articular uma palavra sequer, ergue o olhar para seu marido, suplicante, mas encontra uma pedra dura e glacial. Desfazer-se do filho que carrega, fruto do único amor de sua vida, um amor total que a enlouquecera: esse é o verdadeiro castigo. De sua paixão por Karan não restará nada, exceto as lembranças. Anita não tem outra opção senão

se resignar, com o coração partido, a alma ferida e o corpo mortificado. A vida sempre cobra, e agora é sua vez de pagar por tanta loucura e infâmia. “É justo”, pensa.

– Entendo-vos, Alteza, e acato vossa decisão.

– A terceira medida é que você abandonará a Índia para não voltar nunca mais. Não tenho mais nada a acrescentar.

– Alteza...

O marajá dá meia-volta.

– Queria dizer-vos que... que eu nunca teria deixado de cumprir meu dever de esposa se antes vossa Alteza não tivesse deixado de cumprir o seu como marido. Eu me senti muito abandonada. Nada mais.

– Não há justificativa para o que você fez. De nada adianta que se faça de vítima.

O marajá retira-se para seus aposentos. Anita, cambaleando, apoia-se no corrimão de teca da escada. Embaixo, no *hall* de entrada, estão pendurados os retratos dos filhos do marajá. Vestido de gala, Karan parece olhá-la da penumbra.

* * *

Como tudo parece longe na memória...! Anita encontra-se novamente em seu antigo quarto da *Villa Buona Vista*, onde no começo de seu casamento passou momentos tão felizes, onde descobriu a doçura da vida na Índia e onde deu à luz Ajit. Agora volta, mas vencida e humilhada, para livrar-se do filho que carrega. Imagina todo tipo de solução para evitar o aborto. Pensa em fugir, em solicitar o amparo das autoridades britânicas, em denunciar a coação do marajá... Fica tão desesperada que contempla o suicídio como a mais doce das saídas, como a melhor maneira de expiar seus pecados. Não é a primeira vez que essa ideia lhe passa pela cabeça. Chegou a se sentir tão presa, tão pouco dona de seu destino e tão deprimida que teve vontade de sucumbir à tentação. Mas depois pensou em Ajit e encontrou forças para continuar.

Agora carece de energia para lutar. Se moralmente tivesse razão, talvez. Mas não tem, por mais que tente justificar seus atos. Isso é o pior, saber-se culpada. Odiar o próximo é fácil, e até pode ser um alívio. Odiar a si mesmo é muito pior: é um sofrimento insuportável. Tem a impressão de que não merece nem o ar que respira. Se não merece a vida... para que se obstinar em defendê-la? Amou com todas as suas forças, e não é possível vencer o destino. Então percebe que só o que pode fazer é deixar-se levar pela corrente e abandonar-se nos braços da Providência. “Que seja o que Deus quiser... tanto faz viver ou morrer!”

A temida visita de *Miss Pereira* acontece finalmente depois de alguns dias solitários e

lânguidos que Anita passa na varanda. O calor é opressivo, com uma alta porcentagem de umidade, um calor que cansa os homens e derruba os animais. Já não há *purkas* na casa; seus amigos ventiladores humanos foram substituídos por ventiladores elétricos pendurados no teto. Kapurthala sempre com o progresso... O lento movimento das pás ao girar tem um efeito hipnótico que é como um bálsamo para Anita.

A doutora não está com a voz cantante e o ar alegre da visita anterior. *Miss* Pereira continua sendo igualmente gentil, mas seu semblante é grave. Repugna-a ter de cumprir a exigência sinistra do marajá, mas quem é ela para discutir suas ordens? Na tradição indiana, herdada dos mogóis, é permitido abortar até o quarto mês de gestação, embora só em casos excepcionais. A partir desse momento, os juristas islâmicos do império mogol – os primeiros que legislaram sobre o aborto – determinaram que a alma começa a envolver o feto e que este se torna um ser humano. Anita sabe que está de três meses porque nunca poderá esquecer aquela tórrida noite de amor nas ruínas do templo de Kali. Quando relembra aquele gozo da alma e do corpo, aquele brilho de felicidade pura, consola-se dizendo que valeu a pena. Mas, quando pensa que o fruto dessa paixão vai ser sacrificado no altar das convenções sociais, não encontra palavras para expressar sua desesperança. Brincou com fogo, sempre soube, e agora tem que se queimar. Não se pode desafiar impunemente a deusa da destruição.

Miss Pereira e uma enfermeira, com a ajuda da aterrada Dalima, que parece que vai assistir à execução de sua senhora, organizam metodicamente as bacias, os baldes de água, as gazes, os unguentos, os remédios e os instrumentos. Fazem tudo com circunspeção, como se estivessem preparando um obscuro cerimonial pagão e violento.

O grito que sai da garganta de Anita quando sente o frio aço revolvendo-lhe as entranhas é tão desesperador que no andar de baixo os criados ficam imóveis, os jardineiros e os pavões erguem a vista para a casa, os camponeses dos arredores abandonam seus trabalhos, atônitos, e até os pássaros que revoam nos olmos da margem do rio emudecem. O eco de seu grito invade os campos e as aldeias, e, segundo o povo, chega até o palácio onde Jagatjit Singh, sozinho na imensidão de seu escritório, chora em silêncio pelo amor perdido.

Apesar dos esforços de *Miss* Pereira por contê-la, a hemorragia que o aborto provoca em Anita esvazia-a de seu sangue até deixá-la exausta, como um trapo. Seus lábios estão azuis e os olhos quase vazios. Fica tão fraca que a médica se assusta e manda que a levem ao hospital de Lahore. Mas passam as horas e ninguém vem buscar a

paciente, que piora minuto a minuto. No fim das contas, o caso é que o marajá se opõe. Não quer ter que dar explicações aos médicos do hospital porque isso representaria dar asas para o escândalo. Acabaria sendo alvo de todos os falatórios e maledicências. De Lahore a Délhi, de Londres a Calcutá, o mundo inteiro acabaria sabendo que sua mulher se apaixonara por seu filho. Que vergonha! Anita nunca se importou com o que os outros dizem, mas o marajá sim, e muito. Sua reputação é, talvez, seu bem mais precioso.

Sozinho na penumbra de seu escritório, o marajá pondera sua decisão. Tem consciência de que sua vaidade pode custar a vida da que ainda continua sendo sua mulher. “Por acaso ela não merece?”, diz a si mesmo, em um arroubo de raiva. Com ela morreria o escândalo. Não é essa a melhor solução?... Ao marcar as horas, os cucos dos relógios parecem emitir sons de morte. A cólera que lhe turva o pensamento vai deixando lugar para a dúvida: “Já não a castiguei bastante?”, pergunta-se; depois vêm as recordações, o sedimento do amor compartilhado durante tantos anos, os ensinamentos impregnados de humanidade dos grandes mestres do siquismo. E então Jagatjit Singh volta atrás.

– Levem-na imediatamente para Lahore! – ordena. – De Rolls, assim chegará mais depressa!

Anita chega mais morta que viva ao hospital, onde permanece sob a vigilância constante dos médicos que, pouco a pouco, conseguem devolver-lhe as forças. Ao fim de alguns dias, assim que se recupera, mandam-na de volta à *Villa Buona Vista*, sempre sob a supervisão de *Miss Pereira*.

Mas a ferida que parece não ter cura é a moral.

– Desça as persianas – diz a Dalima –, não suporto tanta luz.

– Mas já estão abaixadas... Não vamos ver nada.

– Por favor, feche-as completamente.

Pouco a pouco, Anita desliza para a depressão. Primeiro sente aversão pela luz; depois pelo barulho. Qualquer som parece-lhe uma agressão insuportável. A tristeza a acorda, mas não levanta da cama, e, quando o faz, nem sequer se veste. Não se reconhece quando se olha no espelho. Profundas olheiras acentuam ainda mais sua palidez esverdeada. Está magra como um junco porque mal come. O marajá não a visita, e de Karan só sabe por Dalima que está prestes a se casar. “Ele cedeu”, pensa Anita sem raiva nem rancor. Assim é a vida na Índia, Karan fez sua escolha. Entre ela e seu clã, escolheu o segundo. Não pode lhe cobrar nada, ela provavelmente teria feito a mesma coisa em sua situação. Entre a loucura e o bom senso, Karan escolheu o bom senso. E ela que pensava que viria sequestrá-la, assim como fez o capitão Waryam Singh...! “Eu acreditei em meu próprio conto de fadas”, pensa. “Que

ingênua!”

Só lhe resta o carinho de Dalima. Com os anos, a cumplicidade vivida criou um vínculo afetivo muito sólido entre ambas. Além do mais, Dalima é tudo o que lhe resta do amor de Karan, e sua simples presença a faz lembrar momentos de júbilo e gozo mortos para sempre. Nessas horas de fraqueza, Anita se comove com a fidelidade de sua criada, cujo bom coração parece entender e perdoar tudo. Do fundo de seu arrependimento, sente-se agradecida a ela por ter permanecido fiel a seu lado enquanto foi testemunha de sua vergonha e por ter sabido reprimir a repugnância que deve ter sentido. Novamente, os cuidados respeitosos e tranquilos de Dalima são sua tábua de salvação.

Passam-se as semanas, e depois os meses, mas Anita não se recupera. Seus lábios arroxeados, sua pele translúcida como se fosse de porcelana, que permite ver as veias azuis, e os círculos em volta dos olhos, que apagam seu olhar e ressaltam sua branca palidez, são sinais de um mal que *Miss Pereira* se vê incapaz de curar. De modo que solicita a presença de outros médicos. O diagnóstico a que chegam fala de uma espécie de anemia: “Complicações de estado interessante com pobreza no sangue”, dizem. Como tratamento, sugerem que a paciente fuja do calor de Kapurthala e procure o ar vivificante das montanhas, e se submeta a uma dieta rica em *dal*,²⁹ em carne e em laticínios.

Mas Anita não tem nem o ânimo nem as forças necessários para organizar uma viagem às terras altas. Para onde ir? Para Mussoorie, tão cheio de recordações e onde provavelmente estão as outras esposas de seu marido? Para Simla, na casa de algum amigo, a quem terá que dar explicações? A simples ideia de sair dali parece-lhe tão difícil quanto atravessar o Himalaia. Prefere a escuridão de seu quarto e o silêncio da *Villa*.

Mas ela não decide sua sorte. Os médicos foram vê-la por ordem do marajá, e ele é quem toma as medidas que considera mais oportunas. Decide esperar a visita anual de seu filho Ajit a Kapurthala para organizar a convalescência de Anita.

– Hari Singh, o marajá de Caxemira, colocou à disposição de sua mãe um palácio em Srinagar, às margens do lago – diz a Ajit. – Quero que você cuide de instalá-la nas melhores condições.

Nada parece unir tanto os marajás quanto a humilhação de serem vítimas de um escândalo. Hari Singh, cuja reputação sofreu um duro golpe com o caso de sua amante inglesa, corre a ajudar seu amigo. Jagatjit Singh não conseguiu abafar o escândalo, que se tornou público muito a seu pesar. Até na França foi publicado um artigo com o título: “UMA FEDRA HINDO-ESPANHOLA”, aludindo à famosa tragédia grega na qual a esposa do rei se apaixona por um de seus filhos. Mas não o

afetou tanto quanto temia. Pior teria sido perder Anita para sempre, porque isso não se perdoaria jamais. No fim, estava com a consciência tranquila.

Quando vê Ajit entrar em seu quarto, Anita começa a reviver. Como ela diz, em seus dezessete anos, Ajit é “um rapaz ousado”, atencioso e solícito. O garoto não faz perguntas; ama muito sua mãe para julgá-la ou criticá-la. Quando ela, em uma tentativa de explicar o que acontecera, começa a falar, ele coloca o dedo sobre os lábios dela. Não quer ouvir nada, não quer saber mais do que sabe, não quer ver sua mãe ainda mais humilhada. O que aconteceu não é problema seu e agora a única coisa que importa é ajudá-la a organizar a difícil mudança. “Você é meu melhor remédio”, diz Anita a Ajit.

Anita passa três meses no palácio de Caxemira, em companhia de Dalima e de vinte criados. A pureza do ar, a beleza do lago, a abundância de flores, as montanhas nevadas e principalmente o fato de estar longe de Kapurthala devolvem-na lentamente à vida.

– A primeira vez que veio nos ver, em sua lua de mel – lembra-lhe Hari Singh em uma de suas visitas –, você me disse que Caxemira é tão bonita que parece impossível que “alguém possa se sentir infeliz aqui”.

– Eu disse isso?

– Sim, disse. Achei graça e ficou gravado em minha cabeça. Por isso convidei-a agora, assim que Jagatjit disse que você não estava bem e que precisava do ar das montanhas.

– Agora me lembro – diz Anita. – Você me disse que podia considerar este palácio como minha casa. Nunca pensei que você falava sério.

* * *

O homem que tem o poder de destruí-la, que poderia devolvê-la à penúria em que vivia quando a conheceu, o príncipe com poder de vida e morte sobre seus súditos, o marido enganado que poderia alimentar insaciáveis desejos de vingança é, porém, um homem generoso que a trata sem rancor e sem maldade. Quando tem certeza de que sua mulher espanhola recuperou a saúde, convoca-a a Kapurthala para assinar o acordo de separação. É a penúltima vez que Anita pisa em *L'Élysée* e o faz com o coração apertado. Cada canto, cada móvel e cada quarto contém uma recordação, como se fossem porta-joias cheios das joias de sua vida. Ao cruzar o pavilhão de entrada, parece estar ouvindo os gritos do pequeno Ajit correndo pelo jardim. No patamar da escada, vêm-lhe à memória os dias de comemoração e glória, como o

casamento de Paramjit, ou as visitas dos governadores que ela organizava com tanta devoção e meticulosidade. E o cheiro, o cheiro de nardo e de violetas que entra pelas janelas do jardim, misturado com o das madeiras nobres do piso e o das varetas de incenso que os empregados do governo acendem no porão, um cheiro que encerra, mais que qualquer outra coisa, todas as sensações e recordações de sua vida na Índia.

No escritório do primeiro andar o marajá, seu ex-marido, a espera. Nada resta da tensão do último encontro, no corredor, quando as feridas estavam abertas.

– Ajit me manteve informado sobre sua convalescença e fico feliz por vê-la bem novamente.

– Obrigada, Alteza.

Há um longo silêncio, que Anita interrompe pigarreando. O marajá continua:

– Fiquei muito preocupado com sua saúde. Eu não queria ter ido tão longe, mas não tive escolha.

– Entendo, Alteza. Eu também sinto muito pelo que aconteceu e de novo peço-vos perdão...

– Preparei isto... – diz o marajá, mostrando um envelope com o timbre da Casa Real de Kapurthala.

Anita se sobressalta. Sabe que nesses papéis está seu futuro.

– Prefiro lê-lo em voz alta, diante de testemunhas.

O marajá faz entrar o capitão Inder Singh e Jarmani Dass, seus homens de confiança; ambos perguntam gentilmente a Anita sobre sua saúde antes de sentar-se e ouvir. O texto da separação é uma declaração de três páginas, redigida em francês. Nele, o marajá compromete-se a pagar a sua mulher uma rica pensão de 1500 libras esterlinas por ano “para seu bem-estar e sustento de sua família no tocante a alimentação, moradia e vestuário, despesas e viagens”, desde que ela não volte a se casar. Autoriza-a a utilizar os títulos de princesa e marani de Kapurthala, “embora os tenha recebido em casamento morganático e, portanto, não serem sua propriedade nem hereditários”. A sexta cláusula é especialmente reveladora do caráter magnânimo do marajá: “No mundo todo, as embaixadas e consulados britânicos velarão cuidadosamente para que não falte nada a Ana Delgado Briones. Após sua morte, que esperamos seja tardia e doce, acontecerá o mesmo com seu único filho, Ajit Singh de Kapurthala, quinto herdeiro varão na linha sucessória do trono”.

Já pode ir embora tranquila. Mas antes de empreender a viagem de volta, o marajá convida-a para o almoço de boas-vindas ao novo engenheiro civil inglês e sua mulher. Na sala de jantar do palácio, Anita não pode evitar olhar para a mesa de mogno, onde em outras oportunidades sentaram-se mais de setenta comensais para jantar. Está perfeitamente colocada: os pratos de porcelana de Limoges, as taças de cristal da Boêmia, os talheres de prata com a letra K gravada no cabo, os guardanapos de linho, os porta-talheres, as flores..., não falta um detalhe sequer. Sente uma ponta

de orgulho porque toda essa ordem perfeita deve-se a ela. Esse será seu legado.

Os convidados começam a chegar e conversam animadamente, em pé, enquanto esperam o marajá. Além do novo engenheiro, também comparece o médico-chefe do hospital acompanhado de sua esposa, o ministro Jarmani Dass e o capitão Inder Singh. Depois de alguns minutos, o marajá aparece, mais elegante do que nunca, com seu ar sereno e sua atraente mescla de cordialidade e distância. Mas não vem só; vem acompanhado de uma escultural beleza, seu novo amor, uma francesa chamada Arlette Serry, que cumprimenta os convidados com mão lânguida. O marajá senta-se primeiro, e depois os outros. Arlette está a sua direita, no lugar onde sempre se sentou Anita, e a esposa do engenheiro a sua esquerda. À espanhola cabe o último lugar. Uma última humilhação para Anita, que a essa altura só sonha com a liberdade.

* * *

Dezoito anos e cinco meses depois de sua chegada à Índia, Anita embarca em Bombaim de volta à Europa. Está com 33 anos. Na bagagem leva suas joias, seus documentos, alguns móveis e sua roupa, mas prefere levar na bolsa de mão o objeto que mais valor tem para ela. É uma foto de Karan, com sua assinatura, uma foto que a acompanhará para sempre.

A perspectiva de encontrar-se com seu filho em Londres e de tornar a ver sua família na Espanha alegra-lhe o coração, mas, ao ter de enfrentar o fato de abandonar definitivamente a Índia, vê-se embargada por um curioso sentimento, mistura de dor e medo: dali para a frente terá que abrir mão da maneira de viver a que tanto se acostumara. No porto onde o *S.S. Cumbria* se prepara para zarpar, é a vez de se despedir de Dalima, que insistiu em acompanhá-la até o momento da separação definitiva.

– Isso é para você, Dalima, de coração – diz-lhe Anita, entregando-lhe um grosso envelope de papel. – É o pagamento dos últimos meses e uma gratificação. É pouco perto do que você merece. Muito pouco.

Dalima não quer pegar o envelope, mas Anita insiste e acaba colocando-o no corpete do sári. Muda de emoção, Dalima fica paralisada enquanto Anita a abraça, estreitando-a fortemente entre seus braços.

– Adeus, Dalima. Se precisar de qualquer coisa, pode entrar em contato comigo através do palácio. Eles têm meu endereço e podem escrever uma carta para mim. Gostaria muito de receber notícias suas...

Dalima continua quieta, como morta em vida, em meio à atividade frenética do porto. O grasnar dos corvos mistura-se aos gritos dos estivadores e dos carregadores

enquanto Anita sobe pela escada. Antes de adentrar as entranhas do navio, volta-se para acenar para Dalima pela última vez. O que vê ficará gravado para sempre em sua memória. Sua fiel criada tira do corpete o envelope que ela acaba de lhe entregar, abre-o, joga o dinheiro no mar e rompe em soluços. Depois, para que não a vejam chorar, cobre o rosto com o sári.

²⁹ Lentilhas que constituem o prato diário dos indianos.

EPÍLOGO

“QUEM SECARÁ NOSSAS LÁGRIMAS?”

Até o dia de sua morte, Anita teve em seu criado-mudo a foto de Karan, com seus traços suaves, seu turbante enfeitado com um penacho e sua jaqueta, onde se destacavam as condecorações de Kapurthala. Foi a primeira e a última imagem que viu todos os dias do resto de sua vida, ao acordar e ao deitar. Apesar de ter se casado em 1925, ano em que Anita abandonou a Índia, Karan continuou visitando-a, escondido, aproveitando suas viagens à Europa. Viram-se em Biarritz, em Deauville, em Londres e em Paris. Eram visitas fugazes como as lágrimas de San Lorenzo, restos do fogo da paixão que os havia devorado. Pouco a pouco esses encontros foram se espaçando, até que Karan parou de vê-la, porque se apaixonou por uma atriz de cinema francesa de apenas vinte anos. Mas na lembrança de Anita, Karan foi sempre o único amor de sua vida.

Graças à generosa pensão do marajá, Anita não teve problemas para se acostumar a sua nova liberdade, dividindo o tempo entre Paris, Madri e Málaga. Sua forte personalidade, unida a seu passado exótico e extraordinário, tornaram-na um personagem do que hoje se chamaria o *jet-set*. A aura da história de amor com o filho de seu marido acrescentava mistério e curiosidade mórbida ao personagem, mas ela não falava de Karan. Era um segredo que compartilhava com muito poucos e que quis guardar zelosamente em seu coração até o final, querendo que nunca tivesse acontecido. Mas as pessoas íntimas não se deixavam enganar, porque a foto do criado-mudo a delatava. Transformada em um personagem assíduo das colunas sociais a partir dos anos 1920, vivia ao ritmo da migração anual das aves de luxo: férias de verão na Côte d’Azur, de inverno na Suíça, alguns dias em Deauville... Convivia com banqueiros e grandes fortunas, mas sempre preferiu a companhia de escritores, pintores, artistas e cantores, como sua boa amiga Joséphine Baker. Gostava da boêmia. Os aristocratas a ignoravam – não só os ingleses, mas também os espanhóis –, porque sempre a consideraram uma arrivista em um mundo que não lhe pertencia.

Fiel a sua herança espanhola e andaluza, não perdia as corridas de San Isidro nem a Feira de Sevilha, e até, às vezes, a peregrinação ao Rocío, quando se divertia muito porque reencontrava o mais profundo de sua tradição. Cavalos, devoção, música e dança... O que mais podia pedir?

Quando se instalou definitivamente na Espanha, começou a frequentar o mundo dos touros e, segundo rumores que ela nunca confirmou, chegou a se apaixonar por

Juan Belmonte, o grande toureiro de Sevilha, o mito da Espanha de então. Mas não costumava fazer muita publicidade de sua vida afetiva, com medo de que o marajá reduzisse ou cancelasse a pensão.

Já adaptada a sua nova vida, Anita percebeu que não poderia esquecer a Índia. As conversas habituais nas reuniões sociais na Europa, que eram mais mexericos de salão, pareciam-lhe insípidas comparadas com as histórias de caçadas de tigres ou os relatos de viagens a cavalo pelas montanhas de Caxemira que animavam as noites na Índia. Nos dias de frio e neblina, tão frequentes em Paris ou Londres, Anita lembrava-se do ar pungente e luminoso do inverno no Punjab; do verde-pálido dos arrozais; de seu jardim, onde as rosas, os nardos e as buganvílias cresciam em profusão e onde a fragrância das violetas perfumava o ar. Lembrava-se de seus passeios pelo campo, da “hora do pó de vaca”, quando a fumaça subia dos fogareiros nas aldeias, as grandes planícies empoeiradas, os gritos dos pássaros e dos animais, o tilintar das campainhas dos carros de bois, o som da chuva martelando o teto durante a monção, e principalmente lembrava-se de Dalima, da graça das mulheres indianas, dos mendigos e dos mestres, do luxo e dos espetáculos grandiosos no dorso de elefante. Pouco a pouco foi esquecendo o lado desagradável da Índia: a miséria, a crueldade das castas e a terrível pobreza. Foi esquecendo as noites de angústia sentada junto a Ajit quando tinha febre, da solidão da vida no palácio, do calor terrível, do medo das mordidas de serpentes ou do envenenamento, do medo de ficar doente, do medo da Índia em si.

Tal era sua nostalgia que, muitos anos depois, já uma mulher idosa, suas duas criadas serviam o jantar em sua casa de Madri vestidas com o mesmo uniforme dos criados de Kapurthala, e obrigava-as a usar luvas brancas, mesmo em pleno verão. Ela aparecia pontualmente na hora certa, mas de roupão e rolos na cabeça. Jantava sozinha, ensimesmada nas recordações de uma vida fabulosa que nunca voltaria.

Anita quis voltar à Índia em várias ocasiões, mas nunca conseguiu o visto das autoridades britânicas. Também nunca soube que o marajá estava por trás dessa persistente negação. “Sua Alteza está particularmente interessado em que Prem Kaur não regresse à Índia, porque diz que causa perturbações em seu círculo doméstico, de modo que solicitamos ao Foreign Office que não ofereça facilidades de viagem à espanhola”, diz uma carta assinada por um tal M. Baxter, chefe do escritório político do India Office, em 1937.

Mas o marajá continuou vendo-a com assiduidade quando ia para a Europa. Acabaram sendo bons amigos, mantendo um contato regular e enviando-se notícias mútuas por meio de Ajit, que viajava com frequência entre Europa e Índia. Mesmo a distância, o marajá estaria presente em sua vida até o final. Os primeiros telegramas

de pêsames que recebeu quando seu pai morreu, em 1931, e depois quando faleceu dona Candelária, em 1935, foram do marajá. Fiel à tradição de proteger as mulheres de sua vida, Jagatjit Singh sempre se preocupou com o bem-estar e a segurança de sua rani espanhola. Quando estourou a guerra civil, instalou-a junto com sua sobrinha Victoria em um hotel na Grã-Bretanha, e, depois, quando no horizonte despontava a Segunda Guerra Mundial, através da embaixada britânica organizou a transferência de ambas a Portugal, onde permaneceram até o final do conflito. Como sempre dissera dona Candelária: “Este homem é um cavalheiro”.

Até o final de sua vida, o marajá não diminuiu seu empenho em substituir Anita por outra marani europeia. Sensível e com facilidade para se apaixonar, era o alvo ideal para certas mulheres sem escrúpulos que se apaixonavam por seu dinheiro mais que por sua pessoa. Arlette Serry foi uma delas. Durante dois anos alternou entre a Índia e Paris, sem nunca se comprometer, mas também sem esclarecer sua situação. O marajá seguia-a como um cachorrinho. Passava longas temporadas no *Pavillon Kapurthala* tentando de corpo e alma convencê-la a aceitar o casamento. Seu ministro Jarmani Dass surpreendeu-o uma sexta-feira à noite concentrado em suas orações, enquanto Inder Singh, o capitão de sua escolta, lia em voz alta parágrafos do *Granth Sahib*. Quando lhe perguntou por que rezava a essa hora tão tardia, Inder Singh explicou-lhe em segredo que rezavam para pedir ao Todo-Poderoso que desse força e vigor sexuais ao marajá antes de passar a noite com Arlette. No dia seguinte Dass não se atreveu a perguntar se as orações haviam surtido efeito, mas, quando recebeu um cheque do marajá de dez mil francos, sem explicação alguma, entendeu que Deus havia atendido as preces de seu chefe. Quando ficava satisfeito com seu desempenho sexual, o marajá distribuía dinheiro – proporcionalmente ao posto de cada um – entre seus ministros, secretários, ajudantes e criados. Arlette, a quem obsequiava com maravilhosas joias de Cartier, levava a maior parte.

Mas quando a francesa se cansou de sugá-lo, fugiu com um namorado que mantinha em segredo até então, o correspondente de um jornal argentino em Paris. O marajá ficou a ver navios.

Pouco depois conheceu em Cannes outra francesa chamada Germaine Pellegrino, uma mulher que reunia tudo: beleza, inteligência e cultura. Embora desde o começo ela o tenha avisado de que estava comprometida, com ninguém menos que Reginald Ford, o herdeiro da empresa automobilística norte-americana, o marajá convidou-a a Kapurthala e recebeu-a com todas as honras. Passaram longas horas conversando sobre política e história e tornaram-se amigos. Continuaram vendo-se em Paris e o marajá acabou profundamente apaixonado. “Quero que seja minha marani”, atreveu-

se a dizer-lhe um dia. Ela pareceu ficar muito surpresa, entre a indignação e o ultraje: “Como é possível, meu senhor, se Regis é meu noivo?”, respondeu-lhe. “O marajá ficou arrasado com a negativa de Germaine, viveu uma verdadeira agonia de amor”, contaria Jarmani Dass. “Disse-me que fizesse todo o possível para convencê-la a se casar com ele, senão se mataria.” Dass não obteve sucesso e o marajá não se matou. Soube do casamento de sua amada com Reginald Ford quando lhe mandou, de Kapurthala, um antigo colar de pérolas de imenso valor como presente de aniversário. A nota de agradecimento que recebeu de Paris, assinada por Germaine, dizia: “Obrigada pelo maravilhoso colar que tenho o prazer de aceitar como presente de casamento”.

Finalmente o marajá conseguiu casar-se, em 1942, com uma atriz de teatro tcheca que conhecera em Viena seis anos antes. Eugénie Grossup era alta, loura e de grandes olhos azuis. Como Anita, era de família pobre que precisava desesperadamente sair do buraco. Mas sua personalidade era muito diferente: fraca, tímida e sem habilidade para a vida social. De resto, sua história foi muito parecida com a de Anita, marginalizada e desprezada tanto pela família do marajá quanto pelos ingleses. Com a morte de sua mãe, que vivia com ela em uma ala do palácio, a mulher foi vítima de um ataque de paranoia. Tinha certeza de que sua progenitora morrera envenenada, e que a próxima seria ela. A solidão, o tédio e sua personalidade neurótica acabaram por fazê-la enlouquecer. Decidiu ir embora para os Estados Unidos, onde dizia que tinha o único parente ainda vivo. Instalou-se no hotel Maidens de Délhi para cuidar da papelada da viagem, mas os ingleses causaram todo tipo de entrave. A Segunda Guerra Mundial complicava tudo, desde a obtenção de vistos até o câmbio de moeda. Vítima de um ataque de angústia, em 10 de dezembro de 1946 pegou um táxi rumo a um dos monumentos mogóis mais simbólicos, a torre do Qutab Minar, que domina a cidade do alto de seus cem metros de altura. Subiu até o alto com seus dois cães, pegou-os no colo e lançou-se no vazio.

A morte de Tara Devi – o nome que Jagatjit Singh lhe havia dado ao casar-se pela religião sique – era exatamente o tipo de notícia capaz de excitar os perdigueiros da imprensa marrom. A notícia saiu na primeira página de todos os jornais. Para o marajá, era outro escândalo que suscitou todo tipo de conjecturas e falatórios e que acabou afundando-o em um estado próximo da depressão. Segundo Jarmani Dass, de repente envelheceu dez anos: “Que mistura mais difícil, a do Oriente com o Ocidente, como a água e o óleo...!”, comentaria Dass.

A morte de Tara Devi desencadeou um intercâmbio de cartas entre o marajá e as autoridades britânicas, cujo tom era de uma aspereza desconhecida até então. Jagatjit Singh acusou diretamente o Departamento Político de ter causado o desespero de sua

mulher e responsabilizou-o por sua morte. A resposta do departamento, em uma carta confidencial de 19 de dezembro de 1946, assinada por J. H. Thompson, seu secretário, não se fez esperar: “Se existe alguma responsabilidade pela morte de Tara Devi, é unicamente vossa. Estaria faltando com meu dever se não recordasse a Sua Alteza que, quando um homem de vossa idade se casa com uma mulher estrangeira, e quando essa mulher é quarenta anos mais nova que seu marido, este está correndo um grave risco. Esse risco, que Sua Alteza correu, teve um infeliz e trágico final. E por isso não podeis culpar o Departamento Político”.

Naquela época, o marajá de Kapurthala testemunhava o fim do mundo que havia conhecido – e que coincidia, além disso, com o final de sua vida. Assim que a Segunda Guerra Mundial acabou, os ingleses anunciaram a decisão irrevogável de conceder a independência à Índia. Embora muitos de seus colegas nunca tivessem acreditado que os ingleses deixariam de cumprir os acordos históricos que os vinculavam à Coroa britânica, Jagatjit Singh intuiu que os marajás seriam abandonados a sua sorte. Gandhi e Nehru haviam conseguido mobilizar as massas em torno do Partido do Congresso, transformado em uma poderosa organização que aspirava a herdar o governo democrático de uma nova Índia. Depois de todas as tentativas de acordo terem fracassado, avizinhavam-se tempos difíceis para os príncipes. A ideia de abandonar seus direitos soberanos ou de integrar-se a uma federação democrática continuava sendo inaceitável para a maioria. Era-lhes impossível pular da Idade Média para o século XX.

Olhar para trás era mais reconfortante que olhar para o futuro. Jagatjit Singh sentia-se satisfeito com o que havia conseguido. Conseguira transformar Kapurthala em um Estado-modelo em miniatura, bem administrado e sem corrupção. Conseguira atrair capital para implantar três fábricas e impulsionar uma incipiente indústria açucareira. O alto nível de escolarização das crianças rendia-lhe os cumprimentos dos europeus. O índice de criminalidade era baixíssimo. Jamais usara seu exclusivo direito de impor a pena de morte. Sentia-se especialmente satisfeito com sua habilidade para resolver conflitos entre as diversas comunidades religiosas. Transformara-se em um verdadeiro malabarista, tirando um ministro muçulmano aqui, colocando um administrador hindu lá... isto é, mexendo as peças de seu governo de modo que todos se sentissem representados. Enquanto em outras partes do Punjab eram frequentes os distúrbios, Kapurthala era um exemplo de convivência. A cidade, tranquila e limpa como as europeias, com numerosos jardins e edifícios impecáveis, era uma fonte de inspiração para os arquitetos e urbanistas que vinham de outras zonas da Índia. Quando algum funcionário era destinado a outro Estado, ia certo de

que o lugar onde ficaria era pior.

Mas do que mais o marajá se orgulhava era do carinho que seu povo tinha por ele. Todos os anos, em março, na festa que marcava o começo do verão, ia montado em elefante aos jardins públicos de Shalimar e juntava-se a seu povo, respondendo perguntas, interessando-se pelas pessoas e usufruindo afeto de seus súditos. Gostava de recordar as festas de Natal, quando convidava ao palácio mil crianças para dar-lhes de presente pacotes de livros. Ou as constantes visitas ao Tribunal de Justiça, ao quartel da Polícia, ou aos hospitais, visitas que lhe permitiam sentir de perto o reflexo de sua administração. É verdade que viajava muito, mas sempre repudiou a acusação de seus cães de guarda, o governador do Punjab e os altos funcionários britânicos, de que suas viagens prejudicavam a eficaz administração de seu Estado. Com a idade, o marajá colocou todo seu esforço em fazer de Kapurthala um marco de civismo e cultura. Queria congraçar com os homens e com Deus. Queria ser lembrado como o que era, um governante benévolo, aberto e justo.

Mais difícil e complicado que qualquer tarefa do governo foi conseguir um herdeiro para a dinastia de Kapurthala. Sua nora Brinda não pôde lhe dar um neto, porque as cirurgias a que se submeteu em Paris fracassaram e ela ficou estéril. O marajá cumpriu sua ameaça de casar seu filho com uma segunda esposa. Ele mesmo a escolheu entre as filhas de um rajá de nobre linhagem do vale do Kangra, como mandava a tradição. Brinda tentou desesperadamente impedir o casamento. Pediu ajuda a sua sogra Harbans Kaur, a quem havia apoiado anos atrás contra Anita. Mas sua sogra deu-lhe as costas. Se ela teve de aceitar que o rajá se casasse várias vezes, por que Brinda não podia fazer o mesmo? Não era uma indiana como ela? Humilhada e cansada de lutar, Brinda solicitou o divórcio, abandonou Kapurthala e foi com suas filhas morar na Europa.

De qualquer maneira, fazia tempo que não tinha vida em comum com seu marido. Paramjit apaixonara-se por uma bailarina inglesa chamada Stella Mudge e morava com ela. A história se repetia; o filho fazia a mesma coisa que o pai. Mas Stella não era Anita. Fria e calculista, sua ambição era tornar-se a marani de Kapurthala e opôs-se ferozmente aos desígnios do marajá. Por ser europeia, não estava qualificada para engendrar o futuro herdeiro da dinastia. No fim, Jagatjit Singh resolveu o problema como ele sabia fazer: com dinheiro. Prometeu a Stella um milhão de dólares se convencesse seu filho a se casar com a garota do vale do Kangra, “aquela garota selvagem”, como a inglesa a chamava, pejorativamente. No fim, casaram-se em uma cerimônia rápida e quase às escondidas.

Mas Paramjit negava-se a consumir a nova união. Sua nova esposa, que uma dúzia de criadas perfumava e massageava, esperava-o todas as noites, mas sempre em

vão. Stella literalmente obrigou Paramjit a cumprir seu dever de esposo, porque essa era a condição para receber o milhão de dólares. Um dia, às sete da noite, um Paramjit triste e envergonhado chegou ao palácio onde vivia sua nova esposa e onde os ministros, os membros do governo e vários sacerdotes com seus cânticos o esperavam. Entrou em um quarto com a “garota selvagem”, do qual saiu 35 minutos depois com “ar pensativo e cansado”, segundo as testemunhas. Cumprido seu dever, voltou para os braços de Stella e foram passar férias na Europa. Nove meses depois, sua nova esposa dava à luz um filho homem. A alegria do marajá foi enorme. Como mostra de agradecimento aos mestres do siquismo, prometeu educá-lo na mais pura tradição sique.³⁰

Em fevereiro de 1947, o governo trabalhista inglês, que simpatizava abertamente com o Partido do Congresso, nomeou o *Lord* Louis Mountbatten, primo da rainha, novo vice-rei, com a tarefa expressa de organizar a retirada dos ingleses da Índia e a transição do poder. Assim que chegou a Nova Délhi, Mountbatten convocou os marajás para um discurso que pronunciou na sede da Câmara dos Príncipes. Jagatjit Singh, com o peito coberto de condecorações, o bigode grisalho, magro e apoiando-se em uma bengala, assistiu ao discurso que marcou o final de sua época. “A sorte está lançada”, disse Mountbatten. Não havia tempo para dirimir todos os problemas derivados dos tratados históricos entre os príncipes e a Coroa. Se quisessem manter a soberania e o direito de continuar governando, deviam assinar um documento que os vincularia a um dos Estados, ou à Índia ou ao Paquistão, que substituiria o Raj britânico. Assim, o império entregava de bandeja os príncipes ao Partido do Congresso de Nehru ou à Liga Muçulmana de Ali Jinnah, aquele advogado amigo do marajá. Nem os governadores, nem os altos funcionários ingleses, nem os marajás presentes àquela reunião pareciam acreditar no que estavam ouvindo. De uma tacada só, o vice-rei anulava todos os compromissos e acordos do passado que haviam protegido os príncipes e ajudado a perpetuar o Raj. Era uma enorme traição, tão grande que os marajás ficaram mudos de estupor. Era assim que a Inglaterra agradecia o esforço que novamente os príncipes haviam feito durante a última guerra mundial? O nababo de Bhopal vendera suas ações na Bolsa americana para pagar os aviões que ofereceu ao exército de Sua Majestade, o *nizam* de Hyderabad custeara a compra de três esquadrilhas de aviões militares. Trezentos mil soldados voluntários haviam sido recrutados nos diferentes estados, e os príncipes haviam comprado o equivalente a 180 milhões de rupias em bônus de guerra. E agora o Raj, a quem tão generosamente sustentaram, entregava-os a seus próprios inimigos, os republicanos do Partido do Congresso ou da Liga Muçulmana, que cedo ou tarde os despojariam de seus poderes soberanos.

“Haveria alguma alternativa?”, perguntava-se Jagatjit Singh. Sim, proclamar-se independente. Mas quanto tempo duraria um pequeno Estado como Kapurthala entre dois gigantes como a Índia e o Paquistão? Poderiam os cinco mil soldados de seu exército repelir uma invasão? Sobreviver ao boicote? Separados, os Estados eram muito fracos para enfrentar as duas nações emergentes. E juntos não conseguiram adotar uma postura comum. Sim, Mountbatten tinha razão, a sorte estava lançada.

Um após outro, os príncipes começaram a ceder perante a exigência do vice-rei, alguns voluntariamente, outros com o desejo de participar o mais cedo possível da nova vida nacional, outros com apreensão, arrastados pelo inexorável vento da história. O primeiro a assinar foi Ganga Singh, o marajá de Bikaner, o da receita do camelo recheado. Acreditava em Mountbatten e nos líderes da nova Índia. Depois, como frutos maduros, foram caindo os outros: Jodhpur, Jaipur, Bhopal, Benares, Patiala, Dholpur etc. O marajá de Kapurthala não demorou a tomar uma decisão. Apesar de ter a maioria da população muçulmana, inclinou-se pela União Indiana, um país secular como gostaria que Kapurthala tivesse sido e cuja constituição oferecia maiores garantias de proteção à pluralidade de seus cidadãos que o Paquistão islâmico. O marajá convocou uma reunião com representantes do povo, chefes de aldeia, *pandits* hindus, *mufties* muçulmanos e sacerdotes siques para anunciar a decisão, que foi recebida em meio a um absoluto silêncio. Só uma pessoa ousou fazer um comentário, um ancião chefe de aldeia, que lhe disse: “Está tudo certo, senhor, mas quem secará nossas lágrimas no futuro?”. O marajá, emocionado, sentiu que aquela frase era uma homenagem não só a seu extenso reinado, mas ao de toda sua linhagem, que ao longo da história soubera estar junto a seu povo nos momentos mais duros e difíceis.

Só três príncipes negaram-se a assinar a Ata da Independência. O nababo de Junagadh, aquele que organizava o casamento dos cães, quis, contra toda lógica, incorporar seu Estado ao Paquistão, apesar de estar situado em pleno coração do território indiano. Quando seu povo, de maioria hindu, votou massivamente em referendo a favor da Índia, o nababo teve de fugir apressadamente com suas três mulheres, seus cães favoritos e suas joias para o país vizinho, diante da ameaça de ser invadido pelo exército indiano.

Hari Singh, marajá de Caxemira, era o caso contrário: um hindu em terra de muçulmanos. Não conseguia se decidir entre os que advogavam pela integração ao Paquistão, os que queriam se unir à Índia e os que queriam tornar Caxemira um país independente. Talvez Hari Singh se deixasse tentar pela ideia da independência porque possuía um exército capaz de proteger as fronteiras de seu reino. Mas acordou

bruscamente desse sonho quando guerrilheiros muçulmanos procedentes do Paquistão invadiram seu território, saqueando, incendiando e aterrorizando a população. Obrigado, então, a tomar uma decisão, optou por integrar Caxemira à União Indiana em troca de proteção contra os invasores. Nova Délhi mandou unidades do exército e todos os aviões de combate disponíveis a Srinagar, a Veneza do Oriente que tanto encantara Anita. Caxemira deixou de ser uma terra de paz e tornou-se campo de batalha entre a Índia e o Paquistão. Hari Singh decidiu afastar-se das hostilidades e abandonou seu palácio de Srinagar para sempre. Desfrutou um exílio dourado em Jammu, sua capital de inverno. Curiosamente, seu filho Karan foi nomeado regente de Caxemira pelo grande inimigo dos príncipes e artífice da independência, o próprio Nehru. Alguns anos depois, ganhou as eleições e tornou-se o primeiro-ministro do novo Estado.

O terceiro em discórdia foi o *nizam* de Hyderabad, o homem que se apaixonara por Anita em 1914 e que a havia cumulado de presentes. Transformado em um ancião de um metro e meio de estatura e quarenta quilos de peso, Sua Alteza Exaltada continuava sendo o mais excêntrico dos príncipes. Com os anos, sua proverbial riqueza aumentara na mesma proporção que sua avareza, tão sórdida que recuperava os tocos de cigarros que os convidados deixavam nos cinzeiros. O médico vindo de Bombaim para examinar seu coração não conseguiu fazer um eletrocardiograma. Para economizar despesas, havia ordenado à central elétrica de Hyderabad que reduzisse a voltagem. Assim como seu colega e amigo Hari Singh de Caxemira, o *nizam* dispunha de um numeroso exército, equipado com artilharia e aviação. Quando um alto funcionário foi informá-lo da decisão britânica de abandonar a Índia, deu um pulo de alegria: “Finalmente serei livre!”, exclamou.

Assim que os ingleses se foram, declarou a independência de Hyderabad, sem perceber que todo seu poder era sustentado pelo Raj e que, indo embora os ingleses, também desapareceria a rede que o protegia. Embora legal e constitucionalmente tivesse direito de fazê-lo, na prática era uma loucura, porque não dispunha do trunfo principal: o apoio de seu povo. Perdera o contato com a realidade. Em 13 de setembro de 1948, o governo da Índia iniciou a “Operação Polo”, o nome cifrado da invasão. Foi um ataque mais violento do que Nehru teria desejado. Em 48 horas, o Estado independente de Hyderabad deixou de existir, e com ele toda uma forma de vida muito peculiar, baseada no amor às artes, na hospitalidade, cortesia e uma administração eficaz que não fazia distinção entre castas ou religiões. Durante alguns anos o *nizam* ocupou um posto oficial em seu antigo Estado, mantendo a saudação de 21 salvas de canhão, mas sem poder algum. Parte de sua riqueza foi confiscada, e não teve mais remédio senão aceitar uma pensão vitalícia de mais de dois milhões de

dólares por ano. Passava os dias bebendo café – umas cinquenta xícaras diárias –, escrevendo poesia em urdu e zelando pelo bom andamento da universidade que havia fundado. No final de sua vida, para não gastar dinheiro, ele mesmo remendava as meias usadas.

* * *

O dia 15 de agosto de 1947 foi escolhido pelos astrólogos como um dia propício para a Índia iniciar sua existência independente. Todo o país vivia a expectativa do discurso de Nehru na Assembleia Legislativa, mas Jagatjit Singh de Kapurthala optou por não alterar sua rotina. Depois de um jantar frugal e de um passeio pelo jardim de seu palácio, foi para a cama às dez e meia da noite. O discurso, que marcava uma nova era, ele o leu no dia seguinte no jornal, sentado no sofá japonês, enquanto tomava café da manhã: “À meia-noite”, dissera Nehru ao mundo, “a Índia despertará para a vida e para a liberdade. Aproxima-se o instante raras vezes oferecido pela História em que um povo sai do passado para entrar no futuro, em que finaliza uma época, em que a alma de uma nação, durante longo tempo sufocada, volta a encontrar sua expressão...”.

Não era um mau discurso para o colega de classe de seu filho Paramjit, pensou o marajá, aproximando dos lábios uma xícara de chá fumegante. Decididamente, Harrow era um bom colégio, e para lá tinha a intenção, chegado o momento, de mandar também seu neto.

Mas não podia compartilhar o entusiasmo da imprensa, que refletia o das delirantes multidões que festejavam o acontecimento em ambos os países. Não tinha nenhuma razão para alegrar-se, porque intuiu que a independência acarretaria uma tragédia. Ao dividir a Índia para satisfazer as exigências de seu velho amigo Ali Jinnah, os ingleses traçaram a fronteira, atribuindo aos indianos as zonas de maioria hindu e aos paquistaneses as de maioria muçulmana. No papel, o resultado parecia viável. Na prática, foi um desastre. No Punjab, a fronteira concedia a cidade de Lahore ao Paquistão e a de Amritsar, com o Templo de Ouro, à Índia, cortando em dois as terras e a população de uma das comunidades mais militantes e mais unidas, os siques. Lahore, a Paris do Oriente, a cidade mais cosmopolita e mais bela da Índia, a capital do Norte, tornar-se-ia uma pequena cidade provinciana que viveria ao som dos muezins das mesquitas. O mundo de Jagatjit Singh ficava mutilado para sempre.

Alguns dias depois, outra notícia que apareceu na imprensa chamou-lhe poderosamente a atenção. Na composição do primeiro governo da Índia, o marajá viu o nome de sua sobrinha, Rajkumari Amrit Kaur, Bibi para a família, a filha

díscola e rebelde de seu primo de Jalandar. Nehru a nomeara ministra da Saúde, a primeira mulher a ser ministro da Índia. Bibi corouava, assim, toda uma vida de dedicação à causa da independência, que lhe acarretara ter sido presa em duas ocasiões, e ter apanhado da polícia em incontáveis manifestações. Em 1930, na famosa Marcha do Sal que Gandhi havia organizado para protestar contra a lei que proibia os indianos de manufaturar sal sem permissão do governo, Bibi percorreu trezentos quilômetros a pé à frente de uma enorme multidão. Pouco a pouco, foi se tornando algo além de uma líder da campanha “Quit India” (“Abandonem a Índia”) de Gandhi contra os ingleses. Lutou sem trégua contra os problemas sociais, denunciando os casamentos entre crianças, o sistema de *purdah* e o analfabetismo. A garota de boa família que fumava e voltava da Europa cheia de luxuosos presentes para suas primas, a rebelde apaixonada por cavalos, acabou sendo uma heroína para milhões de compatriotas indianos. Pela primeira vez na história, podiam comprovar o que uma mulher era capaz de conseguir em um Estado democrático e moderno.

* * *

Em 10 de março de 1949, Jagatjit Singh chegou a Bombaim para partir em viagem rumo à Europa. Os acontecimentos desde a independência obrigaram-no a ficar em Kapurthala, onde, exatamente depois do discurso de Nehru, o mundo pareceu enlouquecer, assim como ele havia previsto. Logo começou a maior migração da história da humanidade. Os hindus que da noite para o dia se haviam encontrado no Paquistão buscaram refúgio na Índia, e os muçulmanos da Índia, no Paquistão. A divisão do país, à qual Gandhi sempre se opôs, deu como resultado um verdadeiro cataclismo. Morreram tantos indianos quanto franceses durante a Segunda Guerra Mundial.

O Punjab, o belo país dos cinco rios, berço de civilizações, afundou em um banho de sangue de dimensões assombrosas. O marajá de Kapurthala assistiu a essa breve e monstruosa matança impotente, apesar de todos os seus esforços para atender os refugiados e aplacar os ânimos. “Foram os piores anos de que tenho lembrança”, diria Sukhjit Singh, neto do marajá. Kapurthala salvou-se do pior, mas não Patiala, cujos rios todas as manhãs apareciam tingidos de vermelho, a cor do sangue dos cadáveres das matanças da véspera.

Quando as águas voltaram a seu leito, nada mais era como antes. O espírito aberto, cosmopolita, pluricultural e plurirreligioso por cuja implantação em seu Estado Jagatjit Singh tanto lutara havia evaporado para sempre. Depois, pouco a pouco, o governo indiano foi quebrando as promessas que havia feito aos príncipes. Quarenta e um Estados do leste da Índia foram despojados de sua soberania e

aglutinados em um Estado chamado Orissa. Dois meses depois, os Estados de Kathiawar, no mar da Arábia, seguiriam o mesmo caminho, tornando-se o novo Estado de Gujarat. Mais adiante, foi a vez do centro do país, onde os Estados de Rajputana fundiram-se na nova União do Rajastão. Agora falavam de fazer a mesma coisa com o Punjab... “Cinquenta e cinco anos dirigindo os destinos de Kapurthala, e todo o trabalho de minha vida está prestes a ser apagado do mapa”, pensava o marajá, ferido e transtornado pelo fato de os pais da nação, os grandes líderes, não sustentarem a palavra dada.

Da antiga suíte imperial – agora rebatizada de suíte presidencial – do quinto andar do hotel Taj Mahal de Bombaim, o mesmo quarto que Anita ocupou ao chegar à Índia, o quarto onde o dr. Willoughby lhe comunicou sua primeira gravidez, o marajá podia ver a Porta da Índia, o imponente arco de triunfo que os ingleses haviam construído para comemorar a visita do rei Jorge V e da rainha Maria para o Grande Durbar de Délhi de 1911. Como lhe parecia irrisório hoje esse símbolo do império mais colossal que o mundo jamais conhecera! Por baixo de sua abóbada haviam entrado os ingleses, e por esse mesmo lugar teriam que sair todos os príncipes para pôr suas últimas riquezas em segurança em vista do que se avizinhava.

O marajá também podia ver, na baía, o barco que estava prestes a levá-lo para a Europa. Pela primeira vez tinha vontade de ir para não voltar nunca mais. Em seus 77 anos, estava cansado e sem ânimo. Vivera intensamente, desfrutara cada instante, mas os últimos acontecimentos o haviam deixado prostrado e abatido. Nesses momentos de melancolia, lembrava-se de seus entes queridos, principalmente dos filhos que havia perdido. Primeiro foi Mahijit, em pleno apogeu de sua carreira política, em 1932, quando tinha apenas quarenta anos, vítima de um câncer fulminante. O segundo foi Amarjit, o militar, que morreu em Srinagar, de um ataque cardíaco, em 1944. Restava Paramjit, o herdeiro que já nunca reinaria e que se dedicava a beber e a deixar-se explorar por sua amante inglesa.

E Karan. Havia se reconciliado com o filho que esteve na origem do maior escândalo que golpearia a Casa de Kapurthala. Mas Karan havia se redimido. Conseguira aumentar a produtividade das terras de Oudh de maneira espetacular. Mostrara-se um administrador sério e tão eficaz que o marajá acabou chamando-o a seu lado, em Kapurthala, para deixar em suas mãos todos os assuntos familiares importantes. Karan transformara-se no apoio de sua velhice... Quantas voltas a vida dá!

Além disso, sentia uma especial simpatia pela mulher dele, conhecida como princesa Charan. Acabava de sair na capa da *Vogue* exibindo um anel de Cartier. Tinha tudo de que gostava nas mulheres: beleza, elegância e inteligência. Sim, Karan era seu digno herdeiro. Mas no caminho havia perdido também muitos amigos, como um gotejar constante que lhe recordava a fragilidade da vida, e nesse dia

lembrava-se deles. A morte que mais o impressionou foi a de Bhupinder, o Magnífico, o marajá de Patiala, o do culto à deusa Koul, o mulherengo cujo coração explodiu na precoce idade de 47 anos. Fiel a si mesmo até o final, nove meses depois uma concubina com quem tivera relações na véspera de sua morte deu à luz. Filhos, amigos, amores..., a vida consistia nisso, perder. Agora estava prestes a perder o trono, a própria essência de seu ser. Logo não haveria lugar para ele no mundo.

Preferia ir embora para longe. Fugir, fugir de si mesmo, esquecer. Dedicar-se até o final a sua verdadeira e profunda vocação, as mulheres, os únicos seres capazes de consolar seu velho coração ferido. Uma luz de esperança despontava em seu horizonte e dava corpo à ilusão da viagem. Em Londres, esperava tornar a ver uma inglesa que conhecera em Calcutá e com quem havia feito amizade... e talvez algo mais. Ah, as europeias! Até o próprio Nehru havia sucumbido ao encanto e à inteligência de uma delas, nada menos que a esposa do último vice-rei, Edwina Mountbatten. Os rumores diziam que estavam profundamente apaixonados, que eram amantes e que se encontravam nas viagens que o primeiro-ministro da Índia fazia ao estrangeiro. Corria o tempo, passava a história, mudavam os personagens, mas o amor sobrevivia. Oriente e Ocidente, tão diferentes, mas tão atraentes um para o outro quanto o homem e a mulher. Como as duas faces de um mesmo mundo.

O marajá também tinha intenção de viajar para a Espanha, para desfrutar um bom flamenco com Anita e seu filho Ajit, que trabalhava como adido cultural na embaixada da Índia em Buenos Aires, mas que estaria em Madri para as corridas de San Isidro. Ajit, como bom filho de andaluza, herdara de sua mãe o gosto pelos touros e pelo flamenco.

Naquela noite o marajá não quis descer para jantar. Mandou seu ajudante pedir que levassem um jantar leve à suíte. Depois, mandou-o abrir totalmente as janelas que davam para o mar e de onde vislumbrava as luzes do navio que zarparia no dia seguinte. Como sempre, a noite era úmida e quente. Jagatjit Singh deitou-se na cama, ouvindo o eterno grasnar dos corvos de Bombaim misturado com o barulho do ventilador, cujas pás giravam lentamente. A brisa empurrava as cortinas, que se moviam na penumbra como se fossem fantasmas dançantes. O halo da Lua minguante entrava por um canto da janela.

Quando seu ajudante voltou, acompanhado pelo camareiro que empurrava o carrinho com o jantar, encontrou o marajá na mesma posição, com uma expressão no rosto que sugeria um leve sorriso. Deitado na cama, exalava o mesmo ar majestoso de sempre. Mas estava imóvel, com os olhos perdidos no horizonte, sem fala. Deixara de respirar alguns minutos antes. O marajá que mais tempo reinou

apagou-se docemente, sem ruído nem sofrimento. A morte foi benévola com ele, como ele havia sido com a vida.

Alguns dias depois, em Kapurthala, seu neto e seu filho Paramjit abriam o cortejo fúnebre seguido por uma imensa multidão que ia render sua última homenagem ao homem que a governara durante quase sessenta anos. Vendedores, comerciantes, camponeses, anciãos e siques com longas barbas brancas choravam desconsolados. Um velho sacerdote hindu caminhava com dificuldade para dar os pêsames à família reunida junto ao corpo nos jardins de Shalimar, na periferia da cidade. O corpo do marajá jazia junto à pira funerária, sobre um leito de palha, na mais pura tradição sique, segundo a qual nascemos sem nada e morremos sem nada. O venerável ancião era um velho amigo do falecido e conselheiro em assuntos de religião, história e escrituras védicas. Sentou-se de cócoras e chorou em silêncio. “Um grande homem vai embora”, disse a seu neto, apontando para o corpo do marajá. “Levantou o Estado e agora leva-o com ele.”

* * *

Anita recebeu a notícia em seu luxuoso apartamento da rua Marquês de Urquijo, em Madri, em cuja sala havia um maravilhoso retrato de seu marido em traje de gala. Segundo sua criada, Anita ficou a tarde toda olhando o quadro, com as mãos unidas, como se estivesse rezando pelo homem que a havia transformado em princesa contra tudo e contra todos, e cuja sombra protetora se havia extinguido para sempre. Anita recebeu condolências de amigos do mundo inteiro, e o próprio general Franco concedeu-lhe uma audiência no palácio de El Pardo para transmitir-lhe os pêsames do Estado espanhol. Mas o vazio que a morte do marajá deixou em sua vida era impossível de preencher.

A saudade que sentia da Índia nunca a abandonou. Como os ingleses já não estavam lá, tentou voltar várias vezes, mas a situação no Punjab era perigosa. Além do mais, “voltar para quê?”, perguntava-lhe Ajit, que se havia transformado em um *playboy* viajante e que a mantinha informada sobre as mudanças. “É melhor que você não volte, mãe”, escreveu-lhe seu filho em 1955, “e que guarde as recordações dos belos tempos que viveu. Tudo está tão mudado, o cenário é desolador. Pergunto-me o que você sentiria se visse agora o pouco que resta de seu reino. Os quartos tristes e vazios do palácio, os poucos móveis que não foram vendidos cobertos por sujos panos e as janelas de estilo mogol, as que davam para o norte, mãe, aquelas das quais você sonhava em ser livre como um pássaro, hoje sem vidros, deixando passar entre suas esquadrias o frio e a neve do inverno e a chuva da monção...”

Anita nunca voltou a Kapurthala. Refugiou-se em suas recordações e viveu os últimos anos esperando as notícias que chegavam da Índia. O Partido do Congresso acabava de aprovar uma resolução para despojar os príncipes de todos os seus privilégios e pensões. Ajit tinha razão: qual era o sentido de voltar a um mundo que já não existia?

Em 7 de julho de 1962, Anita morreu em sua casa de Madri, nos braços de seu filho, que chegou exatamente a tempo para assisti-la em seus últimos momentos. Quando foi enterrá-la na Sacramental de San Justo, Ajit enfrentou um problema inesperado. A Igreja católica negava-se a autorizar que sua mãe fosse sepultada em um cemitério católico. O clero alegava que, casando-se com o marajá, Anita renegara sua fé católica. Mesmo depois de morta, Anita continuava sendo perseguida pelas mesmas forças que a haviam injuriado e marginalizado em vida. Ajit teve de investir uma grande quantidade de energia e tempo para convencer o clero de que sua mãe nunca havia deixado de ser católica. Teve de apresentar certificados e documentos e solicitar a intervenção de criados e amigos para apoiar suas alegações. O manto da Virgem, que Anita havia oferecido a seu povo e que depois resgatara da gaveta em que um bispo tão obstinado quanto os clérigos que agora a perseguiam o havia escondido, serviu de prova para demonstrar que, mesmo casada, continuava sendo devota da Virgem da Vitória. O manto acabou no Museu Catedralício de Málaga, e a Virgem nunca chegou a ostentá-lo, contra o que havia sido o desejo de Anita.

Por fim, Ajit conseguiu convencer os cabeças da Igreja, que acabaram dando sua aprovação para o enterro, com a condição de que na tumba não aparecesse nenhum símbolo de outra religião. Acatadas as ordens do clero, uma semana depois de ter exalado o último suspiro, Anita Delgado Briones podia descansar, finalmente, em paz.

³⁰ O filho dessa breve união é Sukhjít Singh, atual marajá de Kapurthala e general do exército indiano, condecorado várias vezes por sua heroica atuação na guerra de 1972 entre a Índia e o Paquistão. Foi entrevistado para este livro em maio de 2003 em Chandigarh (Punjab).

QUE FIM LEVARAM

Paramjit, o herdeiro que nunca reinou, morreu em 1955, aos 63 anos, na cama de sua casa de Kapurthala, atendido até o final de sua doença pela amante inglesa Stella Mudge. A cama tinha forma de gôndola em alusão a Veneza, a cidade onde haviam se conhecido.

Seu irmão Karan morreu em 1970, em Nova Délhi, de um problema cardíaco. Martand e Arun, os filhos que teve com *Lady* Charan, a belíssima esposa que havia sido capa da *Vogue*, são hoje ativistas políticos.

Ajit, o filho de Anita, viveu como um diletante e, fiel a seus antepassados, dedicou-se com afinco a sua paixão pelas mulheres (diziam que era um *ladie's man*), pelo *jazz* e pela gastronomia. Chegou a possuir uma enorme coleção de discos de *jazz* e dizia-se que sabia tocar muito bem saxofone. Quis ser ator e morou uma temporada em Hollywood, onde conheceu Jean Harlow e outras estrelas do momento. Quando voltou à Índia, forrou as paredes de seu dormitório com fotos de atrizes famosas, mas nunca se casou. No fim, não pôde realizar seu sonho de assistir à Copa do Mundo na Espanha em 1982, porque ficou doente, de câncer, e morreu em 4 de maio desse mesmo ano em uma clínica de Nova Délhi, aos 64 anos de idade.

Bibi Amrit Kaur morreu dois anos depois de Anita, em 5 de fevereiro de 1964, devido a uma doença respiratória. Tinha 75 anos. Nunca se recuperou do assassinato de Gandhi em 1948, e dizia que sem ele se sentia “sem timão”. Sua cremação aconteceu às margens do rio Jamuna, na capital indiana, e congregou uma enorme multidão, que desfilou diante de suas cinzas durante horas.

Em 1975, Indira Gandhi aboliu definitivamente os últimos privilégios que os marajás haviam conservado em troca da incorporação pacífica de seus reinos à União Indiana. Isenções fiscais, pensões vitalícias e títulos foram suprimidos. Os antigos príncipes começaram a ser alvo de implacáveis investigações policiais e fiscais, de modo que foram se desfazendo de seus patrimônios, vendendo seus palácios, seus móveis e suas joias. Os que não se sentiram destruídos pelo golpe de Indira Gandhi adaptaram-se aos novos tempos como puderam. Alguns, como o marajá de Udaipur, transformaram seus palácios em hotéis de luxo, outros tornaram-se homens de negócios e outros dedicaram-se a servir os interesses da nova Índia, como o marajá de Jaipur e sua mulher Gayatri Devi, que foram embaixadores na Espanha, ou o marajá de Wankaner, que se tornou ecologista e dedicou-se à proteção dos tigres, outra espécie em risco de extinção.

Os gloriosos dias de esplendor dos marajás parecem hoje tão distantes quanto os

dos imperadores mogóis, mas sempre permanecerá o brilho de sua lembrança, como as joias que guardavam em cofres de sândalo e que continuam cintilando, apesar do pó e da decrepitude, no firmamento da História.

AMOR DE OUTONO?

Imediatamente após a publicação da primeira edição do livro, recebi ligação de uma senhora de idade, Adelina, que dizia viver em Madri.

– Sou uma sobrinha de Anita Delgado – sussurrou ao telefone com um fio de voz. – Gostaria de vê-lo.

Marcamos para a semana seguinte. Enquanto esperava o momento de encontrá-la, tentei averiguar quem era. Nunca ouvira falar nem lera nada sobre Adelina Rodríguez. Porém, pelo tom de sua voz e pelos detalhes que deixou transparecer durante nossa conversa, não havia dúvida de que se tratava de alguém que havia conhecido muito de perto a princesa de Kapurthala.

Recebeu-me elegantemente vestida na residência onde mora, no centro de Madri. Frágil, alta, magra, com dedos muito finos e a pele de porcelana, tinha um sorriso doce e um sotaque andaluz ao falar. Usava algumas das joias que herdara de Anita. Devia ter mais de oitenta anos.

Disse-me que conheceu a princesa em 1927 em Málaga, na época em que esta abandonara definitivamente a Índia. O parentesco devia-se ao fato de dona Candelária, mãe de Anita, e a avó de Adelina serem tia e sobrinha. Em 1935 encontraram-se novamente, desta vez em Paris. Anita vivia luxuosamente em um apartamento da avenida Victor Hugo graças à generosa pensão que recebia do marajá. Adelina morava com seu pai, um republicano que tivera que sair precipitadamente da Espanha.

Mas a surpresa que Adelina tinha preparada para mim encontrava-se em quatro grossos álbuns de fotos, com capas de couro e o escudo de prata da casa real de Kapurtala. Álbuns que não haviam sido abertos desde os anos 1930. Algumas dessas fotos, graças a sua gentileza e de sua irmã Pepita, estão reproduzidas nesta edição.

Um desses álbuns mostrava insistentemente um personagem, um homem um pouco mais novo que Anita.

– Era meu pai – sussurrou Adelina. – O secretário da princesa.

Ginés Rodríguez Fernández de Segura era um malaguenho de boa família, viúvo de uma prima de Anita Delgado e pai de três filhas. Corretor da Bolsa, homem culto que falava perfeitamente vários idiomas, fora deputado pelas Cortes no governo de Lerroux antes de a guerra civil obrigá-lo a se refugiar na França. Adelina se lembrava daquela época como um exílio dourado:

– Morávamos na avenida Marceau, muito perto de Anita. Víamo-nos quase todos os dias: saíamos para fazer compras, passávamos o Natal juntos esperando pelo Papai Noel, claro, porque os Reis Magos aqui não são conhecidos, íamos ao Bois de Boulogne montar a cavalo, e principalmente íamos muito ao teatro. Eu tinha quinze

anos e a princesa uns quarenta. Ela era muito bonita e muito carinhosa.

– Seu pai e a princesa eram amantes? – atrevi-me a perguntar-lhe. Adelina sorriu, meio envergonhada.

– Ele era seu secretário – insistiu.

Mas as fotos não mentiam. Mostravam Ginés e Anita de braços dados saindo do hotel du Palais em Biarritz, ou caminhando por uma rua de Londres ou Madri. No fim, Adelina acabou admitindo: Anita Delgado fora o grande amor de seu pai. Começaram seu idílio em 1936. Ambos estavam sozinhos em Paris. Ela, separada; ele, viúvo. Anita encontrara de repente uma família e um homem que lhe proporcionavam estabilidade e carinho. Sua antiga obsessão por Karan transformara-se em um sonho difuso. Continuaría sendo um amor platônico, nada mais.

Com Ginés manteve um relacionamento maduro e estável. Ele sempre esteve muito presente em sua vida, dia após dia, e era louco por ela. Pouco a pouco foi se tornando seu fiel companheiro, sempre atencioso e solícito. Quando a guerra espanhola acabou, ambos voltaram para Madri. Moravam “oficialmente” em apartamentos separados, Ginés com suas filhas em Paseo de Rosales e Anita em Marquês de Urquijo, 26. Adelina lembrava-se dos domingos em que saíam no Mercedes 180 de Anita para passear pela periferia de Madri. Segundo Adelina, se mantiveram seu relacionamento em segredo, ou pelo menos dissimulado, é porque ela temia que o marajá soubesse e reduzisse ou cancelasse a pensão.

Ao longo do ano de 1962, Anita Delgado foi se apagando pouco a pouco, e no final, como contava Adelina, “era uma mulher sem vida”.

– Quando morreu, meu pai ficou arrasado. Foi ele quem acompanhou Ajit na luta com o clero da Igreja católica para conseguir enterrá-la em um cemitério católico. Nunca se recuperou de tê-la perdido.

Ginés ficou sem vontade de viver e pouco depois ficou doente. “(...) Do coração, de que mais podia ser?”, dizia Adelina com um sorriso melancólico. Seis anos depois, em 21 de fevereiro de 1968, morreu de um infarto, aos 72 anos.

Entendi que Adelina amou Anita como a uma mãe e que a melhor homenagem que lhe podia prestar – a ela e a seu pai – era reviver durante alguns instantes os momentos felizes do passado. Por isso me ligara, para lembrar, para que essa história de amor não caísse no esquecimento.

Os marajás achavam que possuir uma mulher branca

era símbolo de grande luxo e exótico esplendor



1. No começo do século XX, 562 marajás reinavam sobre um terço do território da Índia. Alguns eram cultos, outros encantadores e sedutores, outros cruéis ou ascéticos, outros muito grosseiros, outros um pouco loucos, quase todos excêntricos. Para eles, ser extravagante era uma forma de refinamento. E nisso atingiram patamares inacreditáveis: O nababo de Junagadh (acima, à direita) convidou mais de trezentas pessoas, incluindo o vice-rei, ao casamento de sua cadela favorita. O marajá de Alwar enterrava seus Hispano Suíça nas colinas atrás de seu palácio à medida que se cansava deles... O nizam de Hyderabad excitava-se com o gemido das parturientes; o de Patiala gostava de assistir às cirurgias de suas mulheres. Porém, alguns deixaram a indelével lembrança de homens justos e bons governantes, como o marajá de Kapurthala, um príncipe aberto e progressista que dotou seu reino de escolas, hospitais e tribunais de justiça. Duas de suas esposas e quase todas as suas amantes foram européias. (acima, à esquerda: marajá de Jaipur; embaixo, à esquerda: nababo de Bahawalpur; embaixo, à direita: marajá Sindhia de Gwailor).



EM MIL ANOS DE HISTÓRIA, NEM UM ÚNICO MARAJÁ FOI ASSASSINADO POR SEUS SÚDITOS



2. Os aniversários, os casamentos e as celebrações dos rajás eram festas de Estado, para as quais oficiais britânicos, funcionários e membros da corte eram convidados. Para que o povo participasse da festa existia o costume de pesar o príncipe em uma enorme balança. O equivalente a seu peso em moedas de prata e ouro era distribuído aos pobres.



3. O marajá de Kapurthala, por volta de 1880. Cada aniversário de Jagatjit Singh, marajá de Kapurthala, custava ao erário público uma fortuna, porque, aos onze anos, o garoto que mais tarde se apaixonaria pela espanhola Anita Delgado beirava os cem quilos de peso. Nesse dia, os pobres do Punjab comiam até a saciedade.



4. O marajá de Kapurthala era um príncipe cordial, que gostava de manter um contato cotidiano com seu povo. Todas as manhãs, criados levavam-no a passear pelas ruas da cidade montado na última novidade em meios de locomoção: um velocípede francês, ao qual o engenheiro inglês radicado em Kapurthala, J. S. Elmore, acoplou uma sombrinha.

AS MAIORES DIVERSÕES DOS PRÍNCIPES INDIANOS ERAM AS MULHERES, O ESPORTE
E A CAÇA

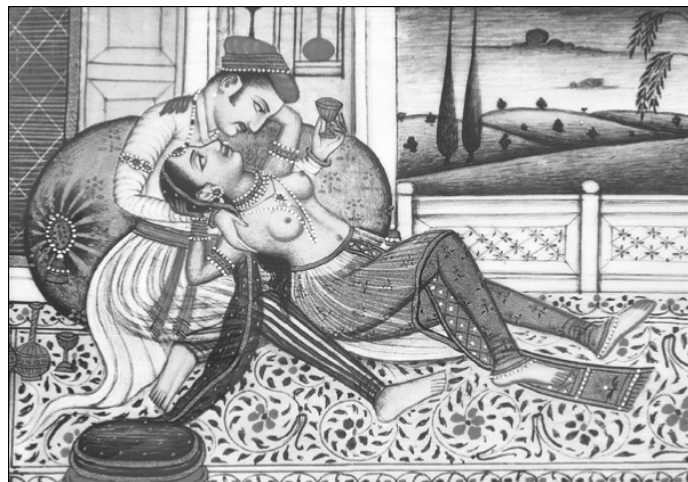


5. Tantos tigres pululavam nas selvas da Índia que o marajá de Kotah matou seu primeiro exemplar aos treze anos, da janela de seu quarto. Outro esporte muito apreciado era o pigsticking, a caça ao javali a cavalo e com lança. Era um exercício arriscado que o jovem marajá de Kapurthala (à esquerda na foto) praticava com assiduidade e certo sucesso, apesar de seu sobrepeso.



6. Outro esporte de que o marajá gostava era o tênis. Assim como o marajá de Patiala se “especializara” em críquete, Jagatjit Singh acabou fazendo de Kapurthala a meca do tênis na Índia, patrocinando jogadores, organizando campeonatos e convidando os grandes da época, como o francês Jean Barotra, a seu palácio no Punjab.

O KAMASUTRA ERA A BASE DA EDUCAÇÃO SEXUAL DOS MARAJÁS



7. ...Assim como de todos os indianos de bom berço. “É impossível fazer uma lista de todas as maneiras de fazer bom sexo porque há muitas” (Kamasutra, 2.1.33), diz essa espécie de manual técnico concebido por um sábio do século IV, um código que ensina os procedimentos e os estratagemas necessários para conquistar uma mulher. Os adolescentes aprendiam posturas como a “abertura do bambu” ou a “posição de lótus” antes de álgebra ou geografia. Para príncipes que acabariam tendo inúmeras esposas e concubinas (Bhupinder Singh, de Patiala, tinha 350), o Kamasutra ensinava a maneira de preparar afrodisíacos e métodos contraceptivos.

APESAR DE SUAS EXCENTRICIDADES, ALGUNS MARAJÁS FORAM EXCELENTES GOVERNANTES



8. “Só a memória dos justos deixa uma doce fragrância no mundo e floresce no pó.” Com essa citação de um poema, o governador inglês do Punjab investia o marajá de Kapurthala com todos os poderes como governante de seu estado. Isso aconteceu em 1890, ano em que Anita Delgado nasceu e que o marajá de Kapurthala completava 18 anos, atingindo a maioridade. Na foto, vemos-lo sentado em meio a seu conselho de ministros de Estado, dias depois da investidura.

UM PRÍNCIPE LENDÁRIO PARA UMA BAILARINA ANDALUZA



9. Assim era o marajá de Kapurthala aos 36 anos de idade. Aos 20, deixara de ser obeso. Sua esplêndida aparência seria conhecida em toda a Europa. Com esse uniforme Anita Delgado viu-o um dia, em Madri quando o marajá foi ao casamento de seu amigo Alfonso XIII. “Parece um rei mouro, ou cubano, talvez”, disse a espanhola a sua irmã. Estava muito longe de pensar que aquele encontro mudaria sua vida para sempre.



10. Anita Delgado era uma dançarina do Kursaal quando o marajá de Kapurthala se apaixonou perdidamente por ela. Ensinou-lhe idiomas, boas maneiras e transformou-a em princesa. Mas, o que começou como um fabuloso conto de fadas, acabaria em um dos maiores escândalos da Índia britânica.

NINGUÉM QUERIA PERDER A “MULHER ESPANHOLA” DO MARAJÁ DE KAPURTHALA

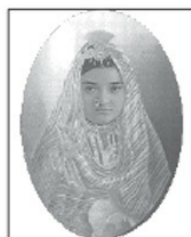


11. Anita viveu entre o Oriente e o Ocidente. Vestia o sári com a mesma facilidade com que usava os: suntuosos vestidos desenhados por Worth ou Paquin, os deuses da moda parisiense.



12. Anita era tão sedutora e tão diferente do resto das mulheres – fossem indianas ou européias – que até os britânicos que a injuriavam morriam de vontade de conhecê-la. Sua beleza, sua graça e seu senso de humor valeram-lhe a aceitação em um mundo rígido e classista.

BRANCA, BONITA, LIVRE... E SOZINHA EM UM MUNDO DESCONHECIDO



13. Em Kapurthala, Anita descobre que seu marido tem quatro esposas, e um filho com cada uma delas (da esquerda para a direita: Karan [Charanjit], Amarjit, Paramjit e Mahijit). (Na foto inferior esquerda, a família do marajá por volta de 1925: da esquerda para a direita: Paramjit, o herdeiro; em pé, Mahijit; Amarjit, o militar; e Karan.) Anita percebeu que era a quinta, e a mais nova, pois tinha aproximadamente a idade dos filhos. A primeira esposa, Harbans Kaur, uma indiana tradicional que vivia trancada no harém, viu-se ameaçada pela presença dessa estrangeira que não se atinha a nenhuma regra ou convenção. Mas Anita teve uma aliada incondicional na pessoa de Bibi Amrit Kaur, uma prima distante de seu marido, uma mulher excepcional que acabou se tornando uma heroína nacional (embaixo, à direita).

VERSALHES AOS PÉS DO HIMALAIA



14. Terminado em 1909, o palácio foi um capricho do marajá de Kapurthala, apaixonado por tudo o que fosse francês. Batizou-o com o pomposo nome de L'Elysée, em alusão ao palácio dos presidentes da república franceses. Com seus 108 quartos, seus jardins esplendorosos, seus tetos finamente esculpidos, o palácio tinha todas as comodidades modernas, incluindo aquecimento central. Foi o lar de Anita Delgado durante quase duas décadas. O primeiro andar foi construído à altura de um elefante, para poder montar confortavelmente. Anita e seu marido desfilavam pela cidade em lombo de elefante em todas as festas e celebrações importantes.

O FILHO QUE NUNCA REINARIA



15. Ajit Singh era seu nome, mas gostava de ovos fritos com lingüiça e de touros tanto quanto sua mãe, Anita. Ambos foram muito unidos durante toda a vida (foto acima, à esquerda, em 1914; foto acima, à direita, Ajit na época em que estudava no prestigioso colégio de Harrow; foto inferior: de férias em Biarritz, da esquerda para a direita, Jarmani Dass, que foi ministro de Kupurthala e homem de confiança

do marajá, junto a Victoria, sobrinha de Anita, Ajit e Anita, por volta de 1930).

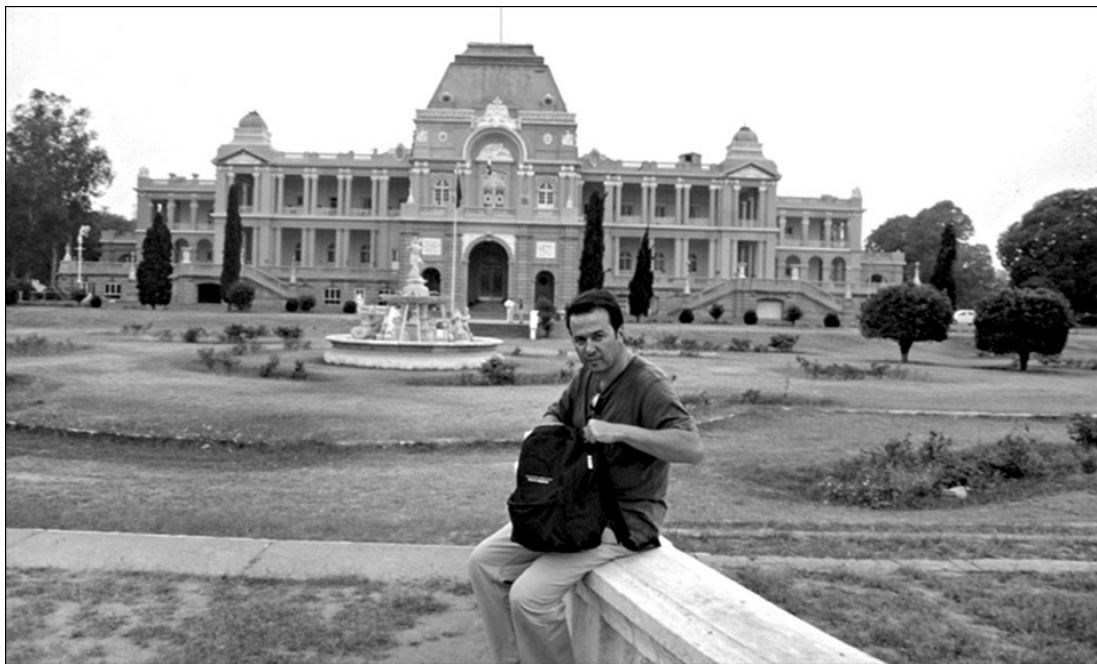
AONDE ME LEVARÁ MEU KARMA?



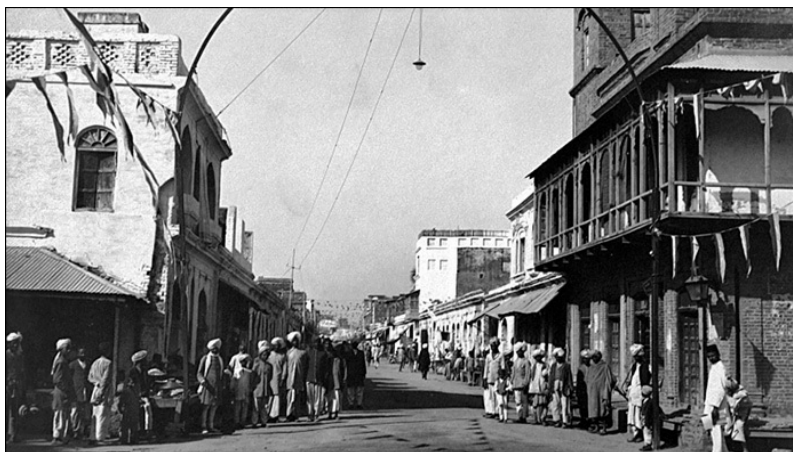
16. Hari Singh, marajá de Caxemira, e sua mulher, a marani Tara Devi com roupa cerimonial. Foram amigos de Anita e sempre a receberam carinhosamente. Sua indecisão está na origem do conflito atual na região (1950).



17. Anita manteve em seu criado-mudo do apartamento de Madri, durante toda a vida, esta foto de Charanjit – que todos chamavam de Karan – era a primeira imagem que via ao acordar e a última ao deitar-se. Anita nunca falava de Karan. Era um segredo que compartilhava com poucos, e quis guardá-lo zelosamente em seu coração até o fim.



18. O autor na frente do palácio L'Élysée, em Kapurthala.

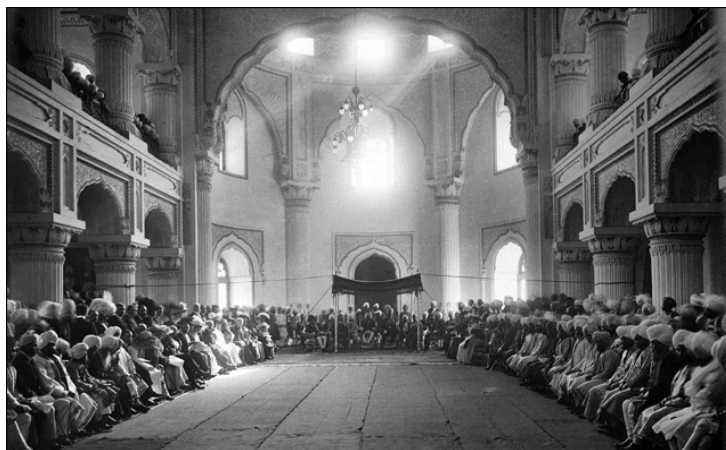


19. A “Grande via” de Kapurthala, uma rua cheia de barracas e lojas. Defensor a todo custo do progresso, o marajá quis dotar sua cidade de iluminação elétrica, e essa rua foi uma das primeiras no Punjab a usufruir dessa inovação.



20. Cada vez que o marajá chegava de viagem, uma orquestra e um grupo de altos funcionários do estado davam-lhe as boas-vindas na estação de trem. Antes de ir para o palácio (cuja superfície, incluindo os jardins, era maior que a da cidade), tinha o costume de percorrer o centro da cidade em carruagem. Dizia que era sua maneira de voltar a fazer contato com seu povo.

ASSIM GOVERNAVAM OS MARAJÁS



21. No centro da cidade, a sala central do palácio do Durbar era a sede do governo. Aqui, o marajá, acompanhado de ministros e conselheiros, ouvia representantes de associações, chefes de aldeias, líderes religiosos e comunitários e tudo o que precisasse da intervenção do governo. O marajá solucionava conflitos, promulgava leis, lançava éditos, estimulava o debate e dava conselhos.

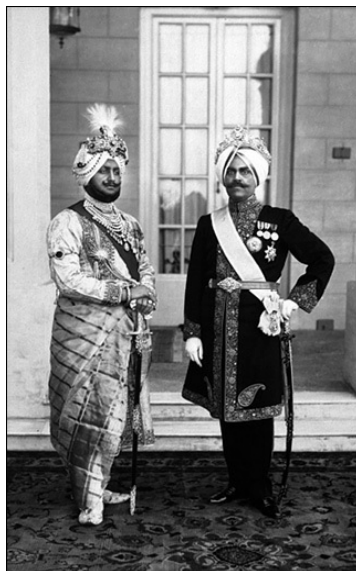


22. O marajá de Kapurthala e seu filho mais velho montados em um dos elefantes das quadras reais. A sombrinha era símbolo de realza nos principados indianos. A foto deve ter sido tirada por volta de 1895.

ORIGINAL E INVETERADO



23. Ambos eram fascinados pela Europa e seus avanços tecnológicos. Na foto, o marajá de Kapurthala no comando de um hidroavião.

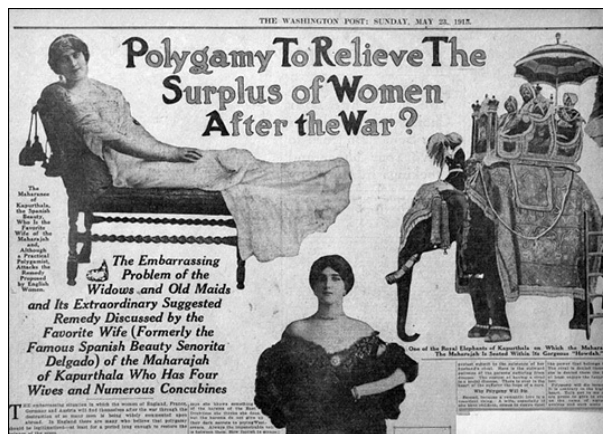


24. Os marajás do Punjab eram muito famosos na Europa, porque eram os que viajavam mais assiduamente ao velho continente. A imprensa aludia a uma suposta rivalidade entre ambos, mas essa rivalidade nunca existiu. Apesar das semelhanças, eram personalidades muito diferentes. Bhupinder Singh, O magnífico, marajá de Patiala (à esquerda na foto) era um monarca absoluto com um apetite sexual insaciável que reinava em um principado dez vezes maior que o de Kapurthala. Tinha 350 mulheres e concubinas. Jagatjit Singh de Kapurthala apaixonava-se fácil e gostava da companhia de mulheres inteligentes. Para Bhupinder de Patiala só interessava o sexo: original e inveterado, nove meses depois de sua morte (exatamente) nasceu o último de seus rebentos.

UM PRÍNCIPE COSMOPOLITA E VIAJANTE

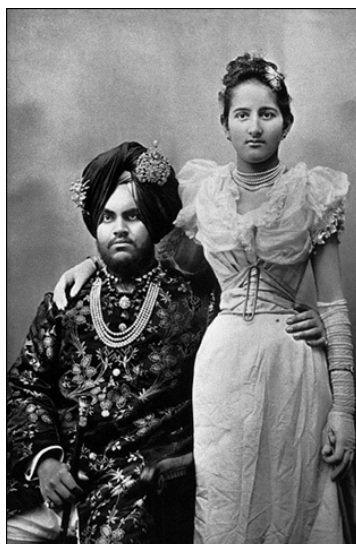


25. Apesar de as autoridades britânicas lhe chamarem a atenção por viajar muito, o marajá de Kapurthala nunca deixou de percorrer o mundo. Na foto, encontra-se entre Alfonso XIII e seu filho e herdeiro Paramjit durante uma visita ao mosteiro de El Escorial no começo dos anos 1930.

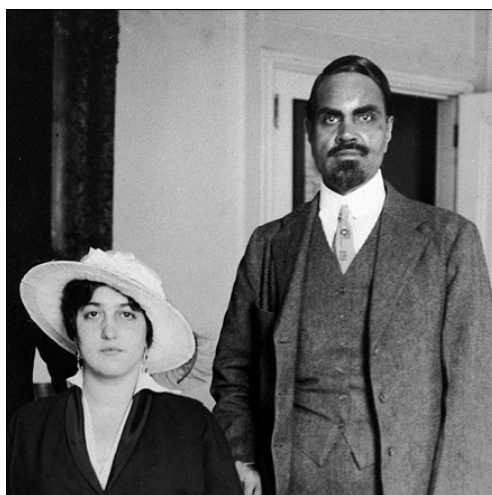


26.A imprensa do mundo inteiro acompanhava as visitas do marajá e de sua mulher Anita, viajantes incansáveis. O título desse artigo do Washington Post pergunta com ironia: “A poligamia pode solucionar o problema do excedente de mulheres depois da guerra?”.

UM QUARTO DE SÉCULO SEPARA ESSAS DUAS FOTOS



27.O marajá aos 18 anos junto a uma de suas primeiras mulheres, Rani Kanari, uma indiana de boa família oriunda de um vale próximo ao Himalaia. Como as autoridades britânicas proibiram-no de viajar acompanhado por qualquer uma de suas mulheres durante sua primeira viagem à Europa, decidiu levar Rani Kanari escondida, disfarçada de criado. Rani Kanari foi a única das mulheres do marajá a se mostrar carinhosa com Anita Delgado.



28.O marajá junto à espanhola, no hotel Savoy de Londres, em 1924.

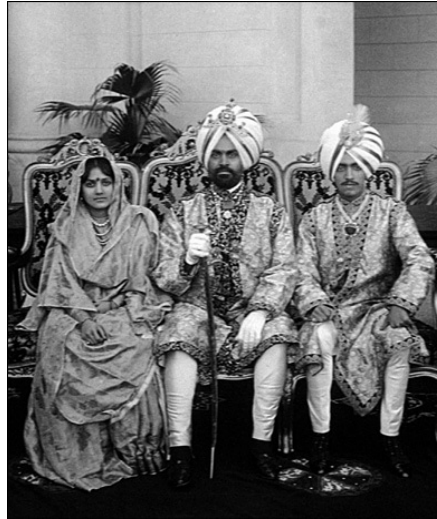
GASTOU A METADE DA RECEITA ANUAL DO ESTADO NO CASAMENTO DE SEU FILHO



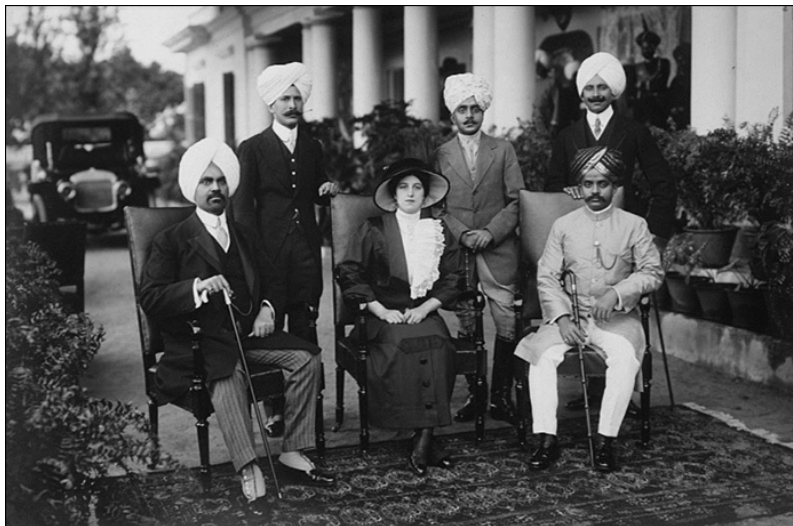
29-30. Em 1911, a pequena cidade de Kapurthala recebeu mais de três mil convidados que iam assistir ao casamento de Paramjit Singh com a princesa Brinda Mati. O marajá fretou um barco para trazer de Londres seus convidados europeus e Anita encarregou-se de organizar tudo.

Acima, os convidados europeus antes do baile, no Durbar Hall do palácio L'Élysée. Embaixo, Anita, no centro, vestida com sári, entre outros convidados.

O FIM DE UM MUNDO



31. Na foto (1911), o marajá de Kapurthala em um dos dias mais felizes de sua vida, quando casou seu filho Paramjit (à direita na foto) com a princesa Brinda (à esquerda), certo de que, assim, dava continuidade a sua linhagem e à monarquia kapurthalense. Mas a História se encarregaria de frustrar seus planos.



32. Em Nova Delhi, em 1925, pouco antes de Anita regressar definitivamente para a Europa. A tensão entre ambos já é palpável na foto.

O ÚLTIMO AMOR DA PRINCESA?



33. Ela negava e preferia dizer que era seu “secretário”. Mas os mais próximos sabiam que eram amantes. Ginés Rodríguez Fernández de Segura era um malaguenho de boa família, viúvo de uma prima de Anita Delgado. Corretor da Bolsa, homem culto que falava perfeitamente vários idiomas, tornou-se a inseparável companhia de Anita. Nesta foto, tirada no começo dos anos 1950, caminham por uma rua em Biarritz.

CRÉDITOS DAS FOTOGRAFIAS

- 1: ©Lala Deen Dayal.
- 2, 5, 13 (inferior esq.) e 15 (inferior): © Fundação Sushila & Dewan Jarmani Dass, Nova Délhi.
- 3: The Royal Archives © Her Majesty Queen Elizabeth II.
- 4: © Coleção de Andrew Word.
- 6: © BBC.
- 7: Coleção particular © Fotografia de Lance Dane.
- 8: © Direitos reservados.
- 10, 15 (superior esq.): © *Historia y Vida*, no 51.
- 13: (superior esq. e dir.): © Anne Garde.
- 14: © Direitos reservados.
- 16: © Kara Sing.
- 17: Cortesia de Elisa Vázquez de Gey.
- 18: © Teresa Méndez.
- 19 a 24, 26, 28 a 33: © Adelina e Josefa Rodríguez Carreras.
- 25, 27: © Princely States of India, Kapurthala.



Javier Moro (Madri, 1955) é autor de *El pie de Jaipur* (1995) e *La mundialización de la pobreza* (1999). Com Dominique Lapierre, escreveu *Era medianoche en Bhopal* (2001). Outros títulos do autor publicados pela Planeta: *As mon-tanhas de Buda* (2010) e *Caminhos de Liberdade* (2011).